

JEREMIAS BRASILEIRO

O CONGADO (A) E A *PERMANÊNCIA* DO RACISMO NA CIDADE DE
UBERLÂNDIA-MG: RESISTÊNCIA NEGRA, IDENTIDADES, MEMÓRIAS,
VIVÊNCIAS (1978-2018).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B823c Brasileiro, Jeremias, 1959-
2019 O Congado (a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia-
MG [recurso eletrônico] : resistência negra, identidades, memórias,
vivências (1978-2018) / Jeremias Brasileiro. - 2019.

Orientador: Newton Dângelo.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em História.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.609>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. História. 2. História social. 3. Congadas - Uberlândia (MG). 4.
Racismo - Uberlândia (MG). I. Dângelo, Newton (Orient.) II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
História. III. Título.

CDU: 930

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

O CONGADO (A) E A *PERMANÊNCIA* DO RACISMO NA CIDADE DE
UBERLÂNDIA-MG: IDENTIDADES, MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS (1978-
2018).

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em História, da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito
parcial para obtenção do título de Doutor
em História.

Linha de pesquisa: História e Cultura.
Orientação: Profº. Drº. Newton Dângelo

Uberlândia, 15 de Fev de 2019

Banca Examinadora

Professor Drº. Luiz Carlos do Carmo
Universidade Federal de Goiás – Catalão – UFC. (Avaliador)

Professora Dra. Carminda Mendes André
UNESP – São Paulo. (Avaliadora).

Professor Dr. Florisvaldo Ribeiro Junior
Universidade Federal de Uberlândia – UFU. (Avaliador).

Professor Dr. Tadeu Pereira Santos
(Avaliador – UNIR – FUDR – Rondônia. (Avaliador).

Professor Dr. Newton Dângelo – Orientador
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

RESUMO

Essa pesquisa está inserida no campo da história social, com viés para a cultura popular associada à manifestação cultural e religiosa aqui denominada de Congado ou Congada. Objetiva-se desse modo, problematizar questões inerentes a essa prática, sem desconsiderar nessas discussões, o processo histórico no qual estão socialmente envolvidos os sujeitos que são protagonistas desse fazer e viver sociocultural. A problemática central, está em refletir sobre a permanência do racismo e da resistência negra na cidade de Uberlândia, que perpassa pelas relações sociais, culturais, religiosas, nas relações de lazer, de trabalho e nas relações de poder, que encontram-se inseridas na respectiva manifestação. Entre as documentações de suporte a pesquisa, destacam-se estatutos e atas de irmandades religiosas, documentos públicos, fotografias, recursos imagéticos oriundos de acervo digital, que é composto por registros visuais disponíveis em diferentes suportes de mídias, jornais de época, documentos eletrônicos e outras fontes, inclusive, aquelas provenientes de relatos orais. Nesse aspecto, faz-se uso de aportes teóricos que contribuem para pensar sobre representações, temporalidades, memórias, modernidades, transformações e patrimônios culturais. A temática proposta, de igual modo, perpassa pela compreensão das noções de identidades e suas complexidades, procura estabelecer uma relação entre as táticas de vivências, como estratégias de enfrentamento ao racismo, por meio da manifestação cultural e religiosa do Congado no cotidiano dos congadeiros e nos tempos da festa da Congada, quando as práticas racistas surgem de maneira mais acentuada e explícita. Trata-se igualmente nessa abordagem, de pensar a ancestralidade, conectada ao presente, um passado que se funde à modernidade e aponta caminhos para o futuro, e, desse modo, ver essa manifestação afro-brasileira de descendência africana, como presença histórica, social e cultural. Nesse viés, trata-se igualmente essa pesquisa, da história da cidade de Uberlândia, da qual a comunidade negra congadeira é parte intrínseca.

Palavras – Chave. Congado (a), resistência negra, racismo, vivências, identidades, memórias.

ABSTRACT

His research is inserted in the field of social history, with bias towards the popular culture associated to the cultural and religious manifestation denominated Congado or Congada. In this way, we aim to problematize issues inherent to this practice, without disregarding in these discussions, the historical process in which the subjects who are protagonists of this socio-cultural doing and living are socially involved. The central problem is to reflect on the permanence of racism and black resistance in the city of Uberlândia, which runs through social, cultural and religious relations, in leisure, work and power relationships, which are inserted in the respective manifestation. Among research support documents, stand out statutes and acts of religious brotherhoods, public documents, photographs, imagery resources derived from digital collections, which are composed of visual records available in different mediums of media, periodicals, electronic documents and other sources, including those from oral reports. In this respect, we make use of theoretical contributions that contribute to think about representations, temporalities, memories, modernities, transformations and cultural patrimonies. The proposed theme likewise runs through the understanding of the notions of identities and their complexities. It seeks to establish a relation between the tactics of experiences, as strategies to combat racism, through the cultural and religious manifestation of the Congado in the daily life of the congadeiros and in the days of the party of the Congada, when the racist practices appear of more accentuated and explicit way. It is also in

this approach, to think of ancestry, connected to the present, a past that merges with modernity and points paths to the future, and thus to see this Afro-Brazilian manifestation of African descent, as a historical, social presence and cultural. In this bias, it is also this research, of the history of the city of Uberlândia, of which the black congener community is intrinsic part.

Key words. Congolese, black resistance, racism, experiences, identities, memories.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Milton Ferreira - o embaixador do Congo, década de 1960. Faleceu na década de 1970.....	27
Imagem 2 - Leônidas Costa, de faixa preta cruzada no corpo, década de 1950.....	34
Imagem 3 - Capitã de Moçambique em ritual de fechamento de espaço na Praça do Rosário.....	36
Imagem 4 - Capitão do Moçambique de Angola de Uberlândia em seu traje ritual.....	39
Imagem 5 - Alferes portador da bandeira do Congo Camisa Verde de Uberlândia, década de 1950.....	53
Imagem 6 - Catupé Nossa Senhora do Rosário do Bairro Martins, década de 1970.....	56
Imagem 7 - Nossa Senhora da Aparecida, escultura pintada de branco.....	81
Imagem 8 - Nova Igreja do Rosário de Uberlândia em construção, 1929.....	83
Imagem 9 - Igreja do Rosário de Uberlândia, década de 1930.....	112
Imagem 10 - Igreja do Rosário de Uberlândia, década de 1930 ou 1940.....	112
Imagem 11 - Novena e festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 2015.....	122
Imagem 12 - Festa da Congada de Uberlândia, 2015.....	122
Imagem 13 - Atrações musicais, sertanejas, MPB e forró na Praça do Rosário de Uberlândia, 2012.....	128
Imagem 14 - Grupo Nossa Senhora do Rosário Catupé, década de 1970	140
Imagem 15 - Grupo Nossa Senhora do Rosário Catupé, 2009.....	140
Imagem 16 - Caixaria do grupo Marujos Azul de Maio, 2011.....	149
Imagem-17. Festa junina. Atividades socioculturais dos grupos de Congado de Uberlândia, 2017.....	188
Imagem 18 - Crianças e reza do terço.....	199
Imagem 19 - Adultos em oração.	199
Imagem 20 - O menino e o repilique.....	199

Imagem 21- Prendas para o leilão	199
Imagem 22 - Meninas no quintal do Marinheiro de São Benedito	199
Imagem 23 - Atividade cultural do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário no ano de 2011	210
Imagem 24 - Primeiro evento da Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, 2005	227
Imagem 25 - Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, ano de 2018	228

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 IDENTIDADES CONGADEIRAS DE DESCENDÊNCIA AFRICANA QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES.....	27
1.1 Sou congadeiro, congadeiro eu sou, avô ensinou meu pai, meu pai ensinou pra mim.....	49
1.2 Oralidades congadeiras no campo midiático: narrativas e representações diversas.....	59
1.3 A presença sistêmica do racismo na sociedade uberlandense: é no Congado, é no carnaval e na religião.....	65
2 O PASSADO CONSTRUÍDO NO PRESENTE E A PERMANÊNCIA DO RACISMO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA.....	83
2.1 Relações de poder, racismo e disputas de (e por) memórias	89
2.1.2 A “caridade aos pretos”: Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo X Irmandade dos homens de cor da Igreja do Rosário...	94
2.2. Temporalidades em desassossego: a história é um descontínuo, vitrais despedaçados.....	104
2.2.1 E a festa da Confraria do Perpétuo Socorro acabou: não tinha dança de congo, não tinha comida, alegria e batuques.....	108
2.2.2 A construção da Igreja do Rosário: benevolência da elite sem participação popular?	112
2.3 A Igreja e a Irmandade, dois olhares para a mesma festa da Congada	121
2.3.1 A Irmandade do Rosário e as relações de poder com a igreja, os grupos de Congado e o poder público	131
3 ENTRE MODERNIDADES E TRADIÇÕES: A CULTURA CONGADEIRA EM SEU CONTÍNUO TRANSFORMAR-SE.....	140
3.1 Das cores em disputa, dos tambores do conflito, ao insubmisso cantar.....	146
3.2 Quando a tática de enfrentamento, desconstrói a disciplina institucionalizada	152
3.3 Das arquibancadas aos cronômetros: os Congadeiros são os donos da festa e dos rituais.....	163

3.4 Congadeiros e carnavalescos: a tênue fronteira do indizível cultural.....	169
3.5 Políticas patrimoniais em debate: motivações e interesses ambíguos.....	174
4 O CONGADO NO COTIDIANO DA CIDADE: TÁTICAS, ASTÚCIAS E VIVÊNCIAS CULTURAIS.....	188
4.1 O viver e ser congadeiro para além dos festejos cíclicos.....	194
4.1.1 Os quintais como lugares de ciências dos saberes e viveres culturais.....	200
4.2 Persistência de culturas, de memórias e histórias.....	206
4.2.1 A Congalinhada do Marinheiro: um diálogo entre história, cultura e memória.....	210
5 CONSIDERAÇÕES	229
6 FONTES DE SUPORTE A PESQUISA.....	238
6.1 Referências das imagens.....	238
6.2 Depoimentos, entrevistas, testemunhos.....	240
6.3 Jornais, periódicos, revistas.....	244
6.4 Documentos, atas, estatutos.....	245
6.5 Fontes acessadas em documentos eletrônicos.....	246
6.6 Documentos em audiovisuais através de recursos imagéticos oriundos do AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.....	247
6.7 Atores sociais não identificados nominalmente.....	248
7 Bibliografia local.....	249
7.1 Bibliografia geral.....	251
8 APÊNDICES E ANEXOS.....	257
Apêndice A - Quadro resumido com informações dos grupos de Congado.....	257
Apêndice B - Modelo de autorização de entrevistas,	258
ANEXOS	
Anexo A - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. Moçambique Raízes, bairro Planalto.....	259

Anexo B - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. Moçambique do Oriente e Moçambique de Belém. Bairros Roosevelt e bairro Santa Mônica.....	260
Anexo C - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. Moçambique Princesa Isabel, bairro Campo Alegre.....	261
Anexo D - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. Moçambique Estrela Guia. Bairro São Jorge.....	262
Anexo E - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. 10º Campeonato de futebol dos grupos de Congado de Uberlândia.....	263
Anexo F - Algumas publicações e audiovisuais de Jeremias Brasileiro.....	264
Agradecimentos	267

INTRODUÇÃO

Era mês de novembro do ano de 1974, quando com uma mala cheia de sonhos, em Uberlândia desembarquei. À noite ouvia à distância, o som de caixas que estranhamente fazia com que eu pensasse tratar-se de ensaios com vistas ao carnaval de fevereiro, uma vez que eram sons agudos e acelerados, e por esse motivo, não poderia imaginar naquele momento, que fossem grupos de Congado, preparando-se para a festa que iria acontecer no segundo domingo do mês de novembro. Minha primeira sensação, foi de total estranhamento, eram ritmos que em nada lembravam aqueles com os quais eu estava acostumado, e de igual forma dançava, no Reinado do Rosário da minha cidade natal, Rio Paranaíba, no Alto Paranaíba, em Minas Gerais. Talvez, sem perceber, essa sensação de estranhamento estivesse associada ao ressoar daqueles tambores, que já me convocavam para batalhas, na cidade de concreto.

Durante as décadas de 1980 e 1990, me aproximei vagarosamente de alguns Congadeiros, principalmente de pessoas idosas, e ao mesmo tempo, procurava algumas informações sobre a festa, arrisquei inclusive, uns tímidos poemas para falar da manifestação. Não foi, contudo, uma aproximação fácil, as pessoas me recebiam com desconfiança, me perguntavam de qual grupo eu era, de qual casa de Umbanda eu pertencia, e eu não compreendia nada daquilo. Mais tarde, descobri o motivo dessas inquietações com a minha presença, as pessoas não gostavam de passar dados, fotos, com receio de que eu fosse usar para outros fins, e, principalmente, de maneira espiritual para desarranjar o grupo ao qual elas pertenciam.

Nesse interim, tive a felicidade de conhecer primeiramente, Dona Abadia, uma guardiã quase octogenária do grupo de Congado *Congo Sainha*, que naquela época estava localizado no Bairro Saraiva. Após meses de conversas, de idas e vindas à casa de Dona Abadia, um belo dia, ela retira de debaixo de sua cama, semelhante àquelas de catre, madeira antiga, uma caixa estilo baú, de dentro da caixa, surgem várias fotos em preto e branco, fotos do grupo que remetiam à década de 1940, e, simplesmente me diz: “- leva pra você e guarda meu filho, sei que com você, elas vão estar seguras e vão ter destino certo”. Impressionado, ainda disse que não merecia, que existia o Zezão, filho dela, que as fotos deviam ficar com ele, no entanto, ela insistiu para que eu levasse as fotos, e num êxtase de alegria e de responsabilidade, comprometi-me com Dona Abadia, de que cuidaria daquelas relíquias.

O segundo momento foi com Dona Fátima Nascimento, do *Congo Camisa Verde*, porém, em um tempo menor, dois meses. Quase idêntico ao processo de cessão das fotografias, Dona Fátima me ofertou várias, todas preto e branco, tão antigas quanto as do

Congo Sainha e a me dizer: “- eu sei que com você, essas fotos não vão sumir”. Evidente que no momento era somente alegria, e aos poucos, fui percebendo que havia duas coisas em comum nesses encontros. Ambas eram mulheres idosas e comandantes de seus grupos de Congado, ambos os grupos eram naquele momento, como atualmente, os dois grupos mais antigos da cidade, e, ambas, Dona Abadia e Dona Fátima, me confiaram mais que imagens, socializaram saberes, histórias e memórias do Congado (a), como a manifestar o desejo de que a tradição fosse contada, registrada e não se perdesse.

Próximo ao ano 2000, a convite da Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, fui convidado a participar de um encontro sobre patrimônio cultural em Recife, quando tive a oportunidade de apresentar as fotografias cedidas por Dona Abadia e Dona Fátima, e um texto ainda inicial, sobre as Congadas de Minas Gerais. Era em uma mesa de debates composta por representantes de Portugal, São Tomé e Príncipe e Nova Iorque. Minha surpresa foi com a fala de Victor C.W. Dzidzienyo, Diretor, School Of Architecture An Computer Sciences, questionando a Fundação Cultural Palmares, por qual razão não publicavam meu trabalho, visto que ele era a representação viva de um povo negro em Minas Gerais. Desse modo, por meio de uma intervenção acadêmica estrangeira, a Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, publicou o livro, *Congadas de Minas Gerais*, meu décimo livro, em 2001, o primeiro enquanto pesquisador autodidata.

Foi nesse momento que resolvi fazer um supletivo, terminar o ensino médio e adentrar no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, na crença inocente de que finalmente ali, meu trabalho expandiria exponencialmente. De outro lado, já estava bem próximo do Congado (a), pesquisando, observando a festa, o tempo todo ao lado de Tio Cândido, o Comandante Geral, uma espécie de embaixador que recepcionava os grupos e suas bandeiras na Praça do Rosário. Na História contudo, não encontrei de início a receptividade pensada e praticamente escrevi minha Monografia sozinho. Paralelamente a isso, já possuía contatos com vários pesquisadores que refletiam sobre a festa da Congada em Uberlândia e me incomodava o fato de nenhum deles, pensar com maior profundidade, no racismo que permeava e permeia essa prática cultural na cidade.

Não foram raras as vezes que dialoguei, contribuí e inclusive co-orientei alguns colegas pesquisadores nessa seara, entretanto, quando dizia que deviam falar sobre o racismo, o preconceito, a discriminação de forma mais direta, a maioria recuava, diziam que não

queriam criar constrangimentos, ou que falar sobre o tema, poderia lhes trazer problemas futuros¹. Naturalmente que essas recusas, foram criando em mim a perspectiva de que deveria de algum modo enfrentar essa questão, porém, ainda não sabia por onde começar, mesmo tendo a disposição vários documentos para problematizar.

Foi quando lembranças de tempos recentes, latejaram em minha mente. Uma delas foi estar em um ambiente cultural na Prefeitura de Uberlândia, quando alguém estava ouvindo uma música de um grupo de Congado e ouvi uma moça falar alto: “- credo, desliga essa coisa de índio daí!”. Nessa mesma época, ano de 2005, um colega me liga da Casa da Cultura de Uberlândia e diz-me que havia um material em uma caixa de papelão acondicionada no porão, escrito: Movimento Negro/Congo/. Disse-me então, que a caixa inclusive, poderia ir para descarte. Interessei-me, e, fiquei encantado com o que continha de documentos e entrevistas da década de 1980, com vários Congadeiros que já tinham falecido. Ao mesmo tempo, em outubro de 2005, Tio Cândido morre, e por algum motivo, sou o escolhido para substituí-lo como o Comandante da Festa da Congada de Uberlândia a partir daquele ano.

No ano de 2011, igualmente sou surpreendido com a morte de meu primo Abel Jerônimo, o Comandante Geral do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba, como disse, minha terra natal. Naquele instante, o ressoar dos tambores na infância, fizeram-se novamente presentes em mim. Não havia como recusar nova missão e dessa vez, herança de meus antepassados, era preciso continuar. Foi quando de igual modo, descobri que a teoria por si só, não dava conta do desafio que estava propenso a enfrentar.

Ao tornar-me Presidente da Irmandade do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba, inseri-me diretamente dentro das relações de poder, o convívio e as disputas com a Igreja, as reclamações e os temores dos lojistas da cidade, que em nome de um protecionismo

¹ Dentre alguns dos autores que possuem textos interessantes, mas não debatem essa temática na perspectiva aqui proposta, destacam-se: SANTOS, Letícia Tatiana. **Cultura negra**: um olhar sobre a congada nas séries iniciais do ensino fundamental. Curso (Normal Superior). Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia. Uberlândia: Universidade Presidente Antonio Carlos, 2006; SILVA, Viviane Parreira. **Tradição cantada**: a congada de Uberlândia por meio dos versos registrados no Projeto Congado, um espetáculo popular, cultura do povo, 2000. Monografia (Graduação em História). Programa de Pós Graduação em História Social, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2005; OLIVEIRA, Lenir Silva. **Congado e ensino fundamental**: uma análise histórica. Curso (Normal Superior). Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia. Uberlândia: Universidade Presidente Antonio Carlos, 2005; TOMAZ, Laycer. **Da senzala a capela**. Brasília: Ed. UNB, 2001; GABARRA, Larissa Oliveira e. **Pluralidade cultural no ensino formal de história**: Congado como fonte de conhecimento. Monografia (Graduação em História Social). Programa de Pós Graduação em História Social, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2000; SILVA, José Carlos Gomes. **Negros em Uberlândia**: a construção da congada de Uberlândia. Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, FAPEMIG, 1999. (Mimeo).

comercial, não permitiam há décadas, a presença das comuns e conhecidas barracas existentes nas festas das Congadas de Minas Gerais. O deslocamento nesse aspecto foi abrupto, foi e continua sendo preciso fazer uso das ferramentas apreendidas nos estudos acadêmicos, juntamente com a experiência de vida, para fazer essas interlocuções que não são nada fáceis.

Não menos importante e talvez o ápice dessa trajetória, ocorre em 2017, quando após praticamente duas décadas de procura, consigo localizar de forma materializada, informações orais e fotográficas de dois personagens marcantes na história da Congada e da cidade. Ambas as narrativas, que até então sabia sobre esses dois Congadeiros, davam conta de que eles eram portadores de forças espirituais diferenciadas, de que o Sr. Leônidas da Costa conseguia deixar dançador estático na porta da Igreja, fazia outros rodopiar em volta da praça, amarrava bandeiras e desarranjava grupos de Congo; enfim, Leônidas da Costa tornara-se um mito nessa arte da benção popular e na oralidade de muitos, benzedor e feiticeiro.

Por isso, o interesse em trazê-los para dentro da História de Uberlândia, em especial Leônidas da Costa, em razão do quanto as pessoas mencionavam o seu nome, mesmo sequer tendo-o conhecido de fato, e ainda assim, não encontrava nada de palpável sobre eles, até que por circunstâncias do imponderável, tive acesso à família e a documentações fotográficas de ambos, Milton Ferreira e Leônidas, inclusive uma certidão de óbito do Sr. Leônidas da Costa. Devo confessar que foi extraordinário esse encontro, afinal de contas, por mais de vinte anos, essas informações estavam bem próximas, Dona Edilamar (umas das filhas de Leônidas da Costa) estava a 300m de minha casa, amiga de minha mãe, toda quarta feira encontravam-se e juntas caminhavam para a Paróquia Santa Mônica; foi um evento sem igual, que deverá constar de um próximo texto.

Contar um pouco dessa trajetória é importante, ela ilustra nossa perspectiva de pesquisa ao longo de uma determinada temporalidade, são de igual modo, momentos de conquistas, e por qual razão continuei? Em honra e homenagem aos nossos pais, nossos tios, nossos primos, nossos avós, bisavós, tataravós e aos quilombolas de Ambrósio do Alto Paranaíba, de onde descende esse tronco familiar de ancestralidade africana. Todo esse arcabouço de experiências, de vivências, de pesquisas, de estudos, obtenção de documentos diversos, seletividade de fontes, penso que me deu a maturidade necessária nesse momento, para refletir sobre uma permanência estrutural do racismo na cidade de Uberlândia, por meio da manifestação cultural e religiosa do Congado (a) e de como a resistência negra a esse sistema, foi preponderante para a sobrevivência e continuidade dessa prática cultural afro-brasileira.

Nesse trabalho portanto, busca-se colocar do ponto de vista de uma leitura acadêmica, uma vivência, uma experiência de vida, experiência essa que é atravessada por muitos preconceitos, mas que tem a ver com a importância de mostrar para a sociedade, que a academia pode contribuir com as mudanças de mentalidades, quando propõe-se a realizar uma releitura do passado conectada com o presente, para mostrar que essa cidade sempre foi racista e que não deixou de ser racista. Nesse caso, procura-se fortalecer esse olhar de protagonismo da cultura popular congadeira na cidade, por meio do Congado, mas não só para os congadeiros. É por esse motivo, uma escrita para quem está vivendo isso na pele, está sofrendo nessa cidade, nesse país, principalmente.

Por essa razão, o objetivo não é de falar ou de contar a história do Congado, de falar da festa da Congada, mas das situações criativas que vem ocorrendo nas últimas décadas, não que elas tenham deixado de acontecer em épocas antecedentes. É falar aqui de protagonismos que garantem parte de uma existência extremamente dinâmica que essa população foi capaz de criar. Seja em função dos deslocamentos por questões imobiliárias, seja em função de impedimentos dos mais variados, seja inclusive em decorrência do enfrentamento ao racismo, essa população criou, inventou, foi e é, capaz de criatividade, mesmo frente a todas essas circunstâncias adversas. É com essa vivência congadeira que pretende-se dialogar, pois nesse cenário, o racismo está presente o tempo todo. Daí, a presença de um certo desconforto, sobre os pesquisadores que vão ou que foram para essa temática, mas não querem ou não quiseram fazer abordagens a respeito da existência do racismo que essa manifestação enfrenta na cidade.

É difícil falar de Congado (a) na cidade sem observar esse processo histórico do racismo. E mais que isso, pensar em uma identidade congadeira sem refletir nessa questão, é mais complexo ainda. Além disso, identidade é relacional, para achar a identidade desses sujeitos, ter-se-ia que encontrar todo esse povo congadeiro na cidade, pois, ela é temporal, ela é marcada, ela é escorregadia. Entretanto a questão aqui proposta é outra, é a de pensar no racismo que esses congadeiros viveram e vivem, e, que por algum motivo, ou vários, as produções anteriores não ousaram enfrentar explicitamente.

Essa pesquisa, tem seu viés na questão da cultura popular e junto a isso, a possibilidade de pensar o racismo a partir de uma expressão cultural específica que é o Congado (a). É um trabalho que está alinhavado a um processo capaz de levar a compreender as questões identitárias dos sujeitos participantes do Congado (a) na cidade de Uberlândia, os

regimes de visibilidade que os praticantes dessa cultura, conseguem implementar, e, de como o racismo interfere e relaciona-se com esse processo.

Diante disso, aponta-se a experiência do povo congadeiro, como uma vivência plena, em que há igualmente, um processo de sobrevivência decorrente da materialidade, mas que a vivência é mais ampla, é no sentido de positivar de certa forma essa existência sociocultural cotidiana do congadeiro na cidade. Por isso, a importância de mostrar essa vivência plena, destacar que esse congadeiro vive essa cultura para além da festividade, e é justamente essa vivência de ser congadeiro que define a sua identidade, além disso, essa pesquisa procura compreender a presença das táticas de resistência, e da conquista de espaços. São de outro modo, táticas de enfrentamentos diante do racismo presente em todas as instâncias da sociedade uberlandense.

O desenvolvimento dessa investigação, por conseguinte, se vale de uma diversidade de fontes, de vários suportes, incluindo os discursos orais no sentido de transformar essas fontes em texto, e, em uma reflexão crítica, valendo-se ainda, de uma obtenção e análise comparativa dos dados condensados nesse trabalho, como por exemplo dos documentos em audiovisuais, em que analisa-se a narrativa fílmica, levando-se em consideração as relações de edições, de cortes, de intencionalidades do editor, por isso a reflexão sobre as montagens urdidadas pela TV que surgem posteriormente como reportagens, e de como isso influi nos depoimentos, nos enquadramentos, nos cortes, naquilo que diretamente vai ao público, o que considera-se ser próprio da análise metodológica desses documentos audiovisuais narrativos.

Quanto às imagens fotográficas e outras, como panfletos e folders, constituem um arcabouço para pensar e refletir, bem como problematizar as temporalidades, assumem tanto funções históricas, documentais, quanto podem ser suporte de testemunho ocular de uma determinada época. Elas contam os acontecimentos, as atividades socioculturais, as disputas de (e por) memórias, são representações, de conflitos, de relações de poder, como revelam as transformações, as mudanças, que ocorrem a cada época, a cada geração. São ainda imagens carregadas de gestos rituais, impregnadas de um sagrado e de vivências que revelam a um só tempo, coexistências culturais e religiosas de uma natureza impactante.

Uma das características comuns à quase totalidade das imagens que constituem esse corpus documental, é que elas são oriundas de fontes primárias, no que resulta a singularidade de suas interpretações, levando em consideração, as suas temporalidades. São imagens provenientes de doações, pertencentes ou que estavam sob a guarda de famílias, outras, de fotógrafos amadores e profissionais, que repassam aos grupos de Congado, e, muitos desses

grupos, repassaram para o uso dessa pesquisa, e de outras, não só de cunho acadêmico. Existem além disso, aquelas imagens que são produzidas através do próprio olhar, enquanto pesquisador que experiencia várias das vivências congadeiras, que estão ou compõem o universo sociocultural desses sujeitos na cidade de Uberlândia.

Nesse sentido, a escolha desse tema perpassa pela noção de identidades, sobrevivências, vivências e resistências ao racismo por meio da manifestação do Congado e da Congada, tendo como suporte de análise, a história cultural e social, dentro dos limites do pesquisador. O critério adotado para escolha dos entrevistados² está pautado na vivência efetiva desses sujeitos na manifestação cultural, o que norteia a preferência por esses personagens voluntários é a possibilidade de refletir sobre disputas e cotidianos inerentes a essa manifestação, para além do aspecto da festividade.

Tem-se por fim a ênfase de que a oralidade não pode ser canonizada, mas problematizada, daí a relevância de ouvir ou observar vários lados de uma temática em análise, pois que a memória pode vir a ser ocultada, impregnando "verdades" talvez desejadas por uns e rechaçadas por outros, lembrando de igual modo que memórias não são apenas lembranças e esquecimentos, essas memórias podem inclusive, ser consideradas no campo das ressignificações.

Essa perspectiva sinaliza que problematizar as relações socioculturais em um período sozinho (1978-2018) como temporalidade que envolve décadas estáticas, pode fornecer uma noção de falsa realidade; contudo, no delimitar das fontes, no mínimo já fica explícito os suportes de problematização e investigação concernentes a essa análise, evidenciando o recorte temporal como uma proposição iniciática para entender a dinâmica da manifestação sem que isso signifique isolar o tema na periodização descrita, pois, é preciso interpretar outros registros, outras evidências, outros elementos e fazer outras leituras, levando em conta, até mesmo, o processo histórico no qual está inserido essa temática.

Trata-se portanto esse texto, de uma micro-história na medida em que acompanha o raciocínio de Paul Ricoeur, por ser essa narrativa capaz de privilegiar “o nível das interações na escala de (...) um grupo de indivíduos e de famílias³” pois como afirma o autor, “é nesse

² No intuito de preservar a identidade e privacidade dos sujeitos que não desejaram ser identificados, a opção foi pela utilização genérica do vocábulo Congadeiro (a), por se tratar de uma referência pela qual todos se reconhecem em grande parte do Estado de Minas Gerais.

³ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 257.

nível que se desenrolam negociações e conflitos e que se descobre a situação de incerteza que tal história evidencia. Além disso, ela não deixa de ler de baixo para cima as relações de poder que se dão em outra escala⁴.

Não considera-se aplicável nesse estudo o uso do termo “negociação” na perspectiva enunciada por Paul Ricouer. Opta-se pelo uso da terminologia “pressão social”, por entender que as relações, e em particular com os poderes públicos, são vulneráveis, principalmente quando os assuntos envolvem aportes financeiros e políticas públicas de investimentos reais; quando senta-se à mesa de discussões, os termos não são negociados e sim impostos⁵, no que pode resultar em pressões sociais por parte dos personagens atingidos ou que tenham suas demandas culturais negadas ou negligenciadas.

Nos relatos dos sujeitos congadeiros em tempos de festa, é possível interpretar uma forma de reivindicação que não perpassa propriamente pelo festejo em si, pois a vivência festiva não se traduz unicamente em uma época devocional, a vivência do sagrado acompanha o cotidiano desses atores sociais, razão pela qual, na realidade, a festa sinaliza outro mundo e o mundo não é aquele que se presencia só na festa, ao contrário, é de um viver que presentifica-se no dia a dia, nas relações de poder, nas mudanças, transformações.

Essas dinâmicas se apresentam por meio de outras relações, outros modos e artes de fazer – que são produções culturais diversas envolvendo oficinas de artes, danças, confecção de instrumentos, de indumentárias, a *Congalinhada* com história, cultura e memória, a *macarronada com samba*; *macarronada da mama*; *arraiais juninos*; *campeonato de futebol* – enfim, a certeza de que os sujeitos praticantes existem para além das festividades circunscritas a dois dias de festejos no centro da cidade.

Por essa perspectiva, tem-se que esse enviesamento é consequência dos discursos dos próprios atores sociais que sinalizam para essas direções, nas quais homens e mulheres reivindicam: “- a gente não só bate tambor”. Essas pessoas estão apontando para outras situações, para outras perguntas, bradando por outro método e mais do que isso, uma reivindicação de pertencimento, de que elas vivem na cidade, de que a vida delas não se resume nos dias de festa, de que elas têm uma maneira de viver, de se relacionar entre os

⁴ RICOUER, loc. cit.

⁵ Um exemplo prático dessa relação está nas contribuições financeiras de apoio a festa da Congada. Há dois governos, 2008 a 2017, que os valores continuam o mesmo e quando a diretoria da Irmandade do Rosário reúne-se no gabinete dos prefeitos, os valores são informados, e mesmo assim, esse apoio fica a critério de disponibilização ou não de orçamento e da realidade econômica do município na época da liberação desses recursos.

grupos e com o poder público, e, que essas relações podem não ser amistosas, harmoniosas, elas podem às vezes impor certas condições que se apresentam como cerceadoras de suas práticas culturais.

Conquanto essa problematização esteja vinculada à contemporaneidade, os praticantes, os grupos, não são constituídos somente na época presente, eles não são de agora, eles vivem um processo histórico, eles persistem, habitam, constituem um espaço que de forma alguma traduz-se excepcionalmente no tempo da festa. São as mudanças que confirmam as novas formas de interação sociais, interações surgidas por meio de vivências, experiências que continuam atuantes, sobretudo com a atualização das táticas de vivências culturais.

E, se nessas muitas práticas de viver que perpassa o ano todo, existe as de caráter socioeducativo com as crianças e os adolescentes, com a vizinhança e com o poder público; de que forma essas artes singulares inserem-se nas relações de poder, de dominação, sendo que de outro lado, as pessoas passam a exigir novos tipos de leitura a respeito delas, não como personagens folclóricas na festa e sim, como sujeitos que vivem fora dos festejos sem que sejam patrimoniados culturalmente; pessoas que convivem com as dificuldades, os conflitos, discriminações, preconceitos e as disputas de (e por) poder.

Esse contexto, inevitavelmente leva às indagações sobre o que vem a ser patrimônio cultural. Há outra maneira de existir dos sujeitos congadeiros e, são esses, que reclamam por outro jeito de olhar para eles, que possuem suas maneiras de viver, as quais, querem ver reconhecidas e, mais do que reconhecidas, respeitadas. O artigo primeiro, do decreto de patrimônio cultural do município, por exemplo, aprova o registro da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito e o artigo segundo diz que não será permitido a descaracterização da festa⁶. Contudo, é preciso entender que não se trata de descaracterizar a festa, mas de transformá-la conforme as gerações se sucedem.

É disso que estão falando: -"não adianta construir um lugar para a gente festar uma vez por ano, porque a gente tem uma vida nessa cidade e não apenas nos dias de festa do mês de outubro e de Nossa Senhora"⁷. Isso é o que se verifica na leitura e interpretação de um pouco do *corpus* documental. Esse *corpus* documental que é composto por fotografias, textos de jornais, fragmentos de atas, documentos públicos, cartazes, flayers, memórias pessoais,

⁶ Decreto de nº 11.321, de 29 de agosto de 2008. Diário Oficial do Município. Ano XX, nº 2995-A. Uberlândia, 29/08/2008.

⁷Antônia Aparecida Rosa. **Presidente do Grupo Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário**. Depoimento, 22/07/2011.

depoimentos coletados por terceiros, registros visuais em diferentes suportes de mídias⁸, seminários realizados tanto com viés acadêmico quanto no âmbito da manifestação e documentos eletrônicos⁹.

Evidente que parte-se do pressuposto de que no uso de audiovisuais como suporte de pesquisa, é necessário compreender que trata-se de documentos diferenciados e por conseguinte, fontes permeadas de complexidades. A historiadora Miriam de Souza Rossini, ao problematizar sobre esse tipo de documento como fonte histórica, observa que “a imagem audiovisual (...), precisa ser apreendida no seu processo (...) constante de transformação; ela precisa ser analisada no conjunto, ou seja, uma imagem em relação à outra conforme os procedimentos adotados na [sua] montagem¹⁰”. Compreende-se portanto, que o audiovisual em suas diferentes plataformas, oferecem várias possibilidades de análises, como utilizar esses recursos de forma igualmente problematizadora, é a questão.

Nessa seara é relevante dizer que pesquisas realizadas por meios eletrônicos remontam à década de 1960 e o aprimoramento desse uso acompanhou a própria revolução tecnológica, em consequência disso, “a possibilidade de ter um documento, ainda que sonoro, de formar arquivos de gravações (...), de trabalhar com fontes acessíveis à comunidade científica constitui um primeiro passo para a transformação da entrevista em fonte histórica¹¹” como já enunciava Chiara Vangelista na primeira década do ano dois mil. Parte-se igualmente de uma observação participante, dispondo juntamente de hipóteses, de problematizações e considera-se as entrevistas, a oralidade, relevantes para a pesquisa, sem portanto, descuidar-se dos conceitos e das teorizações necessárias.

⁸ Esses recursos imagéticos compõem o AcervoDigital/JeremiasBrasileiro, em suporte de mídia física DVDs/CDs, e digitalizados. A criação do referido acervo surgiu na década de 1980, com fitas de vídeos VHS e MiniDVS, que posteriormente foram transferidas para a mídia digital em DVDS e mais recentemente digitalizadas e masterizadas para serem utilizadas em suportes eletrônicos diversos.

⁹ Adota-se esse termo – documentos eletrônicos – a partir de Hans Ulrich Gumbrecht (2014), que em seu livro, *(Depois de 1945: latência como origem do presente)*, utiliza-se de diálogos eletrônicos, meios eletrônicos, diretórios eletrônicos, como suportes de pesquisa e, de igual modo construir a sua narrativa. Portanto – documentos eletrônicos – são determinados tipos de textos que são acessados via internet, como por exemplo, Diários Oficiais só disponíveis por esse meio de consulta; jornais de época existentes na plataforma digital da Hemeroteca Nacional; Atas de reuniões e Estatutos que são disponibilizados em sites eletrônicos de órgãos públicos e de instituições que podem ser Irmandades Religiosas ou Fundações Culturais diversas, entre outras fontes similares, possíveis de ser identificadas nas redes sociais.

¹⁰ ROSSINI, Mirian de Souza. O Lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 115.

¹¹ VANGELISTA, Chiara. Da fala à História: notas em torno da legitimidade da fonte oral. LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 187.

Em relação aos métodos de entrevistas, são pertinentes as observações de Maria Queiroz (1987), ao propor que uma “quantidade de colóquios deve ser grande (...) a fim de se coletar o maior número possível de informes¹²”. Nesse aspecto, trabalhar com uma metodologia que permita o uso de gravação das entrevistas em áudio, ou audiovisual, por meio da reciprocidade de informações, trocadas entre pesquisador e entrevistado, é importante, evitando-se desse modo, uma relação hierárquica de superioridade/inferioridade, conquanto seja evidente, que ao pesquisador cabe a tarefa de saber conduzir as entrevistas, ou diálogos.

Deste modo, a metodologia adotada envolve gravação de entrevistas e anotações de depoimentos, sendo que a opção de ouvir os atores sociais é por considerá-los como parte integrante do Congado e da Congada, no tempo de festa e no cotidiano de suas vidas, a possibilitar dessa forma, que uma diversidade de olhares contribua para um maior conhecimento da realidade social dos indivíduos inseridos neste estudo. Nesta acepção, tem-se os depoimentos como testemunhos resultantes de uma interação continuada entre o pesquisador e o entrevistado, na qual, posteriormente, surgem reflexões balizadas pelos apontamentos construídos em campo de pesquisa.

O mesmo método adota-se no trato das imagens fotográficas, pois, há determinadas fotografias que revelam mais do que se apresentam ao primeiro olhar, quando se tem a oportunidade de dialogar com aqueles que a compõem ou lembram da época representada. Nesse aspecto, não se utiliza nessa pesquisa, um roteiro formal de entrevistas, opta-se por fazer uso do diálogo interativo com os personagens entrevistados.

Teoricamente relevantes na constituição dessa pesquisa são autores como Michel Agier e sua contribuição no sentido de refletir sobre a temática proposta a partir da ideia que o mesmo possui sobre o conceito de identidades contemporâneas; Hans Ulrich Gumbrecht e a questão da presença da latência enquanto possibilidade de se pensar em algo que mesmo subjacente continua a incomodar, e, que revive, no caso dessa pesquisa, toda vez que a cultura festiva da Congada faz-se presente na cidade. Esse reviver tem a ver com a latência racista, e com a permanência do racismo, que obviamente envolve um sistema, uma estrutura, uma elite no poder.

¹² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. **Ciência e Cultura**. Ciência e Cultura, v. 39, n.3. CERU/Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP, 1987/CERU/Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP, 1987, p. 279.

O debate envolvendo a questão do racismo no Brasil acirrou-se no início do século XXI, devido ao surgimento de uma série de adoções de políticas de ações afirmativas com foco nos afro-brasileiros, e terminou por trazer à tona os discursos que envolvem os temas de raça, de negritude, de etnicorracial ou étnico-racial e suas confusões semânticas. Se do ponto de vista científico “raça” é um termo em desuso, politicamente é o que ainda ressoa com certa frequência nos discursos de muitos movimentos negros, embora expressiva comunidade intelectual esteja optando pelo uso de étnico-racial ou etnicorracial – além de semanticamente confuso, popularmente “indigesto” como função comunicacional no cotidiano – sendo que o mais apropriado, e compartilha-se dessa tendência, é o uso de afro - brasileiro para designar a população que se identifica com sua ascendência africana, entre a qual, a comunidade congadeira.

A tentativa dos intelectuais de evitar a utilização do conceito de raça no debate teórico, devido à sua forte vinculação a características biológicas, em nada alterou a utilização cotidiana dessa construção social que define os grupos de maneira a diferenciá-los e mesmo inferiorizá-los. Sabe-se que essa tentativa de subtrair o termo das ciências sociais tem a ver com a perspectiva de combater o que era e é considerado racismo biológico, entretanto, ao se usar outra categoria como substituta imediata – etnia em lugar de raça – o problema tão pouco foi solucionado.

Autores como Elisa Larkin Nascimento sugerem por exemplo, que a categoria raça pode ser mais inclusiva que etnia: “assim, os grupos humanos designados pelo termo “raça” são mais inclusivos, remetendo em geral a uma origem geográfica de ascendência (África, Ásia, Europa, Américas) o que implica numa trajetória histórica, matriz cultural e vida social”.¹³

O racismo no qual insere-se a cultura negra não está associado unicamente à cor de pele – mesmo considerando que na sua existência, o que mais conta é a epiderme do indivíduo, pois é em relação à cor de sua cútis que o preconceito surge com maior intensidade, podendo se transformar em um dos componentes mais visíveis no contexto social de discriminação. Além disso, não tem-se o propósito de pensar no afro-brasileiro de forma generalizada, equívoco ainda comum em alguns movimentos negros, dado que há uma diversidade de visões de mundos e de realidades, de sentidos de pertença e não pertença, na

¹³ NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003, p. 48.

própria população afro-brasileira. Por isto, as ponderações estão voltadas para uma comunidade que possui laços socioculturais com o Congado da cidade.

Quanto ao recorte temporal, as abordagens contemplam um período circunscrito às décadas de 1978 a 2018, sem portanto, desconsiderar nessa categoria de análise, a necessidade de recorrer-se às concepções de temporalidades sob a perspectiva de Reinhart Koselleck. No contexto cultural, a preferência por alguns autores, entre os quais destacam-se Garcia Canclini e Edward Paul Thompson, está associada à densidade discursiva referentes a cultura popular, e à opção por entender a cultura dentro de um processo histórico mais amplo, não dissociando-a porém, do fazer cultural, da conjuntura social. Peter Burke é igualmente outro suporte relevante no debate contemporâneo sobre história cultural.

Sendo por momento essas as considerações iniciais, que avançam ao decorrer do texto, o desafio a ser enfrentado no primeiro capítulo: IDENTIDADES CONGADEIRAS DE DESCENDÊNCIA AFRICANA QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES, é o de especialmente não pensar identidades a partir do discurso que reforça o conceito de ancestralidade negra africana, de *ethos* originário na escravidão e logo após disseminado na vida cultural dos congadeiros, em especial; uma vez que identidade pode ser um termo inconcluso, não definitivo, tal qual a tradição e a cultura, uma tríade em constante transformação, capaz de incorporar legados do passado junto a novas formas de atuação no presente, sem pensar por isso, em ancestralidade calcificada em um passado distante, que por lá permanece intocável.

Se num passado recente a identidade do congadeiro (a) parecia fundamentar-se na devoção aos santos, nos tempos modernos, ela ganha contornos visuais que vão dos vestuários estilizados ao uso do próprio corpo como transmissor de mensagens identitárias, ficando explícito que as "comunidades tradicionais (...) oferecem diante da situação de dominação as suas maneiras de se adaptarem, resistirem ou encontrarem um lugar para sobreviver¹⁴".

Outra premissa é a opção pelo uso do conceito afro-brasileiro, que por si só possui maior proximidade com a temática do que o de afrodescendente. Enquanto esse último amplia o foco de discussão por tratar-se de um conceito múltiplo, que engloba politicamente afro-americanos, afro-latino-americanos e tantos outros. O afro-brasileiro, no contexto do Congado, se auto reafirma na própria musicalidade entoada nas várias regiões de Minas Gerais - "sou congadeiro, sou afro-brasileiro" - pelos seus próprios praticantes. Isso permite pensar e defender uma perspectiva afro-brasileira de procedência africana.

¹⁴ CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo. Brasiliense, 1982, p. 13.

O que se é ou se quer ser diante do outro? Como se constitui esse "ser" identitário na modernidade? Os discursos de resistências e de identidades étnicas estão presentes ao decorrer das décadas e podem ser identificados por meio do ressoar dos tambores, das gestualidades corporais, dos objetos rituais e dos elementos simbólicos; todo esse universo cultural em movimento compõe esse discurso de resistência.

Discutir sobre a formação de uma identidade sociocultural congadeira (o) é outro pressuposto que igualmente não é tarefa fácil, isso implica em lidar com relações contraditórias. Não constitui, no entanto, o interesse em retroceder à discussão das várias abordagens realizadas sobre a formação da identidade nacional e cultural do país, assunto esse por demais já explorado e cuja utopia de três raças homogêneas a constituir-se uma nação brasileira, não se concretizou.

Quanto ao segundo capítulo: O PASSADO CONSTRUÍDO NO PRESENTE E A PERMANÊNCIA DO RACISMO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA, o objetivo é de analisar os modos de relações que permeiam a Irmandade do Rosário de Uberlândia, os enfrentamentos, as relações de poder que envolvem tanto situações de distanciamentos, quanto de aproximações, quer seja com a Igreja, com o poder público ou com os próprios grupos de Congado.

Como é constituída a Irmandade do Rosário? O que ela representa ou não, enquanto frente de combate ao racismo, ao preconceito por meio da cultura e da religião? Quais as motivações de sua existência mais que secular na cidade ao passo que outras congêneres - Associação de São Benedito do Bairro Martins e Irmandade do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo - desapareceram ao longo dos tempos?

Será que o discurso de ancestralidade é o bastante para justificar essa existência, desconsiderando ou omitindo os protagonismos das famílias negras que de diversos modos lutaram contra o racismo de que foram vítimas, e que ainda continuam ressoando os seus tambores na festa da Congada enquanto grito de permanência no centro da urbe? Ou será que a resistência junto com a sobrevivência orgânica existe porque o racismo perdura?

Quais elementos podem estar presentes de modo tão significativo para que os festejos do rosário sobrevivam em meio às tensões religiosas, ao racismo, ao preconceito e à discriminação? Como pensar em uma Irmandade do Rosário que prega obediência à Diocese e paralelamente cria táticas de resistências, como se atuasse às vezes denotando estar submissa por meio de uma representação, no entanto com viés de dissimulação.

De outro lado, busca-se nesse capítulo perceber como é que o olhar das elites sobre a manifestação traz enviesado a história da escravidão, a tradição do passado que o povo mesmo ilhado na cidade conseguiu manter como últimos referenciais que os antepassados legaram e que, portanto é bonito preservar, desde que seja longe do centro da cidade. Mas será que manter esses indivíduos como produtos, resquícios de tempos longínquos não seria uma maneira de negar a existência desses atores sociais no cotidiano da cidade?

Elites nesse estudo são compreendidas como grupos sociais hegemônicos que detêm o poder econômico, controla as mídias institucionalizadas, as políticas culturais, as relações de poder na interioridade da religião, que não aceitam formas de inclusões práticas de políticas afirmativas com ênfase ao combate das desigualdades sociais, da distribuição de renda e do acesso à propriedade, do combate ao racismo e de todas as consequências de injustiças decorrentes do mesmo; do uso da religião que não contribui para as lutas emancipatórias reais, no caso em pauta da população negra – vítima constante de discriminação na cidade – como se a fé por si só pudesse ser capaz de superar tantas mazelas e garantir mudanças fundamentais na vida das pessoas.

ENTRE MODERNIDADES E TRADIÇÕES: A CULTURA CONGADEIRA EM SEU CONTÍNUO TRANSFORMAR-SE, são os pressupostos associados ao terceiro capítulo no intuito de pensar tradição, modernidade, mudanças, transformações com o objetivo de entender e possivelmente aclarar como o diálogo entre esses campos são dinâmicos e oferecem várias possibilidades de interpretações, sem que necessariamente, exista uma conceituação cristalizada do que é ou venha a ser tradição, especialmente quando o assunto em evidência é a prática cultural e social da Congada.

Muitos são os questionamentos a respeito de tradição e seus festejos anuais, das acelerações dos ritmos à sensualidades das dançantes femininas e quase erotização de indumentárias - na realidade, o uso de calças *legue*, por exemplo - o conceito em foco passa por uma série de argumentos contrários e favoráveis às transformações que inevitavelmente leva às discussões sobre gênero e de empoderamento, com relação a participação efetiva das mulheres na manifestação.

Alternâncias como as ocorridas a partir do início da década do ano de dois mil, quando o número de grupos aumenta significativamente e junto a esse fenômeno a crescente presença de jovens, crianças e mulheres. Conseqüentemente tem-se a expansão dos grupos com duzentos, trezentos e até quinhentos componentes, a trazer com isso algumas denominações como: "ala dos gungueiros", "ala dos repiliques", "ala dos patangomeiros", "ala dos caixeiros"

e outras. Essas nomenclaturas oriundas dos desfiles das Escolas de Samba é outro processo de mudança em curso que sugere um diálogo de proximidade entre o festejo do Carnaval e o cortejo da Congada. A invenção de tradições é mais um tópico provocador de embates, debates, conflitos na interioridade da manifestação e da Irmandade do Rosário, deixando implícito que as táticas de oratórias quer sejam elas internas ou externas, provavelmente apontam para outras direções, cujos atores são os jovens congadeiros.

Por isso, é oportuno problematizar, se os indivíduos – especialmente jovens – muitas das vezes portadores de acessórios simbólicos e de outros adereços, se esses usos, podem sobrepor-se à fé, à devoção aos santos, ou, de outro lado, tratar-se-á, de um novo estilo de cultivar os festejos de acordo com as gerações contemporâneas, que indubitavelmente, parecem trazer impregnadas de várias formas, essas renovações de visualidades, e com elas, as nuances de ao mesmo tempo instituírem quebras culturais de paradigmas, com a potencialidade de construir ou criar discursos comunicacionais, cujo instrumento percussivo, visual e com sinais diversos, podem ser transmitidos inclusive, por meio do próprio corpo.

O quarto capítulo, O CONGADO NO COTIDIANO DA CIDADE: TÁTICAS, ASTÚCIAS E VIVÊNCIAS CULTURAIS, suscita a imperiosidade de adensar os estudos sobre os eventos significativos que ocorrem durante o ano, a envolver os atores sociais do Congado. Trazer à tona essa prática de maneira analítica a partir do campo da cultura, da tradição, da memória é premissa necessária, e, a inserção nesse capítulo sem perder de vista o pressuposto de que essa manifestação sociocultural pode ser considerada nessa análise “um sistema de significações diante o qual necessariamente (..) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada¹⁵” conforme sugere Raymond Willians em abordagem a respeito de uma sociologia da cultura.

A problemática por esse viés, é tentar um possível desvelamento por meio de análises no sentido de pensar até que ponto essas dinâmicas de sociabilidades instituídas, possam estar ou não, contribuindo para a sustentabilidade das táticas de sobrevivências culturais cotidianas do Congado na cidade, junto à permanências das vivências dos congadeiros. Nesse intuito, objetiva-se mostrar o quanto essa cultura do Congado é ampla, dinâmica e capaz de atualizar-se o tempo todo no sentido de se fazer viva na cidade de Uberlândia.

¹⁵ WILLIANS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 3ª Ed. 2008, p.13.

Pensa-se de outro lado, nesse capítulo, nas inúmeras possibilidades de problematizar a presença cotidiana dos congadeiros na cidade por meio de fazeres e saberes que escapa ao imaginário desses sujeitos enquanto congadeiros do mês de outubro, inclusive, uma das táticas interessantes, é de como urdiram atividades socioculturais nas quais discutem memórias, histórias, tradições a partir de um elemento inicialmente visto sob o aspecto somente de degustação, como no caso da *Congalinhada* do grupo de Congado Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, que na realidade, por meio dessa tática, aborda questões presentes na comunidade negra em especial, como preconceitos, racismo, questões de gênero, violência contra as mulheres e juventude negra, e outra série de situações inerentes a essa população ou que atinge-a em maior escala.

1 IDENTIDADES CONGADEIRAS DE DESCENDÊNCIA AFRICANA QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES

Imagem 01- Milton Ferreira - o embaixador do Congo, década de 1960. Faleceu na década de 1970.



Fonte: Darle Elizabeth Ferreira, filha de Milton Ferreira. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Identities são forjadas, constituídas, redimensionadas no interior dos grupos sociais e encontram-se inevitavelmente associadas às permanências ao decorrer das temporalidades e dos lugares em que esses grupos sociais estejam estabelecidos. Diante disso é que as lembranças, as memórias, as histórias, as vivências, surgem como suportes dessas identidades. São situações relacionais cuja interatividade permite que a partir das lembranças do próprio passado e da fixação do vivido nele em tempo presente, as identidades tenham as suas permanências asseguradas em meio às transformações, que são inerentes às práticas culturais, como acontece com a manifestação cultural e religiosa da Congada. Portanto, identidades e memórias não são objetos estáticos que podem ser perdidos ou encontrados, são categorias de vivências incorporadas ao cotidiano, presentes na vida religiosa, política, cultural e nas relações de poder.

Faz sentido nessa perspectiva, a ressalva de Stuart Hall, de que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia¹⁶”, e disso decorre as suas mudanças, alternâncias, o seu devir e o seu retorno, ao longo das temporalidades. Quando objetiva-se construir outra narrativa que permita a inserção na história de personagens até então esquecidos, procura-se para além da discussão das permanências identitárias, mesmo que experienciando o racismo cotidiano, interpretar o passado através das memórias e histórias daqueles que sendo vítimas desse racismo permanente, souberam resistir e fazer com que suas marcas identitárias congadeiras pudessem fazer-se vivas, atravessando gerações.

Os discursos identitários são sustentados pelas narrativas do passado, e no caso do Congado, isso é muito forte. Relações e passados são construídos, memórias podem ser escolhidas ou negadas a depender de quem produz as narrativas. Sendo as memórias resultantes de interlocuções urdidas no presente, elas tornam-se uma ferramenta de conhecimento do passado e por vezes originam-se de vivências individuais daqueles que participaram de determinados eventos ou servem a outros interesses permeados de disputas que valorizam uma vertente histórica e ao mesmo tempo, negam outras, cujas narrativas possam ser interessantes para quem seleciona as memórias a serem defendidas.

Tais seleções dão-se por razões como de religião, por questões de ordem social e política, de natureza econômica, cultural, enfim, por relações de poder. Tem-se portanto, no bojo dessas análises, a evidência de que as memórias de igual modo possam alterar o

¹⁶ HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 13.

significado do passado e mesmo mudá-lo radicalmente, ou de lado oposto, não é do interesse dos grupos sociais dominantes que de forma variada, optam por sustentar projetos e discursos de esquecimentos, não admitindo por conseguinte, versões que contrariem suas narrativas já instituídas e naturalizadas, como se de fato fossem as únicas realidades existentes.

Os atos de lembrar tem muito a ver com ações individuais quando se trata da oralidade, são os indivíduos que fazem nas suas singularidades, as opções por lembrar de alguma coisa e conseqüentemente esquecer-se de outras, e, naturalmente nessa visão, almejam contar as suas histórias, quando essas principalmente, não estão inscritas nas narrativas da cidade. A história, em uma de suas tendências, conforme aponta Michel de Certeau, permite uma “relação do historiador com o vivido, quer dizer, a possibilidade de fazer reviver ou de “ressuscitar” um passado (...) restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram¹⁷”.

A imagem (01), que inicia esse capítulo sobre identidades congadeiras é singular para se pensar nessa ressuscitação, nesse reviver de atores sociais que fizeram parte da manifestação e de alguma forma, por motivos variados, foram apagados, silenciados ou simplesmente esquecidos, e assim, não compuseram a narrativa escrita da história, ficando na oralidade dos mais velhos e dos familiares. O depoimento de Darle Elizabeth Ferreira, a respeito de seu Pai, Milton Ferreira, imagem (01), é fundamental, para de início, pensar-se nessas restaurações de esquecimentos.

Meu pai era mesmo um negro formoso, retinto, ele vivia o racismo no dia a dia, essa cidade sempre foi dura com a gente. Mas quando chegava a festa do Congo, essa Congada né, papai se transformava em uma figura imponente, parecia assim pra gente pequena, uma majestade real, um rei de Congo mesmo, como se diz né, embaixador de congo, ele parecia ser de outro lugar, tudo nele parecia mudar, era como se o mundo dele fosse ali, naquela festa, naquele congo (Moçambique né) ele era Moçambique, papai amava tudo aquilo, não sei porque do seu esquecimento, isso não sei, é verdade que nós mudamos para Goiás, São Paulo, mas a história dele ficou aqui, a nossa família negra continua aqui, ela não perdeu seu rumo da tradição, nós mudamos, mas nossa identidade não mudou¹⁸.

Em larga medida, a identidade congadeira em Uberlândia está diretamente associada à permanência dos troncos familiares de descendência africana, em suas vivências e lutas diárias para continuarem assegurando a continuidade da tradição. A postura altiva que

¹⁷ CERTEAU, Michel de. Primeira parte: as produções do lugar. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 46.

¹⁸ Darle Elizabeth Ferreira. Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

visualiza-se na imagem (01) de Sr. Milton Ferreira remete imediatamente a essas memórias ainda presentes e ressignificada pelas novas gerações congadeiras. A relevância do discurso de Darle Elizabeth tem a ver com essa necessidade de tornar conhecido aquilo que por razões diversas ficou esquecido, quer seja por ausência sua ou de seus familiares mais próximos, quer seja pelo contexto histórico de negação das memórias dessas famílias negras que fizeram parte do surgimento de Uberlândia, desde os seus tempos de São Pedro do Uberabinha.

Igualmente importante na fala de Darle Elizabeth, é o sentido de pertencimento, mesmo à distância, a sua vivência na Congada é contínua, e nesse sentido, identificar-se com o passado através da imagem de seu pai falecido, é de certo modo substituir a noção de identidade. Para Darle Elizabeth, ler na fisionomia do rosto de seu pai, os traços da tradição, é sentir-se viva, identificada com o passado e ansiosa por reconhecimento no presente. É o que considera-se como identidades em permanente construção, que vai atravessando as gerações.

Então, quer dizer, estou com 57 anos, fui ver, mas não tinha assim essa reflexão de querer buscar, de querer saber, de onde que veio, então, foi importante para mim, quando vejo essa imagem (01) de meu pai, o que sinto, como se ele fosse um rei, eu não tenho outra definição, sinto assim, ancestralidade, presença, realeza, firmeza, nobreza, e o meu pai tinha essa devoção, ele amava, eu não entendia (...) então, hoje, eu tenho outra visão, sabe, eu acho que devemos preservar, passar para os mais novos, outros que vem, mas sem perder nossas identidades¹⁹.

Identidades tem muito a ver com aquilo que as pessoas viveram e vivem, aos valores que são atribuídos aos objetos ou sujeitos que compõem esse viver identitário, por isso uma imagem(01) como a de Milton Ferreira, não apenas produz lembrança de um passado, ela reafirma no presente a necessidade de reafirmar esse passado, de torná-lo vivo, como recorda Edilamar Ferreira: “- Quando Milton vestia a farda, o povo falava, que ele era o rei do Congo, o povo considerava ele como rei Congo, daquela nobreza, de rei sim, eles davam importância, tinham ciúmes das fardas, se deixava em qualquer lugar, chamava atenção, era indumentária de rei”²⁰. Tanto Edilamar Lopes, quanto Darle Elizabeth Ferreira, conferem à imagem de Milton Ferreira, um modo de distinção singular, para ambas, é a representação viva de um rei Congo, uma associação com os reinados de congados existentes nos festejos das Congadas, com essa rememoração de reinados africanos.

¹⁹ Darle Elizabeth Ferreira. **Memórias e esquecimentos**. Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

²⁰ Edilamar Ferreira Lopes. Ex-Congadeira, era madrinha de Bandeira de Grupo do Moçambique, na década de 1960. Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Como se constituiu essa memória, realidade de uma presença viva e muito importante na tradição, discutir-se-á no uso da imagem (02) que sem dúvida, está permeada de histórias. Histórias que segundo Darle Elizabeth, foi silenciada: “- Reivindicar o direito a nossa história, é isso que nós queremos, é uma história que não é contada nos livros, só ficou na cabeça das pessoas mais velhas e quando elas morrem, tudo isso vai junto com elas²¹”. Ler imagens, perceber o que oculto possa estar, o que além da visualidade estética de mensagens possam existir, é também uma função historiadora de viés interpretativo, possível de contribuir com outras evidências, no sentido de compreender a energia que emana dessa tradição congadeira.

Não se trata desse modo de uma pintura sobre alguém, são imagens vivas que retratam um personagem em seu momento de realidade e realeza, que se vivo não se encontra para contar sobre si, há parentes próximos e familiares mais distantes, congadeiros e colegas, que vivenciaram essa época, e, por ser mais jovens, conseguem lembrar desses tempos. Ao recordar, terminam por fazer ao mesmo tempo, uma defesa dessa identidade, desses lugares que se encontram em permanentes disputas por questões raciais, identitárias e culturais, síntese de uma vivência negra no centro da cidade, que fica evidenciado no discurso de Darle Elizabeth.

Principalmente por eu ser de Uberlândia, que era e é uma cidade racista, onde o negro, para que seja aceito, tem de embranquecer, se melhorar de vida, precisa fazer certas coisas para estar inserido no contexto (...), então, para mim hoje, como naquela época, tem racismo agora, é festa de negro, não pode ter isso, tira daqui, incomoda o centro, o trânsito, tira isso daqui, então, não adianta, tem de ser conscientização do próprio negro, manter, segurar, que se depender dos não negros, tudo que é nosso, vai ser destruído sim, eu digo, reafirmo, estamos numa cidade que não perdeu até hoje, esse racismo contra negros e pobres²².

O direito a história, ao lugar, à memória e à presença congadeira na cidade são reivindicações constantes dos sujeitos praticantes dessa manifestação. O lugar pensado aqui é como afirma Stuart Hall, um lugar que é “específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas²³”. Nesse campo discursivo, a oralidade é outra parte importante, e o rosto que se visualiza na imagem (01), porta uma expressividade que conta e fala de um tempo, de uma temporalidade que não se encontra nos escritos da

²¹ Darle Elizabeth Ferreira. **Memórias e esquecimentos**. Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

²² Darle Elizabeth Ferreira. **Memórias e esquecimentos**. Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

²³ HALL, op. cit., p.72.

cidade, e sim, na voz daqueles que partilharam e compartilham suas vivências, de tal forma relevante que é possível recorrer a uma interessante citação, contida em texto de Certeau e outros autores (1996):

A oralidade constitui também o espaço essencial da comunidade. Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando esta sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber. O intercâmbio ou comunicação social exige uma correlação de gestos e de corpos, uma presença das vozes e dos acentos marcados pela inspiração e pelas paixões, toda uma hierarquia de informações complementares, necessárias para interpretar uma mensagem além do simples enunciado - rituais de mensagem e de saudação, registros de expressão escolhidos, nuances acrescentadas pela entonação e pelos movimentos do rosto. É-lhe necessário aquele timbre da voz que identifica e individualiza o locutor, e aquele tipo de laço visceral, fundador, entre o som, o sentido e o corpo²⁴.

Refletir sobre identidades no contexto da Congada em Uberlândia não é empreitada simples e com certeza, demandaria muito tempo de pesquisa, seria necessário percorrer toda a cidade e conhecer todas as possibilidades, levando em consideração que a própria manifestação na cidade não possui uma característica homogênea. Some-se a isso que a busca e a contínua reafirmação dessa identidade, perpassa simultaneamente pela questão da oralidade. Converte para esse campo, a importância de considerar nessas reflexões, toda essa dinâmica de falas possíveis de ser identificadas nos sujeitos, para a partir de seus discursos, construir-se um texto que possa de alguma forma, repercutir por meio da escrita, outras interpretações. A escrita de igual forma, possui, como bem lembra Michel de Certeau, uma atribuição simbólica que,

Permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe, na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente: “marcar” um passado, é dar um lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por *fazer* e, conseqüentemente, utilizar a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos. A arrumação dos ausentes é o inverso de uma normatividade que visa o leitor vivo, e que instaura uma relação didática entre o remetente e o destinatário²⁵.

Um tempo de antes, tão vivo no agora, gerações que nesse instante não se encontram, que entretanto permanecem nas memórias daqueles que resistem. Uma tradição que continua porque os mortos estão atuantes a partir das lembranças, das memórias e das oralidades de congadeiros. Muitos, sequer tiveram contatos diretos com alguns desses sujeitos mortos há

²⁴ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 336-337.

²⁵ CERTEAU, Michel de. Primeira parte: as produções do lugar. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 107.

décadas, que ressurgem por meio de imagens, qual a de Leônidas Costa, apresentado como um dos grandes ícones, dos rituais da Congada na cidade. São ritualidades que impregnadas de espiritualidade, conferiram à tradição um modo identitário de se relacionar na interioridade dos festejos por meio de rezas, benzições, amarrações e outras formas de proteções que tornaram a cultura religiosa dessa manifestação, em algo bem maior do que a festa em si. Viver outras formas de fé, foi primordial para forjar uma identidade própria nesse lugar, conforme será possível notar a partir da próxima imagem e do que ela pode revelar.

Na literatura oral de época que seguiu gerações afora, Leônidas da Costa era considerado uma “sujeito encrenqueiro”, “perigoso”, uma mistura de “benzedor e feiticeiro”. A longa procura (duas décadas) por evidências materiais quaisquer, sobre a existência desse que era um sujeito visível na oralidade dos congadeiros, fez com que as histórias associadas à ele ampliassem consideravelmente, e a cada diálogo, surgiam novas histórias, até que por fim, por questões não previsíveis, apareceu esse personagem na imagem (02), de raridade quase única, junto à sua certidão de óbito.

Evidente que o apego à ancestralidade, à uma identidade de descendência africana é muito forte, no entanto, esses atores não vivem no (e do) passado, eles permeiam suas memórias com ingredientes do presente, articulam suas vidas pensando nas transformações, nas atualizações congadeiras, como é possível deduzir-se da fala de Salvador Souza: “ a gente sabe que é dos escravos, veio do Congo, do Angola, era muito bonito, mas não é como lá atrás mais, dos antigos, muita coisa mudou, sempre muda, a mudança faz parte, a gente pode não gostar, mas faz parte²⁶” ou de Dona Edilamar, filha de Leônidas da Costa, de 75 anos de vida, que ao ver pela primeira vez a imagem de seu pai, diz: “ Tem coisas que aconteciam e acontecem na festa, que só os mais antigos sabiam explicar, os de hoje não, não é mais assim, perderam os mistérios das coisas, das cantorias, das rezas²⁷”. Compreende-se que são as transformações, as mudanças, que proporcionam a continuidade da tradição, forjando identidades que são múltiplas, não calcificadas na poeira do ancestral que permanece.

²⁶ Salvador Costa. Depoimento obtido em 09/06/2018. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia - MG.

²⁷ Edilamar Ferreira Lopes. Ex-Congadeira, era madrinha de Bandeira de Grupo de Moçambique, na década de 1960. Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 02 - Leônidas da Costa, de faixa preta cruzada no corpo, década de 1950.



Direita p/Esquerda estão Zuleika Silva e Leônidas Filho, a seguir, a mãe, Dona Margarida da Costa e ao lado o seu esposo, Leônidas da Costa. Com um cavaquinho na mão esquerda, está o Sr. José – Capitão Zezé, do Congo Sainha e por fim, possivelmente, a sua filha. Leônidas da Costa faleceu em setembro de 1959.

Fonte: Darle Elizabeth. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Essa intensa e duradoura pesquisa, terminou por evidenciar não só a ausência da presença de Leônidas Costa nos escritos memoriais da cidade, da própria Irmandade do Rosário e de textos acadêmicos. No entanto, a reprodução constante por meio da oralidade, de pessoas mais vividas, produzem um certo desconforto ao não situarem Leônidas da Costa

como pai, como tio, como um personagem membro ou constituinte de uma unidade familiar. Uma de suas filhas, Suleika Silva Correia, repercute essa questão.

Meu pai morreu muito novo né, nem chegou aos cinquenta né, acho que é preciso falar dele sim, se tivesse vivo, ia dar sua vida pela Congada, ele deixou essa identidade da religião negra africana aqui né, benzia sim, era muito bom nisso, mas acho também que essa fama de feiticheiro foi um jeito de negar a presença dele nessa história viu, ficou então assim parecendo que ele fosse de outro mundo, outro lugar, mas vou mandar a certidão de morte dele, ele morreu, foi venerado, mas depois foi apagado, a gente não sabe o motivo, mas que foi, ele foi esquecido, acho que porque mesmo novo, ele já incomodava o povo, lutava contra esse racismo na cidade, engraçado é que cantam coisas hoje que papai inventou lá nos cinquenta (década de 1950) e nem sabem, quando sabem não falam, mas a gente agora pode contar né, olha lá na foto, até eu menininha estou lá, minha mãe está lá, papai Leônidas está também, então né, essa foto pra gente conta um tanto disso que nós vivemos, voltamos agora para contar né²⁸.

Retornar por meio da imagem, aos tempos de antes, com a intenção de contar outra versão do passado, é sem dúvida, muito interessante. Ver-se enquanto criança, torna-se mais relevante para o discurso de pertencimento, de identidade, de luta contra o racismo e notadamente, da presença dessa religiosidade e sua força como resistência diante de uma sociedade racista. De outro modo, é preciso considerar que a negação histórica perpassa por outras questões, dentre algumas, as disputas pelas memórias daquilo que se quer como fazendo parte da posteridade, e de outro lado, é necessário considerar, a não homogeneidade identitária dos grupos, das famílias e da religião, o que possibilita enfim, uma seletividade de memórias que beneficiam uns, e ao mesmo tempo, podem excluir tantos outros.

Nesse sentido, pensar em identidades congadeiras é não imaginar uma identidade uniforme, inclusive, os nomes dos próprios grupos já é um fator de distinção. Por isso que a imagem (03) amplia essa perspectiva de identidades, que de outro lado, aponta para um campo simbólico diferenciado e que não é possível de ser tratado somente com a inferência, ou olhar do pesquisador.

²⁸ Zuleika Silva Correia. Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 03 - Capitã de Moçambique em ritual de fechamento de espaço na Praça do Rosário.



Fonte: Welton Neves, 2008. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Um dos gestos rituais nessa imagem (03), representa um abre-praça e fecha-praça, fecha-corpo espiritual de vários Congadeiros protegidos pelo Bastão, que é caracterizado pelo riscado sobre as pedras portuguesas, no lugar que é a Praça do Rosário. Para além dessa nossa rasa interpretação, contudo, a imagem é portadora de outros sentidos, e por esse motivo, quando é possível, torna-se de suma importância indagar ao próprio personagem inserido na imagem, o que na realidade, ela significa para si. E é Cristiane Oliveira, a Capitã do *Moçambique Guardiões de São Benedito*, Mãe de Santo da Tenda de Umbanda Rei Congo, que diz:

A minha farda tem o peso da minha história, quando eu a visto não é por vaidade, brincadeira, é pela minha fé, gratidão aos que me ensinaram a viver com ela, então, muitas das vezes eu fico pensando, essa farda é dos santos, dos meus antepassados, dos meus Pretos Velhos. Cada momento tem o seu significado, sinto como se eu estivesse sendo preparada para algo maior que ainda nem sei que seja. Hoje mesmo, ainda debaixo da chibata, do racismo, da intolerância, não deixo de ser tudo que um pouco eu acho, essa imagem

mostra. Já me proibiram até de incorporar, pelo meu jeito de ser, pelo gesto de meu corpo, daí pensaram que eu estava incorporada, mas e daí né! Se eu estivesse? O Padre falou que eu não podia incorporar na Praça do Rosário, mas uai gente! Quem manda na minha cabeça não sou eu, é aquele que me guia, me protege, me eleva, com o Bastão e o Rosário de Maria. Esse Bastão que uso nessa imagem, agora ele fica guardado, junto com meu Orixá, eu não saio mais com ele, ele foi o meu primeiro Bastão, ele foi me dado pelo Rei Congo, é um Bastão Coroado, porque Rei Congo é Rei Coroado, na linha de Oxalá. Então essa imagem, é tudo isso pra mim, me faz lembrar essas coisas, contar tudo isso que é vida pra mim²⁹.

Cristiane Oliveira afirma a sua fé, o seu sagrado, a sua ancestralidade, como de igual modo reafirma o racismo, a intolerância, a falta de respeito com a sua tradição ritual. Conseqüentemente, trata-se de um discurso de presença e de pertencimento a um lugar, a uma memória, a um tempo mítico e histórico, vivências para além do estado único materializado no momento mágico da imagem em discussão. Ela, Cristiane, fala de um racismo proveniente da história de seu corpo e pelas gestualidades rituais que esse seu corpo faz em lugar público. É a chibata do olhar preconceituoso, sobre essa corporeidade negra permeada de sentidos, e, de vivências oriundas dos terreiros de Umbanda e Candomblé.

Essa imagem (03) em que visualiza-se a gestualidade ritual de Cristiane Oliveira, é resultante de um corte, uma edição, não traduz portanto, todo o cenário do instante fotografado, além disso, é parte de um conjunto de fotografias em sequencias de seus movimentos corporais ritualizados na Praça do Rosário. Por essa razão, foi possível observar o modo como vários espectadores nas arquibancadas ou acotovelados sobre as grades de proteção (disciplinadores), olhavam com um misto de curiosidade, incredulidade e até com sorrisos traduzíveis em sarcasmos, para um corpo que em determinados momentos, parecia aos olhos desse público, estar incorporado, como se estivesse em um terreiro de Umbanda.

Contudo, tratava-se alí naquele lugar, de um corpo negro em movimento dançante, um corpo negro que na naturalidade de seus gestos, sentia-se identificado com esse lugar ritual, sem se importar sequer, com os fotógrafos que procuravam ávidos, pelo melhor ângulo, na expectativa de captar os instantes sublimes permeados de sacralidade, enunciados por uma corporeidade negra a não se constranger com o discurso dos olhares discriminadores. Alí, a sua identidade de descendência africana fluía com toda a força dessa ancestralidade, ritualmente expondo através de sua presença espiritual, física, cultural e congadeira, um jeito

²⁹ Cristiane Oliveira. **Capitã do Moçambique Guardiões de São Benedito**. Depoimento obtido em maio de 2018. Uberlândia-MG.

todo especial de viver o seu sagrado, independentemente de estar em um local público ou privado.

Nesse campo do sagrado, da coexistência cultural e religiosa impregnada nos rituais da Congada, a imagem (04) é reveladora de sentidos que vão para além da grandiosidade revelada em primeiro plano na questão estética. Tem-se um mosaico de simbolismos e de representações, como uma guia de 3 voltas, feita a partir de conta de lágrimas, em função dos Pretos Velhos; uma guia de gomo ou feita de 3 pernas, força viva de um tempo de luta quilombola, herança recebida do grupo Moçambique Zumbi dos Palmares da cidade de Uberaba; possui ainda, conforme informações de YATNAN do Candomblé de Angola, uma guia que representa em seu sagrado, “a comunidade de escravos fugidos, geralmente judiados, cegos, sem algum membro do corpo, línguas cortadas, orelhas cortadas, os Pretos Velhos Quilombeiros, protetores dos moçambiqueiros, que são fincados nos terreiros³⁰”.

Essas identidades congadeiras e afro-brasileiras de descendência africana perpassa pelo campo do sagrado, da religiosidade e remete à memória e presença quilombola nos rituais e vivências. É portanto, de uma outra concepção histórica africana, de uma epistemologia negada pela cultura ocidental. É a lógica dos terreiros de Candomblés, onde se tem essa percepção de africanidade mais presente e por isso, Congado, Quilombo e o sagrado estão em diálogos permanentes, nem sempre visíveis, evidenciados, porém, o tempo todo vivos.

Para Dijefferson Luiz, o portador da indumentária visível na imagem (04), há outras maneiras de se ler, pois está dotada de muitos sentidos, “muita gente acha bonita, tira fotografia, dá parabéns, mas nem imagina como tem um significado grande, que essa farda, quando ela vai pra festa, não é só festa, é uma vida que a gente carrega, que tem sentido na história da gente, de nunca deixar acabar³¹”. A força dessa imagem, está na sua representação, para além do visual estético, há um sagrado que permeia toda a indumentária a vestir o corpo congadeiro. Por essa perspectiva, é possível de igual modo, inferir sobre presenças em imagens, que passa ao largo de nossas compreensões.

Imagem 04 - **Capitão do Moçambique de Angola de Uberlândia em seu traje ritual.**

³⁰ YATINAN. **Mametú-ria no Inkissi Yatinan**. YA que significa mãe e TINAN que é a Deusa do Mar. Informações de suporte ao texto obtidas em maio de 2018. Uberlândia-MG.

³¹ Dijefferson Luiz. **Capitão do Moçambique de Angola**. Depoimento obtido em 08/07/2018.



Fonte. Beatrice Queiroz, Canópolis, MG, 2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

A representação ganha sentido no momento em que ela fala no presente, de um passado até então ausente, em que o testemunho se apresenta, utilizando-se, para esse intuito,

de documentos escritos, iconográficos, imagéticos e, quanto à Congada, acrescenta-se os diversos modos de entoar canções, as diferentes maneiras de praticar a religiosidade e a representação por meio de objetos etnicoculturais como apresentados na imagem (04). Conseqüentemente, o testemunho transforma-se no início de uma operação histórica e a representação, no aparecimento por escrito,³² na concepção de Paul Ricoeur.

Se a importância do testemunho reside na sua forma primeira como sentido arquivístico, na medida em que ele ao mesmo tempo é capaz de ressurgir “no fim do percurso epistemológico no nível da representação do passado por narrativas, artifícios retóricos, colocação em imagens³³”; importante igualmente, é perceber que o testemunho voluntário pode ser alvo de problematização, em decorrência das condições quer sejam políticas, sociais, religiosas ou culturais em que a fala é produzida. Portanto, tem-se a levar em conta nessa abordagem, o que Paul Ricoeur expõe como sendo a experiência do sujeito, o que naturalmente eleva seu depoimento para um estágio de credibilidade presumida,³⁴ tanto do ponto de vista do discurso, como das imagens e dos referenciais apontados como fontes, que merecem ser consideradas, levando-se em consideração para tanto, as vivências dos próprios sujeitos.

Porém, existem questões a considerar, principalmente quando pensa-se nessas críticas e interpretações de imagens e opta-se pelos usos de autores que lidam com essa temática em outros contextos. Peter Burke é autor relevante nesse contexto, contudo, suas análises de imagens são originárias de períodos e culturas diferentes, fontes sobretudo provenientes de pinturas, notadamente em um mundo europeu. Por essa lógica, o autor problematiza o uso dessas fontes como evidências, e, conseqüentemente, da necessidade de precaução, pelo fato de que elas podem não ter sido produzidas para o propósito de determinadas investigações³⁵.

Nesse caso, o historiador pondera que a maioria das imagens podem ter sido produzidas “para cumprir uma variedade de funções, religiosas, estéticas, políticas e assim por diante³⁶”. Ir para além do que uma imagem possa a princípio parecer revelar, consiste em muito na experiência vivida junto a determinados códigos culturais que de vários modos se materializam nas imagens, compondo as indumentárias ou gestualidades dos atores sociais

³² RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.241.

³³ RICOEUR, op. cit., p. 170.

³⁴ RICOEUR, op. cit., p. 172.

³⁵ BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 233-235.

³⁶ BURKE, op. cit., p. 234.

observados, visualizando mensagens inscritas ou buscando entender as não explícitas, por meio do dialogar com os vivos, ou com aqueles que lembram e identificam pormenores presentes em imagens oriundas do passado.

Trata-se de pessoas que em sua maioria possui vínculos com suas tradições, dos lugares que veem ou de heranças dos antepassados. São pessoas conforme argumenta Stuart Hall, que “carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas³⁷”. Identidades são constituídas conforme adequações temporais, renovadas nas mudanças intergeracionais e no caso específico dos grupos culturais congadeiros, são correlatas às condições de tempo, de lugar, de relações de poder e relações sociais, de interlocuções religiosas e movimentações políticas, de disputas pelos usos dos lugares na cidade e conformações de acordo com as perspectivas econômicas dos grupos sociais, nessas circunstâncias inseridos. Identidades forjadas com intuito de oferecer coesões imaginárias, revelam suas próprias incoerências.

Decorre disso o pressuposto neste capítulo, de refletir sobre identidades quando o assunto é a prática sociocultural e religiosa da Congada a partir de testemunhos pessoais e de outros documentos identificados no presente, com a perspectiva de desvelar, interpretar aquilo que pode ser identificado como processo dinâmico da manifestação, que evidencia-se fortemente, na permanência do racismo, nas disputas por lugares, por memórias, por uma existência social e cultural principalmente, em que interações sociais e relações de poder, estão em permanente tensão. Uma noção de identidade pensada por Michel Agier, – pesquisador sobre questões identitárias na África negra e América Latina (Brasil e Colômbia) – amplia o grau de dificuldade sobre o entendimento dessa noção identitária, diante da contemporaneidade.

Em um mundo cada vez mais midiático, os indivíduos ficam perplexos, e questionadores das suas próprias existências identitárias, que se tornam nesse aspecto, cheias de vivacidades, portadoras de outras dinâmicas. Michel Agier pontua que “nesse quadro, os sentimentos de perda de identidade são compensados pela procura ou criação de novos contextos e retóricas identitárias (...) a cultura encontra-se assim mais dominada do que nunca

³⁷ HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 88-89.

pela problemática da identidade³⁸” questão essa que abarca com maior vigor a enunciação de uma identificação cultural.

Quando os indivíduos se encontram nas cidades, eles criam ou recriam práticas culturais de convivências que extrapolam o viés identitário de passado único, as relações de pertença se modificam, outros fazeres são compartilhados, a transformar inevitavelmente os “códigos de conduta, as regras da vida social, os valores morais, até mesmo as línguas, a educação e outras formas culturais³⁹”. Recomposições culturais frequentemente acontecem e elas fazem parte de uma realidade inquestionável, ainda que análises romantizadas sobre o tema evitem discutir essas questões, que se acentuam com a rapidez em que continuamente ocorrem as transformações sociais:

Em uma situação de mudança social acelerada, como a que se vive em todas as partes do mundo ao longo das últimas décadas, os estatutos sociais se recompõem e os indivíduos devem redefinir rapidamente sua posição, em uma ou duas gerações. Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva (mesmo se, para um coletivo, é mais difícil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato⁴⁰.

Não se ater, não se apegar, a uma lógica de identidade fundamentada em uma tradição cultural autóctone, e buscar, compreender essas identidades fora de uma abordagem exótica, é sem dúvida de extrema relevância. Entender mais proximamente as contradições, interações, os engajamentos dos personagens frente às realidades que eles enfrentam no cotidiano, talvez possa ser mais representativo do que trabalhar com um foco naquilo que supostamente seria uma atitude de indivíduos ancorados especificamente em princípios de ancestralidades culturais, desconsiderando suas formas atuantes de resistências e, na produção de várias táticas capazes de impulsionar e ampliar sobremaneira as suas vivências socioculturais, uma vez que viver sob uma opressão de violência física, simbólica, cultural, religiosa, política e racial, não é nada fácil.

Em outra vertente dessa discussão de identidade congadeira, os esforços empreendidos no sentido de se capitalizar politicamente o que poderia ser entendido como uma negritude congadeira na cidade são notáveis, e curiosamente, não adentra no pensamento dos indivíduos como algo generalizado, a deixar momentaneamente perceptível a fragmentação interna e a

³⁸ AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em tempos de globalização**. *Mana* [online]. Vol.7, n.2, pp.7-33. Ano de 2001, p. 01. <http://www.scielo.br/pdf/mana/v7n2/a01v07n2.pdf>. Disponível desde 21/11/2016. Acesso em 30/04/2017.

³⁹ AGIER, op. cit., p. 03.

⁴⁰ AGIER, op. cit., p. 04.

dificuldade de alinhamento direto a uma ou outra proposta política, fazendo ao mesmo tempo, o uso das individualidades como meios e anseios de acessos a determinados apoios temporários. Os grupos congadeiros se unificam quando é para lutar contra as formas de exclusão e preconceitos que na manifestação acomete a todos indistintamente, entretanto, essa mesma força não é empregada para enfrentar o *status quo* político institucionalizado.

Há dessa forma, várias vivências inseridas no campo das identidades culturais, ainda que algumas apresentem por vezes discursos antagônicos diante de determinadas circunstâncias. O que se verifica no entanto, nos festejos da Congada, como é salutar para muitos congadeiros, fotografar-se, filmar-se e encaminhar o mais depressa possível para as redes sociais, e esse é um comportamento dos sujeitos, quer sejam jovens ou adultos, crianças ou idosos. Cada geração produz em sua época um modo identitário que lhe convém no momento, de acordo com o contexto a ser enfrentado, das interações construídas na temporalidade, vivenciada pelos indivíduos inseridos nessa trama social.

Isso leva a possível interrupção de certas práticas e surgimento de outras, interferindo na construção de identidades. Em contraponto, é preciso entender que a discussão identitária nos tempos atuais produz uma noção de identidade auto-declarativa capaz de suscitar resultados contraditórios, posto que uma auto-declaração de pertencimento pode ser apropriada e utilizada quando for conveniente ao indivíduo e descartada se não apresentar benefício algum⁴¹. Com argumentação quase próxima a de Michel Agier, Larkin Nascimento⁴² apresenta a ideia de identidade enquanto uma encruzilhada entre indivíduo e sociedade, articulando-se a partir de várias referências em contato consigo, quanto com demais atores sociais e as realidades que os cercam. Nesse relacionar-se, tendo como escopo as vivências e as interações coletivas, é que esses indivíduos constituem-se identitariamente.

A pesquisadora de estudos afro-brasileiros salienta que no tocante a identidade coletiva, essa pode ser compreendida enquanto um “conjunto de referenciais que regem os inter-relacionamentos dos integrantes de uma sociedade ou como o complexo de referenciais

⁴¹ As políticas públicas de cotas raciais ilustram a realidade dessa contradição, já que várias universidades brasileiras enfrentam problemas com ingressantes brancos que se auto-declaram negros e até indígenas para favorecimento próprio no ingresso a essas instituições.

⁴² NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

que diferenciam o grupo e seus componentes, dos “outros” grupos e seus membros, que compõem o restante da sociedade⁴³”.

Outro campo discursivo não menos importante refere-se a identidade étnica na percepção de Lúcia Montes que elabora uma perspectiva com status de afirmação consolidada nos usos das indumentárias usadas por fiéis das religiões afro-brasileiras. Enumera a autora uma série de ornamentos que ao darem sentidos e novos significados de vida se projetam igualmente como visibilidade social, criando assim, conforme afirma, “outros símbolos de afirmação de identidade étnica⁴⁴”. Há autores entretanto, que optam pelo uso da categoria “étnico-racialidade”, sustentada e compreendida por Oliveira Dias, como um termo capaz de abranger “uma quantidade maior de elementos subjetivos que, cognitivamente, orientam ações, ordenam a realidade vivida e colaboram para a consolidação e ressignificação de identidades⁴⁵.”

Tem-se de igual modo a perspectiva de identidades nesse trabalho como processos constitutivos a partir das memórias, das condições existenciais de vida, e das relações de poder. Por esse ângulo, a categoria de “vivências” nesse contexto, é pressuposto de que os indivíduos congadeiros (as) elaboram diversas táticas socioculturais de enfrentamento ao racismo, à discriminação e preconceitos, que de certo modo, permitem a continuidade de suas existências identitárias no cotidiano da cidade; isso, por meio de práticas, saberes e fazeres que ultrapassam exponencialmente a noção reduzida de Congada enquanto sinônimo somente de festividade anual, cujo ciclo, desse modo, iniciar-se-ia e tão logo findar-se-ia, em dois dias de festejos realizados no mês de outubro.

De diferentes modos a prática – entendida como consciência daquilo que se pratica, que se vive realmente e não se acredita somente estar vivendo, conforme interessante perspectiva defendida por Willians⁴⁶ – dessa cultura afro-brasileira, persiste na cidade há mais de um século, por isso, o recorte temporal proposto singulariza a pesquisa sem perder de vista

⁴³ NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003, p. 31.

⁴⁴ MONTES, Maria Lúcia. As Figuras do sagrado: entre o público e o Privado. **História da Vida privada no Brasil** – contraste da intimidade contemporânea. Lilia Moritz Schwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴⁵ DIAS, Luciana de Oliveira. Diversidade e processos de identificação: um debate sobre relações étnico-raciais e de gênero. **Revista do Departamento de História e Ciências Sociais**. Dossiê: a desconstrução do racismo na História: dignidade e reconhecimento. Universidade Federal de Goiás-Campus Catalão-GO, v.10, n.1, jan-jun. 2010, p. 62.

⁴⁶ WILLIANS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 133.

no entanto, que as relações sociais constituintes da referida manifestação, não são produtos somente do tempo presente.

Reforça-se portanto, a imperiosidade de perceber identidades sem querer julgar os modos de recusas, de conformismos ou não, diante das circunstâncias, das realidades de época; enfim, sem pensar apenas em um passado à priori definido e enclausurado em uma redoma cultural de tradição que anula as vivências cotidianas dos sujeitos Congadeiros na cidade. Um passado que se encontra em constante movimento conforme os olhares, as leituras que os personagens e estudiosos possuem ou constroem a respeito desse passado, pois as experiências que as pessoas vivenciam é que moldam as suas personalidades, os seus jeitos de agir e de se posicionar perante o mundo.

Por isso, poder-se-ia a princípio pensar identidades – nesse caso em foco – como conceituação capaz de representar determinado povo em seu contexto cultural, social, religioso e político, como algo já construído, já dado, sem necessidade de questionamentos. Ao oposto, é possível perceber que identidades são criadas diante de circunstâncias adversas, como no enfrentamento ao preconceito e a discriminação religiosa, fatos esses determinantes para a vivência cotidiana dos sujeitos congadeiros (as) e da permanência da Congada no centro da cidade.

Sumariamente, cumpre destacar que a identidade como parte de um projeto dominante, passou a ser construída para manter uma estrutura territorial a partir da década de 1920 no Brasil. A ideia de norma culta nesse sentido, seria um fator utilizado como critério de política cultural. O Estado por esse viés, tornava-se em um produtor de tradições como suporte à criação de uma memória nacional. Em 1922, com o surgimento do modernismo, movimento de vanguarda e movimento cultural que possuía como projeto a valorização do bom nativismo, a busca idealizada da virgem terra mãe, a cultura popular construída pelos intelectuais; consequentemente, muitos modernistas assumem esse olhar para o Brasil a partir do interior, de índios, sertanejos, mestiços e negros, na perspectiva de levar o desenvolvimento para os chamados rincões do país.

O conceito de nação no Brasil se desenvolve de forma singular e complexa, pois não havia um território definido enquanto tradição de ancestralidade, como se os povos indígenas habitantes seculares do país, não fossem portadores de tradições. A identidade nacional será projetada ideologicamente pelo Estado que ao excluir as diversidades culturais, sociais, econômicas e políticas das regiões brasileiras, produzia uma ideia ou sentimento de nação que abraçava a todos como se fossem iguais, e, o termo brasileiro, junto com a criação de

símbolos, vai surgir por esse viés, como justificativas possíveis de promoverem uma coesão nacional.

Contudo, nos finais do século XIX e início do século XX, os resquícios de escravidão permaneciam latentes e a configuração dessa identidade não parecia tão simples. No Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Estado de Minas Gerais, tal realidade não era diferente, uma vez que, os recém-libertados e os seus descendentes no pós-abolicionismo, não obtiveram qualquer tipo de reparação material por meio do Estado e essa liberdade, sem materialidade, fez com que um enorme contingente de ex-escravizados, continuassem no campo, sob uma nova forma de exploração da força de trabalho, vivendo sob outra realidade, a de trabalhadores não assalariados. É justamente no emaranhado dessas contradições que surge o que doravante será denominado de Festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, realizada por negros que possuíam uma forte interação entre campo e cidade, no município de Uberlândia-Minas Gerais.

Não obstante, uma problemática já se apresenta a respeito dessa manifestação que não parece ser nos seus nascedouros uma Festa da Congada, e sim, um festejo religioso com o consentimento por via da conversação entre negros, Igreja e senhores de escravizados, conforme vários relatos orais Brasil afora, que circunstancialmente nesse texto, envolve uma citação do atual presidente da Irmandade do Rosário, Sr. Deny Nascimento: “Os escravos pediam licença aos senhores das fazendas e engenhos para dançar em louvor aos santos e voltar no fim do dia para as senzalas. Uberlândia e a sociedade evoluíram, mas a festa da Congada permanece⁴⁷”.

Esse fio condutor de licenciamentos, consentimentos inerentes às relações paternalistas traz à tona o que talvez permanecesse obscuro, tendo em vista que se num primeiro momento os escravizados eram liberados para a realização dos festejos, no período pós-abolição os mesmos continuavam tendo a segunda feira como parte dos rituais. De que forma interpretar essas transições, em que os trabalhadores rurais adeptos dos festejos das Congadas, junto àqueles que se encontram na cidade como trabalhadores braçais, reorganizam as ritualidades, de tal modo que essas, ao longo das décadas se tornem tão comuns, que passam a ter um status de tradição, mesmo que evidenciando situações de hegemonia e paternalismo?

⁴⁷ NASCIMENTO, Deny. **Entrevista ao Jornal Correio**. Uberlândia, 13 de outubro de 2013.

As relações paternalistas podem ser uma forma importante de mediação institucional no tensionamento das relações sociais. Nesse cenário, porém, paternalismo pode ser um gerador de equilíbrio instável de compromissos, e, ainda que exista um discurso cultural de que a hegemonia pressupõe uma dominação generalizada e totalizadora de um grupo sobre o outro, é necessário compreender que há rupturas, conflitos, contradições e que ninguém consegue submeter o outro o tempo todo, conforme nos lembra Thompson (1998).

Em Nestor Garcia Canclini, encontramos três características básicas e necessárias para que uma relação de hegemonia aconteça. A primeira está relacionada a "propriedade dos meios de produção e a capacidade de apropriar-se da mais-valia⁴⁸". A segunda contempla o "controle dos mecanismos necessários para a reprodução material e simbólica da força de trabalho e das relações de produção (salário, escola, meios de comunicação e outras instituições capazes de qualificar os trabalhadores e provocar o seu consenso)⁴⁹" e, por fim, a utilização das forças repressivas, entre elas a policial, o exército e outros aparelhos de coerção e repressão, pois esses podem "assegurar a propriedade dos meios de produção e a continuidade da apropriação da mais-valia quando o consenso se debilita ou se perde⁵⁰".

Willians já sinaliza para uma questão hegemônica que não faz parte somente de um determinado nível superior de "ideologia" e tão pouco apenas vinculada às visões reducionistas tidas como manipulações ou mesmo de doutrinamentos. Ele verifica a presença de um "conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida⁵¹" que incluem os modos como nos vemos, tanto por meio dos sentidos como de intuições de nosso mundo, reafirmando que hegemonia "é no sentido mais forte uma "cultura", mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação, vividos de determinadas classes⁵²".

Em Thompson (1998), o aspecto cultural é relevante, pois só a ação direta no sistema produtivo trabalhista não basta, sendo preciso fazer com que a ideia de capital se insira no cotidiano das pessoas, desse modo, o autor constrói um discurso contra o estruturalismo materialista sem contudo, perder sua reflexão teórica. Thompson, preocupa-se com a

⁴⁸ CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo. Brasiliense. 1982, p. 35.

⁴⁹ CANCLINI, loc. cit.

⁵⁰ CANCLINI, loc. cit.

⁵¹ WILLIANS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 113.

⁵² WILLIANS, loc. cit.

organização do tempo, juntamente com a especialização de tarefas dos indivíduos, em que o campo da cultura não é subestimado⁵³, ou colocado em segundo plano.

Ao posicionar-se favoravelmente sobre a importância de pesquisar os modos culturais e suas relações sociais, dando-lhes a devida atenção, e, não isolando-as como relíquias ou resquícios antigos de tradições, Thompson questiona uma visão marxista que privilegia e interpreta os modos produtivos alicerçados tão-somente em aspectos socioeconômicos, “pondo de lado, como secundários (menos “reais”), as normas, a cultura, os decisivos conceitos sobre os quais se organiza um modo de produção⁵⁴”. Sua posição crítica é sobretudo a respeito, da separação teórica entre uma estrutura econômica de um lado e uma “superestrutura cultural”, de outro, e conseqüentemente, assevera que essa dicotomia não resiste por muito tempo.

Singular portanto nesse sentido, é uma de suas assertivas finais sobre essa questão: “sem produção não há história”, insistiu R.S. Sharma oportunamente. Mas devemos dizer também: “sem cultura não há produção⁵⁵”. E continua: “se não podemos descrever o ser social independentemente dos conceitos e normas essenciais à existência, à reprodução da vida e aos meios da vida, como podemos classificar o ser e a consciência em duas categorias diversas?⁵⁶”. Por isso, incluir as manifestações extemporâneas do Congado, demonstra o quanto tais práticas revelam outras vivências congadeiras para além dos aspectos festivos, e oportuniza pensar não na concepção de protagonismo de uns e subordinação de outros, todavia, como teias de interações diversas que entrecruzam-se diariamente, formando amálgamas impregnados de novas formas de agir através da constituição de outros espaços sociais.

⁵³ THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 267-304.

⁵⁴ THOMPSON, Edward Palmer. Folclore, antropologia e história social. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 254.

⁵⁵ THOMPSON, op. cit., p. 258.

⁵⁶ THOMPSON, op. cit., p. 259.

1.1 Sou congadeiro, congadeiro eu sou, avô ensinou meu pai, meu pai ensinou pra mim⁵⁷.

Ser congadeiro (a), pertencer a um grupo de Congado, não significa apenas participar da festa da Congada. Além do ritual, existe um compromisso a ser vivido durante todo o ano, para que a visibilidade do momento da festa, se torne mágica e mais uma vez se concretize. Isso tudo, envolve responsabilidade com os diversos eventos que se somam no decorrer do ano para resultar em mais um acontecimento, uma continuidade de crença, de tradição, de cultura afro-brasileira constituindo-se o tempo todo em uma movimentação dinâmica.

Esse congadeiro é um ser social e nisso reside a importância de reflexão a partir da perspectiva de Thompson (1998), no sentido de se olhar para o cotidiano, observar esse cotidiano, bem como as relações ali presentes. Todo esse procedimento a ser desvelado, onde se entranham as transformações, os conflitos, as relações políticas e institucionais, os interesses, e as disputas em torno da essência da fé.

Essa identidade que se processa constantemente por meio das diversas famílias na maioria absoluta (negras) existente nessa manifestação, termina por expressar as transformações, as mudanças que vão se sucedendo a cada época e deixando nessa prática um novo jeito de ser congadeiro (a), modos esses que interagem com a modernidade, o tempo, o consumo, com novas visões de mundo. A identidade congadeira nesse aspecto está o tempo todo em construção.

Nesse processo histórico-cultural, percebe-se que o centro da cidade como que enegrece-se no tempo de festa e instiga a pensar qual força seria essa, que só a gênese de ancestralidade não explica, pois há que se considerar que junto a esse modo de prática cultural, os elementos visuais, os ritmos, os próprios artefatos rituais, os cortejos, sofrem transformações, passam por novas tendências surgidas à época dos festejos e das relações sociais cotidianas.

Por isso, a necessidade de pensar na concepção de uma fala que possa atuar socialmente, a funcionar como um "instrumento cultural, na mediação do processo de construção das identidades sociais"⁵⁸ conforme aponta Moita Lopes, igualmente a evidenciar que as ações discursivas estão "marcadas por condições sócio-históricas particulares, que

⁵⁷ Fragmento de uma canção de domínio público, cuja autoria é reivindicada por Enildon Pereira, Capitão do grupo de Congado Catupé Azul e Rosa de Uberlândia. Mesmo que seus autores sejam reconhecidos por um determinado tempo, os usos e posses, dessas cantorias, terminam por tornar-se de domínio público.

⁵⁸ MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002, p. 59.

definem como os participantes se posicionam e são posicionados no discurso⁵⁹. Esse contexto sinaliza que não se pode ter a construção da identidade como algo pré-definido e sim construída socialmente. Quando observa-se as bandeiras na Congada de Uberlândia, nota-se por exemplo, o quanto essas bandeiras, sofreram diversas transformações ao longo das décadas.

Na década de 1950, eram os homens denominados de "alferes" os condutores das bandeiras dos grupos de Congado; noutro instante, entre as décadas de 1950 a 1960, tais funções passam a ser atribuídas às mulheres que ao instituírem os estandartes com sete ou doze fitas, faz com que surja ao mesmo tempo, a necessidade de que para estar a conduzir tais fitas, as jovens mulheres fossem virgens, conforme relata Dagmar Maria: “ - tem de ser virgens, daí a gente confia, porque as mães sabem que é de uma responsabilidade muito grande né, por isso as meninas mais novas, de doze a quinze anos⁶⁰”. Essa versão é referendada por José Mendes de modo sintético: “- tem de ser virgem, essas tem de ser virgens⁶¹”.

Mais do que propriamente a significação de um status de identidade, a esse modelo comportamental está associado um pensamento que renderia outro trabalho sobre discussão de gênero e a virgindade, nesse caso, não apenas como símbolo de devoção a Nossa Senhora do Rosário, e sim, como pressuposto de que portar a bandeira sagrada naquele momento, identificada como guardiã espiritual de um grupo de Congado, deveria sem dúvida, estar nas mãos de uma jovem que possuísse entre um de seus atributos, essa concepção de ser portadora da virgindade.

O tempo no entanto é descontínuo, a identidade congadeira (o) é do mesmo modo influenciada por essa descontinuidade. Com a morte de uma geração, muitos elementos e comportamentos apreendidos e ritualizados, sofrem modificações. Isso é comprovado na atualidade quando se visualiza os componentes portadores de estandartes na festa da Congada, principalmente de Uberlândia, embora seja uma realidade constatada em outras regiões de

⁵⁹ MOITA LOPES, op. cit., p.60.

⁶⁰ Dagmar Maria Coelho. **CONGADA**. Depoimento. Dagmar é a responsável pelo Grupo Moçambique do Oriente e esposa (viúva) de José Mendes de Oliveira. Documentário. Direção de Vitor Hugo de Oliveira, 1990. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, p&b, 10' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

⁶¹ José Mendes Oliveira. **CONGADA**. Depoimento. José Mendes foi Vice-Presidente da Irmandade do Rosário e Comandante Geral da Festa da Congada. Documentário. Direção de Vitor Hugo de Oliveira, 1990. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, p&b, 10' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Minas Gerais. Foi-se o tempo em que era possível nomenclaturar esse elemento simbólico como sendo representação feminina, uma vez que exclusivamente, as meninas eram as portadoras das diversas fitas que ornamentavam os estandartes.

A presença cada vez mais significativa na modernidade, de outros personagens a portar as fitas do estandarte, de certo modo faz com que a interpretação do mesmo e igualmente sua denominação não seja cristalizada. Entre os diversos atores inseridos na composição desse artefato, já figuram ativamente os congadeiros (as) que se identificam esteticamente como homossexuais, lésbicas, transexuais, a reconfigurar o imaginário da tradição, destituindo preconceitos e ao mesmo tempo instituindo quebras radicais de paradigmas.

Se as mudanças são inevitáveis, novas identidades ao mesmo tempo são urdidas e com essas transformações, a ocorrer de modo acelerado na modernidade, um pouco do pensamento de Reinhart Koselleck é significativo para a compreensão dessas inovações e, especialmente no contexto do campo simbólico ora em análise. É de Koselleck, a definição de que as transformações modernas terminam por produzir novas experiências temporais em que “tudo muda mais rapidamente do que se podia esperar até agora ou do que havia sido experimentado antes⁶²”. As transformações contudo, seja em qual época for, provocam tais reações e muitas outras formas de sensações.

Uberlândia, apresenta um sentido de progresso imediato que as vezes contamina a cultura da Congada de tal forma que os períodos temporais se modificam abruptamente, caso seja realizada uma observação na linha do tempo em que diferentes décadas demonstram diferenças e mudanças comportamentais. Considera-se que essas transformações fazem parte do próprio tempo geracional dos sujeitos congadeiros que acompanham as mudanças de época e delas fazem usos de acordo com suas possibilidades, o que às vezes causa estranhamentos “aos de fora” e a muitos “de dentro”, quando associam certas inovações, como modernidades excessivas.

A contribuição de Reinhart Koselleck por esse ângulo, torna-se relevante para entender essas mudanças na Congada de Uberlândia, isso porque, uma de suas teorizações sobre os estratos de tempo contribui para a abordagem empreendida e possibilita por meio de comparações, problematizar, mesmo que sinteticamente, o estudo das transformações em

⁶² KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. - 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, pág. 153.

foco. Quando Koselleck chama a atenção para a importância de “aprender a identificar os diversos estratos, a diferenciar entre estratos que podem mudar rapidamente, estratos que só se transformam lentamente e estratos mais duradouros, que contêm as possibilidades da repetibilidade⁶³”; é possível delinear sucintamente de que modo em duas regiões de Minas Gerais, Triângulo Mineiro (Uberlândia) e Alto Paranaíba (Rio Paranaíba) os tempos rituais das congadas se diferem.

No primeiro acontece – até na visão dos mais antigos – uma transformação célere da tradição, perceptível por meio das mudanças que ocorrem nas vestimentas, dos ritmos percussivos apressados, acelerados, das canções não mais de improvisos e quase todas ensaiadas, a tornar-se no que muitos congadeiros denominam de “temas”; do número maior de grupos e de componentes, o que é muito interessante; dos adornos, acessórios, óculos pretos, amarelos, azuis, de todas as cores, e entre tantas outras situações modernas, o tempo de ritual apresentado conforme determinação de um cronômetro⁶⁴.

No segundo caso o inverso acontece, mesmo que o antigo arraial tenha se transformado em cidade e a população aumentada significativamente, ainda assim, os rituais da Congada parecem ter estacionado nos tempos passados, com raríssimas modificações. Talvez, o fato do processo sucessório geracional acontecer de modo lento, propicie ao mesmo tempo a permanência do ritual com raras modificações há mais de três décadas⁶⁵. Em ambos os eventos tais análises são resultantes da leitura dos festejos registrados em audiovisuais compreendendo as décadas de 1987 a 2016 em Uberlândia e as décadas de 1997 a 2017 em Rio Paranaíba.

Por tais motivos, causa surpresa entre os próprios congadeiros jovens de Uberlândia a descoberta de que bandeiras no passado não eram portadas por meninas ou crianças, todavia sim, por homens. A imagem (05), logo em seguida – em que se vê da esquerda para direita, Zé Araxá, Nivaldo e José Mendes – é uma fotografia que compõe um conjunto de vestígios sobre a época em que os homens eram os guardiões das bandeiras. Nessa época (décadas de 1930 a 1950), usava-se a expressão de *alferes*, para identificar os homens bandeireiros, o que denota as transformações dos usos de identidades nomenclaturais conforme o passar dos tempos, e novas formas de abordagens dessa manifestação. O uso de chapéus panamás, é uma

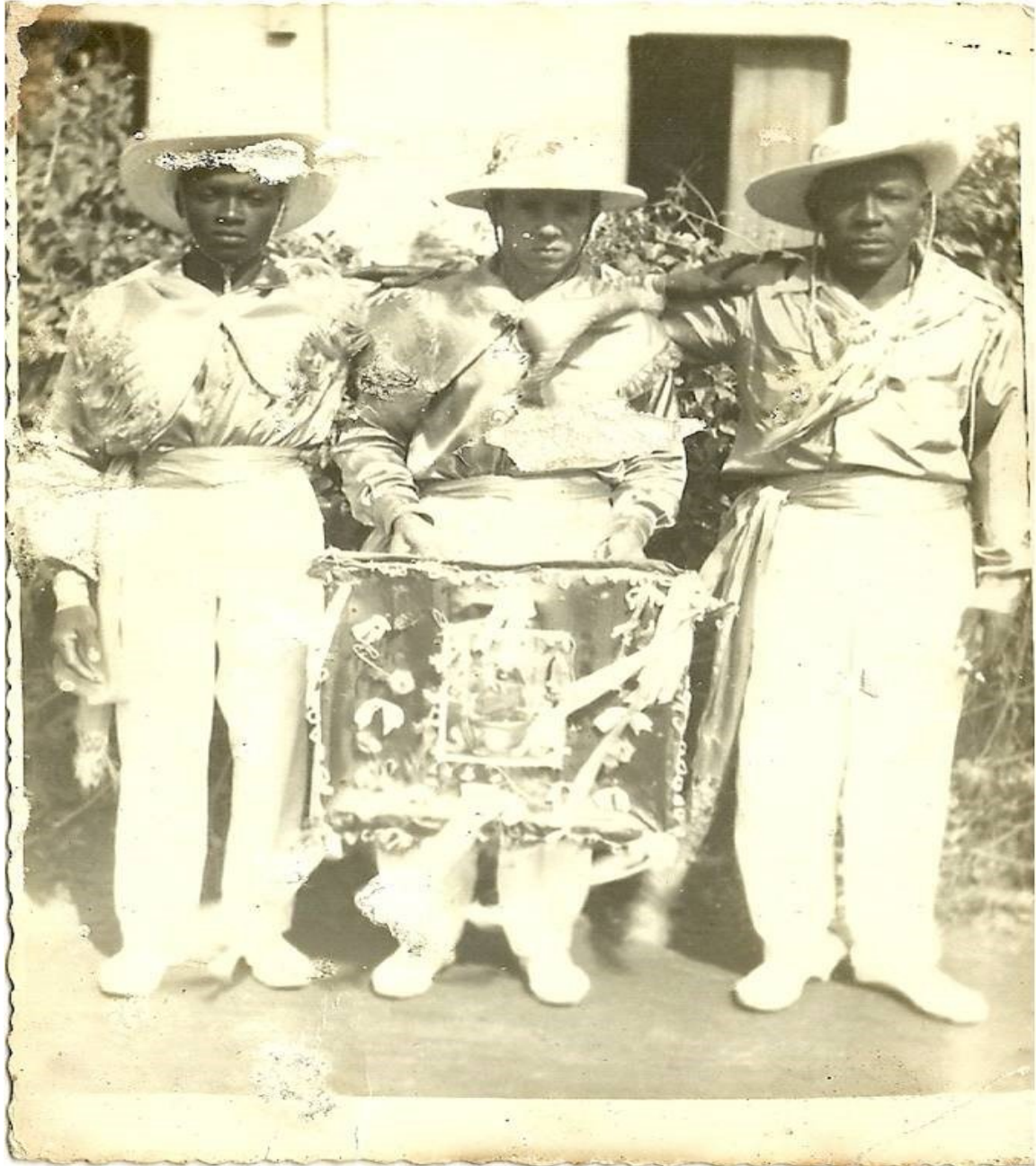
⁶³ KOSELLECK, op. cit., p. 221.

⁶⁴ **Festa da Congada em Uberlândia nos anos de 1987 a 2016.** Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

⁶⁵ **Reinado do Rosário em Rio Paranaíba-MG nos anos de 1997 a 2017.** Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

conexão com a moda e os costumes de uma época, e que por ocasião das festas notadamente, não só caracterizavam a relação campo e cidade, como revelava igualmente, uma significação de identidade visual bastante comum aos congadeiros daquela época.

Imagem 05 - Alferes portador da bandeira do Congo Camisa Verde de Uberlândia, década de 1950.



Fonte: Rubens Assunção. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Figurativamente, essas bandeiras ou estandartes a depender das regiões de Minas Gerais, representam várias simbologias e vários santos. Contudo, nem por isso foram como atualmente aparecem nas congadas, bem trabalhadas, bordadas, estilizadas. Antes, eram de panos de linho, sacos de moá, confeccionadas até com palhas de milho, ornamentadas com linhas de cipó, linhas de folhas de bananeira. Por isso, ao decorrer das décadas, essas representações identitárias dos grupos de Congado, passaram por uma transformação que é bastante materializada na Congada de Uberlândia⁶⁶.

Explica-se essas mudanças por se tratar de uma prática que perpassa por um processo histórico. Se num primeiro momento, prevalece a simbologia de guerra nos estandartes, com o passar dos tempos e a dinâmica dos festejos, terminam por incorporar outras materializações visuais. Quanto às bandeiras, a elas são atribuídas a função de ser a primeira porta de entrada, de fechar os corpos dos congadeiros antes de iniciarem suas jornadas, de proteção e energização espiritual de um grupo em desfile ou cortejo ritual, portanto, portar uma bandeira em uma festa da Congada, é uma força simbólica e de tradição, de representação imensa.

O advento da presença feminina, seria de que, desde os tempos de antes, eram elas, as mulheres, as portadoras das bandeiras dos grupos de Congado. Contudo, com o desvelar de outro passado, dois discursos entram em cena para justificar tal presença. Segundo o coordenador de eventos da Irmandade do Rosário, Rubens Assunção, a presença feminina na Congada como bandeireiras, ocorre nos fins da década de 1950, quando dois capitães, José Rafael do Congo Sainha e José Mendes do Congo Camisa Verde decidem implementar as “bandeireiras e estandartes”, deixando a entender que tal participação tenha sido uma concessão dos homens e não uma conquista das mulheres⁶⁷.

Não é demais de outro modo, inferir-se que a presença dessas mulheres a portar bandeiras ou estandarte tenha sido uma influência do surgimento das Escolas de Samba na cidade, justamente na referida década, as quais evidentemente, traziam os *Mestre Salas* e as *Porta Bandeiras*. Essa interação entre Carnaval e Congada é muito forte em Uberlândia, assim como influenciou na introdução de instrumentos a partir da década de 1950, pode ter contribuído sem dúvida alguma, para uma presença efetiva das mulheres em seus desfiles e rituais públicos.

⁶⁶ Jeremias Brasileiro. **A artesã de estandartes**. Entrevista ao programa: Uberlândia de ontem e sempre. <http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/a-artesa-de-estandartes/> - Disponível em 17/11/2014. Acesso em 24/01/2017.

⁶⁷ Rubens Aparecido Assunção. **Coordenador de eventos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito**. Entrevista realizada em março de 2010.

Antônia Aparecida Rosa, responsável pelo grupo de Congado Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, credita às mulheres um papel fundamental na organização da Congada e do Congado, quer seja como esteio da manifestação nas lidas diárias, na contação de histórias e das memórias às crianças, na energização espiritual que antecede aos festejos, ou, enquanto trabalhadoras domésticas e do lar, a sustentar junto aos homens, a sobrevivência orgânica das famílias⁶⁸. Importante é que uma vez superada momentaneamente essa questão que sem dúvida merece um estudo diferenciado, há de se perceber essas mulheres na Congada em outras dimensões sociais. É fato que acessórios estilísticos causam impactos visuais que reforçam identidades, não se pode esquecer entretanto, que as mulheres estão presentes na Congada e no Congado desde os princípios da escravidão.

Essas mulheres são na realidade, as lideranças centenárias, octogenárias, cinquentenárias, que enfrentaram e enfrentam há gerações, as batalhas cotidianas contra todo tipo de preconceito, de abuso, de opressão, para sobreviverem e chegarem ao século XXI, entregando essa tradição a uma nova juventude, juventude essa que impulsiona essa manifestação com um viés contemporâneo, que às vezes aponta para mudanças estruturais significativas. Na imagem (06), está incluída personagens essencialmente vinculadas a religião não só cristã católica, mas sobretudo da Umbanda, da Tenda Coração de Jesus. São mulheres que continuam no século XXI, professando essa religiosidade no local denominado de Cantuã (terreiro) de Dona Irene Rosa, a primeira mulher a constituir um terreiro de Umbanda na cidade de Uberlândia, de modo institucionalmente público.

⁶⁸ Antônia Aparecida Rosa. **Presidente do Grupo Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário**. Depoimento, 22 de Julho de 2011.

Imagem 06 - **Catupé Nossa Senhora do Rosário do Bairro Martins, década de 1970.** Em Frente ao Cantuã Dona Irene Rosa (Tenda Coração de Jesus). Fonte: Maria Irene Arantes. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.



Da Esq./Direita. Em primeiro plano inferior à esquerda, as jovens de “fitas dos estandartes”; as 04 primeiras são Mariinha, Janaína, Marlene e Valdete; outras 04 ao fundo, no segundo estandarte: Joana, Vera, Lucinha, Maria Iolanda; no plano direito, de frente e ao lado esquerdo do primeiro estandarte, estão: Lúcia, Maria Jaciara e Sônia; ainda no plano inferior direito, duas jovens mais à frente do primeiro estandarte: Lúcia Helena e Joana Darc.

No plano central à esquerda, olhando à frente, está Roque Silva (Pai Roque). Na sequência, neste mesmo plano, os 03 catupezeiros e seus acordeons: o primeiro é José Matinada, o segundo Sr. Acrísio, o terceiro, Tio Alcides.

No plano central à esquerda, um” banjo” nas mãos do Sr. Lázaro e à sua frente, o garoto Moisés com um pequeno chocalho. Como informações complementares, ainda figuram nesta imagem: João Passarinho, Paulo Luís, Sr. Euclides, João Matinada (Capitão), Jesus Jeremias, Maria Natividade (conhecida por Maria Capitã, faleceu aos 105 anos), além de no passeio, os espectadores, simpatizantes e cozinheiras do Catupé Nossa Senhora do Rosário. Fonte: Mãe Irene. Acervo digital do pesquisador.

As imagens podem ser suporte discursivo que refletem realidades de uma determinada época e igualmente contribuem para demonstrar as mudanças ou transformações ocorridas em dado período, assumindo desse modo a importância de documento histórico, de representação da presença negra feminina e de seus corpos a desfilarem pelas ruas, na década de 1970.

Diante desse contexto, vale ressaltar que Stuart Hall em seus estudos culturais, ao abordar o mundo cultural dos negros e seus repertórios de contranarrativas, sugere que é preciso pensar em “como essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural⁶⁹” que possuíam, a trabalhar em si mesmos “como em telas de representação⁷⁰”. Já o pensador e filósofo, Paul Ricoeur, atribui uma importância significativa da memória, ao ser revisitada por imagens, lembrando que “a referência à existência de uma anterioridade por meio de imagens, pode ser importante para lidar com a questão da memória⁷¹”.

É sintomática a percepção de que a identidade do congadeiro (a) está quase que umbilicalmente nesse contexto local, associada igualmente aos terreiros de Umbanda e Candomblé, sendo raríssimos, quase que exceções, os grupos não interligados direta ou indiretamente a essa outra vivência de fé. Acrescente-se de igual modo, a forte presença das mulheres enquanto matriarcas sacerdotais que se apresentam tanto quanto guardiãs dos saberes rituais quanto da resistência das famílias negras imersas nessa seara cultural e religiosa. Isso explica-se em Uberlândia, onde os grupos de Congado, estão interligados em sua quase totalidade, aos terreiros de religiosidade, sendo que alguns inclusive, possuem os seus lugares de rituais e reuniões, dividindo o mesmo local em que se assenta o axé, o santo, ou orixá.

Nessa perspectiva é preciso apontar outra questão que é recorrente, sobre a presença da mulher na Congada como componente ativa nas funções outrora exercidas só por homens. De portadoras de bandeiras a carregadoras de estandartes, elas ocupam a estrutura de um

⁶⁹ Diáspora pressupõe a nosso ver, um sentido mais amplo do que somente cultural, sendo a sua essência resultante do deslocamento de pessoas, conseqüentemente envolve deslocamento de ideias, conhecimentos técnicos diversos de um povo, histórias, ciências do saber, no caso dos escravizados, saberes que vão da medicina à produção agrícola, das técnicas de garimpagens e minerações, às artes em suas mais variadas dimensões.

⁷⁰ HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv. (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 324.

⁷¹ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 242.

grupo de Congado, sendo presidentes, capitães, mães de santo e protetoras espirituais e, igualmente são percussionistas de vários instrumentos.

Embora falar desse assunto tendo como ênfase a cidade de Uberlândia pareça algo comum do ponto de vista escriturário, em diversas regiões de Minas Gerais, as mulheres não são coadjuvantes ou partícipes, há inclusive grupos de Congado formados somente por mulheres, ou, grupos nos quais os homens participam apenas como tocadores de caixas, com as funções ritualísticas sendo de responsabilidade exclusiva das congadeiras.

Se de um lado, uma ancestralidade matriarcal – aqui pensada enquanto histórica, simbólica, diaspórica – fornece a energia espiritual para a manutenção da tradição em meio às suas constantes transformações, de outro, os enfrentamentos para se fazer presentes nas linhas de frente dos grupos de Congado permanece do mesmo modo. E o mais interessante é que os tensionamentos entre aquilo visto como tradição pode ser evocado em momentos distintos, colocando em choque mulheres que optam por manter vivo no presente o passado herdado de suas mães e avós e as jovens que anseiam por novas estéticas corporais, quer seja no uso de indumentárias mais estilizadas ou do próprio gestualizar do corpo.

1.2 Oralidades congadeiras no campo midiático: narrativas e representações diversas.

Pensar identidades é sobretudo refletir sobre transitoriedades, pois, na realidade, as transformações são inerentemente constantes, onde o passado não é de modo algum espelho real do presente, a tradição do agora, é reflexo do que um dia anteriormente foi, e não uma cópia tal qual um dia possa ter acontecido. Contextualmente, trazer à discussão as afro-descendências congadeiras, relativizando-as com as questões identitárias e, de passagem vinculando-as ao passado de tradição sem que haja uma análise crítica, é incorrer no equívoco de folclorização de um modo cultural de existir e de elaborar táticas de vivências diárias.

A generalização contribui para que exista um desvirtuamento do que possivelmente possa vir a ser real ou próximo de algo mais identificável, pois é notório que na Congada os sujeitos reinventam-se anualmente e para comprovação dessa tese, basta uma observação cuidadosa no quanto há de transformações nos ritmos, nas canções, nas produções, nas maneiras de criar as canções, nos vestuários, nos próprios rituais, todo esse arcabouço permite caracterizar os grupos e seus componentes não como identidades fixas com fundamentos idênticos aos que foram objeto identitário, inclusive em um passado mais recente, e sim, como realidades que estão o tempo todo em processo de construção na maioria absoluta dos grupos.

Sem propósito de enveredar com densidade pela crítica de análise do discurso, o testemunho, quer seja obtido por meio de entrevista ou depoimentos gravados em áudios, audiovisuais, ou somente em anotações, revela por vezes algumas nuances. Um mesmo personagem é capaz de transitar falando do mesmo tema em dimensões distintas e pode igualmente discorrer sobre o mesmo assunto outras tantas vezes de um modo diferente, haja vista que suas memórias podem ser acessadas e redimensionadas de acordo com o diálogo existente.

Como referenciais de problematização, faz-se uso de fontes que estão presentes em audiovisuais constituídos de documentários, reportagens televisivas e entrevistas acadêmicas. Para efeito de identificação desses atores sociais concernentes a esse tópico em particular, os componentes são identificados com a nomenclatura de M.H.Congadeira (2) e S.M.Congadeira (3). Veja-se inicialmente, um depoimento para fins acadêmicos, no qual M.H.Congadeira (2) fala a respeito da sua vivência no Congado e revela que o racismo não foi capaz de impedir a presença da comunidade negra em Uberlândia.

Isso aqui sempre teve um povo que foi racista, já é doença antiga deles essa coisa de não gostar de negro, acham que tudo é bagunça. Quando a gente desce com nosso povo, com nossa fê, com nossa gente, aí aparece mais né,

até urina já jogaram na cabeça dos congadeiros aqui na Floriano Peixoto [década de 1990]. Isso de racismo aqui vem desde lá dos nossos avós que tanto lutaram contra, a gente continua lutando até quando Deus quiser. Depois vem esses meninos né, as meninas, vão ter de continuar resistindo, Duvido que o racismo acaba aqui no centro, só se um dia a gente sair daqui, daí sim acaba pra eles, mas pra gente continua do mesmo jeito⁷².

É uma fala testemunhal explícita de como M.H.Congadeira (2) não só percebe, como vivenciou e vivencia, a dinâmica do racismo no centro de Uberlândia em pleno século XXI. A exteriorização dessa vivência compreende um período que abarca o passado racista vivido por seus avós, chega ao presente, presenciado por M.H.Congadeira (2) e ela, pressupõe que seus meninos, meninas [jovens do grupo de congado] terão de continuar a luta contra tudo isso que parece não ter um fim. Nessa mesma linha de raciocínio, na qual revive-se uma latência de racismo na cidade, depara-se igualmente, com os testemunhos do Congadeiro Luís Carlos Miguel e de Valéria Miguel, ambos do Moçambique Pena Branca⁷³.

Luís Carlos Miguel - essa Igreja aqui [Igreja do Rosário], era separada, os brancos queriam pegar ela, tirar nós daqui, mas Deus é tão grande, que isso aqui foi tombada, e vão tombar [registrar], a praça também, nós, era para estar lá na Tubalina [Bairro periférico], escondido no meio do mato, os brancos aqui é que mandavam, tinha o clube dos brancos, tudo era dos brancos, nós sempre fomos menos favorecidos, tinha até clube dos negros, mas não tinha piscina. Mas aqui, não queriam essa festa aqui!

Valéria Miguel – eles [os brancos] não queriam que existisse isso mais, eles não aceitam nós aqui. Para eles, não tem que existir isso aqui mais, cultura não tem que existir! Tem que existir sim! Nós estamos aqui, nós queremos continuar a tradição! Nós somos uma cultura, nós somos gente também! Nós temos direito de ficar aqui e mostrar a nossa alegria, o nosso amor⁷⁴.

Importante ressaltar como em outras circunstâncias, que os depoimentos a respeito da segregação racial em Uberlândia principalmente no tocante à festa da Congada e a presença dos negros no centro da cidade, é recorrente, essas falas atravessam as gerações por se tratar de uma experiência, que foi vivida por muitos e continua sendo percebida, enfrentada, na contemporaneidade, em especial nos tempos dos festejos congadeiros, realizados no mês de outubro.

⁷² M.H.Congadeira (2), 61 anos. **Racismo e Congado**. Depoimento obtido em outubro de 2013, durante realização da festa da Congada de Uberlândia.

⁷³ Luís Carlos Miguel. **O Congado e o racismo em Uberlândia**. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Projeto de intervenção urbana como tática e arte-educativa. Encontro com foliões. Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 5' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

⁷⁴ Luís Carlos Miguel & Valéria Miguel. **Discriminação racial e espacial em Uberlândia**. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Projeto de intervenção urbana como tática e arte-educativa. Encontro com foliões. Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 12' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia - MG.

Por outro lado, referente ao mesmo assunto, só que para uma equipe de reportagem de Televisão local, M.H.Congadeira (2), expõe seu pensamento sobre a festa da Congada e a relação com as pessoas que moram nos edifícios centrais. O testemunho, parece contradizer a sua fala anterior, caso não seja levado em consideração, que os discursos são carregados de sentidos e produções, de acordo com o lugar, e, do mesmo modo, para o público a que serão destinados naquele instante, além das temporalidades:

A nossa festa é linda! É uma festa para Nossa Senhora, para São Benedito. É uma festa católica! Hoje, na hora que a gente passa, tem gente lá de cima (edifícios), batendo palmas. Na procissão, linda a procissão, a gente olha pra cima, tem gente lá, o pessoal joga confetes pra gente. Antes não, quer dizer, a gente também mostrou para as pessoas que não é daquele jeito⁷⁵.

Por não se tratar o depoimento de M.H.Congadeira (2), de uma entrevista “ao vivo”, é necessário refletir sobre o mesmo, para não incorrer no risco de fazer uma análise literal do discurso. Será que na íntegra da gravação, o ponto de vista externado por M.H.Congadeira (2) teria sido unicamente esse que o telespectador ouviu e viu? Ou é possível a existência de “cortes” na ilha de edição, momento em que o editor da matéria possa ter optado pela veiculação de um discurso harmonizador?

As imagens e os audiovisuais como fontes documentais também produzem mensagens. Aprender esses pormenores de modo crítico é importante, pois “nenhuma imagem é isenta de sentido (...), só que o sentido da imagem não está apenas naquilo que mostra, mas no modo como mostra⁷⁶”, alerta-nos Miriam Rossini. São nas ilhas de edições, que são determinados os cortes, as falas, os personagens que compõem determinados tipos de reportagens.

A memória é um campo importante de suporte à pesquisa quando nessa se faz uso de testemunhos, mas tendo-se o cuidado de notar que ela não é de forma alguma constituída de realidades fixas. A visão analítica do historiador é diferente do sujeito que protagoniza a criação, a rememoração de um sentido ritual histórico com uma interpretação própria, conforme sua temporalidade, o que conduz à observação da memória como passível de estar

⁷⁵ M.H.Congadeira (2). **Série: Congada - 100 anos de história**. Entrevista editada. TV Integração de Uberlândia, 04/10/2016. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 5' (NTSC). AcervoDigital/Jeremias Brasileiro. Uberlândia-MG.

⁷⁶ ROSSINI, Miriam de Souza. O Lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 114-115.

sujeita a um fluxo descontínuo, pois o relato não reproduz continuamente o mesmo discurso como proferido da primeira vez.

Nesse caso em específico a constatação é resultante de uma análise comparativa dos testemunhos de um mesmo personagem para pesquisadores diferentes, oportunidade em que a memória referente a um objeto ritual é interpretada de modo distinto após leitura de testemunhos da personagem S.M.Congadeira (3)⁷⁷. O objeto ritual em questão, pau de fita ou trança de fita, ganha configurações diferentes no período de uma década. Para S.M.Congadeira (3), em um primeiro momento era tido como dança de alegria, festiva, para assumir posteriormente a noção de família, de comunidade, de africanidade e, em seguida, um cenário de ondas, de mar, de travessias, de diásporas, e uma outra função, de dançar para os deuses, de reverenciar os santos e lembrar lutas dos afro-brasileiros desde os tempos de escravidão.

Esses comportamentos, essas alternâncias de discursos estão associados à existência de outros diálogos e de seletividades de memórias que os próprios personagens produzem em seus encontros com vários grupos durante as festas, bem como acesso às mídias diversas em que depoimentos de congadeiros, muitas vezes são incorporados nos discursos desses personagens, fazendo que à memória de um mesmo objeto, possam ser atribuídos diversos significados. Nisso consiste a possibilidade de uma memória não estática, que sofre alternância de tempos em tempos, ou como diz Samuel Raphael, em suas análises, que essa memória muda de cor, de forma, conforme o que ocorre no momento, e que por esse motivo, mais do que ser transmitida pelo “modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração a geração⁷⁸”.

Entende-se que mídias eletrônicas portam discursos de várias naturezas, elas fazem circular informações que são apreendidas pelos sujeitos congadeiros, e esses sujeitos fazem usos desses conhecimentos, em suas interlocuções e entrevistas. Contudo, isso não elimina a necessidade de tratar essas fontes com o cuidado que se requer. São ao mesmo tempo produtos interessantes para ser manipulados como documentações históricas em determinadas circunstâncias, desde que tenha-se a percepção dos modos de produções dessas mídias, quem a produziu, para que público foi produzida, qual data a ser exibida, trata-se de matéria fria –

⁷⁷ S.M.Congadeira (3). Depoimento obtido em outubro de 2010, durante realização da festa da Congada de Uberlândia.

⁷⁸ SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista brasileira de história**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, n. 19, p. 44- 45, set.1989/fev.1990.

entrevista gravada para ser posteriormente editada e exibida? – ou de uma matéria quente? – entrevista realizada ao vivo –, tudo isso interfere no discurso final que é transmitido ao público.

A historiadora Miriam Rossini, destaca que independente de qual seja a origem desses audiovisuais, das narrativas que eles contenham, é necessário entender que existe alguém que relata, “um narrador que se coloca em um determinado lugar de fala (que é o seu ponto de vista), e que a partir daí seleciona algumas coisas e não outras; enfatiza umas, mas não outras; prefere alguns personagens a outros⁷⁹”. Tem-se por meio dessas análises a elucidação de que produções de audiovisuais podem ser carregadas de intenções, de interesses individuais ou de grupos, e que, inclusive, podem escapar ao controle dos próprios produtores, conforme sugere, Miriam Rossini.

A imagem audiovisual, portanto, é o resultado de uma série de ações, feitas num dado momento e por um grupo de pessoas, cada uma com os seus interesses e as suas idiossincrasias. Por isso esse tipo de imagem é sempre mais complexo do que pretendem aqueles que a produzem; nelas interagem diferentes olhares sobre o social, que nem sempre se ajustam. As tensões permanecem latentes, prontas para serem resgatadas pelo olhar atento de um pesquisador⁸⁰.

Isso implica em reconhecer que o audiovisual ao ser tratado como documento histórico, encontra-se de igual modo sujeito à crítica por parte daqueles que desse suporte utilizam-se como fontes de pesquisas. Concomitantemente entende-se também que “trabalhar com esse tipo de imagem requer um preparo do pesquisador, para que ele não se enverede pelo caminho fácil da análise textual, deixando de lado todo o código visual que está presente nas produções de audiovisuais⁸¹”, quer sejam documentários, reportagens, entrevistas editadas e disponibilizadas ao público e outros meios de mídias eletrônicas.

Como bem assevera Miriam Rossini, fica mais apto a fazer uso dessa ferramenta – audiovisual – enquanto fonte e naturalmente pesquisa histórica, o pesquisador que consegue no mínimo “questionar o lugar de fala dos realizadores; o enfoque adotado, a escolha das fontes; dos fatos selecionados⁸²”, de uma película que propõe reconstituir um evento histórico, ou de qualquer outra natureza acessível por meio de audiovisuais.

⁷⁹ ROSSINI, loc. cit.

⁸⁰ ROSSINI, op.cit., p. 115.

⁸¹ ROSSINI, op.cit., p. 116.

⁸² ROSSINI, op.cit., p. 120.

Enfim, importante nesse aspecto é “avaliar essa forma de evidência, desenvolver um tipo de crítica que possa levar em conta as características específicas do meio de comunicação, a linguagem da imagem em movimento⁸³”. Sabe-se que documentos audiovisuais, quando se trata de manifestações como as Congadas, podem inclusive passar por uma espécie de “performance encomendada”, termo usado por Peter Burke, apresentando uma cópia de ritualização do evento, que por diversos fatores, não é ou foi possível de ser registrado, no momento real de seu acontecimento.

⁸³ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 194.

1.3 A presença sistêmica do racismo na sociedade uberlandense: é no Congado, é no carnaval, é na religião.

A partir de algumas percepções de Certeau, nota-se visivelmente que a cultura e a tradição, não são lugares de coisas estáticas, de objetos inertes e sequer como um “corpo considerado estranho, estraçalhado a fim de ser exposto, tratado e “citado” por um sistema que reproduz, com os objetos, a situação que impõem aos vivos⁸⁴”. Por meio de premissas idênticas a essas, está norteado o entendimento de que o cotidiano cultural dos grupos de Congado é constituído de espaços múltiplos que oportunizam aos seus atores um trânsito cultural composto de várias modalidades que contribuem para as permanências, descontinuidades, transformações e continuidades das vivências e práticas congadeiras. Por isso, essa cultura está conectada com as vivências, com as experiências e igualmente relacionadas aos códigos simbólicos dos grupos de Congado, que vivenciam cotidianamente essa prática que dá sentido às suas vidas.

A visão de Nestor Canclini de que a cultura popular "não é um conjunto de tradições ou de essências ideais, preservadas de modo etéreo",⁸⁵ aproxima-se da análise aqui pensada em que o popular é um conceito a ser utilizado enquanto diferenciação de uma elite cultural dominante, embora talvez essa oposição não seja necessariamente a ideal. Ressalte-se ainda que cultura popular, ou manifestação cultural quando o conceito em discussão é o Congado (a), reflete organicamente o lugar que esse fazer cultural ocupa que é a rua, a praça, as casas, os quintais.

Ocupação essa que expande-se, atinge uma das avenidas principais de um modo inusitado, e de tal forma, que permite conjecturar a respeito das diferenças culturais capazes de evidenciar um dos motivos pelos quais a cultura popular aqui é pensada antagonicamente à cultura vivenciada por determinado segmento social diferenciado. Essa contradição ocorre quando a festa da Congada, surge anualmente com toda a força, e ocupa a Praça do Rosário no centro da cidade e suas imediações, que igualmente é frequentada, mas durante todo o ano, por uma elite constituída preferencialmente de pessoas brancas, *point* de encontro de jovens que frequentam os bares, as boates e o entorno da Praça do Rosário, contudo, para esse grupo social, o logradouro é denominado de Praça da Bicota ou Praça Rui Barbosa.

⁸⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 89.

⁸⁵ CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo. Brasiliense. 1982, p. 42.

Estabelece-se desse modo um campo de disputa, quando a festa acontece e rompe com a hierarquização. Os que se acham donos do lugar, ficam incomodados, reagem, e a maneira de reagir é com a inferiorização da festa e de seus sujeitos protagonistas. As argumentações que surgem são no sentido de, e, no desejo de que os congadeiros deixem de ocupar essa Praça do Rosário, que lhes confere visibilidade, ainda que seja uma vez por ano.

Quando chega o mês de outubro e principalmente no segundo domingo, a Praça do Rosário é paulatinamente tomada pelo ressoar de centenas de tambores e de milhares de pessoas negras e centenas de não negros, que ocupam o hipercentro da cidade, interferindo abruptamente no cotidiano urbano, pelo menos em dois dias consecutivos, a fazer ressurgir com maior vigor, o que estava em estágio de espera, o racismo que desperta e revela sua face por meio de discursos preconceituosos.

Entre esses preconceitos, Carlos Abel, gestor cultural e empresário, relata: "é o racismo camuflado, mas ele explode quando acontece a festa da Congada, quando ela ocupa as ruas e incomoda os moradores: - "vocês param o trânsito por causa dessa negrada, tinha de tirar essa coisa bagunçenta daqui". Mas ninguém reclama oficialmente, por escrito⁸⁶". Cabe entretanto ressaltar que o fato do discurso racista não ser protocolizado, de renegar o escrito ou o dito, isso não significa que o racismo deixe de existir, pois mesmo na ausência da confissão, a presença, o mal estar produzido, é pressentido por quem com esses atos racistas convive em ambas as dimensões.

É que a Congada resiste e essa resistência faz o racismo tornar-se visível, em tempos de festa, pois se os negros levassem o festejo para outro lugar, o racismo permaneceria no campo da invisibilidade. O músico e congadeiro João Batista sintetiza em seu relato essa inquietação: "- parece que quando chega o tempo de festa, o racismo fica acentuado, acho que o som dos tambores provoca isso, é cada coisa que a gente escuta, nem dá para acreditar que estamos no século XXI⁸⁷". Isso não exclui a existência de outro modo, de uma latência racista que permeiam relações cotidianas, nas quais, os congadeiros vivenciam no dia a dia da cidade, e que são camufladas por meio de discursos subterrâneos que nem sempre se materializam na superfície da realidade.

Embora o conceito de latência esteja associado ou influenciado pela leitura de Gumbrecht (2014) que considera a impossibilidade de dizer com certeza absoluta onde pode

⁸⁶ Carlos Abel. Empresário e gestor público (Funcionário da Secretaria Municipal de Cultura), 55 anos. Depoimento, 28/12/2016.

⁸⁷ João Batista. Músico, congadeiro, aposentado, 60 anos. Depoimento, 19/07/2013.

estar localizado aquilo que é percebido como latente e mais que isso, pela razão de essa latência passar por mudanças enquanto permanece camuflada⁸⁸, entretanto, enraizada culturalmente, compreende-se que é possível deslocar em parte esse conceito e utilizá-lo ocasionalmente no estudo proposto, sem desconsiderar entretanto, que a permanência do racismo na cidade é de diversos modos, explicitada.

É um racismo que apresenta-se perceptível e conecta-se com a fala de uma das participantes das festas culturais, Lúcia de Souza Cruz, que diz o seguinte: “- sempre teve muito racismo aqui em Uberlândia. Então, quando a cidade começa assim, as pessoas que vai entendendo a cultura da cidade, vai levando e não consegue sair, infelizmente, Uberlândia não conseguiu sair do racismo, até hoje não conseguiu⁸⁹”.

Involuntariamente, esse depoimento transita para o campo interpretativo, que é o de ponderar sobre o racismo como latência e permanência contínua, devido a educação ou formação cultural e política, nomeadamente vinculada a uma classe social privilegiada, e, sendo esse processo constantemente alimentado, a tendência é de torná-lo latente a qualquer momento. Talvez, pensar em um conteúdo de racismo que desperta ao ser tocado seja uma definição mais próxima desse contexto aqui exposto, em que os atores da cultura popular identificam os discursos e ações discriminatórias e, sabem os lugares mais comuns em que essas falas são produzidas. Trata-se naturalmente de um racismo que se torna materializado quando os sujeitos congadeiros e também não congadeiros, contudo e sobretudo negros, reafirmam o seu direito de ser e existir como negro e uberlandense, como pertencente à cidade que ajudaram a construir.

Das formas de latência em Hans Ulrich Gumbrecht (2014), uma delas é associada a um movimento vertical que se projeta de cima para baixo como “é o caso de alguma coisa que cai do nosso lado e que ninguém repara, até o momento que se nota sua presença⁹⁰”. Possivelmente, significação análoga pode ser aplicada ao testemunho de João Rodrigues (Mestre Bolinho) que denota estar envolto em densa névoa, na qual o racismo subjetivamente é presenciado de um modo que não se vê, mas que persiste: “- Até hoje é forte. Alguns

⁸⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Depois de 1945**: latência como origem do presente. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 40.

⁸⁹ Lúcia de Souza Cruz. Componente da Folia de Reis Pena Branca do Bairro Patrimônio, partícipe do Congado e do Carnaval de Uberlândia. **Festa em Patrimônio**: sombra nos edifícios. Documentário. 50m. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

⁹⁰ GUMBRECHT, op. cit., p. 33.

lugares que a gente chega, estou de costas e estou imaginando o que estão falando, porque é isso, todo lugar que chega um negro, qualquer repartição, eles olham, eles olham⁹¹”.

Por meio desse relato, compreende-se o quanto “viver na certeza de uma presença que não tem identidade (poderia ser) viver num estado de latência⁹²”. Poderia, pois na realidade, diferente dessa percepção de Ulrich Gumbrecht, no caso do sujeito negro, existe visibilidade social, quando é para discriminar, negros são identificados com a imagem de excluídos, de pobres, são ignorados e tratados de modos diferenciados nas relações sociais cotidianas. A fala em evidência, que é de João Rodrigues, para um vídeo-documentário que trabalha a relação dos moradores do bairro Patrimônio com a cidade e com aqueles que chegam erguendo edifícios e produzindo cercamentos sociais, é um sintoma dessa forma de sentir-se permanentemente vigiado.

Não obstante, outro discurso presente no referido documentário, traz à realidade os mecanismos de lutas e de vivências culturais demonstradas por Marlene de Fátima Gonçalves, a demonstrar que a cidade é do mesmo modo, um campo de disputa.

A gente mantém a cultura ainda, eles que implicam com a gente, tem a folia de reis, eles implicam, tem a Tabajara (escola de samba) eles implicam do mesmo jeito, aí depois vem o Congado, eles implicam também, mas a gente não larga, chega na hora o pau come. Então é assim, é isso aí que resiste, se tiram um pé, a gente põe dois pés, se vem desmanchar, a gente põe cinco tijolos em cima, se tiram um tijolo, a gente põe dez, e assim a gente vai indo⁹³.

“Eles” na versão dos entrevistados, são os de fora, são as pessoas de classe média alta, são os brancos, a burguesia, mesmo que exista aqueles que os cumprimentam cordialmente, que parecem não ser preconceituosos, mas cujas proximidades, abraços, não seriam carregados de afetuosidades. Essas falas são de personagens que ainda resistem e sobrevivem no bairro Patrimônio, um dos lugares ocupados por considerável população negra desde o século XVIII, que passa a sofrer intervenções urbanísticas constantes a partir da década de 1990, terminando com a expulsão dos moradores antigos e criando igualmente várias formas

⁹¹ João Rodrigues. Dançador de grupo de Congado, morador do Bairro Patrimônio, membro da Folia de Reis Pena Branca e componente da Velha Guarda da Escola de Samba Tabajara. **Festa em Patrimônio**: sombra nos edifícios. Documentário. 50m. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

⁹² GUMBRECHT, op. cit., p. 263.

⁹³ Marlene de Fátima Gonçalves. Participante da Velha Guarda da Escola de Samba Tabajara, envolvida com Folia de Reis e o Congado. **Festa em Patrimônio**: sombra nos edifícios. Documentário. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

de apagamento de memórias e silenciamentos culturais do Congado, Folia de Reis e Carnaval⁹⁴. Outro personagem que falava enfaticamente desse racismo, em que os abraços na realidade não são possíveis, era Geraldo Miguel, o popular Charqueada.

Para Charqueada, em uma entrevista a um jornal local, esse embate configurava-se de maneira formal, entre os representantes da cultura afro-brasileira e os novos residentes do bairro Patrimônio, ao dizer que “eles chegam e constroem muros altíssimos. Eles têm de dar as mãos aos negros, participar das atividades⁹⁵. Essa reportagem, aborda a situação do bairro Patrimônio, denotando o processo de exclusão econômica a que estão submetidos os moradores mais antigos, informando que “o contraste presente no Patrimônio pode ser observado nitidamente na arquitetura do bairro, casinhas humildes dividem espaço com verdadeiras mansões, construções imponentes que intimidam os antigos moradores do bairro⁹⁶”.

Em outro depoimento, a revelação é sobre o trabalho, o racismo compreendido como força bruta e de resistência negra, possível de ser observado em dois momentos de falas, de Charqueada na década de 2000 e do Sr. Salvador Sousa, no ano de 2018. O Sr. Charqueada dizia: “- Eu trabalhei na Charqueada do Patrimônio também, mandava nós pra geladeira, que nós era mais forte, mais preto, sangue forte pra aguentar aquele gelo viu!⁹⁷”. Salvador Sousa complementa essa visão de que ao negro era destinado esse tipo de serviço que os brancos evitavam: “- pegavam os pretos pra colocar na geladeira (câmara frigorífica), que o sangue dos pretos era mais quente! Que os pretos era mais forte, pegar peso, sacaria era tudo quase preto naquela época, na sacaria era o negro mesmo, era negro mesmo!⁹⁸”.

⁹⁴ Eunice de Souza Cruz; Marlene de Fátima Gonçalves; João Rodrigues. **Festa em Patrimônio**: sombra nos edifícios. Documentário. 50m. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

⁹⁵ Geraldo Miguel, conhecido popularmente como Charqueada, afirmava possuir 105 anos, 43 filhos, 96 bisnetos e 18 tataranetos. Charqueada foi um capitão dançador de Congada, que se tornou referência na cidade e região, confundido até como um antigo Pai João, Preto Velho. Entretanto, o personagem Charqueada, soube incorporar a figura do próprio mito, fato esse que o tornava mais singular, ele se preparava para as entrevistas, sabia que sua voz ganharia o mundo, e desse modo direcionava o seu discurso. Foi inclusive, candidato a Deputado Estadual pelo Partido Liberal nas eleições de 2006. Com isso descobriu-se também que seu registro data de 1927, ocorre também que na referida época, muitas pessoas terminavam por se registrar após muitos anos de suas datas de nascimento. MOREIRA, Gustavo. **Comunidade negra se sente reprimida no Patrimônio**. Uberlândia: Jornal Correio, p. C 2., 29/01/2006)

⁹⁶ MOREIRA, Gustavo. **Comunidade negra se sente reprimida no Patrimônio**. Uberlândia: Jornal Correio, p. C 2., 29/01/2006.

⁹⁷ Geraldo Miguel (Charqueada). Depoimento obtido em novembro de 2001.

⁹⁸ Salvador Costa. 81 anos de vida, mora no Bairro Saraiva desde o início do mesmo. Depoimento obtido em 09 de junho de 2018. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Ao mesmo tempo em que se trata de duas memórias convergentes, apresenta dois discursos que incorporam-se ao imaginário social racista do negro forte, apto ao trabalho mais árduo, capaz de suportar condições climáticas adversas, o que na realidade tem a ver com exclusão, discriminação, em determinadas atividades que são destinadas à população negra, enfim, funções notadamente de pretos⁹⁹. Essa permanência racista, do mesmo modo pode ser evidenciada nas relações domésticas e em décadas recentes, como nos anos de 1970, de acordo com relato de M.V.Congadeira(1):

Teve uma época que eu trabalhei com a Dona K., a Nora dela tinha o nome de *M.V.*, num sei se está viva ainda. Eu cheguei na casa dela e ela perguntou meu nome e eu falei que era *M.V.* Então ela me disse: “- a partir de hoje seu nome é Maria, porque *M.V.* é minha Nora e como você é minha empregada, empregada é Maria”. - Eu saí da casa dela assim, eu perdi o chão. Parece que essa cidade sempre quis manter os negros no “marco zero”. Uberlândia não me aceitou enquanto profissional da educação, os ricos tomaram meu lugar na época, por isso vim para São Paulo¹⁰⁰.

Essa relação dobrável de visita ao passado como análise do presente é relevante enquanto contextualização temporal da permanência racista há muito impregnada na sociedade uberlandense. Contudo, ao que parece, quando aborda-se a cultura popular e mais notadamente aquela em que os negros estão associados de forma orgânica, a dinâmica do racismo o tempo todo faz-se presente, abarcando igualmente as relações de lazer: “entrar algum preto até que entrava, mas só se ele tivesse um amigo branco que fosse assim muito respeitado pela direção da casa [Bar da Mineira¹⁰¹], aí até que o preto entrava sim, mas só assim mesmo para ele entrar¹⁰²”. Essa dobra no tempo nada mais é do que a percepção da existência, permanência e transformações dos modos de se praticar o racismo em Uberlândia. Por isso, mesmo percebendo que não se trata de algo produzido, praticado, vivido como um todo homogêneo, é inegável que as contradições sociais e raciais estão presentes no cotidiano dessas pessoas.

Feitas essas considerações, é possível inferir que quando o assunto em pauta é a cultura popular, entende-se que a mesma, como outras formas culturais, não pode ser compreendida a partir de uma relação cultural hierárquica de elite/superior e popular/inferior

⁹⁹ Cf. CARMO, Luís Carlos do. **Função de preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960**. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica - PUC/São Paulo, 2000.

¹⁰⁰ M.V.Congadeira(1). **Racismo e preconceito social**. Depoimento obtido em 27 de fevereiro de 2017.

¹⁰¹ Um dos Bares mais frequentados pela elite social e predominantemente branca. O Bar da Mineira localizava-se na Avenida Afonso Pena, próximo à Praça Tubal Vilela, no centro da cidade de Uberlândia, na década de 1960.

¹⁰² José Reis Brito Pereira. **Discriminação racial em Uberlândia**. Sr. Brito, trabalhou de Garçom no Bar da Mineira, na década de 1960, local bastante citado como um dos que não aceitavam a presença de negros em seu interior. Depoimento obtido em 18/05/2017. Uberlândia-MG.

e sim de modos diferenciados, em que as condições materiais e de acessos a bens intelectuais terminam por condicionar essas relações.

Faz sentido por isso, tomar de empréstimo as concepções de Néstor Garcia Canclini, para evitar que os jogos linguísticos, as classificações descontextualizadas possam dotar as manifestações culturais de sentidos ambíguos, a desconfigurar suas potencialidades sociais, dado que para o autor, é preciso pensar científica e politicamente sobre cultura popular e dessa maneira suprimir os modelos de categorização "estabelecidos de modo prepotente pelas histórias da arte, pelas estéticas e pelo folclore e abrir essas disciplinas a um estudo crítico, despojado de preconceitos, dos gostos e dos usos populares conforme sua representatividade e o seu valor social¹⁰³". Evidente que outras áreas das humanas como as sociais e a história estão ou devem ser incluídas nessa proposição.

No estudo em questão, a singularidade está que a cultura popular não pode ser somente pensada como algo peculiar que o povo faz aleatoriamente, ao contrário, para além da produção artística, existe um domínio desse fazer sociocultural. No tocante à manifestação cultural e religiosa da Congada, todo o arcabouço estético apresentado nos festejos é oriundo e protagonizado pelos próprios membros dos grupos de Congado que possuem seus estilistas, costureiras, artífices na confecção de instrumentos, artes gráficas, divulgação em mídias e outros controles que ficam sob a guarda da Irmandade do Rosário e dos grupos a ela associados.

Esse saber não fica circunscrito a uma camisa de força, engessado, mesmo que seja patrimônio cultural da cidade, ele transforma-se e enfrenta o conservadorismo daqueles que acham que a tradição deve ser mantida numa visão folclorista, com noções de originalidades que beiram o primitivo da manifestação. Embora não exista formalmente uma imposição interna de fazer com que o velho seja representativo da Congada no presente, em detrimento do novo, circunstancialmente, há embates sobre essas questões, em que debates acalorados, às vezes terminam por expor conflitos de gerações.

Festas como as Congadas, podem ser pensadas como um recordar de tradições a partir de memórias, tradições essas que *Raymond Willians* (1979) entende como residuais, mas sem nada de relembrar o velho, o passado obsoleto, residual no sentido de impregnar o presente, de uma memória a pressionar a prática cultural moderna¹⁰⁴. Essa prática sociocultural

¹⁰³ CANCLINI, op. cit., p. 137.

¹⁰⁴ WILLIANS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 125.

congadeira não está disponível em um ataúde de película transparente para ser observada como memória calcificada do passado e nem os seus atores representam resquícios de tradição, "transmissão de valores são mutáveis e nenhuma geração seguirá os aprendizados tais quais os receberam daqueles que lhes antecederam"¹⁰⁵, pois os novos vão impregnar comportamentos e valores de seu tempo, à tradição.

Por isso que singularidade não pode ser confundida aqui como algo simplesmente peculiar. Compreende-se que a manifestação do Congado e da Congada está intimamente relacionada a um jeito de viver distinto, mesmo assim, essa interação precisa ser considerada a partir de uma perspectiva local, dado que essa arte não é homogênea e está intrinsecamente ligada às condições de lugar.

São as condições sociais, religiosas, políticas e culturais de homens e mulheres praticantes do Congado (a) que definem seus modos de ser e atuar conforme suas existências são moldadas aos lugares em que vivem, por isso, que generalizar é impossível, visto ser muitas as variáveis e as relações que são forjadas no âmbito das manifestações. Em diversas regiões de Minas Gerais, essa prática assume contornos diferentes, nas quais, as realidades mais comuns junto aos festejos devocionais, são os conflitos e as disputas, quer seja no interior das mesmas ou muitas vezes com a própria Igreja, com a sociedade e igualmente com o poder público. Eis o porquê, da imperiosidade nesse sentido, de trabalhar-se com a história local.

Em Itapeçerica-MG, por exemplo, a festa é sustentada em sua estrutura quase que exclusivamente pela elite da cidade, médicos, advogados, profissionais liberais diversos, comerciantes que investem em estilistas para produzirem vestuários de princesas, príncipes, rainhas e reis. Em Divinópolis-MG¹⁰⁶ parece que a presença de profissionais liberais (brancos) ajudou a melhorar a festa, o que é compartilhado por congadeiros de Monte Alegre de Minas¹⁰⁷ no Triângulo Mineiro; já em Rio Paranaíba¹⁰⁸ que se localiza no Alto Paranaíba, a

¹⁰⁵ BRASILEIRO, Jeremias. **Congado, um fluxo contínuo de revitalização cultural**. Uberlândia: Editora Aline, 2009, p. 37.

¹⁰⁶ Documentário: **O Reinado Nosso de Cada Ano**. Realização: VLA Studio (2003). Direção: Rodrigo Campos. Apoio: Prefeitura Municipal de ARAÚJOS-MG. Suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 20' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

¹⁰⁷ Documentário: **Congado - Festa 13 de maio**: documentário histórico. Produção: Imaginare filmes (2015). Apoio: Prefeitura de Monte Alegre de Minas. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 20' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

¹⁰⁸ Documentário: **Congadas em Rio Paranaíba-MG**. Realização: TV Universitária de Uberlândia (2004). Direção Geral: Jeremias Brasileiro. Assistente de produção: Deise Maria. Cinegrafia: César Romero, Ronaldo

visão é de que a ausência dos festeiros (brancos) fez com que a festa ficasse mais pobre, deixando a desejar, visto que eram os fazendeiros os maiores contribuintes para a realização do Reinado do Rosário na cidade, no entanto, na visão dos participantes, existiria uma integração entre brancos e negros.

Nesses e em muitos outros lugares, as disputas com a Igreja tiveram episódios interessantes, entre os quais, o mais emblemático a se destacar, foi em Monte Alegre de Minas quando na década de 1950, antes do rito de procissão, o padre colocara a imagem de Nossa Senhora da Conceição no lugar de Nossa Senhora do Rosário. Os congadeiros, revoltados, invadiram a Igreja e buscaram Nossa Senhora do Rosário, que por mais de 60 anos ficou sob a guarda dos devotos, sendo devolvida no ano de 2015, após décadas de litígios com a Igreja¹⁰⁹. Isso tem uma significação importante, a de que os congadeiros reagem conforme suas possibilidades e não aceitam submissos todas as imposições hierarquizantes, demonstram de igual modo, que lutam pela permanências de suas devoções, dentro de suas particularidades.

Evidente porém, que o discurso da presença de pessoas brancas na festa pode assumir várias dimensões, entre essas, a de trazer maior confiabilidade e menor pressão das autoridades públicas e eclesiásticas; contribui para com o aporte financeiro na realização dos festejos, e, possivelmente, promove a integração entre brancos e negros, tanto quanto dilui o preconceito racial existente nessas cidades; passa igualmente uma representação de que a festa é de todos e não só da comunidade negra.

É preciso contudo dizer, que essa possível interpretação de cordialidade, não significa que haja pessoas brancas e pobres nos festejos, como igualmente reafirmar, que brancos pobres podem ser preconceituosos, quer sejam religiosos ou não. Não há dúvida entretanto, que o contraditório pode estar incluso nessas nuances citadas. Poder-se-ia indagar se o "branqueamento" dos festejos nas circunstâncias relatadas não seria um modo de torná-lo aceito por um todo social e que nesse caso estaria implícito, uma questão de paternalismo e não uma utópica integração racial.

Ferreira. Apresentação: Allen Guimarães. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 28' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

¹⁰⁹ Documentário: **Congado - Festa 13 de maio**: documentário histórico. Produção: Imaginare filmes (2015). Apoio: Prefeitura de Monte Alegre de Minas. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 20' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Há negros e não negros que fazem ou se tornam na maioria das vezes congadeiros em tempos de festas, e há os que são congadeiros por uma vida inteira; assertiva essa possível de ser melhor compreendida por meio de um testemunho singular: “- tem o rei grande, a rainha grande, a princesa Isabel (em Itapecerica são todos brancos) e aí o povo acha que por conta deles não existe reinado não, mas a chave do reinado está nos Reis Congos que é o rei e a rainha, aquela pessoa de cor, a cor escura, a cor preta¹¹⁰”.

Em uma vertente próxima ao paternalismo, tem-se que as celebrações envolvem a instituição de vários santos em vários dias, para cooptar os profissionais liberais e as pessoas da elite política e econômica da cidade de Itapecerica, entre as quais, destaca-se a figura imponente de jovens que representam anualmente a Princesa Isabel, que no dia do desfile vai escoltada por cavaleiros, em carruagem adornada, e lê a carta de alforria em praça pública. Contudo, a representação exponencial da ritualidade e da tradição tem de ser negra, Rei Congo, Rainha Conga, Rei Perpétuo, Rainha Perpétua.

Já em Uberlândia a presença de pessoas brancas como reis e rainhas nos festejos é quase uma exceção, e, quando ocorre, são casais de reis festeiros brancos e de condições socioeconômicas idênticas a da maioria dos congadeiros. Cumpre porém destacar, que se trata de uma cultura que tem uma origem étnica racial inegável. Fazer parte da cultura da Congada e do Congado, é viver essa manifestação cultural e religiosa, independentemente da cor da pele.

Essas ponderações não possuem como foco a pretensão de debater esse assunto em profundidade, pois a proposta desse estudo, o que o estimula nesse momento, é a presença do Congado, e conseqüentemente, dos afro-brasileiros em Uberlândia, cuja trajetória está permeada de racismo e preconceito. Preconceito historicamente construído, resultado de ação coletiva ou individual, associado a uma forma de racismo que determinou lugares específicos para grupos sociais diferentes, por questões de ordem econômica, cultural, social, religiosa e racial.

A dinâmica do racismo é abrangente e produz desigualdades nos campos da educação, da economia, da política, do trabalho, enfim, de toda uma estrutura social. Isso implica compreender que embora tais elementos não seja motivo de análise no presente estudo, há por conseguinte, a consciência de que os mesmos permeiam as relações raciais e sociais e

¹¹⁰ **Fundamentos do Reinado do Rosário de Itapecerica-MG.** ALVES, Waltuir; BRASILEIRO, Jeremias; GOULART, Gilson. Entrevista realizada com o capitão Donizete em 06/08/2004. Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 1.09' (NTSC), Nº 032/2004. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

principalmente em uma cidade, que desde o seu projeto de surgimento, pautou-se por uma negação daquilo que o tempo todo esteve institucionalmente forjado nessas relações; a latência e a permanência do racismo e do preconceito racial.

Existe uma outra Uberlândia, pobre e igualmente racista, em que os representantes da elite recusam admitir por tratar-se de uma cidade que abriga pessoas pobres, pessoas abaixo da linha de pobreza, e historicamente racista, diferente do imaginário já construído desde os inícios do século XX como recupera essa memória, a historiadora Maria Clara Tomaz Machado, ao verificar que “de boca do sertão à polo regional, os seus habitantes eram apresentados no discurso dessas elites como trabalhadores incansáveis, hospitaleiros e pacíficos”¹¹¹. Esse discurso foi seguido pelas grandes cidades do país, para manter o imaginário de cidade acolhedora, ordeira e progressista, essa “cidade bonita” precisa negar e acobertar o que de “negativo existe”, e esse sufocamento, asfixiamento, acontece para não deixar vir à tona a permanência racista em relação aos negros e o preconceito aos pobres, principalmente.

Para elucidar com outros relatos o que significa essa cultura racista, o carnaval e a sua relação com o poder público é adequado e emblemático, pois, sendo uma tradição mais que cinquentenária, ele é ao mesmo tempo uma manifestação “sem lugar” na cidade, e apenas um festejo cultural itinerante, fazendo dessa festa, um carnaval dos “sem lugar”. E esse sem lugar tem seu início desde quando os negros invadem os desfiles carnavalescos até então realizados, só pela elite no centro da cidade, na Avenida Afonso Pena, nos anos de 1950, entretanto, esse “sem lugar” chega ao ano de 2017, em pleno século XXI.

A incômoda presença de carnavalescos, inicialmente conhecidos como Tenentes Negros, faz com que paulatinamente, a elite abandone o carnaval de rua e refugie-se nos clubes e salões particulares, no intuito de manter os seus festejos distanciados dos negros que apoderavam-se da Avenida Afonso Pena, processo esse historicamente reconhecido, poucas vezes relatados em estudos, porém, não com a ênfase que aqui é diretamente dada à temática. Um depoimento de João Rodrigues, popularmente conhecido como *Mestre Bolinho*, é emblemático para evidenciar essa discriminação racial na década supracitada: “– Olha as galinhas barulhentas! Pensam que Afonso Pena é céu!”¹¹² Um bando de “galinhas no céu”,

¹¹¹ MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Misericórdia aos pobres**: a Santa Casa e os vicentinos (Uberlândia, 1908/2012). In: Nas veredas da história: itinerários e transversalidades da cultura. Marica Clara Tomaz Machado & Alcides Freire Ramos (orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 182.

¹¹² João Rodrigues. Depoimento obtido em 10/05/2018.

forma jocosa e discriminatória de referir-se aos negros que adentravam à Avenida Afonso Pena, centro da cidade, com suas fantasias de carnaval, ou seja, um bando de “urubus alegremente barulhentos”.

Ao decorrer das décadas e com a conceito pejorativo de que esse carnaval de rua transforma-se em uma festa de negros, o mesmo por conseguinte, vai sendo tratado de maneira secundária, enquanto proporciona algum retorno eleitoral a essa mesma elite, por meio de seus representantes e parlamentares. Só que esse tratamento reestrutura-se, reelabora-se em suas relações de compadrio, que em nada altera as hierarquias sociais, e, desse modo, o carnaval de rua torna-se sinônimo eventual de apoio público de acordo com as circunstâncias políticas, sem contudo enraizar-se em uma localidade fixa. O mesmo pressuposto poderia ser aplicado quase que integralmente ao Congado, não fosse a sua dinâmica diferenciada de resistência que abarca outras táticas de vivências, imersas na religiosidade, tendo como suporte discursivo, uma ancestralidade diferente dos festejos carnavalescos.

De tudo isso, uma percepção de abandono a essa manifestação se cristaliza em todos os sentidos e com o agravante de ser partícipe desse racismo estrutural, todos os gestores públicos municipais que estiveram nessa cadeia sucessória desde o ano de 1953 até o ano de 2017. Todos esses, sedimentaram essa cultura como aquilo que é do outro, que é do negro, que é daquele que não tem lugar na cidade, a institucionalizar assim, esse “sem lugar” que é pensado por uma elite que reatualiza constantemente os seus modos de ser racista, de tal forma que às vezes dá a impressão de que tudo acontece por uma destinação natural, em uma expectativa de autodesignação, de destruição por si só.

Dessa concepção originar-se-ia a possibilidade de que o carnaval de rua tenha um ciclo-fim, morte essa que não pode ser enunciada pelo poder público, mas possível de ser desejada que aconteça na interioridade das contradições e de sobrevivências dessa cultura cada vez mais refém de sua própria auto sustentabilidade, enquanto guardião tradicional do carnaval de rua na cidade. Esse enredo, delineia o que de início era o propósito dessa problematização, ao enfatizar concretamente de que o carnaval de rua de Uberlândia é um carnaval dos “sem lugar”. Os negros tomam conta da Avenida Afonso Pena e a elite sai; os moradores cada vez mais revoltados com o barulho, reclamam e o carnaval surge na Avenida João Naves de Ávila; o trânsito pede passagem e o desfile de Momo encontra refúgio provisório na Avenida Belo Horizonte.

Tão rápido quanto o progresso exige, o carnaval dos “sem lugar” titubeia, cambaleia e vai ao bel prazer do poder público, ora às vezes impulsionado por pressões sociais, habitar tantos lugares que o caracterizam como algo de um povo que não tem espaço na cidade, como uma cidade em que o carnaval por ser do povo, igualmente não necessita de lugar. Suficiente entretanto, é demonstrar esse “sem lugar” na prática, ainda que a sequência das localidades possam não estar em ordem cronológica.

Expulso da Avenida Afonso Pena, vai para Avenida João Naves de Ávila, depois por uns anos, visita a Avenida Belo Horizonte, conhece a Avenida Anselmo Alves dos Santos e os seus alagamentos em decorrência de chuvas; retorna à Avenida Monsenhor Eduardo, com resistência de feirantes e moradores, aparece novamente na Avenida Anselmo Alves dos Santos e por fim, no ano de 2015, é transferido perifericamente para um local ao lado do Estádio e Parque do Sabiá, contra a vontade dos defensores do meio ambiente, por causa do stress que o barulho do carnaval, poderia causar aos animais situados bem próximo aos referidos festejos.

Ao referendar a presença do carnaval em condições adversas e distante do centro da cidade, sacramenta-se de vez essa noção de racismo institucional, independente de quem seja o administrador público, e, diante dessa conjuntura, é possível afirmar que a cultura racista está intrinsecamente alicerçada, essencialmente estruturada nas relações de poder.

Conclui-se a problematização desse “sem lugar” com a não realização do evento carnavalesco devido a ausência do poder público – Prefeitura Municipal – que justificando incapacidade financeira resolve não apoiar a realização do evento protagonizado pelas escolas de samba e blocos de enredo. Consequentemente, sem estrutura e com a sua inviabilização por parte do poder público, faz com que ocorra outro desfecho, e, tendo a parceria de um veículo de comunicação da cidade, discursivamente assumindo que o carnaval de rua não iria acabar, opta-se pela continuidade da tradição, só que em formato distinto e transferindo-o mais uma vez para outro lugar.

Esse outro lugar, foi o local de exposições agropecuárias, de tal modo que de tantos sem lugares, o carnaval terminou encontrando refúgio, metaforicamente falando, em um curral onde são expostos os animais de raça dos grandes latifundiários da cidade. Naturalmente que a empresa patrocinadora em primeiro momento desse festejo, não o fez por amor ao samba e sim, na perspectiva de auferir lucros futuros a partir desse investimento.

O Antropólogo, pesquisador e professor Jorge de Carvalho já sinalizava há tempos para as sujeições que as culturas populares enfrentariam nessa relação que envolve abandono do poder público, o abraço do poder privado e o deslocamento, junto com o apagamento paulatino dos atores sociais populares, enquanto protagonistas das suas manifestações:

A consciência histórica não precisa ser congelada. Há um universo ativo no qual a comunidade decide, ela tem um certo controle sobre a produção simbólica que sai dela, ela não entrega isso a um mundo que tem uma voracidade extraordinária, então a importância de que essas festas se mantenham pelo país afora não é para congelá-las, porque elas são fontes de poder, de decisão, por parte da comunidade, é o imaginário das comunidades que está vivo, na medida que somos um país novo, uma parte importante de nossa memória, de nosso destino histórico, não está nos monumentos, está na cabeça das pessoas, está na imaginação das pessoas, de pessoas em condições paupérrimas, há um desnível muito grande da riqueza do imaginário, da criatividade, da arte das pessoas e a pobreza material a que estão submetidos agora. Então, sabendo que eles estão submetidos a essa pobreza material, elas são muito mais facilmente vítimas, mais facilmente capturadas para que a troca de banana elas entreguem parte desse imaginário a alguma empresa que queira utilizar isso de uma forma irresponsável para ganhar algum dinheiro e logo esquecer deles¹¹³.

Dito isso, compreende-se que o racismo deixou à deriva esse “não lugar” do carnaval de rua, para que escolas e blocos de enredo, por meio de seus protagonismos, tivessem um enraizamento fixado; contribuiu de fato, para a sua desestruturação ao longo das décadas, chegando dessa forma ao ano de 2017, imerso em uma dependência política e material sem precedentes.

Essa prática de deixar à margem a manifestação popular com forte viés de negritude, até que um dia as coisas pareçam terminarem por si só, abrem igualmente os caminhos para uma nova configuração carnavalesca comercial, da qual os sujeitos donos desse poder simbólico, correm o risco de tornarem-se personagens figurantes, reféns dessa forma voraz de agir do capital econômico sobre a dependência material e logo do descarte dessa, quando já não cumpre mais o seu papel, que é o de proporcionar a geração de lucros.

Por motivos como esses explicitados nesse debate, a opção pelo uso de cultura popular está mais próximo daquele proposto ou reafirmado por Néstor Garcia Canclini, ao detectar que esse perpassa sobretudo pelas relações sociais onde estão engendradas as posições de poder que trata de "ver as culturas das classes populares como resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, a elaboração específica das suas condições de vida e a interação

¹¹³ CARVALHO, José Jorge de. **Festa da congada na cidade do Serro-MG**. Documentário. Direção: Janete Porto. Exibido na TV BRASIL em 21/11/2004. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 15' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. Acervo do pesquisador. Uberlândia-MG.

conflituosa com os setores hegemônicos¹¹⁴". Evidentemente que nesse aspecto, tem-se o uso de cultura popular enquanto aquela que se opõe a uma cultura de elite, burguesa ou considerada elitizada por estar associada a um grupo cultural dominante, por esse exercer o controle econômico e de capital.

No caso de Uberlândia, onde o racismo se apresenta de forma contínua, os congadeiros e a instituição Irmandade do Rosário não ficaram, e, permanecem não estando, imunes aos atos e atitudes discriminatórias. Isso contribuí de outro lado, ao que parece, para a continuidade de determinadas práticas de vivências e de sobrevivências, envolvendo disputas por lugares, por histórias, por memórias. Ao referenciar-se portanto, a permanência do racismo, verifica-se que a sua continuidade é resultante do que poderia-se conceber como presença negra e incômoda no centro da cidade. A marca identitária da Congada e do Congado em Uberlândia, é ainda no século XXI (2017), constituída de forma considerável por famílias negras, e que assim se autodenominam tanto em termos de religião, quanto de cor de pele. Isso não impede porém, que esse racismo esteja presente no cotidiano da cidade.

As dinâmicas racistas, explícitas, ocultas ou simbólicas, permeiam vários setores, inclusive da religião, como verifica-se no caso da imagem (07) em que se percebe a materialização daquilo que de tão sistêmico, tornou-se naturalizado, a tal ponto de as pessoas não notarem o quanto é forte, o racismo simbólico, apresentado por meio de uma imagem devocional. Mesmo que se trate de uma opção eclesiástica localizada, ela revela como é, e foi comum, essa negação da existência de um povo negro na cidade ou de representações que possam ser associadas à negritude.

A imagem (07), de Nossa Senhora Aparecida, protetora do Brasil, protetora dos congadeiros de igual forma, artística e representativamente trabalhada sob o viés da branquitude, é uma das essências mais subliminares do que vem a ser o racismo igualmente simbólico, por meio da referida representação. Os traços dos lábios, as expressões da face, os anjos sentados à base, remetem a uma perspectiva de olhar simbolicamente europeu, e, para quem conhece esse lugar de representação, só pressupõe ser essa imagem de Nossa Senhora da Aparecida, devido à escultura que compõe o cenário da praça, ser no local do Santuário de Aparecida.

A ausência de algo que leve ao entendimento direto de que seja a santa padroeira do Brasil através da cor preta, espelha o tipo de racismo simbólico e explícito, além do

¹¹⁴ CANCLINI, op. cit., p. 12.

esquecimento de que em todo o Brasil, a sua forma de representação em lugares públicos está imageticamente vinculada com essa cor específica, dessa textura impregnada como referência mítica ao lugar que foi achada, em águas constituídas de lamaçais escuros. Evidente que a arte pressupõe liberdade de criação, entretanto, o contrário não se vê, uma escultura de santos devocionais de cor alva, como Nossa Senhora do Carmo, ser por exemplo, representada com a cor de tonalidade escura¹¹⁵.

¹¹⁵ Conforme depoimento de José Amaral Neto, jornalista, ativista social do Movimento Negro de Integração Popular de Uberlândia (MAIPO), a escultura foi resultante de doação de um artista plástico da cidade, e que após reunião de integrantes do movimento negro com o responsável pelo Santuário de Nossa Senhora Aparecida, foi proposto que caso as lideranças do movimento negro desejassem a escultura de Nossa Senhora aparecida no seu formato real, deveriam pagar uma quantia de 15 mil reais. Depoimento obtido em outubro de 2018.

Imagem 07 - Nossa Senhora da Aparecida, escultura pintada de branco.



AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. 01/07/2018. Uberlândia-MG.

Em larga medida, a resistência ao racismo, do qual o de cunho religioso foi preponderante, fortaleceu por outro lado, a tradição da Congada e a sua permanência no centro da cidade e da Irmandade na Igreja do Rosário, pois, foram inúmeras as situações de enfrentamentos ao decorrer dos tempos, algumas inclusive, de tal forma institucionalmente discriminatórias, que exigiram interferências eclesiais à época, como constata-se no depoimento de Rubens Assunção:

A Irmandade sempre enfrentou racismo, teve o caso por exemplo, do padre Abdias, que veio para cá (final da década de 1970), que assumiu a Capela do Rosário, que era também ligada a Catedral, quando ele assumiu, a primeira coisa que fez foi tirar um coral de negros que há muito tempo fazia as celebrações, inclusive participava da coroação de Nossa Senhora, e daí, ele colocou um coral só de gente branca, ora, a casa da Irmandade é a Igreja do Rosário, daí juntou Zé Mendes, Lanes, Zé Rafael, Siricoco, Tio Cândido, Deny Nascimento, foram falar que tiraram os negros do coral, que a Irmandade administrava lá, reclamaram com D. Estevão. No mês seguinte, a gente tinha ido para a Festa de Romaria, quando voltamos, ficamos sabendo da despedida do padre, que ele jurou que não colocava mais os pés na Igreja do Rosário¹¹⁶.

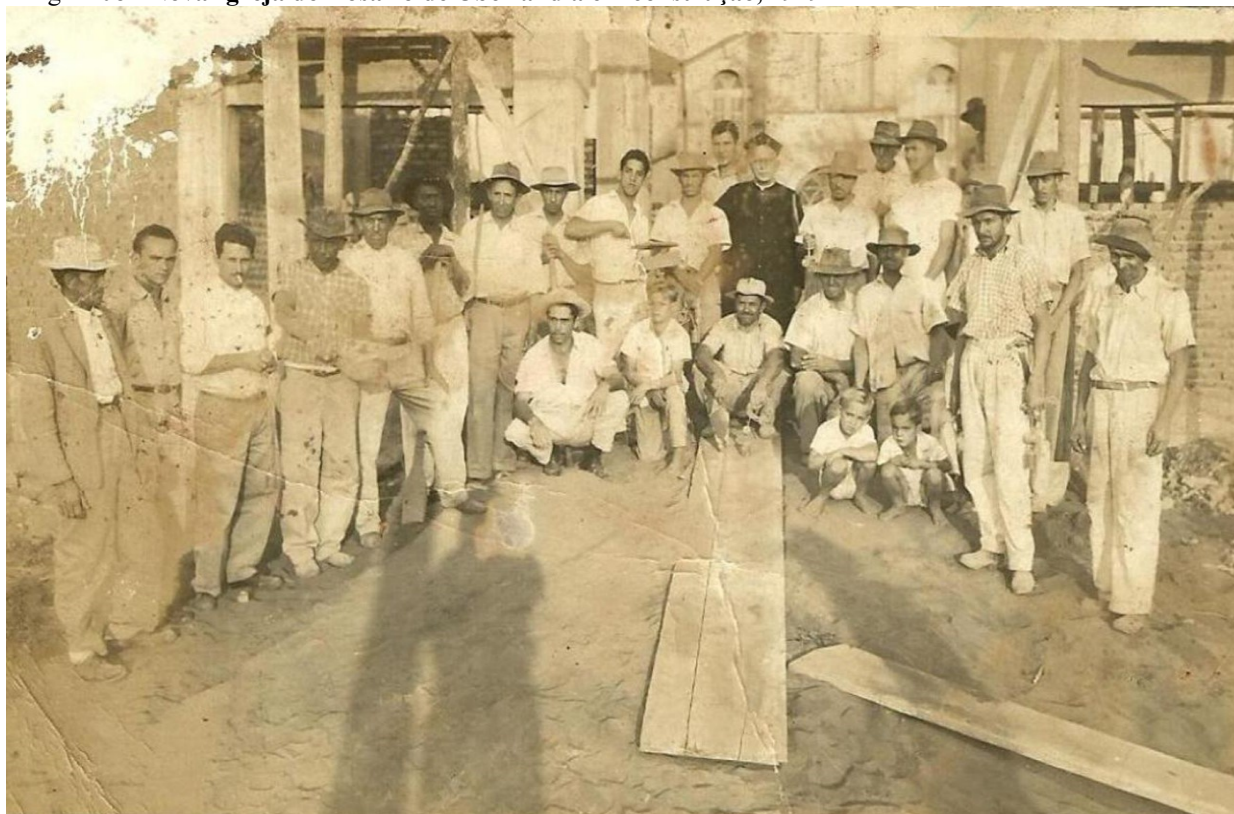
Não há como pensar identidades no viés da cultura congadeira e afro-brasileira de descendência africana em Uberlândia, sem considerar o processo histórico do racismo enfrentado pela comunidade negra, quer seja nas relações sociais, nas práticas culturais, nas relações diretas de poder e nas relações institucionais religiosas. Assim, ser negro, congadeiro (a), é também ser portador de um discurso político de resistência, identidade essa, forjada na cultura de ancestralidade, atualizada, redimensionada, nas vivências cotidianas.

Nas narrativas dos atores sociais, é perceptível a noção de resistência a partir de uma tomada de consciência de que ser negro Congadeiro (a), igualmente é fazer uso de suas vivências, para enfrentar o racismo e as práticas racistas, independente do lugar que acontecem. Auto identificar-se com essa cultura congadeira, tornou-se indubitavelmente em uma ferramenta cultural de embate histórico ao racismo, que continua como marca indelével na história da cidade.

¹¹⁶ Rubens Assunção. **Coral de negros da Igreja do Rosário**. Entrevista realizada em 12 de outubro de 2010. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

2 O PASSADO CONSTRUÍDO NO PRESENTE E A PERMANÊNCIA DO RACISMO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA.

Imagem 08 - Nova Igreja do Rosário de Uberlândia em construção, 1929.



O 6º trabalhador, esq./direita, usando chapéu preto, é Jesus Cassimiro (conhecido como velho Zuza); o 4º personagem da esq./direita vestindo camisa xadrez e tendo às mãos uma *passeta* (colher de pedreiro) é o Sr. Olívio Zacarias, congadeiro desde o ano de 1908, no *Congo Sainha*. Fonte: Francisco Casseiro, 2012. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

A imagem (08), que abre esse capítulo, permite pensar por meio de relatos provenientes de memórias, o quanto a negação histórica da presença dos negros na cidade de Uberlândia, ganhou contornos fortes. O apagamento de evidências desses atores sociais negros e congadeiros, foi elaborada dinamicamente. Dois rápidos depoimentos convergem para essa reflexão, o de Dona Maria Aparecida Sousa ao dizer: “ - Meu pai ajudou fundar essa cidade, ele chegou antes mesmo do Tubal Vilela, antes de outros coronéis, meu pai morreu com 101 anos, isso há uns 40 anos atrás, então esse povo do Congo daqui, levantou essa cidade também, os filhos dos netos dos escravos¹¹⁷, e a fala do Sr. Salvador Sousa ao afirmar sobre a construção da Igreja do Rosário: “- Tinha depósito de lenha, ali onde é o Correio Central, Getúlio Vargas, ali

¹¹⁷ Maria Aparecida Sousa. **80 anos, mora no Bairro Saraiva desde o seu nascimento**. Depoimento obtido em 09 de junho de 2018. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

tinha depósito, negro levava lenha prá lá, de corroça, vendia, doava parte para ajudar alí na Igreja do Rosário, construir lá também¹¹⁸”.

Outro depoente, Sr. Wanduir Silva, que faleceu com 82 anos em 2016, era filho de Olívio Zacarias, o qual, está presente na imagem (08), perfilado, e, em pose para ser fotografado. Essa imagem, estava prestes a desaparecer em um arquivo de família, ela é uma evidência muito intensa que confirma a presença dos negros e denuncia de igual forma, o ofuscamento desses sujeitos na história da cidade e da Igreja do Rosário, após o término de sua edificação.

As lembranças de negros congadeiros participando das várias etapas de erguimento da Igreja, Wanduir Silva ouviu de seu pai Olívio Zacarias. Já bastante debilitado de saúde e acometido pela deficiência visual completa, Wanduir compartilhou essas lembranças de seu pai, com o filho Enildon Pereira. Eis que tem-se assim, lembranças que após serem compartilhadas, tornaram-se por meio da memória indireta, conhecida por Enildon Pereira, que passou a falar dessa história: “Meu pai (Wanduir), você esteve aqui, ouviu dele também, que nossa família faz parte da história da Congada, desse rosário, dessa cidade, fizeram de tudo para esconder essa história da gente, mas devagar as coisas vão surgindo, vai acontecendo né!¹¹⁹”

Se de um lado a imagem (08) fixa a presença desses homens negros como trabalhadores, de outro, ela revela que esses congadeiros são detentores de outras memórias que não foram levadas em consideração, ou de outra forma dizendo, elaboradamente silenciada a memória de que esses sujeitos foram participantes ativos e que de outros modos, contribuíram financeiramente, para a edificação da Igreja.

Importante pensar de igual forma, que essa imagem proveniente de família negra congadeira àquela época – converteram-se depois à uma determinada corrente evangélica – é uma fotografia que não compõe o acervo memorial público da cidade de Uberlândia e diante disso, indaga-se, porque ninguém não se levantou contra essa narrativa de ocultamento da presença desses negros na construção dessa Igreja do Rosário, presença para além de seus préstimos braçais na carpintaria, armação e levantamento de paredes?

¹¹⁸ Salvador Sousa. 81 anos de vida, mora no Bairro Saraiva desde o início do mesmo. Depoimento obtido em 09 de junho de 2018. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

¹¹⁹ Enildon Pereira. **Capitão Presidente do Catupé Azul e Rosa**. Depoimento obtido em 18/01/2017.

Eis mais um dos motivos da necessidade de se realizar, ainda que de modo sumariamente digressivo, uma análise sobre a existência da Irmandade do Rosário de Uberlândia, no intuito de compreender as relações de poder e o impacto dessas interações na prática sociocultural do Congado na cidade, que foi pautado por diferentes modos de convivências sociais nem de todo amistoso, harmonioso, ao contrário, a presença de tensionamentos, de conflitos, de disputas, fez-se e continua-se presente. Necessário destacar que a Irmandade do Rosário de Uberlândia surge no século XX, portanto, diferente de outras irmandades dos séculos XVII e XVIII, principalmente.

Em vista disso, tem-se o entendimento de que o estudo em análise não é possível de ser pensado na contemporaneidade, sem que exista uma compreensão do seu processo histórico, sem perceber historicamente a sua diferenciação no tempo, como já propunha a historiadora Beatriz Nascimento (1985)¹²⁰. A existência e a dinâmica da manifestação e seus desdobramentos são importantes nesse sentido, para ter-se um pouco de entendimento a respeito da Irmandade do Rosário e ao mesmo tempo as diferenciações discursivas quanto à sua institucionalidade.

Fabiola Benfica Marra em seu trabalho, “Famílias afrodescendentes em Uberlândia”, afirma: “não é explícito, mas existe uma divisão entre os Ternos (grupos) ligados à Irmandade e os que não são. A presidência hereditária é muito questionada e causa insatisfações em muitos congadeiros¹²¹”. Por outro lado, em pesquisa com entrevistas realizadas na década de 1980, Márcia Junqueira afirma não ter detectado elementos suficientes capazes de caracterizar essa hereditariedade:

Apesar do estatuto da Irmandade, registrado em 31 de janeiro de 1963, sob o nº 148 do Livro de Registro de Pessoas Jurídicas, número 1ª folha 173 do cartório de Registro de Títulos e Documentos, nada dizer a respeito dessa particularidade, a presidência da Irmandade passou a ser um cargo hereditário por razões que não conseguimos esclarecer¹²².

Pode-se talvez deduzir que Márcia Junqueira (1987) não conseguiu perceber o que na oralidade o Capitão Manoel Saturnino (Siricoco) em entrevista à mesma (JUNQUEIRA, 1987), apontava para uma das possibilidades de surgimento da hereditariedade antes não inscrita documentalmente: “as atas não têm o Sr. Manoel Angelino como presidente, mas foi

¹²⁰ NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra (1985). In: RATTZ, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

¹²¹ MARRA, Fabiola Benfica. **Álbum de família**: famílias afrodescendentes no Século XX em Uberlândia. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 2005, P. 15.

¹²² JUNQUEIRA, Márcia. **A Irmandade do Rosário**. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. 11/12/1987. Cópia em acervo de Jeremias Brasileiro.

ele que formou a tradição, que assegurou a tradição do pai dele, o escravo André¹²³". Essa representação é corroborada por um testemunho de (PCBSP,2003) do seguinte modo: "na década de 1980, reunidos e em consenso, definiram que devia ser hereditário, registrado no Estatuto e no Cartório, já que a família vinha desde a fundação da Irmandade sendo uma das principais organizadoras das festas, principalmente a partir do Sr. Manoel Angelino¹²⁴". Não é necessário que tudo esteja documentado de fato, desde o início, para que necessariamente exista.

Diante dessas informações é possível entender um pouco do processo e de surgimento dessa noção de hereditariedade, cartorialmente registrada no ano de 1993¹²⁵. Por isso é importante observar esse campo de disputas tendo como viés uma perspectiva problematizadora. Os embates, os conflitos, envolvendo essa instituição vêm desde o seu nascedouro, disputas essas que emergem com o próprio surgimento institucional junto à Igreja do Rosário, permeada de interesses e normas impostas pela Diocese à época, que se agrava ao entrar em confrontos religiosos com uma (Associação), a Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, constituída possivelmente só por mulheres, pertencentes à elite local, na primeira década de 1900.

Compõe mais adiante esse cenário de contestações e divergências a criação de uma Associação de São Benedito que realizava seus festejos no Bairro Martins. A festa, em homenagem a São Benedito ocorreu entre meados da década de 1950 até por volta de 1966 e evidencia as diferenças já existentes. Essa festa da Congada era organizada por grupos que não participavam da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Por isso, procuravam rivalizar-se ao realizarem os festejos congadeiros, junto às comemorações decorrentes da abolição da escravatura no dia 13 de maio, enquanto que a festa de Nossa Senhora do Rosário ocorria no mês de novembro.

Nessas circunstâncias relacionais permeadas de ambiguidades, não é possível determinar, até que ponto certas decisões podem ser referendadas e cumpridas, ou ao contrário, se surgem recuos, desistências, rupturas, novas interpretações de acontecimentos, a

¹²³ JUNQUEIRA, Márcia. Entrevista realizada em out, 1988. Transcrição de entrevista realizada com Manoel Saturnino Rodrigues (Siricoco), durante debate realizado em outubro de 1988. Cópia em acervo de Jeremias Brasileiro.

¹²⁴ **PCBSP, 2003**. O depoente optou por não ser identificado.

¹²⁵ Uma ata de reunião ocorrida em 31 de janeiro de 1993, foi anexada ao Estatuto da Associação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor de Uberlândia, de 1963. Nessa ata de uma página, consta a seguinte redação: "Assim sendo os cargos de presidente e vice-presidente hereditários, os cargos elegíveis, os membros foram votados dentro da Assembleia de Capitães". 31/01/1993.

fazer com que em determinados momentos alguns grupos estejam fora da Irmandade do Rosário, para em seguida comporem a mesma enquanto associados. Essas contradições são referenciais interessantes para compreender a dinâmica da festa, da manifestação cotidiana e de como os movimentos que abrangem essas práticas são o tempo todo descontínuos, mesmo que superficialmente e no senso comum, pareçam ser linearmente fixados em uma linha de tempo, sem desvio algum.

Essas e outras ocorrências quando analisadas descuidadamente, contribuí para a legitimação de certos fatos sem que haja uma leitura crítica dos acontecimentos predecessores dos mesmos. Quais motivações levaram por exemplo, a Igreja e a Irmandade do Rosário alterar a data da festa da Congada que por mais de oito décadas consecutivas era realizada no segundo domingo do mês de novembro?

Mais que tentativa de imposição – embora interesse houvesse – da Igreja Católica, houve por parte da Irmandade uma concordância explícita, e esse alinhamento entre as duas instituições com objetivos diferentes só pode ser compreendido ponderadamente por meio do processo histórico que terminou por resultar na alternância de calendário, retrocedendo a festa da Congada, do mês de novembro, para o segundo domingo do mês de outubro.

Considerar outras problemáticas circunscritas ao âmbito da interioridade da prática do Congado é de suma importância para uma proposição de análise que possa contemplar o máximo possível esses contextos que raramente são percebidos, que não foram objeto de discussão com maior densidade nos estudos acadêmicos. Interpretar de igual modo, um discurso midiático, que na realidade reflete conflitos estabelecidos entre a Irmandade do Rosário e o poder público, é uma dessas questões problematizadoras, bem como demonstrar que as décadas passam, mas as relações entre Igreja Católica e Irmandade do Rosário no tempo da festa da Congada, permanece com suas peculiaridades de convivências nem sempre harmoniosas.

Cada vez mais fica evidente a impossibilidade de pesquisar essa manifestação pensando que tudo já está delineado, de pronto dado. É preciso muitas vezes ter astúcia ou procurar outros indícios conforme reflexão de Ginzburg ao dizer que “ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes”, e que, nesse “tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos

imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição¹²⁶”. Compreende-se como senso comum às vezes, que memórias exaustivamente repetidas podem criar nos sujeitos a ideia de que “algo” possa ter realmente existido da forma como no presente se conta, sem levar-se em consideração, que esse “algo” pode não ter sido reflexo de uma única versão.

Nesse viés é que o uso de vários testemunhos, entrecruzando-se ou não com indícios documentais, podem revelar divergências de memórias, possibilitando, dessa forma, a compreensão de que os protagonistas da cultura afro-brasileira, quando estão a vivenciar conflitos e disputas de e por (poder), igualmente urdem seus relatos de memórias, memórias que servem de contraponto à criação de uma realidade exclusiva, formalmente anunciada por uma elite que procura legitimar o acontecido, somente a partir de seus pontos de vista.

É preciso conhecer que seja o mínimo de um processo histórico, para que haja possibilidades reais de discussões. Investigar novas possibilidades a partir de outras fontes e documentos, lendo nesses e em outras evidências, novas maneiras de apreender realidades até então inexploradas. Dessa forma, as vezes é preciso recuar ao passado para entender um pouco do presente e problematiza-lo à luz de questões igualmente postas em outras épocas.

Compreende-se desse modo, o quanto pode ser nocivo produzir ou querer legitimar a existência de um passado único, baseado em certezas e verdades, quer seja por meio de discursos historiográficos ou de testemunhos orais, sem confrontar outros documentos que, mesmo dispersos, sinalizam para a existência de probabilidades diferentes, não de negação do passado, pelo contrário, de entender que a dinâmica do presente é resultante de processos de disputas outrora produzidas, em outras circunstâncias que não somente aquelas historicamente constituídas como se fossem verdades únicas, sem considerar outras versões.

¹²⁶ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 179.

2.1 Relações de poder, racismo e disputas de (e por) memórias

Os estudos envolvendo a presença das irmandades leigas no Brasil colônia durante os séculos XVIII e XIX são inúmeros, por isso, o intuito é sobretudo e mais particularmente refletir sobre a existência da Irmandade do Rosário de Uberlândia, que surge nos princípios do século XX, no ano de 1916. Constituída sob a “tutela” da Diocese de São Pedro do Uberabinha – nome de Uberlândia à época – a criação da Irmandade do Rosário foi resultante de uma aceitação que parecia consensual e no entanto, ao mesmo tempo, denotava conformismo – compreensível para que pudesse existir de fato, como é possível verificar na ingerência da Igreja a partir das normas estatutárias.

Tais normatizações sinalizavam já de início, para um processo de subalternidade institucional autorizada a “funcionar pelo excelentíssimo e reverendíssimo Dom Eduardo Duarte Silva, Bispo Diocesano de Uberaba, em 12 de julho de 1916¹²⁷. Segundo o que se constata em documento posterior, a instituição era formada pelos pretos da freguesia, tendo como finalidade a exaltação da Virgem Maria, bem como a santificação das almas, devendo inteira sujeição à autoridade diocesana, não podendo modificar as obrigações estatutárias assumidas sem a devida anuência hierárquica da Igreja Católica¹²⁸.

A ingerência e controle sobre a Irmandade do Rosário é factível quando acontece a revisão da convenção estatutária, de tal maneira a não permitir nenhum tipo de flexibilidade na condução da instituição, esse procedimento é explicitado na determinação de reformular dois itens fundamentais que tratavam da possibilidade de se constituir bens patrimoniais e da extinção, quando a autoridade diocesana o desejasse. Consequentemente, a ordem era para que constasse nas disposições permanentes, a obrigatoriedade da Irmandade do Rosário de “prestar contas à autoridade diocesana anualmente e todas as vezes que fosse convidada¹²⁹”, além disso, a imposição de que a Irmandade do Rosário não estava apta para assumir e muito menos exercer, “a personalidade jurídica sem pura e expressa autorização¹³⁰” daqueles que eram os representantes da Diocese do São Pedro do Uberabinha.

¹²⁷ **Compromisso (estatuto) da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.** 07 de novembro de 1916. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹²⁸ **Compromisso (estatuto) da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.** 28 de junho de 1918. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹²⁹ **Compromisso (estatuto) da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.** artigos 32 e 33 do capítulo VI. 04 de junho de 1916. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹³⁰ **Compromisso (estatuto) da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.** artigos 32 e 33 do capítulo VI. 04 de junho de 1916. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

A última consideração que trata do adendo à realização de assembleia geral da Irmandade do Rosário para eleição da mesa administrativa indica a necessidade da aprovação diocesana, com recomendações sobre a necessidade de conflitos ser resolvidos no âmbito da Diocese, quando os membros não conseguissem chegar a uma resolução pacífica, ficando a cargo do “ordinário diocesano¹³¹” decidir sobre os assuntos, que de modo algum, poderia ser levados à justiça comum, sem que houvesse concordância do administrador, referendada por escrito.

Ordinário, significava uma autoridade com função idêntica à de um juiz, um magistério da Igreja Católica, exercido continuamente pelos bispos e pelo Papa – através de encíclicas e outros tipos de documentos e de meios – que deveria ser reverenciado pelos fiéis em termos de vontade e razão, e, esse magistério ordinário, tornava-se infalível só quando o Papa e o Colégio Episcopal, dispersos por todo o mundo, concordassem em emitir uma “sentença definitiva sobre fé e moral aplicável a toda a Igreja¹³²”. É necessário destacar que o compromisso de criação da Irmandade do Rosário, foi encaminhado no dia 28 de junho de 1918 para aprovação do Bispado em Uberaba e na cópia consta o seguinte:

Cópia ao Exelentissimo Bisbo Diocesano. Alguns fiéis devotos a N.S. do Rozário suplicam a V.Ex. Rev, a mercê a aprovação ao Compromisso, que em reunião especial eles adaptaram e assinaram, e de autorizar a ereção canônica da respectiva Irmandade ser este local Capela da Senhora do rozário, filial da matriz do Uberabinha. O projeto de compromisso sujeitado a aprovação de V.Ex. Rev, é cópia quase fiel do Compromisso da Irmandade de N. S. Do rozário ercta na Parochia do Araxá e que em tempo, V.Ex. Rev, dignou-se a aprovar¹³³.

Sendo cópia de outra Irmandade da região – cidade de Araxá – percebe-se que a estrutura de controle da igreja sobre essas irmandades leigas pelo menos a título documental era rigoroso e centralizador. Estudos desenvolvidos por vários pesquisadores de irmandades no século XIX, apontam para o uso de meios autoritários na concepção de muitos compromissos estatutários, o que surpreende nesse caso, é que a Irmandade do Rosário de Uberlândia encontra-se em uma outra temporalidade. Esse aspecto fica evidenciado na redação final encaminhada ao Bispado de Uberaba, refletindo o teor dessa hierarquização absoluta:

¹³¹ **Compromisso (estatuto) da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.** 11 de junho de 1916. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹³² http://pt.wikipedia.org/wiki/Magist%C3%A9rio_da_Igreja_Cat%C3%B3lica. Disponível em 08/07/2011. Acesso em 06/06/2017.

¹³³ **Termo de solicitação de aprovação do Compromisso (estatuto) da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.** 28 de junho de 1916. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

A Irmandade deve inteira sujeição a Autoridade Diocesana (...) acatando e cumprindo suas ordens e decisões, não podendo reformar o presente compromisso sem aquiescência do Exellentissimo Ordinário. (Art. 3º).

Quanto a parte religiosa, a Irmandade se reconhece exclusivamente sujeita a Autoridade Diocesana, cujas decisões acatará no espírito de respeito e absoluta obediência¹³⁴.

Essa relação que a princípio parece ser apenas de viés paternalista, autoritário e religioso segue do ponto de vista documental até o início da década de 1960, por meio de um artigo inserido no regulamento da Irmandade do Rosário a evidenciar o combate ao que se considerava atentado aos bons costumes do período: “instalação de uma biblioteca com livros que ajudem a conservar sempre vívidos na mente dos associados a repugnância e o desprezo pelos atos contrários à moral¹³⁵”. Essa referência de doutrinação não é de toda arbitrária, é possível deduzir que tal vigilância tivesse a ver com a manutenção dos membros da Irmandade do Rosário, adeptos da religião cristã, mais assíduos à Igreja,¹³⁶ como forma de continuar os seus festejos em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Enveredar-se em trabalho de campo que contemple a Irmandade do Rosário enquanto um dos objetos de pesquisa é ao mesmo tempo ver-se envolto em uma série de dificuldades. Os acessos a documentos não são fáceis, quase raros, principalmente quando a abordagem está associada ao passado e às documentações sobre esse passado. Isso torna toda análise fragmentária, sem possibilidade de pesquisar a manifestação em grande parte de suas possíveis realidades.

Evidente que documentos são importantes para entender a constituição de uma instituição secular e que esses podem suscitar ou não situações contraditórias dentro de um grupo social. É nesse conjunto de elementos reunidos em atas e estatutos, que nota-se por

¹³⁴ **Artigos 3º e 4º do termo de compromisso (estatuto)**. 28 de junho de 1916. Compilados do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹³⁵ **Estatuto da Irmandade do Rosário**. Alínea C, do artigo 4º do 2º Capítulo. Folha 1. Uberlândia, 08 de janeiro de 1963. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo de Jeremias Brasileiro.

¹³⁶ Um esclarecimento é fundamental aqui. Por décadas seguidas, verifica-se em atas a pouca presença dos congadeiros nas missas dominicais, essas ausências atualmente são computadas como penalidades aos grupos cujos responsáveis não comparecem sequer uma vez a cada segundo domingo do mês. A depender do número de faltas, a penalização recai sobre a distribuição de recursos financeiros oriundos da Prefeitura de Uberlândia por meio de convênio, podendo fazer com que um grupo nada receba se totalizar mais do que o limite de faltas permitidas. Essa regra já foi motivo de interpelação judicial por um grupo de Congado. O Congo Amarelo Ouro fundamentou denúncia sobre a forma de repasse de subvenção da Irmandade do Rosário aos grupos de Congado; só que esse questionamento foi por meio de reclamação oferecida ao Ministério Público de Uberlândia. Denúncia protocolada em 18 de agosto de 2007. O Ministério Público arquivou a ação por entender que era de competência da Irmandade do Rosário a solução dos conflitos. Cópia de documento/acervo do pesquisador.

exemplo, o perfil conservador da Igreja Católica que recorre a uma normatização de meados do século XIX para regular a existência de uma Irmandade do Rosário em pleno século XX¹³⁷.

Retomando o diálogo em que continua como ponto discursivo a institucionalização da Irmandade do Rosário e sua estreita relação com a Igreja Católica, do ponto de vista documental, não se pode partir do pressuposto que o escrito em estatuto torne-se efetivo na realidade. As regras impostas, não são cumpridas de fato, tanto alhures quanto agora, e isso faz sentido, pois, há imposições relatadas em atas da década de 1950¹³⁸, em que grupos são afastados ou mesmo expulsos por não cumprirem os acordos pré-estabelecidos, especialmente no tocante às ausências em missas dominicais, no entanto, eles retornam de um modo ou de outro, a compor os festejos da Congada.

Isso é interessante para a percepção de que a Igreja por mais que quisesse e queira doutrinar o congadeiros, enfrenta dificuldades de todas as formas. As nuances dessas contradições estão principalmente nas diferenças de olhar o mundo, a vida, a religião e a cultura, que são espaços fronteiros difíceis de se convergirem a um mesmo desejo hierárquico católico, inclusive da própria Irmandade do Rosário, junto a seus associados. Várias foram as tentativas fracassadas em fazer com que jovens e mesmo adultos, aderissem forçosamente aos rituais das missas dominicais, participando de leituras, ofertórios e com possibilidades de se tornarem ministros de eucaristia.

A participação da juventude em anos iniciais da década de 2000, foi emblemático, dado que os jovens vestiam-se de modo não convencional para tais ritualidades e as meninas exibiam partes de seus corpos considerados inadequados para alguém ficar diante de um púlpito a fazer uma leitura da bíblia sagrada. Por mais que a diretoria executiva da Irmandade do Rosário esforce-se, é flagrante o distanciamento entre os congadeiros e a Igreja Católica enquanto instituição, e a maior proximidade que também não é generalizada, se dá no dia em que acontece a procissão da festa da Congada de Uberlândia. Nos dias de novenários por exemplo, o que se percebe nitidamente, é a presença dos idosos que há anos frequentam a Igreja do Rosário, ajudando nas rezas dos terços, que acontecem nove dias antes dos desfiles dos grupos de Congado na Praça do Rosário.

¹³⁷ “A Irmandade deve inteira sujeição a autoridade Diocesana e seus legítimos delegados, acatando e cumprindo suas ordens e decisões, não podendo reformar o presente compromisso sem aquiescência do Exmo. Ordinário”. Art 3º. Documento do Bispado de Uberabinha. São Pedro do Uberabinha, 11 de junho de 1918.

¹³⁸ **Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário**. 18 de outubro de 1959 e 08 de novembro de 1959. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Pensar nas temporalidades são questões necessárias, pois, muitas questões relativas ao passado, permanecem no presente, com poucas alternâncias quando em discussão estão as relações de poder, quer seja da Irmandade do Rosário com a Igreja Católica ou dessa com os grupos de congados. São nessas instâncias que surgem as percepções incorporadas por uma conjunção de documentos, de oralidades e de um extenso trabalho *in locus*, realizado por mais de duas décadas consecutivas.

Nessas condições depara-se com documentações particulares, procura-se ouvir pessoas cujos relatos ainda não tinham sido objetos de discussão, participa-se de reuniões em que determinados eventos eram revelados por meio da oralidade, a deixar implícito, que havia muito a dizer sobre as memórias e histórias não contadas a respeito da existência e luta dos Congadeiros na cidade de Uberlândia. Quando o passado não está disponível documentalmente, quando as oralidades surgem como indícios de um passado não reconhecido, as problematizações precisam ser tratadas a partir dessas constatações.

2.1.2 A “**caridade aos pretos**”: Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo X Irmandade dos “homens de Cor” da Igreja do Rosário.

Duas considerações iniciais são necessárias antes de iniciar a discussão proposta no referido tópico. A primeira, refere-se a Confraria no título inscrita, cuja data de fundação ocorre no início dos anos de 1900. A segunda, trata-se da Irmandade do Rosário, criada no ano de 1916. Só um pároco afirma que ao surgir a irmandade dos homens de cor, esses negros tomam conta da capela do rosário, destituindo a Confraria dos “brancos” que detinha a posse da mesma, o que teria levado a uma cisão e separação de festas na cidade. Contudo, a Confraria deixa de existir na década de 1940, quando ocorre a demolição da paróquia de Nossa Senhora do Carmo.

Essa era a percepção do Padre Marcello Sebastião Augelo, Reitor do Santuário Nossa Senhora Aparecida à época desse testemunho (2006). Ele se apegava à crença de que a Irmandade dos Homens de Cor de Uberlândia¹³⁹ teria sido o primeiro movimento negro organizado da cidade a tomar posse de um lugar público, a Igreja do Rosário, no início da primeira década de mil e novecentos. Problemáticas dessa natureza parecem acompanhar a Irmandade do Rosário, e em que incida o testemunho institucional do Padre Marcelo Augelo, a perspectiva por ele enunciada faz sentido, quando por um entrecruzamento de dados oriundos de fragmentos de atas da Confraria do Perpétuo Socorro e da oralidade proveniente de sujeitos que foram objeto de registro por terceiros na década de 1980, surgem contestações que possivelmente foram omitidas ou desconhecidas pela historiografia sobre o assunto.

Constituída por “senhoras da sociedade”, a confraria do Perpétuo Socorro atuou por vários anos junto a Igreja do Rosário e na realização da festa à Nossa Senhora do Rosário, sendo que o surgimento da Irmandade dos “homens de cor” em 1916, vai produzir uma ruptura institucional. As mulheres associadas à Confraria, passaram a realizar a festa da Virgem do Rosário em outubro, fazendo com que os negros ficassem com suas louvações no mês de novembro. Mesmo após a demolição da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, e a migração dessas mulheres para a Catedral de Santa Terezinha, elas continuaram por alguns anos a realizar a festa no mês de outubro, período esse que abrangeu os inícios dos anos de

¹³⁹ AUGELO, Marcello Sebastiao. Testemunho obtido em novembro de 2006. Atualmente é padre na Igreja do Bairro Santa Mônica (2017) e mantém a mesma versão.

1910 até por volta dos anos de 1937, conforme é possível extrair das documentações e de alguns fragmentos de atas dessa Confraria, essencialmente feminina¹⁴⁰.

Os estereótipos produzidos a respeito dos negros do rosário e expostos em documentos, revelam a presença racista e preconceituosa em relação à festa da Congada, o que na realidade, permite dizer da invisibilidade dos autores e atores sociais congadeiros e suas oralidades. Oficialmente, a construção da Igreja do Rosário, como sendo uma benevolência das elites de época; discurso esse hierarquizado em que o outro (negro) tem o seu lugar definido na religião (festa de pretos) e social (caridade, falta de bons modos, atrasado) e racial (bagunça, algazarra, carnavalesco).

Há que se pensar que outras realidades possam ter existido, e o propósito não é de focar naquilo que não foi dito, muito menos de querer legitimar o contraditório como realidade absoluta, contudo, necessário se faz, dar ciência de outras versões correlacionadas ao assunto, que por motivações diversas, em determinadas épocas foram ignoradas. Curiosamente nesse contexto, o próprio jornal escrito, sem perceber ou mesmo pensando vangloriar-se diante da cultura religiosa da Congada, deixa transparecer em alguns momentos, essa tênue teia envolvendo Irmandade do Rosário, Igreja Católica e políticos locais. Essas interpretações serão abordadas mais adiante ao tratar-se da tentativa de venda da Igreja do Rosário pelo bispo da época, da camaradagem do prefeito com os congadeiros e dos enfrentamentos desses sujeitos para instituírem-se enquanto comunidade negra organizada na cidade.

Esse breve itinerário antes exposto, inicia-se com o advento do surgimento da Irmandade do Rosário de Uberlândia, cuja nomenclatura à época era “dos homens de cor”. Por razões desconhecidas – que entende-se como racistas – a Confraria do Perpétuo Socorro, integrada por personalidades da elite local em todos os âmbitos sociais, não se sentia confortável em comemorar os festejos de Nossa Senhora do Rosário no mês de outubro, concomitantemente à festa da Congada em louvor à mesma santa. O embaraço ao que parece, foi resolvido de forma discriminatória, com a realização de duas festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.

¹⁴⁰ Expressões como: “todas as chefes e associadas”; “reunião mensal das chefes do rosário”, inscritas em ata - folha 201, de 03 de maio de 1931, indicam essa presença feminina, bem como a identificação em ata de 05 de agosto de 1910, elencando o nome de 05 mulheres responsáveis pela condução da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. **Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.** Outubro de 1931 e agosto de 1910, respectivamente. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

O desnovelamento desse episódio se dará com a instituição a partir do ano de 1917 dessas duas festas; a da Confraria formada por grupos sociais da elite, no mês de outubro e da recém-criada Irmandade dos homens de cor, no segundo domingo do mês de novembro. Ficava desde já explicitado que a mudança de calendário estava associada ao surgimento da Irmandade do Rosário e que a mesma por questão racial, não era bem vinda ao círculo social religioso. Esse meio social determinava o ciclo das manifestações que estavam vinculadas à Igreja Católica e por isso, instituíram que a festa de Nossa Senhora do Rosário realizada no mês de outubro, a partir de 1917 seria de competência da Confraria do Perpétuo Socorro, enquanto a dos “homens de cor” da Irmandade do Rosário, ficaria para o segundo domingo do mês de novembro.

A continuidade do racismo toma contornos tão amplos que tornam-se inclusive socializados, quando registrados em documentos oficiais. São essas documentações que evidenciam em primeiro instante, esse processo de designação do “outro” como sendo inculto, e, portanto, necessitado de orientação das pessoas cultas – elite intelectual e religiosa – para ser capaz de vivenciar a fé, que a depender do entendimento transcrito em ata da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, sequer viver a fé em plenitude, os congadeiros eram capazes de sentir:

Avisou-nos também o Sr. Cônego Diretor, da próxima festa de N.S. do rosário, - intitulada festa dos pretos,- a realizar-se no dia 14 próximo (novembro de 1931) que fazia questão da cooperação da Irmandade (Confraria), não só por ser a homenageada N. S. do Rosário, como também em sentido de bom exemplo e caridade aos pretos¹⁴¹.

Essa transcrição de fala aponta de imediato para três reflexões singulares. A primeira decorre da citação que evoca diretamente a figura do Cônego Diretor como o interlocutor ativo que repassa as informações já de antemão reveladoras de preconceitos em relação à festa dos congadeiros; a segunda é a exigência de cooperação da Confraria do Perpétuo Socorro, de perfil elitizado, junto àquela que é designada discriminatoriamente como “a festa dos pretos”, a festa dos outros, daqueles que pertencem a outra escala racial, social e religiosa; por fim, o escopo de missão caritativa que o Sr. Cônego Diretor destina às associadas da referida Confraria, é subliminar enquanto evidência da presença real do patriarcalismo, em sintonia com a hierarquia eclesiástica católica.

¹⁴¹ **Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.** Outubro de 1931. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

O caridoso, indulgente, nesse contexto, é aquele que se sente confortavelmente na condição de superior, superioridade essa não só política, econômica, bem como religiosa e moral. Tratamento diferenciado que legitima a condição social das pessoas e ao mesmo tempo institucionaliza do ponto de vista religioso, o lugar que os negros congadeiros deveriam ocupar nessas relações que envolviam os festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.

É possível diante dessas evidências, deduzir que tal deslocamento que resultou na realização de duas festas diferentes em homenagem a mesma santa, tenha sido ocasionado especialmente, em consequência do surgimento da Irmandade do Rosário, que será denominada “irmandade dos homens de cor”. Se na década de 1950, até a década de 1960, a discriminação racial era explícita na cidade, separando negros de brancos em passeios, clubes e cinemas¹⁴², não é nenhum equívoco supor que na década de 1930, essa separação, igualmente tenha contaminado as festividades religiosas.

Nessa abordagem, o que se verifica não são apenas rastros, indícios¹⁴³, mais que isso, trata-se de um conjunto de elementos que evidenciam a sistemática racista, relatada pelas pessoas que a reproduzem, não sendo por esse viés algo percebido pelos testemunhos, muitas das vezes desqualificados e tratados como discursos de vitimizados. Importante porém nesse contexto, é notar que as documentações são produzidas por aqueles que possuem os meios de fazê-las e registrá-las.

Dessa maneira, a voz dos excluídos por muitas vezes continuam sendo colocadas em dúvidas, como se não passassem de imaginários construídos, não sendo ainda para alguns pesquisadores, relevantes enquanto registro histórico. Esse é um dos motivos em que se encontra a única possibilidade de acessar determinadas ocorrências do passado, pois há situações em que elas se revelam por meio da oralidade dos que foram vítimas desse racismo,

¹⁴² Vários autores já trabalharam esse assunto em Uberlândia, entre os quais destacamos: CARMO, Luís Carlos do. **Função de preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960**. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica - PUC/São Paulo, 2000; OLIVEIRA, Júlio Cesar. **O último trago, a última estrofe: vivências boemias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60**. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000; MARRA, Fabíola Benfica. **Álbum de família: famílias afrodescendentes no Século XX em Uberlândia**. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 2005; SANTOS, Fernanda. **Negros em movimento: sentidos entrecruzados de práticas políticas e culturais (Uberlândia/1984-2000)**. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós Graduação em História Social, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2011; BARBOSA, Pedro. **Organização e institucionalização política do movimento negro de Uberlândia**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, 2011.

¹⁴³ GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

mas podem e na maioria dos casos, encontram-se nas documentações dos portadores do poder.

Nesse caso em específico, os relatos são oriundos de escritas que revelam os discriminadores e não dos sujeitos discriminados. O teor das falas que ao ser escrituradas, mesmo que passem por um filtro depurativo, são sintomáticas do olhar carregado de preconceitos em relação aos negros congadeiros, como se constata em outro fragmento de ata: “convidou-nos (Cônego Diretor) para acompanharmos a procissão e manter ordem e respeito, o que não observam os homens de cor quando fazem dansas, confundindo festa religiosa com folguedos carnavalescos¹⁴⁴”. Essa estigmatização vai acompanhar os indivíduos negros por décadas afora e mais acentuada ainda, com o advento das escolas de samba em Uberlândia a partir do ano da primeira década de 1950.

Esse fragmento de ata, revela a associação entre carnaval e Congada, essa é a caracterização demonstrada pela elite intelectual e religiosa – não tão diferente de agora, séculos XX e XXI – sobre a cultura praticada e vivenciada pelos “negros” na cidade, destacando que os congadeiros realmente não estavam em sintonia com os ritos devocionais católicos, mais que isso, pouco adeptos à disciplina exigida para tal ocasião festiva. Talvez por isso, a necessidade de dar bons exemplos a esses “homens de cor” considerados incultos:

Falou-nos [Cônego Diretor] do novenário a N. Senhora e São Benedito, festa tradicional dos homens de cor da nossa cidade, pedindo-nos comparecimento às novenas, à missa cantada e a procissão em homenagem a N. Senhora, homenagem esta a que não devemos fugir, mesmo para dar exemplo às pessoas mais rudes e afastadas¹⁴⁵.

Parece que dar exemplo de moral, de bons costumes é algo inerente aos associados da Confraria do Perpétuo Socorro, deixando claro o comportamento inadequado dos sujeitos negros, que mesmo pertencentes à Igreja do Rosário, não são pessoas civilizadas. De outro lado poderia até ser causa de estranhamento – não fosse o preconceito arraigado nessa Confraria – o fato de pessoas esclarecidas, escolarizadas, cultivar esse conceito de desqualificação sem o menor constrangimento, sendo elas associadas a uma confraria cuja santa, Nossa Senhora do Carmo, era (e é) justamente a padroeira da cidade de Uberlândia.

¹⁴⁴ **Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.** Outubro de 1931. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹⁴⁵ **Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.** Outubro de 1931. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

A constatação que possivelmente fica, é a de que principalmente os negros, continuavam sendo visto no imaginário social, como gente bruta, incapaz de adaptar-se às normas pré-estabelecidas, e conseqüentemente por isso, viviam afastados da fé. Modelo de tratamento peculiar destinados aos escravizados considerados pagãos, destituídos portanto, de sentimentos, de sensibilidades.

A “caridade aos pretos” nesse sentido, tem uma dimensão diferente daquela comumente pensada como ajuda social. Não há menções à pobreza material por exemplo, ser caridoso é dar exemplo através de atitudes e de etiquetas de bons comportamentos. É tratar esses sujeitos históricos como “meninos” pouco afeitos a cumprir regras de cunho religioso e social. Caridade assume por esse viés uma espécie de condescendência, pois, são pessoas que por possuir atributos tão folclóricos e primitivos, “rudes, afastados”, chegam a ser dignos de “pena” e o “dar exemplo” se torna corretivo moral, uma vez que quem não “possui educação”, precisa de exemplos para se orientar.

Criar noções negativas, independente da época, sobre um grupo social: homens de cor, rudes, pretos necessitados de caridade, afastados da fé, é mais do que naturalizar preconceitos, normatizar atitudes racistas, é fixar no outro a identidade do que o separa da sociedade culta, é hierarquizar as relações a partir do instante que esse “negro” é associado a uma identidade que se diferencia de outra – inteligente – pela perspectiva do atraso.

Emblemático é refletir sobre essa condição hierárquica religiosa e preconceituosa, proveniente de uma Confraria “feminina”, o que em certo sentido pressupõe pensar na probabilidade – ou mais enfaticamente afirmando – existência de um racismo alicerçado na sociedade como um todo, e conseqüentemente, nesse contexto, compartilhado e difundido igualmente por esse grupo social da elite religiosa, cultural e política da cidade.

Um autor que ajuda a pensar nessa relação hierárquica desigual é Carlo Ginzburg ao afirmar que “aceitar a existência de costumes e valores diversos dos nossos parece a muitos, ato obrigatório; aceitá-los sempre e de qualquer maneira parece a alguns intolerável”. E conclui com uma indagação: “temos o direito de impor as nossas leis, os nossos costumes e os nossos valores a indivíduos provenientes de outras culturas? ¹⁴⁶”. É sintomático como a cultura do “outro” necessita estar regulamentada e bem comportada, para merecer algum tipo de

¹⁴⁶ GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 14.

reconhecimento público, por conseguir manter a ordem pública, e não pelo respeito à manifestação; isso é publicizado pelo Jornal Correio de Uberlândia no ano de 1944:

Realizou-se domingo último [10 de novembro de 1944] com grande assistência, a festa de N.S. do Rosário, promovida pelos homens de côr de Uberlândia. O programa organizado a capricho pelos festeiros deste ano, Srs. Ezequiel Monteiro, Alceu Medeiros e Sras. Alzira Monteiro e Gumercinda de Jesus, foi inteiramente cumprido, encerrando as solenidades, uma grande procissão de N.S. do Rosário, da qual fazia parte a tradicional congada, que antes, desde cedo, vinha percorrendo as ruas da cidade, vestidos a caráter e cantando bonitas melodias de origem africana. A comissão organizadora da congada, que ainda no dia de ontem percorreu a cidade em visita às autoridades e jornais, recebeu, na pessoa de seu presidente, Sr. Elias F. do Nascimento, muitos cumprimentos pelo bom gosto, ordem e respeito havidos em todas as festividades¹⁴⁷.

Os elogios pela realização da festa dentro da ordem e do respeito parece pressupor que a expectativa era de desordem, de balbúrdia, não se reconhece a festa e sim a possibilidade de que a mesma ocorresse sem causar transtornos pelas ruas da cidade, uma forma metafórica de dizer, “parabéns, vocês comportaram direitinho”. Chama igualmente atenção os discursos que designam os congadeiros negros de “homens de côr”, discurso esse naturalizado e bastante presente na sociedade, sendo reproduzido do mesmo modo pela imprensa.

Dessa maneira é que uma parte da elite social racista se forma, por meio da imprensa, do poder público e da Igreja, através da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. A recorrência de tais atos discriminatórios é subliminarmente evidenciada não só nas atas da Confraria do Perpétuo Socorro. Esses atos são uma prática social cotidiana e institucionalizada, cuja realidade transcende o próprio imaginário cultural. Um evento ocorrido em homenagem ao dia 13 de maio para celebrar a data de abolição da escravatura, reforça a presença da discriminação racial na cidade e a dificuldade de negação da mesma, que se materializa nas páginas do Jornal Correio de Uberlândia:

Revestiram-se de grande entusiasmo e não pequeno brilho as festas realizadas, pelos homens de cor de Uberlândia para comemoração da grande data nacional – 13 de maio – dia da libertação dos escravos. O Clube José do Patrocínio realizou imponente e bonita passeata pelas principais avenidas e ruas da cidade levando em rico e bem ornamentado andor, conduzido por moças, o retrato da Princesa Isabel (...) Dentro de um espírito cívico verdadeiramente notável, as comemorações do 13 de maio em Uberlândia serviram também para demonstrar o alto grau de confraternização existente entre os homens de cor e os seus irmãos brancos, estando sendo extintos,

¹⁴⁷ BASTONE, Paulo. **Festa de N. S. do Rosário**: tradicional congada dos homens de côr. Correio de Uberlândia: diário independente. Uberlândia, terça-feira, 14 de novembro de 1944. Nº 1545. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-de-uberlandia/830470>. Acesso em julho de 2016.

cada vez mais, os preconceitos de cor e raça por ventura ainda existentes em nosso adiantado meio¹⁴⁸.

Mesmo que haja tentativa de suavizar a questão racial, percebe-se o quanto esse racismo é presente no convívio social, em que pese o esforço discursivo do articulista ao apontar para uma conciliação entre “homens de cor” e os “seus irmãos brancos”. Como é possível que um grupo social que pauta seu discurso a favor do progresso, do desenvolvimento, consiga ao mesmo tempo manter práticas segregacionistas quase análogas às daquelas do tempo oficial de escravidão?

O cenário de início descrito converge para a representação de Princesa Isabel – a redentora dos negros escravizados – tendo sua imagem fotográfica assentada em um andor conduzido por moças negras, como em uma associação aos andores usados nas procissões das congadas com santos devocionais ou das liteiras em que senhores e sinhás eram transportados pelos seus subalternos escravizados. Há porém, um interstício quando ocorre dois grandes bailes organizados por grupos de movimentos negros, o Clube José do Patrocínio e o Clube Flor de Maio.

Fica evidente, a separação entre negros e brancos. O próprio articulista reconhece a continuidade da discriminação racial em um meio que pressupunha-se, estaria em uma escala mais adiantada socialmente em relação aos “outros”, os “irmãos de cor”. Por isso, a perspectiva de estar cada vez mais próximo de extinguir-se os atos discriminatórios, “ainda porventura existentes” naquela sociedade progressista. Entretanto, outra matéria publicada no mesmo diário e na mesma data reitera o que considera-se luta ausente, protagonismo negado, dos congadeiros que reagiram politicamente para não permitir que a praça e a Igreja do Rosário não sofresse modificações desejadas por um bispo, no ano de 1953:

Se a pracinha é da Igreja, parece que ela pode fazer um muro e a sua casa voltada para a Rua Barão de Camargos. Mas o terreno é por demais pequeno e a rua ficaria muito estreita, sendo já muito cheia de casas fora de alinhamento. Seria preferível então que a prefeitura olhasse o caso com a atenção que merece o pedido do Monsenhor Eduardo dos Santos, porque realmente a praça não pode ficar como está, servindo de centro para molecagens e desguarnecida como está na vizinhança da Igreja N.S. do Rosário. Talvez um belo ajardinamento fosse a solução ideal. Não resta dúvida de que é a mais conveniente sob o ponto de vista público: enfeitaria a praça e a igreja colocada como está num logradouro interessante e necessário. Há também a ver o interesse da Igreja Católica em construir o

¹⁴⁸ CORREIO DE UBERLÂNDIA. **Com grande entusiasmo cívico decorreram as festas do 13 de maio desta cidade.** Correio de Uberlândia - diário independente. Uberlândia, 16 de maio de 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-de-uberlandia/830470> . Acesso em julho de 2016.

seu prédio para a Ação Católica, mas para este, com a boa intervenção dos poderes competentes e do povo da cidade, se pode encontrar local mais adequado e mais vantajoso quanto ao espaço¹⁴⁹.

O que percebe-se a princípio é uma tentativa de transformação do espaço da Praça do Rosário para a construção de um edifício que abrigaria os padres da Igreja Católica, sendo que a matéria não expõe outras nuances possivelmente verossímeis, a intenção de acabar com a realização da festa da Congada por motivações raciais, como afirma Leonor Jardim de Souza: “o Monsenhor Eduardo queria acabar com a festa do rosário porque tinha muita briga racial [década de 1950] mas eles [os negros] foram atrás de Dom Almir para interceder e a festa continuou¹⁵⁰”. Não fica claro à qual “briga racial”¹⁵¹, Dona Leonor se refere, é possível deduzir porém, que tal evento esteja relacionado aos constantes tensionamentos produzidos por questões de discriminação racial no período citado.

Rubens Aparecido Assunção, que desde a década de 1980 é relações públicas e coordenador de eventos da Irmandade do Rosário, aponta de outro modo, para os conflitos existentes entre a Igreja Católica e os congadeiros, tendo como consequência dessas disputas, a resistência dos membros da Irmandade do Rosário, diante da possibilidade de o Bispo Monsenhor Eduardo, vender aquele espaço, que conseqüentemente resultaria na demolição da Igreja do Rosário:

Isso foi no tempo do Monsenhor Eduardo [década de 1950], naquela época ele era o responsável pela Igreja e ele estava querendo vender a Igreja, e o pessoal começou a pegar em cima para não deixar. O finado Sr. Elias [Presidente da Irmandade do Rosário à época], o finado Zé Rafael, todos que faziam parte da diretoria na época, pegaram em cima, deixaram os documentos tudo em ordem, e conseguiram não vender¹⁵².

Posicionamento similar identifica-se no depoimento de Saturnino Rodrigues Neto, quando diz que o “pai falava da briga do pessoal, porque ele viveu e participou daquele tempo, que o Bispo Eduardo, eu acho, implicava com eles, que eles foram até Belo Horizonte pedir ajuda política para não deixar que acabassem com a festa e com a igreja do

¹⁴⁹ CORREIO DE UBERLÂNDIA. **A Igreja e a Praça**. Correio de Uberlândia: diário independente. Uberlândia, 16 de maio de 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-de-uberlandia/830470>. Acesso em julho de 2016.

¹⁵⁰ Leonor Jardim Souza. **Sobre a festa da Congada na década de 1950**. Ex-zeladora da Igreja do Rosário de Uberlândia, na década de 1950. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em dezembro de 1988. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Cópias em acervo de Jeremias Brasileiro.

¹⁵¹ É preciso considerar que na referida década de 1950, surge uma festa de São Benedito realizada no Bairro Martins com grupos de Congado que não participavam da festa da Congada realizada na Igreja do Rosário. Esse evento era realizado no mês de maio, assunto que faz parte da abordagem do próximo tópico.

¹⁵² Rubens Aparecido Assunção. **A respeito de conflitos entre Bispo e os membros da Irmandade dos Rosário**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

rosário¹⁵³". O que as falas de Leonor, Assunção e Saturnino evidenciam, é que por detrás do desejo de construção de um prédio, da sugestão do jornal de ajardinarem a praça, estaria em curso a possibilidade de demolição da Igreja do Rosário e com isso, o fim ou deslocamento das festividades da Congada, que aconteciam no referido logradouro público, como pode-se apreender da fala de Rodrigues Neto:

Ali tinha a igreja, mas tinha aquelas arvores de cerrado que dava aquelas vargens pretas, era tudo cheio de arvores e a igreja ali, na praça, tudo ali era cerrado e morro mesmo, no Bairro Lidice, só tinha passagem pela Cesário Alvim e Floriano Peixoto, pra chegar na igreja, se não tinha de passar pelo mato. No dia da festa, nada de banheiro, daí o pessoal descia lá pro mato [atual Bairro Lidice] pra fazer de mictório. Na época que eles queriam tomar a igreja, meu pai [Manoel Rodrigues] dizia que quem ajudou foi o Dom Almir [bispo de Araguari-MG, à época], então meu pai, o Sr. Rafael, o Sr. Milton Ferreira, foram ao Dom Almir que orientou eles a ir em Belo Horizonte pra não deixar o Monsenhor Eduardo vender a igreja, parece que ele queria fazer um colégio lá, não sei se de padre ou seminário, só não deixaram ele fazer o negócio naquele tempo. Daí depois falam que foi os políticos, os ricos, que não deixou, foi nada, O Sr. Landes, o José Mendes, o Sr. Nunes, o Zé Carneiro, mais esses outros é que foi em Belo Horizonte, fizeram comitiva, brigaram, mais você falou do jornal, o jornal escrevia o que os coronéis queriam né, quem mandava no jornal, na igreja, na cidade, era eles né, os coronéis¹⁵⁴.

Trazer esses sujeitos negros, congadeiros, excluídos para dentro da história não é de modo algum torná-los em heróis, ao contrário, é dotar esse processo histórico de outro sentido, outras versões ocultadas por não ser de interesse daqueles que detinham o poder de informações, reconhecer esses indivíduos como portadores de significados e protagonistas partícipes de ações históricas, é uma função historiadora.

A não condescendência romantizada desse processo, se sustenta inclusive no trato das contradições que são inerentes a manifestação, permeada de conflitos e de memórias em disputas; o que será possível de ser verificado na discussão a seguir, em que a Irmandade do Rosário, passa por enfrentamentos junto a Igreja Católica e outra associação de São Benedito, bem como nas disputas de e (por) memórias referentes à Igreja do Rosário no ano de 1929. Será admissível compreender outras movimentações que não possuem originalidade na benevolência da elite, e, esse viés discursivo almeja minimamente que seja, abordar por meio dessa narrativa, tais acontecimentos, na perspectiva de considerar outras versões.

¹⁵³ Saturnino Rodrigues Neto. **Luta dos congadeiros para não perder a Igreja do Rosário**. Filho de Manoel Rodrigues (Siricoco), um dos membros da diretoria da Irmandade do Rosário nos anos de 1950. Depoimento obtido em 26/12/2016.

¹⁵⁴ Saturnino Rodrigues Neto. **Sobre igreja do rosário e a luta dos congadeiros contra o racismo**. Entrevista realizada em 26/05/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

2.2. Temporalidades em desassossego: a história é um descontínuo, vitrais despedaçados.

Compartilha-se inicialmente como sustentáculo a essa temática, do pressuposto defendido por Paul Ricoeur de que os “testemunhos orais gravados, dos quais a micro-história e a história do tempo presente fazem um grande consumo¹⁵⁵”, possuem de igual forma, um “papel considerável no conflito entre a memória dos sobreviventes e a história já escrita¹⁵⁶”. Essa consideração coaduna com a reflexão proposta sobre memórias em disputas, cujo desenvolvimento possui como um dos suportes, o uso da oralidade já inscrita documentalmente, após ter sido gravada por meio de entrevistas, há mais de três décadas (1984), podendo ser considerada como fonte primária.

Desnovelar os enredos conflituosos nos quais estavam inserida a Irmandade do Rosário nos anos de 1930, 1940 e mais densamente nos anos de 1950, é relevante para a compreensão do quanto os testemunhos orais, em determinados momentos, contribuem para evidenciar que a presença de personagens negros na história contada por uma elite que já definia o lugar desses sujeitos – “a folclórica festa da Congada dos homens de cor” – e não mais do que isso era reconhecido. Buscar uma explicação plausível para eventos diferentes e ao mesmo tempo interligados, exige do pesquisador um esforço que demanda tempo, para tentar construir uma linha de convergência daquilo que a princípio, possa inclusive parecer contraditório.

Em primeiro plano é conveniente destacar o testemunho de Manoel Rodrigues (Siricoco) que foi gravado no ano de 1984 por Márcia Junqueira e a partir desse posicionamento entender alguns aspectos sobre a realização de uma festa no mês de outubro, uma festa no mês de novembro, e uma terceira festividade no mês de maio, e, de como esses três eventos constituem-se em importante objeto para análise das contradições raciais e de disputas internas entre três instituições de perfil religioso.

Um desses aspectos já foram abordados no tópico anterior sobre as divergências entre a Irmandade do Rosário e a Confraria do Perpétuo Socorro, que terminou por consolidar a festa da Congada dos “homens de cor” no mês de novembro, por quase 90 anos, embora a festa de Nossa Senhora do Rosário do mês de outubro, da citada Confraria tenha deixado de existir na década de 1950. Manoel Rodrigues (Siricoco) tanto enumera, quanto pontua, uma

¹⁵⁵ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 189.

¹⁵⁶ RICOUER, loc. cit.

dessas questões, nesse caso, a festa de São Benedito realizada no mês de maio, no Bairro Martins, que por muito tempo foi difícil de ser interpretada:

Na capela de Nossa Senhora do Rosário não tinha o São Benedito, era somente Nossa Senhora do Rosário, mas veio um senhor pra cá e tentou fazer a festa de São Benedito, mas fora da Nossa Senhora do Rosário, porque o Sr. Elias que era o presidente disse que não ia aceitar duas festas num ano só, porque ia separar a tradição, a tradição era em novembro e ele não preparou para fazer festa em maio, quer dizer, que ficava duas festas, uma em maio, e a outra em novembro, e aliás, essa festa era em outubro, mas como depois que foi registrada a Irmandade dos homens de Cor de Uberlândia, surgiu a Irmandade dos Brancos [Confraria do Perpétuo Socorro] que era lá da Catedral, aí ficou combinado que fazia a festa do Rosário em novembro e fazia a festa dos brancos em outubro porque era só interno, agora a festa nossa como era interno e externo ficou para novembro, e ela continua até hoje [1984]. Mas ela era mesmo em outubro¹⁵⁷.

A perspectiva de analisar esse enredo, é no sentido de não ocultar discursivamente uma realidade que contraria o senso comum generalizado de pensar a festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito nos moldes atuais, como resultante de uma linearidade secular, sem a presença de contradições, sem rupturas, sem dissenções, como se fosse a tradição resultante de uma harmoniosidade constante. Por esse critério é possível refletir a respeito de alguns episódios presenciados por uma pessoa que não ouviu de terceiros, aquilo que possivelmente aconteceu.

O primeiro deles refere-se a presença de Nossa Senhora do Rosário na capela. De fato, não havia a homenagem a São Benedito, que foi incorporado à Igreja do Rosário na década de 1970. A festa do mês de maio que poderia significar a quebra da tradição, é justamente uma nova festividade que surge protagonizada por negros congadeiros do Bairro Martins e adjacências, que resolvem realizar por conta própria, os festejos em louvor a São Benedito, entre meados da década de 1950 até por volta de 1966. Por se tratar de eventos separados e organizados por entidades religiosas negras e distintas, é relevante a descoberta em ata de um convite feito em abril de 1955 pelo Frei Adalberto Maria (Paróquia Nossa Senhora de Fátima no Bairro Martins), convidando o presidente Elias Francisco Nascimento (da Irmandade do Rosário) para ser o paraninfo e assistir a benção a São Benedito que seria realizado no mês de maio.

¹⁵⁷ Manoel Rodrigues (Siricoco). **As festas do rosário em três datas diferentes**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 06/11/1984. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

O Frei salientava que estava convidada toda a “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e todos os homens de cor¹⁵⁸” para que daquela forma pudesse ser “selada” uma espécie de pacto através da comunhão pascal e que a união prevalecesse nos anos seguintes. Esse convite ilustrava o desejo do pároco de promover a conciliação entre os grupos de Congado e de demonstrar a necessidade da presença não só da Irmandade, mas de “todos os homens de cor”, que nesse sentido pressupunha a comunidade congadeira em geral e não só a diretoria executiva. Entretanto, no final da década de 1960 a festa de São Benedito do mês de maio no Bairro Martins deixou de existir e conseqüentemente, a Associação que fora recém-criada para tal fim. Sobre essas comemorações separadas e o porquê da festa ter deixado de existir, José Rodrigues, um dos congadeiros mais antigos em atividade, expôs as circunstâncias:

Em Uberlândia tinha muitos ternos, mas aí os da Vila Martins separou com os da Vila Operária e aí os de lá foram acabando e os de cá foram ficando, dos de lá que acabaram tinha o Camisa Amarela do Sô Vicente, o Boa Esperança, o do Osmar, do Sô Fidico, o Camisa Cor de Rosa, o Sô Protázio tinha um grande Moçambique junto com o irmão Ologir e aí depois do Ologir deixar o terno, o Sô Protázio arrumou de novo, mas depois que morreu, acabou¹⁵⁹.

A memória é a possibilidade de se reconstituir o passado, de recordá-lo sob a luz de novas leituras desencadeadas no presente. Por isso, a memória quando acessada termina por despertar naquele que a vive, não somente uma recordação de concretude como igualmente, de questionamentos. Se essa memória encontra suporte discursivo, ela se torna mais peculiar e as disputas que surgem por meio dessas memórias, suscitam várias interpretações, entre as quais, os testemunhos orais que contribuem para trazer à tona outras versões do passado.

Esse passado pode ser sujeito de várias representações, dependendo de quem seja o fundador dos fatos, razão pela qual esse passado não é constituído de forma única; como uma ponte de concreto que necessita de fissuras para poder movimentar-se e não desintegrar-se, o passado possui os seus desníveis. Nesse cenário, é pertinente verificar a leitura que Francisco Cassimiro apresenta sobre os eventos ocorridos no Bairro Martins por ocasião dos festejos em homenagem a São Benedito, realizados no mês de maio: “a festa de São Benedito era no Bairro Martins, o santo era nosso, era separado, nós do lado de lá, os outros de cá”, declara Francisco Cassimiro, que dançou no Congo Boa Esperança, na década de 1960.

¹⁵⁸ **Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário**. 18 de abril de 1955. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹⁵⁹ José Rodrigues. Entrevista concedida em 06 de novembro de 2000. **Congadas de Minas Gerais**. BRASILEIRO, Jeremias. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001, p. 42.

O “santo era nosso” denota posse simbólica da imagem e do festejo em homenagem a São Benedito, onde os do “lado de lá” (Bairro Martins) realizavam a festa de São Benedito no mês de maio, e os do “lado de cá” (Igreja Nossa Senhora do Rosário) faziam seus festejos no mês de novembro. Francisco Cassimiro diz que “havia uma igrejinha para São Benedito no Bairro Osvaldo, era coberta de palhas, num lugar mais distante do Martins [atual Rua Ângelo Testa] no Bairro Osvaldo”. O ex-congadeiro revela: “depois é que foi tudo para a Igreja do Rosário, até mesmo o São Benedito! Então misturou todo mundo!¹⁶⁰”. Esses testemunhos de Francisco Cassimiro tem a ver com uma fala surpreendente, surgida durante uma entrevista com o presidente da Irmandade do Rosário, Deny Nascimento, que evidencia essa divisão surgida à época:

O Tio Cândido era da outra turma lá de baixo! Era contra nós o Tio Cândido! Eles queriam tomar a igrejinha do Rosário de meu pai! Mas tinha o Zé Carneiro, o Landes, o Siricoco! Eles lutaram e não deixaram! Aí essa turma lá do Martins arrumaram uma igreja de São Benedito lá no Martins, foi uns quatro, cinco anos, mas também morreu! Aí meu pai chamou Tio Cândido e Tio Cândido ficou assim, !?!? E aí ele passou para cá e ficou como Comandante no lugar do meu tio, Theófilo Nascimento¹⁶¹.

É uma viagem do presente ao passado e de retorno com a mesma desenvoltura. O sentido de pertencimento simbólico e ao mesmo tempo material aflora: “eles queriam tomar a igrejinha do rosário de meu pai”. Fica nítido na fala do presidente, uma das formas que a Irmandade encontrou para lidar com tal situação, ou seja, trazendo para a festa, lideranças que organizavam os festejos no Bairro Martins. Relatos de Walter Inácio, ex-zelador da Igreja do Rosário (1997, falecido); Geraldo Miguel (Charqueada, 2001, falecido); Geraldo Cândido Ananias (Tio Cândido, 2003, falecido); Dona Marlene Arantes (2011)¹⁶², confirmam que a imagem de São Benedito foi trazida em procissão da rua Ângelo Testa no atual Bairro Osvaldo Rezende, onde estava em uma singela capelinha e colocado no Asilo São Vicente de Paulo, até que restaurada, foi posteriormente levada para compor o altar da Igreja do Rosário, junto a Nossa Senhora do Rosário.

¹⁶⁰ Francisco Cassemiro. **Sobre a festa de São Benedito no Bairro Martins**. Depoimento obtido em 05/10/2010.

¹⁶¹ Deny Nascimento. **Presidente da Irmandade do Rosário**. Entrevista realizada em 10/11/2010. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹⁶² Walter Inácio; Geraldo Cândido Ananias (Tio Cândido); Geraldo Miguel (Charqueada); Marlene Arantes. Depoimentos obtidos em 1997; 2001; 2003; 2011.

2.2.1 E a festa da Confraria do Perpétuo Socorro acabou: não tinha dança de congo, não tinha comida, alegria e batuques.

Deparar-se com o testemunho de Manoel Rodrigues (Siricoco) que aponta as diferenças entre as festas de Nossa Senhora do Rosário realizada no mês de outubro pela Confraria do Perpétuo Socorro, e, do mês de novembro, organizada pela Irmandade do Rosário, revela ao mesmo tempo, as razões de permanência de uma festa (dos negros) e o desaparecimento de outra (dos brancos):

Essa festa era em outubro, mas como depois que foi registrada a Irmandade dos homens de Cor de Uberlândia, surgiu a Irmandade dos Brancos [Confraria do Perpétuo Socorro] que era lá da Catedral, ai ficou combinado que fazia a festa do Rosário em novembro e fazia a festa dos brancos em outubro, porque era só interno, agora a festa nossa como era interno e externo ficou para novembro, e ela continua até hoje (1984). Mas ela era mesmo em outubro¹⁶³.

Ao evidenciar a questão “interna e externa” como diferencial da festa da Irmandade do Rosário em relação às celebrações da Confraria do Perpétuo Socorro, Manoel Rodrigues deixa subentendido que as características principais dos dois eventos possuem elementos que não se relacionam entre si. Enquanto a Confraria possuía uma estruturação interna recém-criada e baseada em um tríduo composto de missa, novena e procissão¹⁶⁴, os festejos da Irmandade do Rosário, ao contrário, apresentavam diversas ritualidades, devido ao contexto histórico associado a uma vivência já proveniente dos antepassados, de ancestralidade que se fazia presente nos tempos de festas.

Esses outros ritos caracterizavam o aspecto externo da Congada: encontro de centenas de dançadores; Coroação de Reis e Rainhas, homenagens a Rei Perpétuo e Rainha Perpétua; diversidade cultural e religiosa, católicos, candomblecistas, umbandistas, espíritas, capoeiristas, sambistas e adeptos das folias de reis; realização de missa e procissão com a participação dos grupos de Congado; realização de ensaios, leilões, terços, nove dias de novenários na Igreja do Rosário, quarenta dias de campanhas percorrendo as redondezas e zona rural, antes dos festejos finais.

¹⁶³ Manoel Rodrigues, (Siricoco). **As festas do rosário em três datas diferentes**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 06/11/1984. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹⁶⁴ Em ata referente à realização da festa da Virgem do Rosário (Nossa Senhora do Rosário) no ano de 1910, é convidado um padre dominicano para participar do tríduo: Novena, missa com cantos e uma pequena procissão. **Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo**. 05/08/1910. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Some-se a tudo isso os almoços e jantar em todos os quartéis – locais de recepção dos dançadores e espectadores que em Uberlândia geralmente são as residências dos capitães e capitãs dos grupos – levantamento de mastro com Imagem de Nossa Senhora do Rosário; visitas recíprocas dos Ternos, trança de fitas do grupo de Marinheiro, formado somente por jovens, o ressoar dos tambores pelas ruas da cidade, com desfile de despedida – e recepção final na casa do presidente à época, Elias Nascimento – que durava até a madrugada e era realizado em um enorme quintal situado no atual bairro Aparecida, próximo da Avenida Benjamin Constant, com a Rua Prata. Enfim, o congadeiro enquanto marca de identidade negra de luta contra a discriminação, ao mesmo tempo, sujeito religioso, culturalmente festivo, festeiro, feliz.

Eram esses os elementos constituintes dos festejos congadeiros agregados às famílias negras portadoras desses conhecimentos reivindicados como de ancestralidade decorrente dos tempos de escravização, que continuavam como forma de vivência cultural e de posicionamento no mundo. Mesmo professando uma religiosidade popular católica, esses devotos permaneciam submetidos a um tratamento discriminatório, representado na categorização “homens de cor”, tanto no espaço público, quanto no espaço religioso da Igreja Católica. Esse modo característico de expressar-se culturalmente do congadeiro, vai ser interpretado como já abordado anteriormente, em folganças folclóricas, nas quais, esses negros não respeitavam os cerimoniais católicos, quando realizavam suas danças, “confundindo festa religiosa com folguedos carnavalescos¹⁶⁵”.

E são esses eventos que explicam novamente a alternância do calendário da festa da Congada que aconteceu no ano de 2003, cercada de polêmicas, possuindo várias justificativas para que essa alteração surgisse, fazendo desse modo com que as festividades voltassem a ser celebradas no mês de outubro, depois de quase nove décadas. Uma reportagem do Jornal Correio de Uberlândia, com o título: “Mudança do dia da festa causa indignação”, pressupõe que a “indignação” é dos grupos em relação à Diocese de Uberlândia, contudo o conflito maior se deu no âmbito da Irmandade em relação aos grupos. A revolta de que tratava o registro do jornal, referia-se à mudança de calendário da manifestação:

A festa que tradicionalmente acontece no segundo domingo de novembro, neste ano, foi antecipada para os dias 05 e 06 de outubro, o que gerou polêmica entre os grupos. A polêmica em relação à mudança da festa foi

¹⁶⁵ **Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.** Outubro de 1931. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

provocada por uma determinação da Diocese de Uberlândia, em função de 2003 ser o ano do Rosário¹⁶⁶.

Foram as mais diversas versões sobre os motivos de mudança de data que suscitaram a necessidade de um aprofundamento maior a respeito desse episódio. Para encontrar uma fundamentação no mínimo plausível é que tornou-se necessário voltar ao passado e compreender o sentido por detrás da concordância da própria Irmandade do Rosário; mesmo que os discursos não estivessem referenciados a uma forma de reparação cultural histórica em consequência do racismo e discriminação racial praticado na década, principalmente de 1930, pela Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. O Padre Olimar Rodrigues, representante da Diocese, apresentava, por exemplo uma versão sobre o retorno da Festa para o mês de outubro, eminentemente catequizador:

Nós fizemos essa mudança, para esse ano, “sobretudo”, devido ser o mês de outubro, o mês de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, numa tentativa de trazer novamente a união da liturgia com a manifestação popular. De maneira nenhuma foi uma atitude nossa como padre ou da Igreja que quis mudar, colocamos em assembleia com todos os capitães presentes e o presidente da Irmandade, que acharam por bem fazer essa mudança como uma experiência esse ano para ver como é que fica¹⁶⁷.

Para a Igreja, uma tentativa de voltar a vincular a festa com a devoção em data celebrada no calendário católico de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário¹⁶⁸ em 05 e 07 de outubro, respectivamente. Essa justificativa de reaproximação da liturgia com o ressoar dos tambores, como se antes tal envolvimento não existisse, trata de um discurso político do Padre Olimar Rodrigues, pois na realidade, não estava em curso uma experiência e sim, uma decisão que havia sido construída no ano de 2002, antevendo ao ano de 2003, que foi considerado pela Igreja Católica como o ano do Rosário de Maria.

Para a Irmandade do Rosário – diretoria executiva – era uma oportunidade de retornar ao que considerava antes ser a data correta – mês de outubro, tendo em vista os discursos de memória e documentais, a partir de atas da Confraria do Perpétuo Socorro, relativas às divisões de datas para homenagear a mesma santa – Nossa Senhora do Rosário – a partir do

¹⁶⁶ JORNAL CORREIO. **Mudança do dia da festa causa indignação**. Uberlândia, 06/10/2003.

¹⁶⁷ Olimar Rodrigues. **Festa popular**: congada 2003. Responsável pela Igreja Matriz de Santa Terezinha e pela Paróquia Igreja Nossa Senhora do Rosário, respondendo a questionamentos sobre a mudança da festa em 05/10/2003. Entrevista. TV Universitária de Uberlândia. Programa Espaço e Cultura. Direção de Delfino Rodrigues. Novembro de 2016. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 20' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

¹⁶⁸ A Festa de Nossa Senhora do Rosário foi instituída a partir de 1572, no dia 07 de outubro. O motivo refere-se ao Papa Pio V, que após conseguir deter a expansão do Império Turco na Batalha de Lepanto, dedicou a vitória a Nossa Senhora do Rosário, por acreditar que teria sido um milagre da santa. Por isso, em 1572, decretou 07 de outubro como o dia da Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Cf. POEL, Francisco Van Der. **O rosário dos homens pretos**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981, p.61- 62.

ano de 1917, por motivos já expostos de discriminação racial e religiosa. Desse modo, foi preciso que esse evento ocorresse, para que o passado novamente emergisse com toda a força.

No entanto, para muitos congadeiros, a mudança significava uma perda de tradição, pois defenderam em várias reuniões que as suas memórias de tradição estavam forjadas com a festa da Congada no mês de novembro. Além disso, a rebelião dos capitães em relação à Irmandade devia-se ao fato de que 24 deles – exceto representante do Moçambique de Belém – haviam assinado uma reformulação estatutária no ano de 2002, e, que, em um dos artigos, já constava a alteração da data da festa para o mês de outubro, a partir do ano vindouro, ou seja, 2003¹⁶⁹. A maioria dos capitães se defendia, afirmando que haviam assinado o documento sem ter tido conhecimento – ou melhor, lido o estatuto – exigindo, portanto, que a Diocese revisse a mudança de data da festa, o que não ocorreu, haja vista ter tido o consentimento da Irmandade do Rosário.

Diante dessa exposição, nota-se que é nas funções da memória social que depara-se com uma “justificação sobre a legitimação de ações no presente com referência ao passado¹⁷⁰”. Quando Raphael Samuel afirma que a memória é “historicamente condicionada, mudando de cor e de forma de acordo com o que emerge no momento¹⁷¹”, percebe-se como a necessidade de justificação da existência da Irmandade do Rosário no presente, revelava que a mesma estava (e continua) estando, em permanente construção, embora seja institucionalmente reconhecida desde o ano de 1916.

¹⁶⁹ O art. 31 do Estatuto da Irmandade do Rosário, aprovado em 23 de julho de 2002, estabelece o seguinte: “a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, a partir do ano de 2003, ocorrerá sempre na primeira quinzena de outubro, próxima aos dias 05 (cinco) e 07 (sete), respectivamente, festividades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, em conformidade com o calendário litúrgico da Igreja Católica Apostólica Romana”. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹⁷⁰ BURKE, Peter. História como memória social. BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 80-81.

¹⁷¹ RAPHAEL, op. cit., p. 44-45.

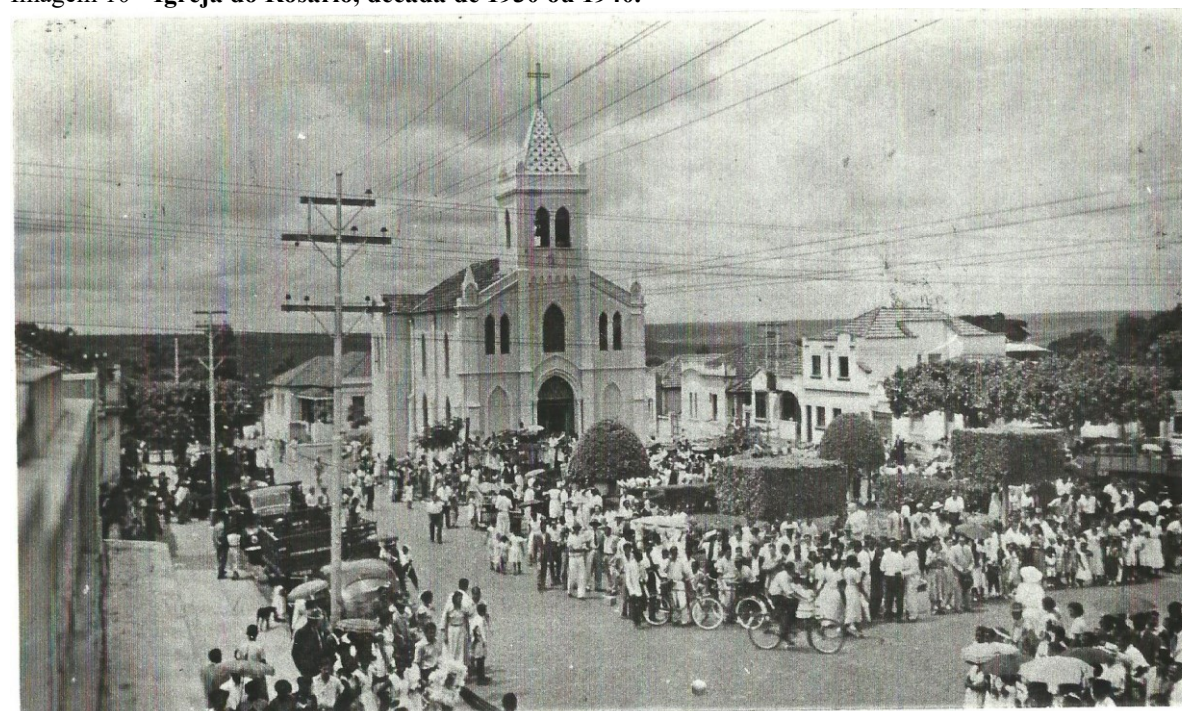
2.2.2 A construção da Igreja do Rosário: benevolência da elite, sem participação popular?

Imagem 09 - Igreja do Rosário de Uberlândia, década de 1930.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Imagem digitalizada por E. Antunes Medeiros.

Imagem 10 - Igreja do Rosário, década de 1930 ou 1940.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Imagem digitalizada por E. Antunes Medeiros.

A Igreja do Rosário, marco histórico da luta cultural e religiosa, de resistência ao racismo, local que era considerado como fundo de fazenda, zona periférica, tornou-se espaço de ritual sagrado e motivos de disputas pelo lugar, no hipercentro da cidade de Uberlândia, portanto, é crucial pensar nessa análise, até que ponto a voz dos discriminados, para possuir legitimidade histórica, frente a um poder estruturalmente elitizado, que unifica a forma de se contar história a partir de sua perspectiva, necessita ser enfrentada.

Relatos orais, dão conta da participação dos negros congadeiros, como partícipes ativos da construção da Igreja do Rosário, bem como da cidade de Uberlândia, há muito tempo. As imagens (09 e 10), já revelam visualmente a presença dessa comunidade no entorno da Praça, em dias de festa da Congada e um depoimento de Dona Gelminda, 71 anos de vida, que atualmente reside em Goiânia, ajuda a contar um pouco desse apagamento ou mesmo de ocultação do negro enquanto protagonista direto, igual a tantos outros: comerciantes, profissionais liberais, membros da elite cultural, política e religiosa da cidade. Só que os negros não figuravam na historiografia da cidade, como atores sociais engajados diretamente, nessa edificação da Igreja do Rosário, cujo término ocorreu no ano de 1929. Eis o relato de Dona Gelminda.

Meu avô, Joaquim Floriano, faleceu com 103 anos, a gente nunca falou, porque ninguém nunca perguntou, mais eles ajudaram de toda forma, na construção, também com dinheiro e doação, lembro de meu tio Joaquim, que tinha mesmo nome de meu avô, contar. Se ainda tiver soldados mais velhos de Nossa Senhora e de São Benedito, eles vão lembrar até do terno *Cor de Rosa do Dona Zumira*, que também era um fim de mundo afastado da cidade onde só quem morava era quase tudo preto, numas casas até de adobes que existia, era um bairro de preto que ninguém falava nele né. O terno *Cor de Rosa* era do meu avô, que depois passou pro meu tio, e depois meus primos, sucessivamente, até não existir mais¹⁷².

As imagens (09 e 10) refletem um lugar de presença e de ausência. Presença negra, ausência branca. As segregações racistas e explícitas de época, eram naturalizadas no cotidiano da cidade. Quando Dona Gelminda diz que “ninguém falou, porque ninguém nunca perguntou”, compreende-se que essas vozes não foram ouvidas por várias razões: uma delas, talvez seja em decorrência de que o anonimato desses personagens, fosse instituído pelos memorialistas, cuja opção era heroificar os atos de uma elite uberabinhense e depois uberlandense. Por isso, que o surgimento de uma rebeldia cantante da nova geração, através do grupo de *Congado Camisa Verde* faz sentido de ser socializada, pois, ajuda a compreender

¹⁷² Isarlei Gelminda, 71 anos. **Sobre a construção da Igreja do Rosário de Uberlândia**. Depoimento obtido em 02 de junho de 2018.

ainda mais, esse cenário histórico em que as disputas de (e por) memórias sobre o protagonismo, diante da edificação da Igreja do Rosário, estão em evidência.

A cantoria em forma de reafirmação do lugar conecta-se a um passado em que pais, avós, bisavós, tataravós, dos dirigentes desse grupo, estiveram participando direta e indiretamente dessa história. O canto rebelde, acompanhado de gestos corporais presentes no HIP HOP, enunciava: “Ah! Hu! A Igreja é nossa!” Ah! Hu! A Igreja é nossa!” Esse uníssono verso solto da garganta dos capitães e dançadores, quase perto da Igreja do Rosário, em quinze de novembro de 1999, reafirmava desse modo, a resistência e presença desse povo congadeiro¹⁷³ na construção dessa capela do rosário, marco de resistência, de presença e de pertencimento à cidade e à história da comunidade negra congadeira em Uberlândia.

Portanto, pensar na existência de indivíduos propositalmente esquecidos, permitem ao mesmo tempo refletir sobre outras possibilidades de interpretações, muitas das vezes perceptíveis nas entrelinhas de documentos, nas vozes silenciadas de uma imagem, nos testemunhos involuntários. Interessa-se, dessa maneira, uma história cultural, conforme propõe Roger Chartier, ao considerar que essa história deve ser entendida “como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”, distanciando-se assim, de uma “antiga ideia que dotava textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único (...), às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo¹⁷⁴”. É necessário portanto, ampliar essa escala de história cultural e trazer à lume, novas evidências detectadas na oralidade, tendo em vista que a história documental, relegou e negou o protagonismo aos sujeitos congadeiros, na construção de sua própria história.

Há um registro testemunhal de que “as primeiras pedras para a construção da Igreja (1929) quem levou foi Sr. Manoel Angelino¹⁷⁵”, um dos expoentes, fundadores da Irmandade do Rosário, indício relevante, de que os congadeiros fizeram parte tal qual outros personagens sociais, da histórica construção da referida Igreja do Rosário. Nesse aspecto, surge uma disputa de memórias sobre a edificação e protagonismo, do qual, os congadeiros estavam ausentes. A Igreja como símbolo de persistência, cenário de preconceitos e que por tal motivo sofreu deslocamentos desde a sua primeira edificação nos fins do século XIX, aparece no discurso de

¹⁷³ BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001, p. 32.

¹⁷⁴ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990, p. 27.

¹⁷⁵ Manoel Rodrigues, (Siricoco). **A construção da Igreja do Rosário em 1929**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em dezembro de 1988. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Rubens Assunção, relato que se aproxima de outras narrativas coincidentes e possibilitam tecer algumas reflexões, para caracterizar esse espaço de resistência, de vivência cultural e religiosa.

Quando os nossos antepassados realizavam os nossos festejos que era ali na praça dos bambus [Praça Tubal Vilela], depois lá na Praça Dr. Duarte aonde ia se construir a igreja e ali era o comércio, a parte ali para baixo do “Fundinho” era o comércio, o que é que o pessoal da época fez, pegaram-se os negros e colocaram para fora da cidade, no alto, onde é a Igreja do Rosário hoje, ali era um fundo de fazenda dos “Pereiras”. Nós não temos culpa da nossa igreja hoje estar no hipercentro, nós é que fomos jogados para fora da cidade, então nós temos que ficar é ali¹⁷⁶.

O local dessa construção, segundo o ex-congadeiro, Francisco Cassimiro, “era matagal e terra, vassouras e barro, muito barro¹⁷⁷”. Esse novo endereço da Igreja do Rosário – atual Praça do Rosário – foi pensado no sentido de distanciar as manifestações da Congada do então conhecido Largo do Comércio, nas imediações da Praça Clarimundo Carneiro, conforme já apontado por Rubens Assunção. A historiadora Valéria Lopes, avalia que naquele momento, as dimensões urbanísticas da cidade no final do século XIX, contribuíam para que a nova igreja ficasse distante do limite urbano:

A cidade de Uberabinha terminava na cerca do cemitério, ou seja, na atual Praça Clarimundo Carneiro, e o templo religioso foi construído em terrenos que se localizavam depois do cemitério, portanto, rodeado apenas por chácaras, estradas e cerrado (...), somente em 1930, o prédio atual da Igreja do Rosário foi pensado e concretizado com a colaboração da população local. A imprensa publicava que esta nova edificação com uma arquitetura imponente estava mais condizente com a época e embelezaria a praça¹⁷⁸.

A circunstância de época, exemplifica que a mudança de local da Igreja estava associada ao racismo e discriminação, que continuaria seguidamente, quando “brancos e negros, não frequentavam os mesmos espaços em cinemas, ruas ou clubes¹⁷⁹”. O deslocamento da Igreja do Rosário, símbolo de pertença, de espaço ritual e referencial do negro congadeiro em Uberlândia, assim como a memória que envolve a época, possuem um personagem que tornou-se central na literatura, conhecido por Arlindo Teixeira - que segundo versão do memorialista Antonio Pereira, ancorado em bases da “tradição oral”, relata:

A memória registra que Arlindo não se sentia muito prestigiado com aquela igreja de negros defronte à sua casa que era no largo. Por outro lado, o

¹⁷⁶ Rubens Aparecido Assunção. Exposição histórica da Igreja do rosário, durante reunião da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito em, 22/06/2011.

¹⁷⁷ Francisco Cassemiro. Entrevista, 12/12/2010.

¹⁷⁸ LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. Uberlândia: racionalidade urbana, religiosidade e tradições culturais. ABDALA, Mônica Chaves; MACHADO, Maria Clara Tomaz; (Orgs.). **Caleidoscópio de saberes e práticas populares, catálogo da produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. Uberlândia: EDUFU, 2007, 76-77.

¹⁷⁹ LOPES, op. cit., p. 76.

povoado se desenvolvia subindo a barranca para tomar o planalto onde se assenta, hoje, o centro da cidade; a Praça Dr. Duarte já se transformava num centro comercial e aquela igreja bem ali no miolo além de reduzir espaços fazia da praça um reduto da negrada, principalmente nos seus dias festivos¹⁸⁰.

Noutro contexto, o memorialista Tito Teixeira informa que o farmacêutico Cícero Macedo de Oliveira, tendo construído sua residência nos fundos da então Igreja do Rosário – situada na atual Praça do Rosário – teve “a iniciativa de levantar no mesmo local uma nova igreja, mas com a sua frente voltada para o norte – sentido Avenida Floriano Peixoto, Afonso Pena – e de aspecto condizente com a época, embelezando a praça¹⁸¹”. Essa alteração arquitetônica estava na realidade em conformidade com a nova dinâmica progressista, o crescimento da cidade já era delineado para essa região, em decorrência da Estação Mogiana ser instalada próxima a atual praça Sérgio Pacheco. Com isso, a necessidade da porta da Igreja do Rosário estar voltada para o lado do desenvolvimento urbano.

A referida remodelação na construção, que foi inaugurada em julho de 1931, pelo Cônego Albino Martins Figueiredo, revelava o interesse do Comerciante Cícero Macedo em dar visibilidade à sua casa residencial que passou a fazer frente com a Igreja do Rosário. Contudo é preciso observar que, se de um lado, Tito Teixeira informa ter sido a construção da igreja resultante do apoio do povo de Uberlândia, sempre solícito, que contribuiu com meios financeiros destinados à edificação da igreja através de profissionais liberais e comerciantes como Cícero Macedo, Abelardo Pena, Arlindo Teixeira e Manoel Alves; por outro lado, um testemunho de Manoel Rodrigues (Siricoco), capitão do Moçambique de Belém, insere por meio da oralidade, a participação da comunidade negra congadeira, na construção dessa nova edificação da Igreja:

Cada pessoa pagava destão por mês, é um mil réis. Então foi fazendo uma caixa e guardando aquele dinheiro e cada pessoa que vinha da roça vendia um carro de lenha aqui na cidade, porque naquela época não tinha caminhão, então a pessoa trazia um carro de lenha do mato, chegava aqui, se ele vendia o carro de lenha por doze mil réis, dois mil réis ficavam pra construção da Igreja do Rosário. O Sr. Manoel Alves é que foi o tesoureiro, ele é que coordenou todo esse movimento¹⁸².

Dúvidas porém não resta, de que a separação entre brancos e negros na cidade vem desde o século XIX e ela é mais explícita, curiosamente a partir da religião, que desde o início

¹⁸⁰ PEREIRA, Antonio. **As histórias de Uberlândia**. Uberlândia: S. Editora, 2001, p. 88.

¹⁸¹ TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central**: história da criação do município de Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica LTDA, 1970, vol. 1, p.180.

¹⁸² JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada com Manoel Saturnino Rodrigues (Siricoco), em debate realizado na Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia, 06/11/1984.. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

promove por meio dos católicos e políticos essa discriminação tanto religiosa, quanto social e igualmente espacial.

A legitimação racista é registrada pelo próprio discriminador, por meio da disseminação desses comportamentos inerentes à elite cultural da época, que já nos seus modos discriminatórios, buscava aplicar a separação, através da construção de igrejas em que “São Pedro de Uberabinha já tinha sua rua e seu largo do Rosário, apenas aguardando ocasião para construir a capela onde os negros tivessem um lugar para a sua piedade cristã, longe da igreja dos brancos¹⁸³”. Nada que seja surpreendente em uma localidade, que para construção de uma capela matriz, recebia donativos como milho, vaca, leitão, boi, junto com “um negro escravo, doado por João José Dias e arrematado por José do Carmo¹⁸⁴”, ambos naturalmente, de famílias escravocratas.

Por mais traumática que fosse a experiência desse ser humano exposto ao lado de produtos como gêneros alimentícios e animais para ser leiloado, sob a perspectiva do escravizador e de todos que compartilhavam dessa exploração de mão-de-obra-humana, inclusive a igreja por meio dos padres, tais atitudes eram tidas como parte costumeira no cotidiano social dessas elites. Por conseguinte, esse leilão em praça pública, tendo um negro escravizado junto a dúzias de madeira, libras de sabão, couro cru e outros produtos, não era somente natural, como de igual modo, tornava-se festivo e religioso no sentido de ajudar na construção da capela de Nossa Senhora do Carmo. Diante desse contexto de época, quem faz uma leitura interessante nesse aspecto de naturalizar socialmente e religiosamente a animalização do “negro escravizado”, é o congadeiro, Saturnino Rodrigues Neto:

Os padres são os filhos dos fazendeiros que eram donos dos escravos, então, eles foram pra fora para estudar nos seminários, mas levando a cultura deles, de escravizar o negro, ele foi estudar, mas levou no coração dele, na cabeça dele, então aquilo dele aceitar o negro como prenda para leilão, aquilo para ele era normal, estava simplesmente seguindo uma cultura da família deles, eles foram ensinados a escravizar também. Eles não mudaram muitas coisas não. A gente sente as vezes a necessidade do branco de falar, ele tem vontade, mas ele não fala, mas dentro dele, de muitos deles, a gente ainda devia continuar sendo escravos, entende? Porque a cultura dele lá atrás, dos ancestrais dele é de que o negro servia para trabalhar pra eles, de graça, pra fazer eles ficar rico, então isso ai pra tirar do coração deles é difícil, cada dia que passa, a gente vê, porque tem branco que não aguenta, ele joga pra fora,

¹⁸³ PEREIRA, op. cit, p. 87.

¹⁸⁴ ARANTES, Jerônimo. **Memórias históricas de Uberlândia**. Editora Zardo: Uberlândia, 1982, p. 29. Parte da relação de prendas destinadas à construção da Capela de Nossa Senhora do Carmo de Uberlândia, em 1858.

outros não tem coragem, mas pensam do mesmo jeito, muitos deles, pensam assim¹⁸⁵.

Nessa mesma direção situa-se o relato do ex-congadeiro Geraldo Cândido Ananias. De acordo com seu relato, na segunda década do ano de 1900, teria surgido uma ordem do vaticano, determinando que os padres participassem das festividades dos negros congadeiros:

Quando veio a ordem do Papa para os padres ajudar na festa dos negros, foi um choque na cidade, os coronéis, fazendeiros, tudo se revoltou, dos padres ajudar. Quando era festa de negro, fazendeiro carregava eles [os padres], para eles não participar, os padres eram comprados, o que os fazendeiros mandavam, eles tinham que fazer¹⁸⁶.

Essa relação da Igreja por meio de seus párocos, principalmente em tempos escravistas, foi singular, de tal forma, que essas relações de proximidade não eram nenhum demérito, como por exemplo, de leiloar um escravo doado por fazendeiros, enquanto produto ofertado para contribuir na construção de uma Paróquia da elite, conforme pode-se verificar em uma documentação que enumera vários itens constituídos por prendas e esmolas recebidas, cujo provedor – dirigente de instituições públicas ou privadas – responsável, era *Felisberto Carrejo*, um dos fundadores da cidade de Uberlândia.

¹⁸⁵ Saturnino Rodrigues Neto. **Sobre igreja do rosário e a luta dos congadeiros contra o racismo**. Entrevista realizada em 26/05/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

¹⁸⁶ Geraldo Cândido Ananias. **Ex-congadeiro e Comandante Geral da Festa da Congada de Uberlândia, faleceu no ano de 2005**. Gravação com suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 5' (NTSC). 10/10/2004. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Tabela 1 - Parte da relação de bens doados para leilão e esmolas com vistas à construção da Paróquia Nossa Senhora do Carmo no ano de 1858, da então São Pedro de Uberabinha, atual cidade de Uberlândia. Arquivos da Catedral Santa Terezinha.

2. APONTAMENTOS

DONATIVOS - Relação de prendas para o leilão e esmolas recebidas para as obras da Capella. (Provedor, Felisberto Carrejo)

Leilão:

3 duzias de táboas arrematadas por	2\$000
5 leitões, arrematados por	5\$000
Meio carro de milho arrematado por	2\$000
Um boi carreiro arrematado por	26\$000
Um negro escravo, dado por João José Dias, e arrematado por José do Carmo	17\$000
Um couro cru arrematado por	1\$380
Dois carros de milho, a 8\$500	17\$000
Uma vaca, arrematada por	13\$000
Seis libras de sabão, arrematada por	2\$200

Esmolas:

De meu irmão Antônio Carrejo, recebi	66\$200
De Francisco Pereira, recebi	10\$000
De Joaquim Pereira, recebi	10\$000
De João José Dias, recebi	20\$000
De Luiz Alves Pereira, recebi	62\$000
De Dionisia Violanta, (promessa)	2\$000
De esmolas que eu tirei	16\$470
De mais esmolas que tirei	6\$550
De meu irmão Antônio Carrejo, recebi	100\$000

NOTA - Parte da relação que se encontra no Livro de Apontamentos da receita e despesas da Capella de Nossa Senhora do Carmo, pág. 5, 6 e 7 versos - Arquivo da Matriz.

A listagem dessa (tabela 1¹⁸⁷), com a descrição dos “produtos” doados para compor o leilão destinado à construção da Capela Nossa Senhora do Carmo, 1858, evidencia de modo inequívoco a naturalização escravista. Posteriormente, Nossa Senhora do Carmo, será alçada à condição de padroeira da cidade de Uberlândia.

¹⁸⁷ ARANTES, Jerônimo. **Memórias históricas de Uberlândia**. Editora Zardo: Uberlândia, 1982, p. 29. Parte da relação de prendas destinadas à construção da Capela de Nossa Senhora do Carmo de Uberlândia, em 1858. Compilação realizada por meio de scanner.

A resistência negra se estabelece, apesar dos marcadores racistas, de modo a constituir nas relações de pertencimentos, os lugares de uma memória negra e congadeira. Sobreviver culturalmente a um processo histórico de permanência racista que não dá trégua, é sem dúvida uma demonstração de que a sociedade não conseguiu eliminar a presença dos negros na cidade e de seu lugar predileto, o hipercentro, a praça do Rosário, como explica Manoel Rodrigues.

A festa do Rosário, ela tem um tronco mais forte porque é o seguinte, ela tem o que é preciso na festa, porque é muito difícil você chegar numa cidade e você encontrar uma Irmandade que tem a chave de uma Capela. Então por isso que eu digo para você que a festa do Rosário aqui ela tem mais força, porque ela tem uma Capela que é dirigida por nós, a chave fica em nossas mãos (...) Então nós temos isso, temos nossa Capela, os Ternos sai aí, dança tudo, mas vai lá na Capela, aí estão na nossa casa, é aí nessa parte que eu digo que nós tem um tronco mais vivo, que é a Capela¹⁸⁸.

A Irmandade possuía a chave da igreja e por isso era vista como um tronco, uma raiz, um toco assentado na Praça do Rosário e no cotidiano dos grupos sociais, portadora de simbologias do ritual e portanto capaz de congregar um respeito social pela festa que parte da sociedade e os próprios congadeiros possuem, a Irmandade – ainda que às vezes imersa em conflitos internos que são inerentes aos grupos culturais – a instituição que consegue, sobreviver a essas temporalidades e criar uma unidade, capaz de solidificar a presença da Congada no espaço central da cidade.

Tem-se os galhos, as folhas, que são as coisas novas surgindo, por isso a Irmandade não é só a festa, não é só raiz e essência do ritual, ela é essa projeção para o cotidiano da vida que a torna agregadora dos grupos e o desejo de nela permanecerem, porque apesar das lutas contra as discriminações e preconceitos; os poderes públicos e eclesiásticos entrelaçados nessa sociedade, tiveram que reconhecer esse tronco, mesmo que timidamente, dar uma sustentação para esse ritual, essa festa, que assume várias outras possibilidades. A chave da Igreja do Rosário não fica mais com a Irmandade, a Diocese assumiu desde a primeira década do ano dois mil, a responsabilidade pela sua manutenção, no entanto, a Igreja, a Praça do Rosário, é historicamente um lugar da cultura afro-brasileira.

¹⁸⁸ Manoel Rodrigues, (Siricoco). **As festas do rosário em três datas diferentes**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 06/11/1984. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

2.3 A Igreja e a Irmandade, dois olhares para a mesma festa da Congada

A expressão “naqueles tempos” comumente cunhada como início de narrativa bíblica utilizada igualmente enquanto premissa de justificação de que determinado episódio ocorreu em outra época distante, não se aplica às relações entre Igreja Católica e Irmandade do Rosário de Uberlândia, posto que muitos elementos que aparentemente deveriam fazer parte do passado, pressionam as relações no presente e as convivências entre ambas – Igreja e Irmandade – principalmente, em tempos de realização da festa da Congada.

Ilustrar o tensionamentos que ocorre no interior dos festejos é importante para demonstrar que a manifestação como qualquer outra de cunho religioso e cultural possui as suas contradições, a desmistificar dessa forma, o senso comum de que as relações entre igreja e festa são permeadas o tempo todo por um compromisso de fé, de unidade, de fraternidade em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. É preciso levar em conta, as relações de poder que permeiam essas interações.

Dois eventos ocorridos entre os anos de 2010 e 2015 caracterizam os relacionamentos dicotômicos antes referidos, que se em alguns instantes não são cerceadores da prática cultural e religiosa da Congada, certamente as dificultam em determinados momentos de forma mais concreta. Quando é possível juntar ao mesmo olhar subjetivo, algum suporte documental primário para refletir sobre esses episódios, torna-se mais compreensível discutir dualidades de modo problematizador.

O problema é como ver a festa para além das aparências estéticas ou de um processo histórico cultural em que a manifestação aparece como resquício de um passado que sobrevive a lembrar tempos de escravidão. Portanto, o que permite trazer para a esfera do público esse debate está associado ao fato de uma mesma festa ter dois modos de divulgações distintos, modos esses que ficaram evidenciados em decorrência da produção gráfica de materiais de divulgação sobre a festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, como verifica-se a seguir.

Imagem 11 - **Novena e festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 2015.** Divulgação da Diocese (catedral do rosário sagrada família) por meio da Faculdade Católica de Uberlândia.

O QUE É O CONGADO?

O congado ou congada é uma manifestação cultural e religiosa afro-brasileira. Constitui-se em um bailado dramático com canto e música que recria a coroação de um rei do Congo.

Trata basicamente de três temas em seu enredo: a vida de São Benedito; o encontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário submergida nas águas; e a representação da luta de Carlos Magno contra as invasões mouros.




CAPELA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO



Está situada na Praça Rui Barbosa, nº 79, no Centro de Uberlândia.

HORÁRIOS DE MISSAS:

DOMINGO
10h
17h
19h

SEGUNDA*
18h

*exceto feriados



DIOCESE DE UBERLÂNDIA

CAPELA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO
(CATEDRAL/ROSÁRIO/SAGRADA FAMÍLIA)

NOVENA E FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO

De 02 a 12 de outubro 2015




Outubro de 2015 – Uberlândia-MG

AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 12 - **Festa da Congada de Uberlândia, 2015.** Divulgação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

Diretoria da Irmandade

Presidente:
Deny Nascimento
Vice presidente:
Márcia Helena Ap. O. Assunção
1º Tesoureiro:
Claudio Eduardo Rodrigues
2º Tesoureiro:
Valdemar de Sousa
1º Secretário:
Rodrigo Antonio de Oliveira
2º Secretário:
Denilson do Nascimento
Diretor Social:
Carlos Silva e Souza
Orador:
Jeremias Brasileiro
Coordenador geral de Eventos:
Rubens Assunção
Diretor Espiritual:
Padre Hudson Inácio de Almeida

Festeiros de N. S. do Rosário

Alisson Luis de Andrade
Suelene Malaquias de Oliveira
Leocídio Silva
Graçaemília Ferreira da Silva
Luis Sebastião Ribeiro
Maria Aparecida Rodrigues Ribeiro

Festeiros de São Benedito

José Henrique Martins
Joana D'arc Maria Alves
Marden Antonio Ferreira Sobrinho
Rosângela Maria Nascimento
Nestor Vital da Silva Junior
Karina da Silva Paula

Realização:
Ordem de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito
Igreja do Rosário

Apoio:
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
PREFEITURA DE UBERLÂNDIA

Festa da Congada 2015

Em louvor a N.ª. S.ª. do Rosário e São Benedito

11 a 12 de Outubro
Largo do Rosário
09 às 23 horas

Novenas com terço 02 a 10 de Outubro às 19 hs
Missas dias 04, 05 e 07 de Outubro as 18 hs

99 anos de Fé, Tradição e Cultura

AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

O Texto da imagem (11) valoriza a história da Congada de matriz europeia, não preocupando-se tanto com a estética, uma cor azul opaca, discreta, imagem fria, bem como exposição naturalizada das imagens dos santos devocionais dos congadeiros. Nota-se na primeira página de rosto, a importância dada aos nomes institucionais da Igreja: Diocese e Capela do Rosário, bem como duas imagens em que se percebe nitidamente, Nossa Senhora do Rosário em plano superior, com uma criança branca, angélica, sob a sua proteção, e São Benedito, que não é preto, mas de uma tonalidade marron-escurecida, associada à sua descendência moura.

No entanto, uma pergunta intrigante é o porquê de São Benedito, protetor dos pobres, dos negros, ícone devocional dos congadeiros, estar sempre aconchegando as crianças brancas, crianças loiras, nessa perspectiva imagética ocidental. De que forma uma mensagem subliminar dessa natureza pode impactar uma criança negra congadeira? Ela não se vê, não se reconhece nos braços de São Benedito. Como é possível nesse aspecto, essa criança negra de hoje, construir um referencial de fé a partir de uma imagem em que ela está invisibilizada?

Se as “imagens tem sido utilizadas com frequência como um meio de doutrinação, como objetos de cultos, como estímulos à meditação e como armas em controvérsias¹⁸⁹”, elas também podem ser usadas como meio de propagação e proeminência desde a infância, de um determinado povo (branco) ocidental e manter ausente do plano visual simbólico toda uma população (negra), nesse contexto, essencialmente, congadeira, que não se vê nessas representações iconográficas.

Quanto às figuras que compõem o plano central do folder, percebe-se que a fachada frontal da Igreja do Rosário está em plano superior, que poderia ser um convite ao público para visitar a Igreja cuja parte interior se encontra na imagem logo abaixo, em plano inferior, a demonstrar a beleza arquitetônica do altar que se encontra ao fundo. Entretanto a porta está fechada. Mesmo assim, traz outro detalhe interessante nessa mensagem iconográfica, de que é a localização da Igreja do Rosário, na Praça Rui Barbosa, no centro de Uberlândia, logradouro público referenciado pela Diocese como o lugar em que acontece a *novena e festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*, no início do mês de outubro.

O enredo que associa as Congadas ao Imperador Carlos Magno (714-814), em sua “vitoriosa batalha sobre os mouros”, é uma das formas de povoar o imaginário dessa tradição, pois, a conversão dos mouros tem a ver com a submissão ao rosário, à vitória da cruz sobre os

¹⁸⁹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 58.

infiéis, por esse motivo, a mensagem inscrita na parte final do folder imagem (11), produzido pela Diocese de Uberlândia, ilustra e naturaliza essa versão de cunho catequizador. Não por acaso, que essa temática está centrada na vida de São Benedito e também em um dos mitos fundantes principais, que é o de Nossa Senhora do Rosário, submergida nas águas, que dali só se desloca, para proteger seus filhos escravizados, trazendo sempre ao colo, aos braços, a imagem de uma criança branca, notadamente de característica europeia.

De outro lado, se há duas imagens que dialogam nesses folders, elas são as que representam Nossa Senhora do Rosário, ambas na cor vermelha com azul, que para os devotos, é a representação de devoção dos congadeiros, ao contrário da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, portando a cor azul e branca, sendo essa, a que fica exposta como cartão de visita devocional e pública na Igreja do Rosário, como afirma o ex-sacristão da Capelania do Rosário, Regis Arantes:

A Nossa Senhora do Rosário na devoção europeia é mais associada com a Nossa Senhora dos Navegantes. Então aqui no Brasil, ela perpetua uma história totalmente diferente, com nova conotação, porque quando, a Nossa Senhora do Rosário foi introduzida na cultura negra, ela era tipo a Nossa Senhora Auxiliadora, era um auxílio para os negros, daqueles que vinham nos porões dos navios para o Brasil, e hoje, com essa entronização das imagens, tentam dar uma conotação mais europeia. A Nossa Senhora dos Navegantes é de um azul e branco, a Nossa Senhora dos negros, é azul com vermelho, é a ela que os congadeiros são devotos. Por isso o Pai Sérgio de Omulu (falecido) exigiu que o Padre Sérgio colocasse essa Nossa Senhora do Congo, na procissão, quem ia no andor era a dos navegantes, Pai Sérgio de Omulu reclamou então. Inclusive, até hoje, olha lá, a Nossa Senhora que fica em exposição pública na Igreja do Rosário, não é a nossa, com a vestimenta, a indumentária original, da devoção dos congadeiros, dos negros, a nossa fica lá na salinha interior, em cima de um armário, está lá, escondida não sei por que¹⁹⁰.

Representações importam de forma considerável. Elas dizem muito sobre as visões de mundo que as pessoas possuem a respeito das suas vivências devocionais e nesse viés, a maneira tradicional de reconhecer e lutar pela visibilidade de uma imagem representativa dessa devoção congadeira à Nossa Senhora do Rosário. É por isso interessante, refletir sobre essas diferentes formas de olhar para essa manifestação através do que pensam os devotos, e de como ocultar uma imagem, ou substituí-la por outra, não passa despercebido para aqueles que identificam qual é a representação de fé mais próxima do real, por meio das cores existentes nas vestimentas de Nossa Senhora do Rosário.

¹⁹⁰ Regis Arantes dos Reis, ex-sacristão da Capelania da Igreja do Rosário. Entrevista realizada em 08/07/2018. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Na imagem (12) é também perceptível como se processa as representações iconográficas. A palavra Congada em letras garrafais aparece anunciando a festa, em meio a uma tonalidades de cores vivas. Não deixa de ser igualmente relevante o destaque que dá ao lugar da festividade, denominada de “Largo do Rosário”, diferentemente da Diocese que utiliza o nome institucional, Praça Rui Barbosa. São os usos e sentidos que cada grupo social e religioso confere ao lugar que ocupa para realizar ou viver a sua prática cultural.

Há de igual modo compondo o restante da imagem, uma fotografia ao fundo com a presença de um *mastro de trança fita*, adornado de azul e branco, cores características do grupo de Congado Marinheiro de São Benedito, que realiza essa dança com leveza, criatividade, com as fitas multicores, no centro da Praça do Rosário. Uma explosão de cores a significar a beleza, a fé, alegria, diversão. Importante igualmente, perceber os nomes dos atores sociais da festa, os reinados de coroas que simbolizam uma festa de Congada de descendência africana, a valorização dos componentes e protagonistas dos festejos, bem como no verso da imagem (não visível), encontra-se os nomes de todos os capitães e de seus respectivos grupos.

Em certo sentido, para entender determinadas imagens, é preciso estar mais próximo do que ela representa, um olhar raso, à distância, pode não ser o bastante, é primordial, como diz Peter Burke, que “para interpretar a mensagem, é necessário familiarizar-se com os códigos culturais¹⁹¹”, posto que algumas dessas representações são parte de uma prática cultural e religiosa que seria muito difícil de ser interpretada a partir de um suporte teórico apenas. Portanto, conhecer o que essa cultura representa, contribui de forma inequívoca, para um melhor entendimento do que determinada imagem pode fornecer de informações no seu contexto iconográfico.

É disso que resulta as leituras distintas sobre esses documentos visuais de divulgação da mesma manifestação cultural e religiosa, a festa em louvor aos santos devocionais, na publicidade da Diocese e a festa da Congada, com louvor aos santos, na perspectiva da Irmandade do Rosário. Duas imagens que apontam para olhares diferentes sobre as nomenclaturas do lugar, contextualizações antagônicas do ponto de vista histórico, uma de visão africana e outra de olhar europeu. São discursos que em síntese, revelam uma disputa de (e por) lugares, uma disputa de (e por memórias). Trata-se de “marcos visíveis que perduram,

¹⁹¹ BURKE, op. cit., p. 46.

lugares de identidades, apenas parte de uma realidade mais profunda, e mais extensa que os contextualiza e desafia¹⁹², são mais do que questões semânticas.

As informações sobre a festa (imagem 11), que estão presentes na divulgação da Diocese de Uberlândia, remetem à uma monumentalização antiga dos festejos que são reproduzidos em texto informativo já cristalizado, desconhecendo ou ocultando a dimensão dos sujeitos e suas produções culturais que vão além desse contexto. Não há menção alguma aos sujeitos dessa manifestação, perpetuando de tal modo o imaginário de que o evento acontece sob a tutela da Igreja, sem considerar os protagonistas nas suas várias dimensões reais, realidades socioculturais, que mesmo complexas, necessitam ser problematizadas:

A complexidade crescente das realidades locais torna mais necessária do que nunca a abordagem situacional das culturas e das identidades como um instrumento de compreensão das lógicas observadas diretamente (...) A atenção principal do observador deve se colocar antes sobre as interações e as situações reais nas quais os atores se engajam, do que nas representações formuladas *a priori* das culturas, tradições ou figuras ancestrais em nome das quais se supõe que eles agem¹⁹³.

Admitindo-se porém, que essas circunstâncias agora materializadas ocorrem quase que frequentemente de acordo com a oralidade, a vivência e a experiência *in locus* dos praticantes da Congada, é de se supor por conseguinte, que as relações continuam a existir paralelamente e não entrelaçadas a um objetivo comum. Fica implícito que não é possível analisar essas posturas sem levar em consideração a dinâmica, talvez não necessariamente explícita ao olhar do leigo, de que todo esse processo, está permeado pelas constantes disputas de representações hierárquicas, assim dimensionadas por Tadeu da Silva em suas abordagens sobre identidades e diferenças:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convive harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas¹⁹⁴.

Se essas hierarquizações não são simplesmente definidas, de algum lugar elas provem, e no caso em discussão está intrinsicamente ligada a uma sistematização contínua de viés racista, cujos inícios já foi amplamente sistematizada por meio de documentações diversas. A questão é problematizar a continuidade desses preconceitos, dessas discriminações, sob outras

¹⁹² ARANTES, Antônio. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, IPHAN, n. 23, 1994, p. 200.

¹⁹³ AGIER, op. cit, p. 06.

¹⁹⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 8.ed.,- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 81.

formas reatualizadas de manutenção desse fenômeno arraigado em grande parte da sociedade uberlandense, principalmente daquela originária desse *status quo* de representatividade elitista da cultura, da política, da economia e da religião.

De outro lado, tem-se uma Irmandade do Rosário, que mesmo a parecer submissa organicamente à instituição Diocese de Uberlândia, produz toda a sua logística de divulgação da festa por meio de mídias audiovisuais, radiofônicas, materiais gráficos, inserindo a presença dos sujeitos constituidores das festividades, quer sejam membros da diretoria executiva, capitães dos grupos de congados ou os próprios festeiros que ajudam na realização dos nove dias de novenas, conhecido como novenário.

Distante de capitalizar materialmente a festa, a disputa fica concentrada nos bens simbólicos dos quais Irmandade do Rosário e Diocese de Uberlândia se distinguem diante das evidências anteriormente mostradas. Contudo, quando surge possibilidades de apaziguamentos possíveis, a própria anterioridade dos conflitos indicam o contrário. A organização de uma quermesse com barracas, com apoio eclesiástico, para servir lanches variados, com apresentações de shows com duplas sertanejas, grupos de forró e MPB, é uma das muitas contradições surgidas nessas relações institucionais que passam ao largo das análises de vários pesquisadores.

Promove-se na Praça do Rosário, em dias de novenários, eventos com artistas convidados, sem contudo, incluir nesses convites, os grupos, de samba, de capoeira, enfim, dos elementos culturais mais alinhados com a festa da Congada e da cultura afro-brasileira; isso evidentemente, não facilita as relações, dado que bem antes (2012) já houvera uma tentativa de fazer com que a festividade pudesse proporcionar algum lucro financeiro para a Igreja, tendo como protagonistas, pessoas da Faculdade Católica, membros da sagrada família da catedral e alguns adeptos da renovação carismática.

Nem portanto, as relações foram amistosas. Identidades, relações de poder, anulações de uns em favorecimento de outros, tornaram a convivência tensa, não por se tratar de exploração comercial somente, mas por interferências de ritual. Nesse aspecto, a imagem (13) é o exemplo de uma ausência, em que os congadeiros sequer são tidos como coadjuvantes, sendo apenas representantes de uma apresentação folclórica para os convidados, que se aglomeraram em mesas na Praça do Rosário, visto que o objetivo do evento em evidência na imagem (13), era de atrair um grupo social diferenciado do centro da cidade.

Imagem 13 - Atrações musicais, sertanejas, MPB e forró na Praça do Rosário de Uberlândia, 2012.

I BARRAQUINHA

Shows

28/09
Cláudia de Lima

29/09
SERTANEIROS

30/09
Eddy Novaes

05/10
GRAZIELLA

06/10
Eddy Novaes

07/10
Naira e Ronaldo

DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
Dias:
28, 29 e 30 de Setembro
05, 06 e 07 de Outubro

Pç. Rui Barbosa (Pç. da Bicota - Centro)

Venha e traga sua família!!!

Galinhada, Cachorro Quente, Macarrão, Pernil, Espetinho, Pastel, Milho Verde, Pamonha, Doce, Bar.

Patrocínio: 
PAZ UNIVERSAL
SERVICOS POSTUMOS LTDA Rua Curitiba, 575 - Bairro Brasil - Fones: 3233-7600 / 3233-7623

AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Essa imagem (13) é outra representação do olhar diferenciado sobre o lugar da festa da Congada, a chamada publicitária não informa a Praça do Rosário, mas Rui Barbosa e Praça da Bicota, percebe-se nitidamente que as atrações artísticas contemplam determinado segmento social. Sem dúvida, uma atividade cultural interessante, não fossem as discordâncias suscitadas em consequência da montagem de estrutura, impedindo o transitar dos grupos no primeiro dia de novenas.

A esse episódio insurgiram-se capitães de grupos, por considerarem falta de respeito o modo como promoveu-se o fechamento da praça e o fato de que os vendedores nas barraquinhas não possuíam a menor ligação com os congadeiros; o que não era sequer motivação de ser verbalizado, uma vez que a ocupação das mesas e cadeiras ao longo da Praça do Rosário, era de um público caracteristicamente diferente da população assídua às festividades da Congada.

Entretanto, um dos intuitos do evento estava ligado a participação de famílias que não frequentavam a Praça do Rosário, para prestigiarem as barraquinhas, de tal forma que os trajes usados, as toucas nas cabeças, as luvas, davam ao evento um certo aspecto higiênico e

de aprovação por parte dos que se encontravam no local. Tão nítido quanto a necessidade de diferenciação no atendimento e os produtos servidos, era a organização das tendas que seguiam um padrão harmonioso, diferente dos ambulantes populares que se distribuíam nos passeios, no entorno da Praça do Rosário. Uma capitã, presente ao novenário na Praça do Rosário, em depoimento, observava que um possível desencontro ou entendimento sobre os rituais, fora o motivo real do descontentamento dos congadeiros:

Eles vieram e fecharam a entrada da igreja, da praça, queriam que as bandeiras passassem de lado e entrasse pelo fundo da praça para eles continuar com o show de forró e as barraquinhas deles, sertanejo lá tinha também, essas coisas. Teve um senhora deles que até passou mal, que muitos capitães se revoltou com aquela falta de respeito deles para as bandeiras e os congos¹⁹⁵.

Difícilmente é possível a ocorrência de diálogos quando há relações hierarquicamente estabelecidas. Nessa conjuntura o “outro” não precisa ser consultado, mesmo que se trate de algo pertinente a ritual em espaço público a ser compartilhado. Trazer à tona essas realidades é importante tanto no aspecto de demonstrar que se há imposição, de outro lado existe reações, quanto de igual modo considerar que as relações, mesmo sendo de cunho religioso, são permeadas de contradições, como tenta justificar um dos organizadores das novenas e leilões, Carlos Souza:

O problema foi a falta de conversar com as pessoas do Congado, saber direito onde as bandeiras passavam, então montaram o palco na frente da porta da igreja, as barraquinhas no meio da praça, junto com as cadeiras e ficou sem lugar para as bandeiras passar, mas tudo poderia ter sido resolvido na boa, como não foi, faltou diálogo, alguns congadeiros exaltaram e daí tiraram as cadeiras e as mesas e algumas barraquinhas do meio da praça para que as bandeiras então pudessem passar sem problemas¹⁹⁶.

Evidente que por tratar-se de uma festa centenária, cujos rituais os atores que os produzem frequentemente já sabem como fazer, o cercear do espaço caracteriza-se assim por uma produção de constrangimento, de negação, de não reconhecimento dos congadeiros protagonistas da manifestação que usam o espaço da praça para não só levar as bandeiras até ao altar, mas para as suas próprias evoluções quando de chegada e despedida dos grupos. Quando um lugar ritual é interdito sem a ciência das pessoas que dele fazem uso, reforça o sentimento de não pertença real ou de ausência de respeito a uma ritualização considerada natural pelos atores sociais que a praticam.

¹⁹⁵ Cristiane Oliveira. **Capitã do Moçambique Guardiões de São Benedito**. Depoimento obtido em 21 de maio de 2017, sobre evento ocorrido em 28 de setembro de 2012.

¹⁹⁶ Carlos Souza. **Falta de diálogo entre congadeiros e organizadores das barracas**. Depoimento obtido em 12/12/2016, sobre acontecimento de 28 de setembro de 2012.

A festa da Congada incomoda as pessoas que vivem no centro da cidade e ao que parece a sua permanência é uma afronta, pois é o local mais frequentado anualmente pelos negros congadeiros, sendo que o ressoar de seus tambores, ao afirmar a tomada do lugar público, remete a um passado de exclusão social, racial e discriminatório que permanece explícito. Não era o lugar que esses congadeiros deveriam estar, mas foi nesse lugar que eles foram jogados quando tudo ali não passava de mato – a Praça do Rosário no centro de Uberlândia – tirá-los tornou-se inviável, por isso o desconforto continua para a maioria absoluta dos moradores circunvizinhos à Igreja do Rosário, quer sejam antigos ou recentes.

Se as “práticas do espaço tecem com efeito as condições determinantes da vida social”¹⁹⁷, escapar às disciplinarizações do espaço público que cerceiam certas práticas culturais, só é possível driblando as regras impostas pelos “aparelhos produtores de um espaço disciplinar”¹⁹⁸, na maioria das vezes reguladores, de acordo com aqueles que de tais espaços fazem uso, ou seja, de outro modo falando, nem para todos é a cidade. De certa maneira, por vezes o negro evita “exercer totalmente a sociabilidade ao ocupar o “espaço do branco”, mas, ao mesmo tempo, deseja usufruir daquilo que aquele espaço pode lhe oferecer¹⁹⁹” e no contexto da Congada, para além disso, precisa exercer por direito de tradição herdada de seus antepassados, um ritual e uma festa em um lugar, que a elite racista julga pertencer somente a si.

¹⁹⁷ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 175.

¹⁹⁸ CERTEAU, loc. Cit.

¹⁹⁹ SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade**: segregação urbana e racial em São Paulo. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 184.

2.3.1 A Irmandade do Rosário e as relações de poder com a igreja, os grupos de congado e o poder público.

No que tange a Irmandade do Rosário, aqui compreendida como Diretoria Executiva institucionalizada, algumas reuniões demonstram relações de paternalismos convergentes para comprovações de poder no presente; contradições, idas e vindas nas relações pessoais. Nessa construção de sentidos para dar significado ao mundo, é possível identificar uma necessidade de reafirmação constante de determinadas práticas produzidas no passado que sustentam o presente e, nesse caso, retornam a elas como justificção de acontecimentos para servir de exemplos na atualidade ainda permeada de disputas, não só de memórias, mas de lugares. Nesse sentido, é singular o depoimento de Rubens Assunção ao afirmar que,

O pessoal fica bravo com a diretoria da Irmandade, que a diretoria não pode proibir isso, nem fazer aquilo, mas a Irmandade existe há mais de cem anos por causa de suas regras, e nós vamos passar, assim como passaram muitos grupos e acabaram, porque não obedeceram as regras estabelecidas ²⁰⁰.

Em parte, esse discurso permite uma tomada de consciência a respeito dos tensionamentos que ocorrem no interior dessa prática, versões que são naturalmente identificáveis por meio do entrecruzamento de fontes orais, documentos e imagens que ajudam na compreensão de um presente através de uma recorrência ao passado, e nesse sentido, pensar quais fatores possibilitaram que algumas experiências dessem certo e outras não.

Experiências que o próprio diretor da Irmandade evoca para justificar sua existência atual, ao reforçar que a “Irmandade existe há mais de cem anos por causa de suas regras”. Essa forma comportamental de controle religioso, por vezes alcança contornos contraditórios no sentido inclusive de fazer-se uso dos mecanismos institucionais punitivos e de seus agentes como meios de intimidação psicológicos: “o promotor do ministério público estará observando a gente”, “fomos ao promotor para avisá-lo de nossa festa, ele vai estar acompanhando o comportamento dos congadeiros²⁰¹”.

No âmbito da Irmandade do Rosário, entretanto, as disputas continuam, como evidencia a fala de Rubens Assunção ao relatar as dificuldades de relacionamento com a administração da Igreja do Rosário, notadamente de seus assistentes, durante reunião com

²⁰⁰ Rubens Aparecido Assunção. **Em reunião da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia com todos os representantes dos 25 grupos de congados a ela associados.** 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

²⁰¹ Rubens Assunção e Denílson Nascimento. **Em reunião da Irmandade do Rosário sobre os preparativos da festa da Congada do ano de 2011.** 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

todos os membros da Irmandade, a solicitar cooperação para que não deixassem o lugar ser tomado por outras pessoas, uma vez que estariam paulatinamente a ocupar determinados setores das celebrações eucarísticas, em decorrência da ausência dos congadeiros nas missas dominicais:

[...] Há pessoas tomando conta da igreja, tinha duas que fazia coletas e não fazem mais, o que tomava conta da animação também agora é outro, não é mais o nosso, isso é preocupante, se a gente não chega na hora, o espaço é tomado, é importante que a gente tome a frente de tudo dentro de nossa igreja²⁰².

A fala de Rubens está associada à constante ausência dos congadeiros nas celebrações, não só em consequência da presença de novos administradores na Igreja, e sim, pela recusa de muitos congadeiros em participar dos rituais litúrgicos católicos. Junto com essa convocação do diretor da Irmandade, o presidente Deny Nascimento, alertava aos capitães dos grupos, em uma tentativa de convencê-los a participar assiduamente dos rituais cristãos:

Olha gente! O padre vai visitar todos os ternos esse ano, ele quer saber como é que vocês estão rezando, se está tudo direitinho, ele quer conhecer todo mundo, e nada de cara fechada quando ele chegar. Também vamos ter um curso de formação religiosa, é para todo mundo fazer²⁰³.

Há momentos da pesquisa que só é possível analisar uma fala se estiver *in loco*, principalmente quando se trata de um discurso dirigido para cerca de oitenta pessoas. Nesse aspecto, o pesquisador tem a oportunidade de registrar o acontecimento, a fala do orador. Há nesse cenário, a possibilidade de observar o comportamento dos que ouvem: uns de semblantes fechados, outros a gesticular por meio do jeito de olhar, de sorrir, de mover as cabeças e poucos, bem poucos atentos, ninguém pergunta, ninguém questiona, todos ficam em silêncio. Isso caracteriza igualmente uma forma de recusa, resistência por parte dos congadeiros em ter a Igreja interferindo nos modos próprios que os grupos possuem de vivenciar sua fé, de certa forma a caracterizar uma rebelião silenciosa contra a tutela eclesiástica.

Não há como desconsiderar que a maioria dos congadeiros estão inseridos quer seja na Umbanda ou no Candomblé e a fala do presidente assume um sentido de protocolo formal,

²⁰² Rubens Aparecido Assunção. **Em reunião da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia com todos os representantes dos 25 grupos de congados a ela associados.** 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

²⁰³ Deny Nascimento. **Em reunião da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia com todos os representantes dos 25 grupos de congados a ela associados.** 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

posto que as táticas usadas pelos congadeiros para driblar essas normas fazem com que o chamamento tenha pouca eficácia. Na realidade, existe um fator de interdependência, a Irmandade do Rosário precisa dos grupos para se fortalecer junto à instituição eclesiástica, a diretoria sem os grupos se fragiliza, e por isso busca nos seus associados uma sustentação.

Uma ação mais efetiva, pontual, no sentido de romper com paradigmas, raramente acontece nas relações da Irmandade com os grupos e de todos, com outros poderes instituídos. Isso porém, não inibe ações discursivas mais pontuais nessas relações que às vezes assume radicalismos conflituosos que ocorrem entre Irmandade do Rosário e grupos de congado, excluindo inclusive grupos associados e reinserindo-os posteriormente, não deixando contudo, de refletir as tensões internas que surgem de maneira constante.

Por esse motivo, pensar nesse tipo de abordagem causa a princípio um certo estranhamento, visto que nesses estudos culturais, geralmente as opções são voltadas para a festa, a estética, não adentrando ou a evitar um aprofundamento maior no que concerne às diversas relações de poder que se encontram entranhadas na manifestação sociocultural do Congado e da Congada. Tais posturas como essas indicadas – relações paternas e de poder – são comprováveis por meio de uma fala ambígua que o presidente da Irmandade do Rosário direciona aos congadeiros durante uma Assembleia, para discutir problemas referentes a recursos financeiros oriundos do município, como contribuição à realização da festa da Congada na cidade:

Esse dinheiro que a prefeitura repassa não é de capitão não, antigamente nem esse dinheiro tinha não. No meu tempo, a gente tirava muita esmola, para poder cobrir as despesas e ajudar lá na igreja [do rosário] ainda. Depois disso, antes desse dinheiro, era a campanha, Dona Leonora que foi a zeladora da Igreja do Rosário, conversou com meu pai, com a diretoria, para fazer a campanha de Nossa Senhora do Rosário, daí, após a campanha, muitos anos depois, foi eu e o compadre Rubens [diretor da Irmandade] que arrumamos isso, foi com o prefeito Virgílio Galassi, ele ia muito lá na minha casa, o Dr. Badua [Badue Morum Bernardino], primeiro secretário de Virgílio Galassi, nós fizemos tiro de guerra junto, tiro de guerra em 60 (1960), gostava demais também da festa, o Dr. Badua, ele que fez a lei, eu mais o Rubens não saía lá da prefeitura para arrumar esse dinheiro, não tinha isso não, é da diretoria que repassa para os ternos [grupos de congado], se ela não quiser, não repassa também não. E o responsável sou eu, presidente de vocês, podem me xingar, falar ruim ou bom, mas eu sou eu mesmo, graças a Deus! É igualzinho vocês, o capitão pode ser bom ou ruim, mas ele é o capitão, o chefe é o capitão, tem no estatuto isso aí, leiam o estatuto de vocês, tá tudo aí²⁰⁴.

²⁰⁴ Deny Nascimento. **Sobre a festa da Congada e recursos financeiros**. Assembleia Geral da Irmandade do Rosário de Uberlândia. Auditório da Engenharia Elétrica. Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa

As relações de poder permeiam todos os campos sociais, não sendo portanto exclusividade de determinadas classes. As dinâmicas é que diferenciam-se, elas expandem-se, enraízam-se na esfera pública e privada, no cotidiano familiar, no lazer, no trabalho, na religião, na cultura; no Congado e na festa da Congada, faz-se igualmente presente. A questão pontual não é o aspecto financeiro e sim o posicionamento discursivo utilizado que busca um passado como justificador de ações presentes e essa anterioridade revela as proximidades entre representantes da Irmandade do Rosário, com um dos personagens elitistas, fazendeiro e conservador, reeleito por diversas vezes prefeito da cidade, Virgílio Galassi.

Quem não detém o poder de fato para resistir, faz uso de táticas, de astúcias, para sobreviver. A considerar proximidades entre atores sociais do Congado e autoridades públicas que conduzem as finanças do município e gozar de amizade antiga do mesmo, poder-se-ia supor que houvesse uma espécie de passaporte; as relações poderiam alcançar um grau de equivalência interessante, entretanto é possível inferir que o dominador não compartilha na mesma extensão do fragilizado, as relações de compadrio.

Thompson por exemplo, assegura que o “paternalismo antiquado queria – dentro dos limites definidos da ordem social – que os pobres continuassem vivendo, trabalhando e se divertindo dos modos que eles mesmos escolhessem²⁰⁵”. Quase próximo a essa definição é crível pensar nesse caso – da relação entre atores sociais do Congado e personalidades políticas da cidade – como relação de compadrio paternal, relacionamento esse associado à política eleitoral e ao trabalho de sobrevivência urbana. Um modo paternal atualizado de acordo com os modos de atuar dos muitos sujeitos congadeiros, que estando mais próximos desses indivíduos, podiam em certas ocasiões, granjearem algumas contribuições temporais para as suas festividades.

Evidente que esses relacionamentos transformam-se com as temporalidades e os lugares, com a alternância de gerações e novos agentes políticos, embora em muitas circunstâncias, as interdependências e as dependências tenham acentuado. Há grupos que politicamente organizaram-se de tal modo que conseguem constituir pautas próprias para suas demandas socioculturais no Congado, existem outros que continuam a estabelecer compadrios

Mônica. 01/08/2016. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 1.10' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

²⁰⁵ THOMPSON, Edward Palmer. **Os Românticos**: a Inglaterra na era revolucionária. Tradução de Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 26.

eleitorais bastante frágeis, e têm àqueles, que se autodenominam independentes, buscam distintas táticas de sobrevivências, instituídas por eles próprios.

Quando a subjetividade aflora, como na fala do presidente da Irmandade, ela pode as vezes trazer consigo a lembrança de um instante passado que subsidia o discurso do presente e esse artifício não pode ser considerado como algo de imposição, pois ele não foi escrito, não foi preparado por um assessor de gabinete, ele surgiu no momento de defesa e ao mesmo tempo de justificativa de uma autoridade ancorada nesse mesmo passado, não estando em questionamento o jeito de ser individual do sujeito.

Paul Ricoeur quando diz ser a memória um passado e que esse passado pode ser igualmente o resultado de concepções ou impressões de um indivíduo, logo, tem-se algo desse passado a compartilhar, bem ou mal; por essa característica, o autor afirma que “a memória garante a continuidade temporal da pessoa²⁰⁶”. Necessário esclarecer portanto, que nesse campo de estudos, não se trata de julgar procedimentos discursivos e sim problematizá-los.

Convergir para esse outro lugar de problematização e contribuir historiograficamente para que não fique oculto dos estudos culturais sobre essa manifestação, é sem dúvida um desafio a enfrentar, sob o risco de ao evitar tais procedimentos, reproduzir com larga utilização de sinônimos, diversas pesquisas já produzidas, com viés cultural próximo a folclorização, principalmente.

Isso não significa dizer que o assunto está esgotado, ao contrário, trata-se de uma cultura que não está pronta para ser acessada, sistematizada em dados como se sempre fosse do jeito que atualmente aparenta ser; um mínimo possível de curiosidade, o historiador necessita possuir para adentrar nessa seara cultural. O tema do Congado e da Congada em Uberlândia, a considerar as perspectivas nas quais estão inseridas as identidades culturais, das quais essa prática talvez seja a maior em Minas Gerais; está nesse viés, cada dia mais desafiador, exigindo do pesquisador, uma entrega bem maior.

Por isso, na iminência de quase finalização desse capítulo, outra abordagem circunscrita à interioridade da manifestação do Congado de Uberlândia e sua relação com a cidade – com o poder público que apresenta-se constantemente – ilustra como é interessante pensar essas dinâmicas, o modo como são constituídas e que geralmente passam ao largo do conhecimento daqueles cujos olhares detém-se somente para a festa da Congada.

²⁰⁶ RICOUER. Op. Cit, p. 107.

Os relacionamentos com o poder público são permeados ora por aproximações, ora por distanciamentos. Independentemente de quem esteja como gestor municipal, o apoio à festa da Congada é todo ano, uma incógnita, mesmo que se trate essa manifestação de patrimônio cultural do município. Quando o tema refere-se a logística e contribuição financeira, os congadeiros às vezes precisam utilizar-se de artifícios, táticas, pressões não usuais, para ter os seus rituais minimamente respeitados. Nesse sentido, Rubens Assunção é enfático ao falar da dificuldade de dialogar com a prefeitura no ano de 2015, o que levou os membros da Irmandade do Rosário a tomar uma postura crítica por meio de um veículo de comunicação televisivo da cidade:

Todo ano é sempre a mesma labuta, a gente faz papel de trouxa, numa sexta-feira a gente reuniu com o prefeito e ele foi taxativo com a gente, de que não tinha verba não, que não ia ter subvenção não, daí a gente saiu contrariado com aquilo, a gente então fez uma reportagem pra TV Integração que saiu no outro dia de noite²⁰⁷.

Interessa aqui, pontuar um evento de (2015) como demonstrativo de que os congadeiros atuam de diversos modos e igualmente fazem usos de meios e discursos subliminares para reafirmar a força da tradição, conforme é possível verificar na entrevista de Denílson Nascimento para o canal de TV Local:

Pouco mais de 114 mil reais, estamos esperando que a prefeitura faça esse repasse para dar continuidade aos preparativos de nossa festa. Não deram uma posição definitiva para nós, a gente procura, falam que tá parada na secretaria de finanças. A nossa festa é uma festa de resistência, o nosso povo, a nossa comunidade negra sempre contribuiu para a cidade de Uberlândia, a nossa festa faz parte do desenvolvimento dessa cidade, independente de ter subvenção ou não, a nossa festa vai ser realizada sim, na data marcada²⁰⁸.

Embora na entrevista o Diretor Administrativo da Irmandade do Rosário reivindique o direito à cidade, tendo como argumento a participação da comunidade negra no seu crescimento, é preciso ater-se contudo, na sua fala a respeito do apoio financeiro aguardado e cuja resposta ao que tudo indica não teria sido conclusiva até aquele momento da entrevista veiculada. Por conseguinte, o modo como essa notícia impactou a opinião pública, sobretudo a população negra congadeira, é relatada por Rubens Assunção, Coordenador de eventos da Irmandade do Rosário:

²⁰⁷ Rubens Assunção. **Relações entre Irmandade do Rosário e Prefeitura de Uberlândia**. Depoimento obtido em 02/01/2017.

²⁰⁸ Denílson Nascimento. **Entrevista sobre repasse de subvenção**. Entrevista concedida a TV Integração de Uberlândia. 05/09/2015. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 5.' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Sim, foi sim, na segunda de manhã o prefeito chamou a gente lá no gabinete, falou que tudo tava certo, que o dinheiro ia sair naquela semana mesma ou na outra semana, que ia ajudar na festa sim. Mas a gente sabia bem que só voltaram atrás depois que viram na televisão a gente reclamar, se tivesse ficado calado, saia nada não de jeito nenhum, com eles só funciona na base da pressão, como pode tanto descaso com a gente, com mais de cem anos dessa festa na cidade? Ainda trata a gente que nem lá no passado²⁰⁹.

Se de um lado o poder político faz uso de uma estratégia de cansar os congadeiros na tentativa de deixá-los na expectativa, como se a “correr com pires às mãos” para merecer uma atenção maior, de outro lado, esses atores sociais instituem suas táticas de atuação no sentido de pressionar publicamente e anunciar a persistência para realizar a festa da Congada. Quando um diretor da Irmandade, lastreado por outros membros, vai para a imprensa e diz, olha, com recurso ou sem recurso, com assistência ou sem assistência, a festa vai acontecer; nessas palavras, há um elemento, a narrativa de que essa população negra ajudou a construir essa cidade.

Sem dúvida, o relato de Rubens Assunção converge apropriadamente para o que pensa Michel de Certeau a respeito de certos usos de táticas e astúcias construídas pelos sujeitos ou grupos sociais fragilizados, enquanto contraposição a um poder instituído:

A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha (...) Ela opera golpe por golpe. Lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Ai vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia²¹⁰.

Nesse evento em particular, considera-se o poder público municipal como uma estrutura política que regula por meio de leis, o apoio ou não a determinados eventos culturais realizados na cidade. Os congadeiros, anualmente tornam-se reféns desse “será que vai ter ou não apoio esse ano para a festa da Congada?”, o que indica uma permanência de vulnerabilidade – no sentido de não dispor de recursos financeiros próprios para sustentar a estrutura da festa – ora as vezes contornada com usos de astúcias internas de apadrinhamentos, oras as vezes por meio de pressões públicas indiretas que terminam

²⁰⁹ Rubens Assunção. **Relações entre Irmandade do Rosário e Prefeitura de Uberlândia**. Depoimento obtido em 02/01/2017.

²¹⁰ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 100-101.

resultando em novas discussões, no sentido de resolver apenas a questão pontual, ficando a festa para o ano seguinte sujeita às mesmas indecisões e jogos discursivos do poder público.

É imperativo colocar que essa cidade tem um mecanismo de violência extremamente elaborado, aperfeiçoado diariamente, no trato da população negra. É algo que precisa ser dito, da mesma forma, tem que ser dito que por mais que esses mecanismos tenham sido radicais, por mais que tenha sido travestido de afeição e agressão nos momentos da festa, ele vai para uma disputa de memórias, que essa mesma população negra que sofre, é capaz de identificar-se, é capaz de pressionar e que resiste, mesmo não tendo uma mídia que estampe frequentemente os seus rostos, que conte as suas histórias, essa população vive.

Ao exercer uma prática interna de bastidores, no anseio de cooptar os sujeitos que parecem não coadunar com o gestor público, a tentativa de subjugação e ao mesmo tempo de tratamento aos praticantes da manifestação com certo desdém, torna essas relações entre as partes cada vez mais tensionada, mesmo que publicamente tudo pareça transcorrer em harmonia. Inevitavelmente esse *modus operandi*, acirra o debate sobre as relações de poder e de como várias situações a princípio simples, que não possuem uma atenção quanto ao atendimento, terminam por proporcionar as brechas capazes de fazer com que os atores sociais, no caso os congadeiros e responsáveis pela estrutura da festa, tenham em determinados momentos, o poder público como aquele poder instituidor de normas, no entanto, incapaz de cumprir as mais elementares de modo adequado²¹¹.

Por isso de outro modo, com diferente olhar, é plausível adotar uma perspectiva de trabalhar essa cultura da Congada e suas várias ramificações, suas diversas relações com a cidade através de uma noção de identidade que discuta seus processos históricos, refletindo-os pedagogicamente, ultrapassando as análises focadas sobretudo nas festividades e nos espetáculos públicos em que predomina unicamente uma possibilidade de divulgação da cultura associada aos sujeitos negros. Nessa pressuposição, não problematizar a questão racial é como optar-se de certo modo por fazer uso do que possa parecer mais confortável, nesse

²¹¹ Entre reclamações constante dos congadeiros e espectadores, podemos citar algumas que atingem os espectadores: falta de batedores para auxiliar no desfile desde a sua origem até a praça do rosário; limpeza diária da praça e arredores, cuidado com as pedras portuguesas que ficam soltas na praça e, os dançadores, os idosos, as crianças, quase se acidentam; falta de latões espalhados para o público descartar objetos já utilizados; limpeza constante dos banheiros químicos e a incapacidade de promover a festa com divulgação oficial nos meios de comunicação, como faz por exemplo, com o Festival de dança, quando o mesmo ocorre. A festa da Congada – desde o ano de 2002 – é realizada com apoio de mídia espontânea. Dados esses referentes a vários anos, contudo em 2015 e 2016, ficaram latentes.

caso, abordagens focadas nas festividades, a trazer pautas sobre cultura afro, etnicidades negras, situações que ficam acomodadas em uma zona de conforto.

Ao privilegiar-se apenas as festividades, e o conseqüente distanciamento das temáticas raciais, cria-se uma falsa noção de enfrentamento a essas necessárias demandas e termina por acobertar pedagogicamente a ausência didática, metodológica e historiográfica de assuntos relacionados aos preconceitos, às discriminações, às intolerâncias, aos crimes raciais, a naturalizar enfim, o lugar dos sujeitos sociais apenas como indivíduos culturais pensados no âmbito da educação, da pesquisa, dos estudos sociais e tantos outros, enquanto seres protagonistas de uma cultura/espetáculo quase que obrigatoriamente reconhecidos em ocasiões festivas.

3 ENTRE MODERNIDADES E TRADIÇÕES: A CULTURA CONGADEIRA EM SEU CONTÍNUO TRANSFORMAR-SE.

Imagem 14 - Grupo Nossa Senhora do Rosário Catupé.



Fonte: Maria Irene, Tenda Coração de Jesus. Bairro Martins, Uberlândia, década de 1970.
AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 15 - Grupo Nossa Senhora do Rosário Catupé. Local: Avenida Floriano Peixoto, Uberlândia.



AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG, 2009.

As duas imagens (14 e 15) que abrem o capítulo em discussão, permitem diálogos temporais interessantes, a imagem p&b, com os instrumentos atualmente vistos como ultrapassados, contrasta com a imagem colorida, que é mais recente. Elas permitem pensar, por exemplo, que os congadeiros estão o tempo todo inseridos em um processo de mudanças, de transformações, desde a década de 1950. A geração anterior, reclamou da presença da sanfona, talvez em decorrência de ser mais usada nas folias de reis do que nas congadas; os bandolins, compunham outros tipos de eventos musicais e os cavaquinhos, seriam instrumentos de sambistas. Como no passado existiu esse debate geracional, o mesmo ocorreu quando da substituição radical desses elementos, pelos atuais, repiliques, surdos, surdões, chocalhos. Contudo, as alternâncias, as mudanças, fazem parte das transformações.

O registro fotográfico é interessante como representação de uma época, como de igual modo é preciso entender que as mudanças são parte desse processo cultural, assim como as gerações anteriores introduziram as sanfonas, os violões, as violas, os bandolins, os jovens de hoje não querem saber de caixa com peles de couro, não querem saber de tamborins, não querem saber de pandeiros com peles de couro, eles querem o ritmo acelerado, eles querem os óculos de marca, e ainda que cause conflitos, é do tempo, é dessa nova geração.

Toda nova época, inerentemente traz consigo alternâncias discursivas, novos modos comportamentais, outras formas de mentalidades culturais que modificam as tradições. Por meio dessas imagens, (14 e 15), do *Catupé do Bairro Martins*, pode-se refletir sobre esses processos históricos de transformações ao longo das épocas e das gerações, remetendo-se à década de 1940, quando congadeiros resolvem incluir a *sanfona* em seus grupos, visto que até aquele momento, parecia não compor a tradição de Congado da cidade, a presença do referido instrumento musical.

Uma evidência presente em ata da Irmandade do Rosário no ano de 1947, repercute o quanto são dinâmicas essas transformações e como elas revelam ao mesmo tempo, as relações de poder que envolvem de um lado, os sujeitos congadeiros, de outro, a instituição eclesial, na pessoa de um representante da Igreja, algo aparentemente interessante. O caso em foco é o pedido em reunião dominical da Irmandade do Rosário, para a liberação do uso de *sanfona* em um grupo de Congado: “O Sr. José Pereira da Mota pediu para trabalhar no Terno uma sanfona, devido costumes do lugar ficô então que falacem com Monsenhor

Eduardo²¹²”. Chama-se atenção nesse contexto, o envio da solicitação para ser avaliado por um Chefe da Igreja, embora, naturalmente há que se compreender, tratar-se possivelmente de um formalismo, pois, os congadeiros inseriam novidades em seus grupos de Congado, com ou sem, a permissão da Irmandade do Rosário e da Igreja.

Nota-se portanto, que os instrumentos no Congado e em especial no Catupé Martins, surgem e são substituídos integralmente em um período que abarca pelo menos quatro décadas, 1950 a 1990. Aqueles congadeiros, atualmente em atividade, que em suas épocas, lutaram pelas modificações, não raras vezes resistem, quando as novas gerações chegam e igualmente propõem mudanças que coadunam com seus tempos geracionais diferentes daqueles vivenciados por seus pais, tios, avós, bisavôs. Em decorrência disso, principalmente, como é possível pensar em uma festa tradicional que ocorre no centro da cidade de Uberlândia há mais de 140 anos e de que modo as mudanças, as transformações dessa manifestação, que em alguns aspectos é a própria história dessa cidade, foram vistas e continuam sendo interpretadas no contexto dos festejos congadeiros.

A festa da Congada de Uberlândia nos fins do século XVIII iniciava-se com grupos fazendo uso de embiras para trançar fitas nos dias de festejos, caixas a base de cordas e de couros, bandeiras confeccionadas com palhas de milho. Mais tarde, na década de 1950, começam a surgir instrumentos como zabumbas oriundas das fanfarras, os repiliques e os surdos provenientes das escolas de samba, tendo em vista que os congadeiros igualmente, eram e muitos persistem, como carnavalescos nas escolas de samba da cidade. Junto com a atualização constantes dos festejos, de igual modo a permanência na área central, foi resultante e contemporaneamente continua sendo, de uma batalha diária.

Nota-se por meio desse contexto, que a luta para a continuidade sem interrupção dos festejos religiosos e socioculturais, mesmo com suas transformações ao longo dos tempos, faz parte da história da cidade que por muitas vezes, a Irmandade do Rosário enfrentou para não deixar que a festa fosse deslocada de seu lugar ritual centenário, impedimentos esses cessados talvez “oficialmente”, com o tombamento da Igreja do Rosário no ano de 1985 e mais tarde com o registro da Festa da Congada, enquanto Patrimônio Cultural do Município no ano de 2008 e posteriormente com a Praça do Rosário sendo alçada a “lugar de memória” por meio de registro aprovado em 2018.

²¹² **Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.** 24 de agosto de 1947. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

A Congada de Uberlândia é uma tradição em permanente movimento e transformação²¹³. Nesse processo, algumas mudanças tem ocorrido e conseqüentemente, as reatualizações terminam por impactar as relações pessoais que em certo sentido expandem-se atualmente, pelos territórios das mídias sociais. Já não é mais possível ignorar a presença cada vez mais acentuada dessas mídias como meios de informação sobre as práticas culturais e, em se tratando do Congado e da Congada de Uberlândia, o quanto a plataformas midiáticas têm sido utilizadas para diversos fins.

Mensagens subliminares permeadas de ironias, de provocações, tanto verbalizadas quanto escrituradas o tempo todo transitam por meio das redes sociais e de outros suportes digitais disponíveis via internet. A disputa, a rivalidade, é teatralizada. O campo das divergências pessoais antes internalizados, ocupa o espaço público e arrasta seguidores que posicionam-se e ampliam as contradições duais para o cotidiano social de vários grupos de Congado, de tal modo que às vezes, reverberam diretamente nas realizações das atividades culturais, criando por exemplo, dois eventos congadeiros idênticos no mesmo dia e no mesmo horário²¹⁴.

Isso torna inegável que alguns eventos produzidos como atividades socioculturais do Congado estão atravessados pelo viés político ora individual, ora de grupos e tais elementos contribuem para que surjam dissidências informais, conforme fica caracterizado no depoimento do comunicador social e participante assíduo dos eventos na cidade, Ronaldo Ferreira:

Toda instituição mais antiga tem seus problemas, seus cismas, suas divisões, controlar a vaidade de seus membros é algo que ninguém dá conta, pode ser que no futuro tenhamos duas festas do rosário assim bem fortes e pode ser que não. Pode ser que o tempo diga que esse não é o caminho e as coisas se acertem então. Onde tem política no meio é muito difícil controlar e onde tem dinheiro e política, aí nem Deus consegue, nem ele conseguiu que Judas ficasse no grupo dele, por causa de algumas moedas de prata²¹⁵.

²¹³ Ver: BRASILEIRO, Jeremias. **Congado, um fluxo contínuo de revitalização cultural**. Uberlândia: Editora Aline, 2009.

²¹⁴ No domingo do dia 25 de junho de 2017, um grupo de jovens sob a denominação – Projeto União dos Ternos – com apoio da Irmandade do Rosário realizaram um encontro que reuniu vários grupos no Bairro São Jorge, enquanto que no mesmo dia e horário, com outros grupos divergentes, o Moçambique de Belém realizou evento similar no Bairro Santa Mônica. A culminância de dois eventos com propósitos idênticos fez surgir acusações de ambos os lados sobre quem teria marcado primeiro ou depois o seu evento e porque não houve consenso entre as partes para que uma delas cedesse, realizando a atividade cultural em outra data.

²¹⁵ Ronaldo Ferreira. **Sobre conflitos entre Irmandade do Rosário e grupos de Congado**. Depoimento obtido em 08/07/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

O que de relevante pode-se inferir a partir da fala de Ronaldo Ferreira é o fato de que as relações sociais estão permeadas de contradições, mesmo nos grupos que são vistos como “populares”. Diante disso, tentar minimamente que seja, compreender essas realidades culturais diversas sem cair no perigo da romantização da temática é importante, uma vez que Irmandade do Rosário não pressupõe necessariamente a existência de uma comunidade autóctone com um cotidiano onde prevalece o tempo todo a harmoniosidade entre os seus membros. É comum na maioria absoluta dos pesquisadores que trabalham com as Congadas, o tratamento raso, quase oculto às questões que evocam encontros, disputas abertas, quer sejam no interior da manifestação ou externamente à ela.

É nesse contexto que Peter Burke convida a refletir, ao afirmar que “o desafio para os historiadores urbanos é estudar a construção, a manutenção e a destruição de tais comunidades, sem perder de vista que o termo “comunidade” é tão indefinível – e tão indispensável – como o termo “cultura”²¹⁶. O desafio a enfrentar nessas análises é de como entender as transformações, as rupturas, juntamente com a aceleração do tempo e a presença de suportes midiáticos a fazer parte organicamente dessas práticas culturais.

Perceber os conflitos, as disputas que apresentam-se por meio de elementos simbólicos, rituais, percussivos, visuais e ao mesmo tempo evitando juízos de valor. É fato que as mudanças produzem descontentamentos em uns, descontentamentos em outros, e por vezes o próprio discurso de manter a tradição não se sustenta diante da realidade experienciada. Novamente cabe aqui o diagnóstico de Peter Burke, tal qual o alerta feito quando do estudo e da pesquisa com temas que envolvam grupos sociais pensados ou tidos enquanto “comunidades”:

O termo “comunidade” é, portanto, ao mesmo tempo útil e problemático. Precisa livrar-se do pacote intelectual em que ele faz parte do modelo consensual (...). Não se pode supor que cada grupo seja permeado pela solidariedade; as comunidades precisam ser construídas e reconstruídas. E não se pode ter por certo que uma comunidade seja caracterizada por atitudes homogêneas ou esteja livre de conflitos²¹⁷.

A comunidade congadeira em Uberlândia é essencialmente diversa e constituída por vários núcleos familiares inseridos nos grupos de Congado, sendo possível identificar em três ou quatro desses por exemplos, representantes que por motivos pessoais, de identificações com um ou outro ritmo, ou mesmo em razão de divergências internas, criaram seus próprios

²¹⁶ BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer, Roberto Ferreira Leal. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 94.

²¹⁷ BURKE, op. cit, p. 98.

grupos de Congado. De outro lado, há a Irmandade do Rosário que mesmo agregando todos os grupos – atualmente em número de 25 – possui aqueles que são mais próximos por ter laços de consanguinidades com os membros da presidência e da diretoria executiva, ocasionando assim, redes de solidariedade entre uns e concomitantemente o distanciamento de outros, em uma relação diacrônica que afeta ambos os lados divergentes.

Por isso a impossibilidade de pensar toda essa manifestação cultural da Congada e do Congado em Uberlândia sem considerar algumas dessas contradições ou realidades apontadas. A proposição nesse capítulo, portanto, é, junto a essas problematizações, demonstrar que as disputas internas podem ocorrer a partir das cores utilizadas por determinados grupos de Congado, de que a relação entre ritmo e alternância e até mesmo eliminação de alguns instrumentos, faz parte das transformações.

Para além dos aspectos visuais simbólicos, relativizar o processo ritual, cuja oralidade cantante é capaz de construir enfrentamentos, e, por meio de táticas, desconstruir o institucionalizado, que é o impedimento há mais de quatro décadas, dos congadeiros homens, capitães e componentes, de entrarem na Igreja do Rosário de Uberlândia, junto com as meninas portadoras das bandeiras, principalmente em dias de novenários que antecedem à festa da Congada, é outro componente interessante que propõe-se discutir.

Isso posto, pode-se considerar que a problematização a seguir possivelmente seja ao final, um esboço de estudos que necessitam ser aprofundados, tendo em vista que estão de alguma forma inscritos na contemporaneidade, mesmo assim, as idas e vindas do que ora é tradição, ora é modernidade, permanecem em pauta na voz dos interlocutores, e a tradição, o patrimônio cultural, assumem contornos cada vez mais permeados de complexidades.

3.1 Das cores em disputa, dos tambores em conflito, ao insubmisso cantar.

Talvez, a festa da Congada de Uberlândia, seja uma das poucas manifestações culturais em que as cores das indumentárias dos grupos possam em determinados momentos ou épocas tornarem-se objetos de disputa²¹⁸. Essa representação é de tal modo significativa que existe desde a década de 1950, regulamentada estatutariamente, alguns grupos como o “Camisa Laranja”, o “Marinheiro Azul”, o “Camisa Verde”, tendo inclusive aprovado em ata a organização de grupo que deveria utilizar camisa branca, calça branca e boné branco, lenços e faixas verde²¹⁹. Esse processo histórico deixa explicitado os motivos de disputas entre grupos de Congado no sentido de manutenção de suas cores e do quanto o uso indevido, acarreta questionamentos, conforme revela Rubens Assunção:

Por causa das misturas de farda do Azul de Maio e do Marinheiro de São Benedito, a gente estava pensando em mudar a farda do Azul de Maio, a farda do Azul de Maio, ela mistura com a do Marinheiro, que o Marinheiro tem um azul, o azul dele é bem escuro. Agora eles pegaram o azul claro, azul turquesa, que nosso grupo usa e usaram no lenço deles. Então o pessoal do meu grupo resolveu que tinha que mudar a farda para não misturar, mas aí a gente chegou a conclusão que se mudasse a farda ia descaracterizar o nosso grupo. Então o que a gente tinha que fazer? Era fazer que o Marinheiro voltasse a usar a farda dele, porque era ele que estava fora, não era nós²²⁰.

Mediante tais circunstâncias expostas por Assunção, é admissível conjecturar que as cores usadas pelos grupos refletem não só estética visual, dito de outro modo, ensejam representações capazes de culminar na própria relação com a religião, como é o caso do Moçambique Guardiões de São Benedito que reverencia os *Ibejis* (São Cosme e Damião) por

²¹⁸ As disputas pelos usos de insígnias, indumentárias, pelo privilégio de algumas cores, estão associadas às relações de poder e distinções sociais, e, inclusive já eram motivo de demandas judiciais entre irmandades religiosas negras e brancas, em Portugal no século XVIII. Cf. DELFINO, Leonara Lacerda. **O Rosário dos Irmãos Escravos e Libertos: Fronteiras, Identidades e Representações do Viver e Morrer na Diáspora Atlântica.** Freguesia do Pilar-São João Del-Rei (1782-1850). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora - MG, 2015.

²¹⁹ Atas da Irmandade do Rosário de Uberlândia referentes às datas de 18 de novembro de 1951 e 01 de janeiro de 1952. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

²²⁰ Rubens Aparecido Assunção. **As cores da divergência.** JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Cópia em acervo do pesquisador.

meio da cor rosa²²¹. Por esse motivo, sendo a cor um dos portais de identificação dos grupos, evidente que a vigilância acontece e, ao menor sinal de semelhança, o conflito estabelece-se.

As opções por diversas tonalidades de cor e as constantes inovações dos grupos, tem sido motivos de questionamentos, não raras vezes, aproveitam-se dessas possibilidades para estilizar as indumentárias, evitando o uso de algumas cores primárias antes melhor identificáveis. O verde transforma-se por exemplo em verde-piscina, verde-água, o azul surge com seus diferentes tons e isso termina por confundir a identificação de alguns grupos. Outra mudança que provoca há décadas reclamações dos congadeiros é quanto às chamadas descaracterizações das indumentárias e Rubens Assunção, já na década de 1980 elencava uma série dessas alterações presentes em vários grupos de Congado:

Primeiro, os grupos descaracterizaram-se, pegando o exemplo do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Ele usava casquete, o pessoal o que que fez? Pegou o Marinheiro e colocou chapéu. Então tirou uma característica do Marinheiro que é casquete e com crianças no máximo até 12 anos. O outro Marinheiro, (São Benedito) a farda, por isso ele é azul pavão, azul bem escuro, ele está usando um azul bem mais claro. O Camisa Verde (grupo de congo), você não vê o lenço do Camisa Verde amarelo ouro, você vê laranja. E também o Adulfu que é pandeiro, feitos artesanalmente, esse não tem mais condição de se ver com o pessoal. Estão comprando os pandeiros. E esses não tem o mesmo som. O Santa Efigênia também descaracterizou porque tirou a farda. Ele era um Terno que andava certinho dentro das normas”. “O sainha mudou bastante. O capacete, a saia não é mais azul clara. Como diz que o sainha é o Terno mais velho e tem as atas antigas onde fala que a roupa é branca e saiote azul claro. O pessoal descaracterizou tudo isso. Já o Catupé (do Bairro Martins) mudou um pouco as faixas, que as faixas eram trançadas no peito e eles estão usando elas na cintura. O Catupé Azul e Rosa tem dois anos, e para montar a farda dele, ele teve que levar amostras de panos lá pro pessoal ver, para ver se não batia com outros Ternos. O azul de maio começou com 28 pessoas (em 1982) e hoje tem mais de cem pessoas (1987)²²².

Essas narrativas de saudosismos e sentimentos de tradição contradizem o tempo todo a realidade percebida pelos próprios congadeiros reclamantes. Assunção é bastante crítico no tocante às acelerações rítmicas, ocasionadas principalmente pela inclusão e aumento de determinados instrumentos nos grupos, como das rupturas resultantes dessas transformações. Junto a essa postura, surge a disputa que Assunção define enquanto competição informal:

²²¹ Sobre as cores na Congada, seus significados, suas simbologias ver: BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Fundação Cultural Palmares: Brasília/DF, 2001, p. 84-85; BRASILEIRO, Jeremias. **Cultura Afro-brasileira na escola: o Congado em Sala de aula**. Uberlândia: Editora Aline, 2010, p. 38.

²²² Rubens Aparecido Assunção. **Coordenador de eventos da Irmandade do Rosário**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Cópia em acervo do pesquisador.

O batido mudou, mudou bastante, introduziram os repiliques, antes não tinha, ele veio com as Escolas de Samba, dá um som mais agudo e o pessoal está com os repiliques no grupo. Não tem mais a marcha. A marcha (ritmo) era um batido só e o repicado do surdo. Hoje não tem jeito de conseguir uma marcha antiga. Hoje em dia não tem condição de chegar num soldado (dançador) e entregar a ele uma caixa feita com corda, de combinação de corda, porque ele não vai querer sair com isso. Ele diz que é feio. Agora com os repiliques, tem grupo que a gente não sabe se está batendo tipo fanfarra, tem uns que a gente nem sabe o que está batendo. Outros batem um “rojão” muito acelerado, nem sabe o que é. Estão descaracterizando bastante a festa. Antigamente o Camisa Verde (grupo de congo) tinha duas caixas, o resto era só adulfus. Hoje deve ter uns quatro pandeiros, o resto é caixa. Porque? Porque tem um negócio de capitães que acha que se chegar e o grupo estiver batendo mais alto que o dele, ele vai querer bater mais alto também. Então isso vai descaracterizando. Não tem a competição formal, mas o pessoal compete muito um com o outro²²³.

As descaracterizações ocorridas na década de 1980 percebidas e criticadas por Assunção não são de modo algum circunscritas a essa temporalidade. Exemplo disso é o próprio grupo Marujos Azul de Maio, do qual Assunção é responsável. As transformações são evidentes por meio da leitura imagética dos instrumentos do grupo que aumentaram significativamente nas últimas duas décadas visto que o grupo surgiu em 1982.

²²³ Rubens Aparecido Assunção.. **Coordenador de eventos da Irmandade do Rosário**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Cópia em acervo do pesquisador

Imagem 16 - Caixaria do grupo Marujos Azul de Maio, 2011.



AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG, 2011.

A imagem (16) representa a expansão tanto instrumental quanto do número de componentes do grupo Marujos Azul de Maio, que Assunção atribui ao seu surgimento, como motivação à competitividade: “quando os Marujos do Azul de Maio saíram (em 1982), ficou um espírito de competição²²⁴”. Ao adentrar-se na questão das mudanças dos batidos da Congada que a cada ano torna-se mais percussivo, nota-se que em decorrência disso, as performances sofrem alterações que não agradam a todos. Para João Rodrigues, mais conhecido como “mestre bolinho”, essa vertente rítmica interfere diretamente na cadência dos grupos:

Eu vejo as mudanças nos batidos dos ternos, hoje em dia eles estão batendo rápido demais, tem horas que a gente pensa que é até uma escola de samba chegando, tocando repiliques. O ritmo da Congada é mais cadenciado e as

²²⁴ Rubens Aparecido Assunção. **Coordenador de eventos da Irmandade do Rosário e responsável pelo Grupo Marujos Azul de Maio.** JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

caixas tinham um batido mais gostoso. Hoje em dia essas peles de *nylon* têm um batido rachado, parece que se está batendo em uma lata, é um batido que acaba com os ouvidos da gente²²⁵.

Ocorre que às vezes um mesmo personagem participa de várias manifestações e a sua circulação cultural pode influenciar de forma mais acentuada ou não no momento de sua atuação e das flexibilidades permitidas, o que no caso da Congada fica evidenciado. Desse modo, um mestre de bateria de escola de samba que é capitão de um grupo de Congado termina por inovar nos seus ritmos, ou um capitão de Moçambique que é compositor e intérprete de samba enredo de uma escola em desfiles de carnaval – lembrando que a Congada influencia no carnaval e o carnaval influencia na Congada – modifica seu modo de cantar, de louvar, de se apresentar diante do público, por estar com microfones nas mãos, da mesma forma que utiliza-os na avenida do carnaval. Esses ritmos significam a instauração de novas ordens na cidade, quando os grupos saem circulando pelos bairros, quarenta dias antes da grande festa.

As caixas anunciam a chegada, com suas sonoridades adentrando pelas janelas das residências, dos apartamentos dos vizinhos e o percorrer noturno dos grupos, que desarticulam o ambiente social por onde passam, interferindo no cotidiano da cidade, produzindo reclamações públicas dos cidadãos.

Há uma leitura de tradição tal como era antigamente – estéticas simples no corpo e nas vestimentas, poucos instrumentos e mais devoção – o que não condiz com a realidade atual de Uberlândia, como sugere um caixeiro do Congo Sainha – reconhecido por manter há décadas seus instrumentos, cantorias e os ritmos – com certo saudosismo: “não tem jeito não, é o progresso, mas tem coisa da tradição que não precisava perder, o batido é uma delas, se o Congo Sainha aceitasse repiliques, já tinha duzentas pessoas e aí a disputa de beleza ia sê maior que é²²⁶”. Essas novas estéticas e novos comportamentos dos jovens não são resultantes de agora, século XXI, elas já eram percebidas nas falas de Dona Márcia e Rubens Assunção, ambos do Marujo Azul de Maio:

Na questão da fé o Azul de Maio é o seguinte: no meu grupo deve ter uns cinco que vem a igreja por fé, o resto vem por beleza mesmo, os meninos, chegam, daí, somem, vai passear com as meninas, não assiste missa, uns

²²⁵ João Rodrigues. Conhecido como mestre Bolinho, dançador de Moçambique. Entrevista realizada em 11/03/2006.

²²⁶ Mario Antonio. **Caixeiro do grupo de congado Congo Sainha**. Depoimento, 29/07/2011.

cinco só, tem essa preocupação com a fé, o resto não tem. Acredito que os outros ternos seja assim também²²⁷.

A tradição eles mudam por causa da beleza, porque pela fé são poucos, são poucos que vão com fé mesmo. Pode contar, no máximo uns cinco, seis. O resto vai por beleza. Eu não vejo razão desse povo estar saindo por isso, acho que a fé deve estar em primeiro lugar, depois tem que preservar a tradição, se preservar a tradição a gente consegue muita coisa, chama muito mais gente. A festa é o dia da beleza mesmo, a maior parte está ali por fé mesmo, a maior parte dos Capitães, mas os soldados (dançadores), a maior parte vai para ver as meninas, tanto que a festa ficou mais rica, mais cheia de enfeite²²⁸.

É compreensível diante da realidade vivenciada, que os jovens veem na festa não apenas um evento religioso, mas sobremaneira, uma oportunidade de estreitamentos das relações sociais. Namoros, noivados, casamentos, opções por um grupo ou outro, surge a partir desses entrelaçamentos que a festividade proporciona. O apelo à tradição, à fé, por si só não consegue cooptá-los no sentido de participarem ativamente das ritualidades cristãs católicas, e, naturalmente, preferem o lazer, aos compromissos que os congadeiros mais experientes esperam desses jovens.

Em outro contexto, é possível destacar que embora seja a festa da Congada de Uberlândia, realizada há mais de cem anos na Igreja do Rosário, é emblemático o fato de que em quase cinco décadas os dançadores homens, com seus instrumentos não tinham acesso ao interior da igreja, ficando reservado tal privilégio somente às meninas de bandeiras e estandartes. O enfrentamento a esses impedimentos entretanto, acontece em pleno século XXI.

A possibilidade de refletir sobre essa ritualidade contribui para outro conhecimento mais ampliado a respeito de que as contradições, quando tornam-se públicas, terminam por revelar os meandros internos de uma manifestação, cuja homogeneidade não existe. Confrontar com certas situações, que inevitavelmente demonstram a singularidade interior da Congada e o quanto essa manifestação é permeada de táticas e artimanhas, que por vezes igualmente, escapa ao mais atento observador; é perceber a riqueza que se esconde por detrás dos rituais congadeiros, como será possível constatar-se a seguir.

²²⁷ Márcia Assunção. **Entre a fé e o lazer**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

²²⁸ Rubens Aparecido Assunção. **Entre a fé e o lazer**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

3.2 Quando a tática de enfrentamento desconstrói a disciplina institucionalizada

Que a oralidade é um dos componentes centrais e possibilitador do diálogo através da musicalidade, não resta menor dúvida, pois, trata-se de um dos elementos constituintes do fazer musical dos congadeiros. Com relação a musicalidade, que pode ser rítmica, corpórea ou instrumental, realiza-se uma abordagem que privilegia, sobretudo, as cantorias. Procura-se dessa forma, compreender como se processa a construção de um campo simbólico onde a palavra, continua sendo o agente principal de comunicação, e que, por meio de seus diferentes usos, os congadeiros expressam suas alegrias, seus lamentos, seus mistérios e do mesmo modo, as suas contestações.

Desse maneira, o canto, a canção, também acompanhada de gestos e corporeidades, torna-se em um dos elementos constituintes desse fazer musical dos congadeiros. Por esse motivo, detém-se essa análise no registro de três canções ou cantorias, na perspectiva de explicitar os usos que se fazem dessas reflexões cantantes, durante as diversas fases rituais da manifestação cultural e religiosa da Congada em Uberlândia. Veja-se a primeira cantoria, executada durante a apresentação do grupo de Congado Catupé do Bairro Mansour, no ano de 2012:

Valeu/valeu/salve o congo de *Aruanda*/valeu/valeu/Congo que venceu *demanda*/Lá vem *Maria Conga*/costurando o paletó/com agulha de arame/uma linha de cipó/Valeu/valeu/salve o Congo de *Aruanda*/valeu/valeu/Congo que venceu *demanda*²²⁹.

Nesse canto há um tempo que se apresenta mítico, espiritual e material. Mítico por fazer alusão à *Maria Conga* – personagem cultuada em vários terreiros de Umbanda – e espiritual porque recorre à memória por meio da cultura para reconectar-se a um passado distante e trazer para a vida cultural do presente, as reminiscências de religiosidades transmitidas oralmente através dos tempos. *Maria Conga*, no contexto do sagrado é a mãe dos curandeiros e curandeiras, sua influência se estende pelos quilombos em tempos de escravidão, é aquela que invoca nos rituais, os espíritos dos ancestrais, das almas, dos poderes, da sabedoria, da paz, da fertilidade e da prosperidade. É tida como da linhagem das rainhas pretas, originárias do Congo, por isso, sua aproximação com muitos rituais cantantes nas Congadas, além de ser reverenciada nos terreiros de Umbanda afro-brasileira que

²²⁹ Irênio Silva. **Festa da Congada de Uberlândia**. Capitão do Catupé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, do Bairro Mansour, Uberlândia-MG. Cantorias de demandas. Edição: Jeremias Brasileiro. Mídia DVD/Vídeo, som, color, 02.30seg. (NTSC), outubro de 2012. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

reverencia igualmente os orixás; é a grande mãe que cuida de seus filhos em todos os momentos de suas andanças na terra.

É igualmente material, quando liga a contemporaneidade ao porto de Aruanda em Angola²³⁰ – de onde escravizados eram embarcados nos tumbeiros – para trabalhar em vários lugares, principalmente nas Américas, costurando seus destinos na dureza do trabalho forçado, como se estivessem cobertos por arame farpado, fazendo dessas suas agulhas de sobrevivência, junto às linhas de cipós, uma tática de enrodilhar as memórias e contá-las por meio dos ritmos, das danças, das cantorias.

Na literatura oral dos Congadeiros, há várias táticas de resistências, entre as quais, existe as de crítica social por meio de versos cantados nem sempre de forma direta, ao deixar transparecer-se conformado com determinadas regras e depois, no momento oportuno, fazer tudo ao contrário, ao acelerar o ritmo percussivo para demonstrar inconformismo ou desafios às imposições hierárquicas eclesiásticas, às normativas internas da Irmandade do Rosário ou mesmo do Poder Público, que pré-determina o horário (22h) de fazer silenciar os tambores, no ápice final de despedida da Festa da Congada, em uma noite de segunda feira, no hipercentro da cidade de Uberlândia.

A cantoria em questão, está relacionada a uma dessas táticas, envolve além disso, a permanência de astúcias atuais que são utilizadas como meio de inserção nos rituais da Congada e de pertencimento à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia. A disputa que se verifica a partir da letra surge na expressão “Congo que venceu *demanda*” em que um tensionamento religioso envolve duas partes em conflito, a evidenciar que esse tipo de tática pode surgir a qualquer instante, a parecer inclusive, que se trate de um imprevisto.

A segunda cantoria, apresenta um contexto reflexivo em que a letra da canção aponta para uma crítica de viés problematizador, advertindo sobre o uso da categoria “folclore” para referir-se à festa e aos rituais da Congada, relativização com a qual muitos congadeiros não concordam e essa discordância é materializada musicalmente na voz do capitão Ubiratan do Nascimento: “- essa festa maravilhosa/na história vai ficar/essa festa é sagrada/festa folclórica

²³⁰ Com o tempo, deixou de designar o porto de Angola, para se transformar em lugar utópico, passado, como utopia, a abranger toda a África, pátria distante, paraíso da liberdade perdida, terra da promessa. Cf. LOPES, Nei. **Dicionário banto do Brasil**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997, p. 35.

não é/não vamos confundir as coisas/pois folclórica não é/andam dizendo por aí/ que a Congada é folclore/mas a gente responde aqui/ que para nós/ folclórica ela não é!²³¹”.

Essa reflexão cantante em um espaço público permite pensar no sentido dessa festa para muitos dos seus praticantes. Ela é vida, é sagrada, vivência que segue porque tem ancestralidade, tem sentido para aqueles que a vivem, a produzem. É uma temporalidade permanente, que difere de uma espetacularização forçada para saciar os espectadores ávidos por uma representação associada à festa em uma perspectiva folclórica. Tem-se o entendimento de que a letra, a melodia, o ritmo, travestem-se de discurso dirigido àqueles estudiosos e curiosos cujas observações terminam na maioria das vezes pautadas na exterioridade dos festejos, e, dessa forma, naturalizam a manifestação, folclorizando-a, destituindo-a do sagrado, do ritual, e classificando-a no rol de uma espetacularidade festiva.

Isso permite compreender que esses valores culturais persistem mesmo sob uma pressão midiática, de comunicação de massa, que tenta generalizar as manifestações culturais, o que revela que esses personagens possuem os seus modos específicos de se fazer presentes no mundo, com seus valores, sentimentos e costumes. Importante nesse aspecto, é perceber que nem todos aderem pacificamente às variadas formas de massificações culturais – folclorizantes ou espetaculares – muitos reagem a esses modelos, de maneira interessante e diferente. Essas reações, portanto, podem surgir em diferentes níveis de linguagem, quando por diversos motivos necessitam fazer-se reconhecidas frente a constituições hierarquizadas de modos desiguais.

Manuela da Cunha, em “cultura com aspas”, mostra a força da linguagem, como uma capacidade expressiva, de tal forma constituída de auto referenciais, que chega a produzir paradoxos. A autora diz que “pode-se escolher entre resignar-se a não dizer tudo – e a linguagem será incompleta – ou poder dizer tudo, mas nesse caso seria-se levado a afirmações contraditórias²³²”. Considera-se que essas linguagens são manuseadas pelos congadeiros, de igual modo nomeados como poetas da inventividade, versejadores do instantâneo que desafiam o status quo institucionalizado nas relações de poder, principalmente em tempos de festas, por meio de imposições contraditórias, que terminam por ser questionadas e postas à prova de maneira simbolicamente sensata.

²³¹ Ubiratan Nascimento. **Essa festa folclore não é**. Ubiratan Nascimento é Capitão do Grupo de Congado Catupé do Bairro Martins. Gravação com suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 02,15' (NTSC), 05/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

²³² CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 358.

Importante destacar que as condições de acesso aos repertórios musicais apresentam singularidades, uma vez que não são dadas a priori, e, sequer é uma tradição alicerçada somente na herança de pai para filho, tio para sobrinho ou de avô para o neto, ao contrário, é uma construção que acontece durante anos de aprendizado em um determinado grupo. Dito isso, outro comportamento sociocultural que se revela peculiar está na tática utilizada por um capitão de Moçambique, para adentrar à Igreja do Rosário com seus dançantes moçambiqueiros, fazendo instantaneamente e de improviso o uso de uma canção a solicitar licença para entrar na igreja para cumprir uma promessa. Essa terceira canção, foi de tal maneira articulada, que não permitiu ao representante da Irmandade do Rosário, qualquer reação contrária ao inusitado pedido:

Oi dá licença, dá licença/é nossa hora da chegada/mas já temos que viajar/mas antes disso meus irmão/eu vou pedir vossa licença/Moçambique Princesa Isabel/oi dá licença/ô Irmandade/para eu chegar no pé do altar/oi minha Irmandade/licença me dá/oi dentro da Igreja nós vamos entrar/oi gunga não é minha/gunga é de papai/dentro da Igreja/nós vamos entrar²³³.

Se optasse por pedir autorização ao padre ou ao representante da Irmandade de modo oficial, a hipótese de recusa antecipada seria acentuadamente maior do que a possibilidade de aceite. Isso porque, os congadeiros com seus instrumentos, são proibidos de adentrar o espaço interno da Igreja do Rosário, função exclusiva das meninas que portam as bandeiras e os estandartes de seus grupos de Congado. Dessa maneira, o fazer do ritual, da cantoria – do vácuo temporal existente entre a celebração de uma missa e outra – uma rebeldia cantante de enfrentamento sutil ritualizado, no instantâneo da despedida, foi a tática urdida pelo capitão Wesley Carlos do Moçambique Princesa Isabel. É o uso da palavra, da oralidade, como forma de disputas, de demandas, de protestos, de convencimentos sutis.

Essas cantorias ou canções, pouco aparecem nos momentos de festa, principalmente diante da Igreja e principal dia da celebração litúrgica. São determinados modos de cantar não necessariamente para louvar Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e outros santos de devoção. Por esse ângulo quase indizível é possível compreender como se processa a construção de um campo simbólico em que a canção torna-se o agente principal de comunicação na Congada e por meio de seus diferentes usos, os congadeiros expressam suas alegrias, seus lamentos, seus mistérios, suas contestações e dinâmicas repentinas que

²³³ Wesley Carlos. **A rebelião cantante**. Início das atividades da festa da Congada de Uberlândia com a Benção das Bandeiras na Igreja do Rosário. Realização da Irmandade do Rosário. Gravação com suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 09' (NTSC), 09/07/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

desestabilizam a ordem vigente. Entre essas dinâmicas estão as cantorias de surpresa, a solicitação inesperada para beijar uma *Bandeira* e ao mesmo tempo pedir ao *Padre* que a leve para dentro da Igreja, acompanhando-o, mesmo que proibido seja. Não por acaso, Wesley Carlos, o capitão responsável por essa rebelião cantante explica os motivos da canção:

Acho um absurdo não poder entrar dentro da Igreja, acho que temos esse direito e também obrigação de entrar na casa de São Benedito e mãe do Rosário. Também tinha uma promessa a cumprir que foi feita em intenção ao Próprio [terno] Princesa Isabel que passava por turbulências a 4 anos atrás e estávamos perdendo a nossa identidade, e a gente era cobrado pelos nossos dançadores, porque só aqui não entrávamos dentro da Igreja e ontem pela manhã fui cobrado por eles e eu prometi a eles que entraríamos na Igreja do Rosário [09/07/2017], e assim eu fiz sem desrespeitar e nem afrontar ninguém, exercendo apenas um direito não só do Princesa Isabel, mas de todos os grupos de Congado. Inclusive, nossa caixaria ficou da porta da Igreja para fora, assim, a acústica não interferiu em nenhum momento na parte interna da Igreja²³⁴.

O cantar insubmisso bem em forma de improviso não permitiu, e sequer deu tempo de que pudesse existir proibição ao grupo e a muitos dos componentes de adentrar na Igreja do Rosário, com as caixarias ficando de fora. É preciso, portanto, pensar que esse ato de proibir a presença dos congadeiros homens e seus instrumentos dentro da Igreja, foi consequência de determinações superiores não formalizadas documentalmente e sim, pela verbalização hierárquica de párocos, que em determinado momento estavam no controle da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário.

O cuidado dos Párocos à época, em não permitir a entrada de dançantes, incluindo as mulheres, foi reforçada a partir do ano de 2005, após a restauração da Igreja, uma vez que não queriam que as sandálias das meninas estragassem o piso. Contudo, mesmo a entrada dos homens somente para cantar dentro da Igreja foi institucionalizada como forma de proteger [segundo oralidades eclesiásticas], os vitrais e parte interna da Igreja do eco dos tambores que em Uberlândia, junto com o aumento dos grupos e o crescimento em número de pessoas fez com que aumentasse significativamente a quantidade de caixas, isso, já há mais de três décadas aproximadamente, de acordo com registros em audiovisuais e imagens fotográficas que remetem à década de 1980.

Nesse sentido, o desconforto do Padre recém-chegado era evidente, ele sai rapidamente pela porta lateral da Igreja para não encontrar-se com as Bandeiras que já

²³⁴ Wesley Carlos. **Princesa Isabel entra na Igreja do Rosário**. Depoimento obtido em 10/07/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

estavam aproximando-se do altar, e as duas pessoas que preparavam os cânticos da missa, no violão e no piano, que a princípio não pareciam entender o que estava acontecendo, tentaram continuar o ensaio, mesmo ciente da cantoria do capitão à Nossa Senhora do Rosário.

O descontentamento estava evidenciado pelo semblante fechado, perceptível em um sacristão da Igreja e pelos acordes mais fortes no teclado do piano, onde os dois jovens ensaiavam cânticos para a missa que estava prestes a começar; acordes esses que não eram de acompanhamento ao ritmo dos moçambiqueiros, e sim, para ao que tudo parecia, demonstrar uma certa insatisfação. Em seguida, o próprio representante da Irmandade do Rosário ao demonstrar inquietação, tentava apressar a saída dos componentes do interior da Igreja²³⁵. O resultante desse ato inédito do Moçambique Princesa Isabel repercutiu em várias pessoas, entre elas, destacam-se duas mulheres, Antônia Aparecida, presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, e Beatrice Queiroz, responsável pelo Moçambique de Angola, sendo Antônia a primeira a relatar seu posicionamento:

Achei digna a atitude do Moçambique Princesa Isabel, estabeleceu um enfrentamento de um jeito bem moçambiqueiro e usou mesmo que a contragosto do poder, o direito de entrar na Igreja e louvar, agradecer, gente, é só isso que desejamos, daí tem essa imposição que ninguém explica porque, é barulho das caixas? Tudo bem, as caixas ficaram de fora! Às vezes tem mesmo que criar maneiras de enfrentar essas regras, essas disciplinas, que vem de cima para baixo, hierarquias que não dançam congada, não vivem congado, mas impõe obrigações demais para quem vive essa fé, esse ritual, essa cultura negra, que tem o tempo todo de resistir a tudo nessa cidade de Uberlândia²³⁶.

Quando Antônia Aparecida Rosa diz que “as caixas ficaram de fora”, ela sinaliza a existência de uma tática de enfrentamento, que não se processa pelo confronto aberto, e muito, em decorrência da astúcia do grupo, ao perceber que um vácuo naquele instante acontecia e entre o término de uma missa e preparação de outra, o Moçambique Princesa Isabel reivindicou para si, o direito de entrar na Igreja do Rosário, como há décadas nenhum grupo de Congado entrava.

Procede desse estranhamento a surpresa dos que estudam essa manifestação sem olhar um pouco mais organicamente os processos históricos que são múltiplos, são complexos, controversos, alguns inalcançáveis. Ultrapassar o limite, simbólica e culturalmente vivo, do

²³⁵ A descrição é resultante de observação in loco e de registro em audiovisual em 09 de julho de 2017, na Igreja do Rosário. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG, 2017.

²³⁶ Antônia Aparecida Rosa. **Princesa Isabel de Uberlândia entra na Igreja do Rosário**. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário e Pedagoga aposentada, especialista em Educação Infantil. Depoimento obtido em 09/07/2017.

espaço limítrofe determinado como a linha de parada, do proibido avançar, é uma das características surpreendentes dessa cultura congadeira. E é essa natureza da rebelião cantante, um composto de táticas rituais e astúcias de vivências, que dão suporte à Congadeira Beatrice Queiroz, para manifestar-se:

Importante para nossa tradição, retomar esse espaço na Igreja do Rosário, a gente sabe que existe, como sempre existiu em Uberlândia, um tipo de opressão pra manter nós negros congadeiros de cabeça baixa, muitos não conseguem reagir, outros tentam e são excluídos, o que o Princesa Isabel fez foi dentro do ritual moçambiqueiro enfrentar essa proibição esquisita de não poder entrar na Igreja cantando, tem horas que é preciso ser rebelde mesmo, que se não esse poder que manda e ninguém assume, acaba engolindo a gente²³⁷.

Existe uma tênue fronteira, uma sensível fronteira, que interliga, aproxima-se, e ao mesmo tempo distancia a Igreja do Rosário e seus representantes eclesiásticos, da Congada em Uberlândia. Os tempos de fé, os tempos de ritos, em alguns momentos chocam-se devido a peculiaridades rituais pertencentes à Igreja e àquelas de louvor congadeiro. O Padre ou seu emissário, efetivamente aparece no tempo da missa, da procissão, da coroação, não comunga da vida e da realidade cotidiana dos grupos de Congado, e muito menos de todas as atividades que envolvem a festa em seu ápice, que acontece no segundo domingo do mês de outubro.

Por isso, com propósito de destacar como se consolidam as práticas culturais dessa manifestação, e os conflitos decorrentes das mudanças que ocorrem nos ritmos, nos instrumentos e na musicalidade é que aponta-se, por meio de testemunhos e de exemplificações, os diferentes usos que se faz dessas práticas para comunicações diversas.

Por meio de cantorias, de cantigas ou de pontos, conhecidos também pelo nome de demandas, é que apresenta-se algumas situações no sentido de pensar o que os personagens consideram como tradição, e o que, para muitos, hoje, se tornou música de competição, na qual, mais valem os instrumentos, a percussão do que a própria cantoria.

Na Congada, as cantorias se evidenciavam através de uma mística – amarrar um congadeiro significava não deixá-lo sair do lugar onde se encontrava – que chega a ser confirmada por quem diz que a presenciou, quando o assunto é sobre pontos de demandas, o capitão José Alves Garcia afirma:

²³⁷ Beatrice Queiroz. **Princesa Isabel de Uberlândia entra na Igreja do Rosário**. Responsável pelo Moçambique de Angola de Uberlândia. Depoimento obtido em 09/07/2017.

Cantar ponto era complicado, lembro do finado Zé Rafael dormindo em pé na porta da Igreja, até que o velho Leônidas chegou e cantou: “eu gemo/eu gemo/ei de gemer/quem bateu nos meus angolas/bate agora eu quero ver”. É que puseram o Zé Rafael naquele lugar, alguém tinha “amarrado” ele para ele dormir ali, em pé. Aí com tanta demanda! Gente que fazia Terno de fora ficar dando voltas e voltas na Igreja sem conseguir sair, aí a Irmandade proibiu a gente de cantar “pontos” na frente da Igreja²³⁸.

Ao estudar as atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia, depara-se com essa discussão sobre os cantos, e a proibição de cantar “pontos” nos grupos, que suscitam algumas questões. Conforme se lê, “alguns manifestaram compreendidos e decididos na luta contra os inimigos da fé, conclamando a todos para serem de fato soldados de Nossa Senhora do Rosário²³⁹”.

Tornar-se de fato “soldados de Nossa Senhora do Rosário” na batalha contra os “inimigos da fé” poderia pressupor quais outros seriam adversários? Os cantadores de “pontos”? Os que provocavam “demandas”? Os adeptos da Umbanda e do Candomblé, inseridos nos grupos de Congado? Ou tudo isso não se constituiria em disputas no interior desta manifestação cultural e religiosa? José Alves Garcia, o octogenário capitão, explica o que é um “ponto” na Congada, a partir de sua experiência e de seu conhecimento:

Ô ema/Ô ema/ quero a sombra de sua pena/quero a sombra de sua pena. Esse ponto quer dizer que tem um capitão que sabe mais do que o outro e aí ele canta um “ponto pesado” e a gente, se for mais fraco do que ele, responde assim, pedindo a paz dele, a sombra, porque sou mais fraco do que ele. O capitão tem de saber o ponto que está sendo cantado para ele, por exemplo: “a coruja foi a festa/fazendo marafunda/ela voltou da festa/ dançando de cacunda”. E aí? O que me diz²⁴⁰?

Os relatos do capitão revelam o fenômeno da distinção por meio da sabedoria²⁴¹. Ele era o último dos capitães vivos e atuantes na Congada de Uberlândia²⁴² que conviveu com figuras que permanecem na memória de muitos congadeiros e simpatizantes: Tom Mix, Leônidas, Protázio, Orozimbo, Siricoco, José Mendes, José Rafael, Tio Cândido, a família Matinada do Bairro Martins, Elias Nascimento, Charqueada, Olívio Zacarias, José Inocência e

²³⁸ José Alves Garcia. Entrevista, 22/05/2010. Capitão do Congo Sainha de Uberlândia. Conhecido como Zezé do cavaquinho, faleceu em 2015, próximo aos 90 anos de idade.

²³⁹ Conforme consta em uma *Ata da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia*, datada de 09 de outubro de 1952. Compilado do original em 07 de julho de 2003. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

²⁴⁰ José Alves Garcia. Entrevista, 22/05/2010. Capitão do Congo Sainha de Uberlândia. Conhecido como Zezé do cavaquinho, faleceu em 2015, próximo aos 90 anos de idade.

²⁴¹ As demandas são metáforas que se travestem de recados como no caso de querer “a sombra da pena da ema”, ou seja, aprender com alguém que tem mais conhecimento, por isso é que “ponto pesado” significa um desafio que exige uma resposta à altura. Se o capitão não sabe responder, se desculpa e pede a benção, a sabedoria, “a sombra” de quem sabe mais e assim se coloca na condição de aprendiz.

²⁴² José Alves Garcia – Zezé do cavaquinho – faleceu no ano de 2015, próximo aos 90 anos de idade.

tantos outros, impossíveis de listar. Uma das características desses cantadores de pontos e de alguns atuais, é a criatividade, o poder do improviso em momentos de demandas, que o capitão Luís Carlos Miguel, do Moçambique Pena Branca, justifica da seguinte forma:

Olha um “ponto” que foi cantado hoje (10/11/2002), quem cantou ele foi o Nei, isso não é por nós não, é por um espírito que vem e se você for bom, se tiver dançando com fé [sic] aí eu joguei ele, falei: - Nei, você vai cantar agora! E ele jogou um ponto mais lindo, que nós hoje fizemos um sucesso louco com esse ponto: “Clareou! Clareou! Clareou! Pena Branca já chegou!” Então choveu! Esse ponto caiu tudo, chovendo, tudo molhado, esse ponto ele tirou, e olha, não é por ele não, aquilo veio por Nossa Senhora e São Benedito, e o povão agradeceu, sentiu firmeza. Então, se você tiver cantando dentro do Rosário, vai, se não tiver, você apanha, sai fora do terno, não fica²⁴³.

Oportuno perceber que o significado atribuído à cantoria denominada de “ponto”, executada por Neirimar da Silva, resulta em uma inspiração propiciada pela força, energia do Rosário, conforme a fala de Luís Carlos Miguel. Desse modo, o depoente destaca que o referido canto entusiasmou o público, ressaltando a interferência do Rosário e dos santos católicos na criação da música.

Nesse campo musical congadeiro, os cantos, os pontos, as demandas, assumem funções de lembrar os tempos passados, de mostrar o conhecimento dos capitães para outros grupos, uma vez que as músicas terminam por transitar entre vários indivíduos em dias festivos, principalmente. Não obstante, em outro contexto, a cantoria de “ponto” se transforma em demandas desafiadoras entre grupos que se encontram para demandar ou desafiarem-se, frente a frente.

As comunicações por meio da musicalidade podem ser apresentadas em várias circunstâncias, como do Moçambique de Belém na Praça do Rosário de Uberlândia: “Ei Oxum/ Saravá/ visitá São Benedito/irmão com irmão não pode brigar²⁴⁴”. O ponto cantado, refere-se a conflitos ocorridos entre grupos de Congado, e o pedido a Oxum – orixá de água doce – e a São Benedito para a unidade entre os congadeiros em disputas.

Exemplo típico desse contexto está na música cantada em uníssono pelo Moçambique de Belém, questionando a mudança de data da festa da Congada na cidade: “Querer não é poder/querer não é poder/respeite o meu passado/pois na minha Congada/não pode mexer/tive

²⁴³ Luís Carlos Miguel. Ponto de Moçambique. Entrevista para Waltuir Alves, em 10/11/2002. Documentário: **Reis de Contas**. 58m. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

²⁴⁴ Ramon Rodrigues. **Cantorias de resistência**. Capitão do Moçambique de Belém. Outubro de 2003.

um sonho bonito/com São Benedito/mandando avisar/que a festa da Congada/não é palhaçada/pra ninguém mudar²⁴⁵”.

Ramon Rodrigues explica o sentido desse ponto: “é um canto de lamento, de protesto por terem tirado a festa do mês de novembro, por isso a praça está vazia, a igreja está vazia, eles quebraram com uma festa centenária, espero que a Irmandade, a Igreja, o Bispo, revejam isso. A festa tem de voltar para o mês de novembro”. Embora no final a música destaque que “o sonho foi claro/ e a mãe do rosário/ mandou dizer/ que é no mês de novembro/ que a festa da Congada/tem que acontecer/”, o registro foi mesmo de protesto, pois a festa continuou a partir dessa data, a ser realizada no mês de outubro. O que se verifica dessas abordagens são os diferentes usos da música nas práticas culturais da Congada, que podem ser consideradas como lugares de embates.

Essas habilidades, usos poéticos e modos de manipular as palavras são peculiares à oralidade e inerentes à cultura afro-brasileira e africana que se originam da África Ocidental – Congo e Angola – notadamente, sendo que nas Américas, resistiram e persistem, em contraposição a uma cultura fundamentada no pensamento ocidental, cultura essa que ainda em larga medida, privilegia o saber escriturário, em detrimento da tradição oral. Essa oralidade, encontra-se presente no cotidiano da cultura popular, é praticada por uma expressiva parte da população afro-brasileira, e especialmente afro-congadeiras; são maneiras e visões de pautar o cotidiano social e a existência, as experiências, um arcabouço de história, de memória, identidades, que dão significação a seus mundos, por meio da poética do falar.

Esses congadeiros poetas, vivem tempos distintos, como de ser de dentro da Igreja do Rosário e ao mesmo tempo ter de cantar do lado de fora para os seus santos devocionais. Por conseguinte, compreende-se que estabelecem a partir de seus mundos culturais, dinâmicas de permanências possíveis de contribuir para em determinado tempo, por meio da musicalidade, inverter a ordem daquilo que parecia ser cumprido fielmente sem nenhum tipo de questionamentos. É quando irrompe a inventividade poética do congadeiro em sua ritualidade por meio de cantoria dialogal.

Esses diálogos que foram construídos, estabelecidos, ao longo das narrativas orais, são portadores dessa dinâmica, que é a de se acreditar na energia das palavras, pois, nem sucessivamente, as pessoas pronunciam essas palavras na sua tradução literal, às vezes, elas

²⁴⁵ Luís Sebastião Ribeiro. **Querer não é poder**. Autor da letra utilizada como “pontos” de contestação. Outubro/2003.

são pronunciadas no sentido de se instituir um desejo de comunicação, quer seja do ponto de vista histórico ou místico, em que uma música, uma sonoridade é reforçada pelo modo como se pronuncia ou não determinada palavra, transformando-a em cantoria capaz de representar uma alegria, um agradecimento, uma oração, ou servir de insubmissão, de protesto, de rebeldia. Nesse aspecto, a forma como se constrói essas linguagens por meio do modo que se diz, do tom que se dá, do ritmo que se usa, é que empodera as cantorias ou canções congadeiras, enquanto atos comunicacionais permeados de significações.

3.3 Das arquibancadas aos cronômetros: os Congadeiros são os donos da festa e dos rituais.

As tradições, de acordo com as épocas, ganham novos contornos, o que não deixa de provocar reações nostálgicas a respeito de um passado que não se faz mais presente da forma como antes fora vivido; fazendo com que surja no contexto da Congada, inserida numa cidade que propõe-se a ser metrópole, um questionamento sobre as fronteiras que distanciam ou aproximam a fé, do que para alguns, pode transformar-se em espetáculo folclórico. Dessa forma, com propósito de destacar como consolidam-se as práticas culturais do Congado de Uberlândia e os conflitos decorrentes das mudanças que ocorrem nos ritmos, nos instrumentos e na musicalidade, é que aponta-se, por meio de testemunhos e de exemplificações, os diferentes usos que se faz dessas práticas para situações diversas.

Os congadeiros gostam de estar bonitos, gostam de ser vistos. Há uma preparação dos corpos. Das crianças aos adolescentes, dos adultos aos idosos, uma versatilidades estética toma conta dos corpos. Nos desfiles dos grupos, a ocupação dos espaços públicos é de natureza ritual, festiva e tradicional, é uma das características que tornam a festa especial para os congadeiros e para todos que os acompanham.

Nesse palco, entra em cena a questão da visibilidade pública que oportuniza o surgimento da instalação de arquibancadas para os espectadores apreciarem os desfiles dos grupos, mesmo não sendo consenso de todos, pois, suscitam debates em torno de uma mudança da tradição em decorrência de uma alteração significativa na apresentação física do ritual, fazendo com que folclore e espetáculo possivelmente venham a tomar conta das celebrações, conforme a fala da presidente do Marinheiro de Nossa Senhora ao declarar que: “não existe mais aquela coisa da fé, está virando um desfile de moda, um verdadeiro espetáculo²⁴⁶”; ou como é possível deduzir a partir de uma reportagem de jornal, quando o tesoureiro da Irmandade, procura justificar que arquibancada, não significava “congódromo”:

A manifestação foi acompanhada por um público de mais de 20 mil pessoas, acomodado em arquibancadas pela primeira vez este ano. “Trata-se de uma cerimônia de fé e alegria. Não queremos transformar o lugar em um “congódromo”, mas sim oferecer mais conforto para aqueles que vêm nos prestigiar sempre”, afirmou Cláudio Rodrigues, tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia²⁴⁷.

²⁴⁶ Antônia Aparecida Rosa. Depoimento obtido em 15/06/2011.

²⁴⁷ MONTEIRO, Clarice. **Festa da congada reúne mais de 20 mil pessoas:** trança-fitas e coroação dos santos foram destaques, manifestações folclóricas continuam hoje. Uberlândia: Jornal Correio, 11/10/2010.

A categoria Congódromo remete à ideia de espetacularização da festa da Congada. Por vezes o que ocorre nesse cenário, é não ouvir os sujeitos diretamente envolvidos nessas mudanças e conseqüentemente produz-se juízos de valor que denotam critérios individuais a respeito de tradições. Durante a festa, os espectadores sentem muitas vezes, desejos de interpretar as diversas situações que se apresentam no ritual por meio dos grupos ou da administração formal, a cargo da Irmandade e isso gera comentários diferenciados: “olha só como estão os Marujos do Azul de maio, com chapéus brancos na cabeça, como se fossem malandros²⁴⁸”; “que absurdo, mudar o nome da festa, essa coisa de colocar Congada só deve ser da prefeitura²⁴⁹”; “só faltava essa, a secretaria de cultura colocar arquibancada na praça, daqui uns dias isso vira um congódromo²⁵⁰”.

O problema dessas falas, às vezes, é a dificuldade de reconhecer que os grupos podem ser ou não autônomos de acordo com as suas conveniências. Se para muitos “congada” significa folclore, para os congadeiros significa festa e devoção o que pode ser considerado como um discurso de defesa. Se arquibancada parece espetacularização, congódromo, para a Irmandade significa maior comodidade para quem aprecia a festa.

Se ao contrário, fosse uma oferta do poder público sem anuência dos protagonistas da festa, poderia transparecer uma vontade de tornar a festa em espetáculo apenas, numa atração turística. Por isso, as arquibancadas talvez tenham sido recusadas quando a proposta partiu da prefeitura e posteriormente solicitadas pela própria Irmandade do Rosário²⁵¹.

Compete aos diálogos travados no interior dessas manifestações e à autonomia dos sujeitos nelas inseridos, a opção por aquilo que acham passível de mudanças ou de permanências, independente do julgamento de pessoas externas à comunidade. O comportamento do público nas arquibancadas denota alívio e mais que um espaço de descanso, é participativo, de uma forma em que a interatividade se amplia, já que prestigiar os

²⁴⁸ Esse comentário é de uma professora de ensino médio da rede estadual de Uberlândia que pediu para não ser identificada. 10/10/2010.

²⁴⁹ Comentário feito durante a festa da Congada de Uberlândia em outubro de 2010, por uma jornalista e pesquisadora da manifestação que pediu para não ter seu nome identificado. 10/10/2010.

²⁵⁰ Alex Vinicius Dias. Espectador e participe ativo das manifestações culturais afro-brasileiras de Uberlândia. 10/10/2010.

²⁵¹ No ano de 2006 a Secretaria de Cultura propôs que se instalassem arquibancadas na Praça do Rosário, mas a Irmandade, após consultar os grupos, não aceitou. Em setembro de 2009, a própria Irmandade solicitou à Prefeitura a instalação das mesmas para maior comodidade do público, principalmente das pessoas idosas. Isso não significa, porém, unanimidade entre os grupos, há aqueles que preferem o contato mais direto com o público presente no ritual.

grupos por várias horas sob o sol e durante todo o tempo em pé, torna-se incômodo para as pessoas, principalmente as crianças e idosos.

Motivos como esses são interessantes para não se cometer equívocos no sentido de vincular arquibancadas com espetáculos a partir de conceituações reducionistas, visto que há outros elementos intrínsecos na existência dessa materialidade atual que precisam ser considerados como dimensões que a festa atinge e, por conseguinte, das demandas que passam a existir, quer seja daqueles que são os espectadores ou dos próprios protagonistas da festa. As mudanças, as rupturas, ocasionalmente são inevitáveis, as transformações ocorrem, a manifestação por meio de seus atores adapta-se de acordo com as necessidades, inclusive no interior dos próprios grupos.

Há nessas hipóteses – referentes às tentativas de controle das manifestações populares – um imaginário etnocentrista sem razão, os grupos culturais são livres dentro de suas realidades, recusar essas particularidades é não admitir que cada “sociedade possui o direito de desenvolver-se de modo autônomo²⁵²” sem estar sujeita a interferências direta ou indiretas de grupos sociais ou intelectuais que julgam-se superiores e atuam como se fossem donos de uma verdade, e que só a eles, compete julgar como devem proceder os grupos culturais em suas manifestações rituais ou festivas.

Importante compreender que junto a essas transformações, os congadeiros estão conectados com a modernidade, eles, em uma grande maioria, não são objetos de estudos apenas, fazem uso das tecnologias para divulgarem seus grupos, suas atividades, seus rituais, nas redes sociais. Com todos os questionamentos de validades ou não, essas mídias eletrônicas tornaram-se campos férteis para divulgação dos grupos culturais congadeiros, sobretudo os jovens, que utilizam essas redes em profusão. Naturalmente que muitas pesquisas acadêmicas são resultantes das buscas nas redes sociais, muitos pesquisadores as utilizam como fontes de informações complementares ou não, entretanto, saber os limites, as fronteiras, é a questão, já que não há como negar essa realidade, da qual Jurandir Malerba chama atenção de modo enfático:

A história não mais se produz somente na academia muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado. Existe uma longa discussão, já antiga e mais técnica, sobre as potencialidades da internet para a prática historiográfica: como depósito de fontes ou ela mesma como fonte – e que tipo de problemas cada uso desses acarretaria. Por um lado, a

²⁵² CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo. Brasiliense. 1982, p. 23.

escassez de material, dado o caráter efêmero dos *websites*; por outro, ao contrário, a abundância de fontes disponíveis na rede. Tudo isso exige parar para pensar na verdadeira transição de paradigmas que estamos vivendo²⁵³.

Mesmo tratando-se de uma discussão historiográfica e os modos como os pesquisadores lidam ou devem lidar com essas fontes disponíveis na internet, essas considerações instigam a pensar sobre esses usos tão presentes nas manifestações culturais congadeiras em que tanto pesquisadores, quanto os atores sociais das práticas rituais utilizam como ferramentas de divulgação, de pesquisas, de retornos ao passado, de socialização de memórias por meio de audiovisuais capazes de retratar como era os festejos em outras décadas, de passados mais recentes, que no entanto, devido às rápidas transformações, faz com que o ontem deixe de ser próximo e torne-se cada vez mais distante.

Nessa velocidade temporal inserem-se as transformações rituais, como a presença de equipamento digital – cronômetros – com intuito de controlar o tempo de apresentação dos grupos nos dias de realização da festa da Congada em Uberlândia. As críticas pontuais, oriundas de estudiosos, fotógrafos, jornalistas, concentraam-se na organização institucional, nesse caso, a Irmandade do Rosário, a igreja e o poder público, como se em consonância houvessem optado pela alteração e imposto essa modificação, aos grupos de Congado.

Visto finalmente como responsáveis pela estruturação do ritual em uma perspectiva não popular, de massa, de povo, e sim com viés elitista, de cultura erudita, com público cativo nas arquibancadas e a apresentação dos grupos submissa a um rigor determinado pela cronometragem do tempo; antropólogos da cidade, pesquisadores autodidatas, defendiam a autonomia dos congadeiros diante das imposições “consideradas por esses”, hierarquizadas institucionalmente.

Várias foram as pessoas, notadamente vinculadas à academia e intelectuais de diversas áreas, que desconhecendo como foi o procedimento anterior na interioridade dos grupos e de seus responsáveis, demonstrava uma preocupação contraditória, tendo em vista que os posicionamentos denotavam por outro lado, uma interferência discursiva, sem preocupar-se antes, em perguntar aos sujeitos, quais motivações levava-os a ser proponentes diretos do cronômetro, para ser utilizado como ferramenta de controle do tempo das apresentações de cada grupo.

²⁵³ MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Historians and their audiences: Challenges to historical knowledge in the digital age*. . **Revista Brasileira de História**, vol. 37, nº 74 , 2017, p. 08. pp. 135-154. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>. Disponível em 27/04/2017. Acesso em 27/06/2017.

As modificações tiveram como circunstâncias a própria dinamicidade do ritual que não comportava mais a forma de apresentar-se dos grupos devido às próprias mudanças ocorridas durante uma década. De doze grupos no ano de 2006, para 25 grupos em 2016, e a composição numérica de muitos que ao incorporarem novos participantes fez com que a média de pessoas aumentasse significativamente, com grupos tendo na atualidade até mais de 500 componentes e os com menor número, a levar para as festividades, mais de 100 congadeiros.

Entender esses grupos culturais, religiosos, populares a partir de suas noções de mundo, de vida, de produções e modos de vivências é necessário para não correr o risco de pensá-los como um “popular” folclorizado. Os praticantes congadeiros são sujeitos que dominam as artes do fazer e do saber, não são e não devem ser comparados, de modo algum como “massas” que o tempo todo estão submetidos a outras instâncias de poder e sem capacidades reativas.

Por isso, inclusive do ponto de vista teórico, é relevante pensar nas concepções de “massas” ou massivo a partir do que propõe Martin-Barbero(1997). O autor destaca que considerar esse massivo, enquanto algo que margeie o popular poderia, em sua concepção, ser pensado de dois modos. Em um perspectiva folclorizadora, os adeptos dessa ideia possuem um imaginário no qual a cultura popular precisa continuar “sempre” do jeito que foi e compreendem as transformações como rupturas que destituem as manifestações de sua essência puritana.

Outra percepção, como aponta Martin-Barbero, é a de que as classes populares não conseguem construir ou reagir se não estiverem de algum modo influenciadas, ou induzidas por um grupo social de viés hierarquizado, que nessa acepção pode ser uma elite política, cultural, religiosa, instituições acadêmicas e públicas²⁵⁴. Quando faz-se uma opção por qualquer dessas duas possibilidades, está-se colocando o “popular” e aqueles atores praticantes da cultura popular como seres sujeitos aos mandos e desmandos de outrens, sem capacidade de reagir aos poderes institucionais hierarquizados.

O popular, o massivo, na visão de Martin-Barbero assemelha-se à cultura popular no viés pensado para análise das relações de poder entre os praticantes do Congado e da Congada com os setores institucionais mencionados, pois, os populares presentes nessa manifestação

²⁵⁴ MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 309.

não são uma massa fundida e incapaz de diluir-se, ela entrecruza, congrega, dispersa, aglutina, aproxima-se, distancia-se. A organização das práticas religiosas, os usos dos lugares, não são na conjuntura da manifestação uma decisão monocrática, tecnocrática ou eclesiástica, há posicionamentos favoráveis e contrários, enfrentamentos, rupturas, desobediências, quando há tentativas de imposições ou interferências, sem consulta aos sujeitos congadeiros, como já demonstrado no capítulo anterior.

Se Martin-Barbero analisa o popular e suas contradições conceituais, questionando autores que tratam a cultura popular como algo permeado de homogeneidade; o estudo presente, já indicava a dificuldade de ver esse “popular” em termo de “alienação e manipulação, e sim em novas condições de existência e luta”,²⁵⁵ as quais, as mudanças rituais da Congada na cidade de Uberlândia são exemplificações claras do quanto o olhar antropológico de muitos estudiosos são viesados por essa perspectiva de pensar a cultura popular como “massa” de manobra, às vezes de subserviência aos poderes institucionais, sem levar em consideração a capacidade de protagonismo desses atores sociais congadeiros.

²⁵⁵ MARTIN-BARBERO, Op. Cit., p. 310.

3.4 Congadeiros e carnavalescos: a tênue fronteira do indizível cultural.

Em meio às alternâncias rituais, é que geralmente surgem as vozes individuais permeadas de críticas ao relacionar a festa da Congada com aquilo que em alguns momentos lembram desfiles de escolas de samba e blocos de enredo no Carnaval, inclusive de muitos congadeiros mais idosos. Procede desse contexto a pertinência de apontar esse assunto ainda que seja minimamente, uma vez ser de conhecimento o enorme trânsito existente entre essas duas modalidades culturais na cidade, a Congada e o Carnaval. Conseqüentemente, em decorrência dessa proximidade, as comparações são inevitáveis, nesse sentido, é possível situar ao menos cinco elementos atualmente presentes nas apresentações congadeiras que remetem aos desfiles carnavalescos.

Primeiro, nota-se as mudanças de ritmos, das nomenclaturas de caixeiros para ritmistas, e vários grupos que fazem uso de uma percussão características das “paradinhas” realizadas pelas baterias nas escolas e blocos na avenida do samba. Um olhar enviesado pelo senso comum e observador desses ritmos somente na atualidade, possui dificuldades de compreender que tais alternâncias vêm acontecendo desde a década de 1970, com mais vigor a partir do ano dois mil, devido ao surgimento de muitos grupos cujos responsáveis igualmente estavam, e, continuam, nas baterias dos blocos de enredo e escolas de samba. A essa composição acrescenta-se a presença de um número significativo de repiliques, surdos e surdões, bastante utilizados nos desfiles de carnaval da cidade.

Em um segundo momento, convém destacar as arquibancadas, o público e o uso que alguns capitães passam a fazer desse novo cenário, conclamando os espectadores ora de um lado, ora de outro, à aplausos conforme as identificações dos grupos, com a presença de torcidas específicas para alguns; o incentivo constante dos animadores da festa, a utilizar microfones sem fio, que lhes permitem maior mobilidade no espaço ritual festivo. A essas circunstâncias junta-se a presença dos disciplinadores – grades metálicas – para separar outra parte do público assistente, possibilitando o surgimento de um desfile mais afinado, em um autêntico corredor cultural, no qual, de ambos os lados, as pessoas aglomeram-se, próximas às barracas que vendem sanduíches, refrigerantes, churrascos, balões, objetos infantis, tapioca nordestina e em grande medida, cervejas de consumo popular.

Por conseguinte, em grupos com mais de trezentos congadeiros (as) começaram a surgir novas categorias discursivas proveniente da oralidade dos praticantes inseridos na cultura do carnaval. No campo musical por exemplo, surge a expressão “temas”, substituindo

cantorias, canções ou pontos e a preparação de músicas-temas passam a ser lançadas por meio de redes sociais. Essas singularidades terminam por compor o universo interior de determinados grupos, tornando perceptíveis nas falas de componentes, a presença de termos ou categorias de uso antes circunscritos às escolas de samba da cidade.

É justamente o corredor cultural que caracteriza o terceiro estágio da mudança ritual, com ele, vai surgir uma divisão espacial que leva grupos a expandirem-se na avenida, desse modo fica perceptível ao olhar, que eles tornam-se enormes e igualmente com novas performances agregadas, antes não executadas por estarem os componentes mais compactados. A essa estrutura expandida dos grupos, muitas denominações são criadas, entre elas, a de blocos com perfis congadeiros, devido ao espaçamento, e às organizações internas surgidas, como meio de dinamizar o desfile e as apresentações.

Uma quarta situação surge com a categoria “blocos” que pode ser creditada à discursividade a denotar inserção de novas maneiras de atuação de componentes nos grupos, e uma maior difusão de outros elementos coreográficos surgidos na interioridade da formação dividida em alguns casos, pelas novíssimas “divisões” congadeiras. Com a presença de jovens, aparecem mais de um estandarte, várias bandeiras de frente, a construir dessa forma uma ala de estandartes que visualmente embeleza os grupos em movimentos dançantes ao longo das ruas e avenidas; outros, passam a adotar linhas ou divisões de repiliques, à frente ou no interior do grupo, como se portassem enquanto “ritmistas”, a dar o tom ora cadenciado, ora mais acelerado; grupo de mirins é outra constituição criada a partir da década do ano dois mil, entretanto consolidadas entre os anos de 2010 a 2016.

Outras divisões mais percebíveis e aclamadas pelo público por estarem vinculadas diretamente às percussões são as de caixeiros, de patagomes, de gungas, de surdos e surdões, e às vezes de chocalhos. Três dessas, dos caixeiros de fundo, dos patagomes e das gungas, são mais características de determinados grupos conhecidos como “moçambiques”. Nas formatações atuais, elas têm proporcionado uma visão diferenciada na Congada em relação a décadas passadas, de maneira que são consideradas como o embrião pulsante, em uma analogia superficial, idêntica ao que denominam as baterias das escolas, como sendo geralmente o coração da escola de samba.

Um quinto elemento surgido em tempos mais recentes, são recriminados por uns, ovacionados por outros. As divisões de gungas e de patagomes – instrumentos rítmicos, esféricos e ovais – usados abaixo dos tornozelos e pelas mãos, respectivamente. É a parte mais singular das transformações em curso, ao introduzir em suas coreografias dançantes,

alguns movimentos gestuais oriundos do *funk* e do *hip hop*, principalmente, além daquelas criadas pelos próprios componentes. Um dos grupos mais perfeccionistas nesse contexto é o Moçambique Estrela Guia, tanto seus componentes, quanto o grupo, são jovens, jovialidade que visibilizam essas particularidades com orgulho, como renovação, como presença da juventude e não enquanto transgressão ou rupturas de tradições.

O modo peculiar de dançar dos jovens moçambiqueiros do Estrela Guia revela que a tradição toma novos contornos, anunciando transições de comportamentos estéticos que constituem uma identidade para o Moçambique, diferenciando-o dos demais. Essa é uma das razões que incentivam os adolescentes a querer fazer parte do grupo. A presença atuante por meio de jovens congadeiros adeptos do Hip Hop²⁵⁶ significa que movimentar-se principalmente com o uso dos quadris, a usar patagomes ou gungas, é uma marca que esses jovens imprimem para diferenciarem-se dos dançadores mais antigos ou adultos.

De modo geral, esses adolescentes apresentam um discurso semelhante quando são indagados sobre o motivo que os leva a fazer parte do grupo, sendo que as respostas mais comuns, referem-se ao fato do Estrela Guia ter mudado o jeito de praticar a Congada na cidade de Uberlândia por meio de trabalho social, reforço escolar para os jovens dançadores e meninas dos estandartes, existência de oficinas de dança, percussão, informática, corte e costura, pintura e outras, além de ser um dentre os poucos grupos a possuir espaço físico próprio para a manutenção de suas atividades socioculturais.

Ao mesmo tempo, aparece nas falas a importância dos elementos culturais que caracterizam o grupo durante a festa como organização, diferença no modo de apresentar-se, que permite extravasar a alegria, a jovialidade, que cativa outros adolescentes para fazer parte da “família Estrela Guia”. Na realidade, essas diferenças representam para esses jovens uma presença constante de destaque, não só em Uberlândia, mas em outras cidades, visto que o

²⁵⁶ Hip Hop corresponde à movimentos corporais com a utilização dos quadris que também envolve saltar, (to hip e to hop, em inglês). O movimento surgiu no final da década de 1960 em Nova York. Com o tempo passou a designar uma variedade de manifestações culturais: um estilo musical no Rap, Apresentações em eventos, espetáculos com DJ (disc-jóquei) e MCS (mestre-de-cerimônias) e uma modalidade de dança, o Break, bem como uma forma de expressão artística por meio do uso do Grafite. Cf. ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **HIP HOP: a Periferia Grita**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. Ver também sobre danças e a relação da Dança de Rua praticada por jovens de periferia de Uberlândia com a sua migração para outros espaços: GUARATO, Rafael. **História e dança: um olhar sobre a cultura popular urbana - Uberlândia - 1990/2009**. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2010; ANASTÁCIO, Edmilson Souza. **Periferia é sempre periferia? Um estudo sobre a construção de identidades periféricas positivadas a partir do Rap em Uberlândia - MG (1994 - 2004)**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

Moçambique tanto trabalha com elementos da tradição, quanto incorpora outros mais contemporâneos, como gestos ousados através da corporeidade, ou fusão de movimentos de dança identificadas com os praticados pela juventude negra envolvida na Congada, sem que isso possa significar, desaparecimento da tradição, mas um jeito que esses jovens encontram de serem participantes da manifestação²⁵⁷.

Embora os clamores saudosistas façam parte de uma significativa parte dos congadeiros, espectadores e sobretudo de pessoas idosas que lembram seus tempos como sendo os mais saudáveis, o interessante é que em suas épocas as mudanças ocorriam. A diferença era no tempo, mais lento, ao contrário da atualidade, na qual as transformações às vezes travestidas de “atualizações” acontecem rapidamente.

A categoria “atualização” como um modo de escape, de evitar o uso que para muitos tem a ver com alterações radicais pode ser compreendida nas palavras de Rubens Assunção: “a gente quer revolucionar, mas assim do jeito de atualização mesmo, não é acabar com tudo para por outra coisa no lugar²⁵⁸”. No vácuo desse colocar “outra coisa no lugar” é admissível discutir questões relacionadas a patrimônio cultural e cultura popular, principalmente no âmbito da Congada na cidade, sem desconsiderar demais perspectivas de problematizações.

Sendo a festa já citada, um Patrimônio Cultural e Imaterial, é possível estabelecer limites, fronteiras, do que pode ser considerado perda, risco de extinção, mudanças abruptas ou transformações? Qual o marco temporal, espiritual, entre a fé e os ritmos, entre a fé e as danças? Quando verifica-se nos semblantes de crianças, de jovens, de adultos, de idosos, tantos risos, quantos choros, comoções que travestem-se em alegrias ou em lágrimas, é possível identificar interações? Como definir o instante de ritos devocionais apartados dos gestos, dos cantos, das rezas, enfim, do corpo congadeiro em sincronização com todos esses elementos?

Pensar nessas possibilidades de compartimentações, significa uma perspectiva desejada por muitas instituições públicas: a folclorização e atração turística da festa, uma relação de mercado que coloca a devoção, a fé, a festa, em segundo lugar. Talvez por esse motivo, nem tudo que seja objeto de tornar-se patrimônio cultural, seja de fato interessante; o

²⁵⁷ Dentre os vários jovens com os quais dialogamos à época, dois deles foram enfáticos nas respostas – Lucas Matheus Dalvino, 16 anos e Luiz Fernando Assunção, 17 anos – resultantes de uma pergunta mais específica: “porque você gosta do Moçambique Estrela Guia e o que levou você a escolher esse grupo para dançar?”. Acervo do pesquisador, dezembro, 2011.

²⁵⁸ Rubens Aparecido Assunção. **Mudanças na festa da Congada**. Coordenador de eventos da Irmandade do Rosário e responsável pelo grupo Marujos do Azul de Maio. Depoimento, 12/01/2017.

viés almejado pelo poder público pode não ser o mesmo pretendido pelos sujeitos sociais e participantes de determinadas manifestações. Em Uberlândia é nítido que a Irmandade do Rosário exerce o poder de divulgação da festa, organiza e responsabiliza-se por todos os estágios que o festejo requer, produz os cartazes, os folders, faz contato direto com os veículos de comunicação. Por meio dessa contextualização iniciática, fica evidente, como já enunciado, a necessidade de problematizar um pouco, o que vem a ser Patrimônio Cultural e Imaterial a partir dessa perspectiva local.

3.5 Políticas patrimoniais em debate: motivações e interesses ambíguos.

Pensar em tornar uma manifestação reconhecida, público e historicamente, em um Patrimônio Cultural e Imaterial não é uma tarefa simples, requer todo um esforço burocrático e conhecimento técnico-teórico para levar adiante tal demanda. Junto a isso, observa-se o aparecimento de uma febre patrimonialista em que tudo parece possível de ser considerado como tal, e não raras vezes, os gestores públicos o fazem mais no sentido de agrado político do que para estabelecer políticas efetivas, reais, de valoração do bem patrimonializado.

Inventariar um bem cultural no interesse de que esse venha a transformar-se em Patrimônio Cultural Imaterial pressupõe de início o levantamento e obtenção de uma série de dados concretos que fazem parte do referido objeto. Importante destacar que nem tudo que é tido como cultural, é naturalmente passível de ser inventariado, por isso, a necessidade de fazer pesquisas abalizadas, definir critérios e normatizações específicas para de fato perceber o que é compatível com a proposta de reconhecimento como Patrimônio Cultural ou não.

Diferente de um levantamento para inventariar bens de uma pessoa física, quando o objeto são bens culturais de um grupo social, é preciso identificar o que se pretende reconhecer. Junto a isso elaborar documentações que contemplem não só a existência, mas dificuldades, de que maneira por exemplo a tradição é afetada pela modernidade, que tipos possuem ou não de apoio do poder público, as transformações, o modo de transmissão do conhecimento, quais são os sujeitos, os protagonistas da manifestação²⁵⁹.

Vários são os fatores que levam a uma discussão crítica sobre o surgimento e conseqüentemente, a utilização generalizada da categoria “patrimônio cultural imaterial intangível” não apenas na realidade brasileira, mas em todos os países que se dedicaram de algum modo à problematização dessas questões em suas realidades culturais. Nesse viés, interessa-se nessa reflexão por exemplo, o ponto de vista questionador do antropólogo João Manuel Ramos (2005) que desenvolve seus trabalhos a partir da realidade do patrimônio cultural em Portugal. Nessa perspectiva, esse autor tem argumentado que esse “patrimônio intangível”, quando reconhecido pela convenção da UNESCO em 1972, surge igualmente

²⁵⁹ Para informações detalhadas de modo mais acessível, a respeito de patrimônio cultural e as respectivas legislações, bem como os modos de reconhecimento, inventário, registros diversos, ver: BRASILEIRO, Jeremias; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio cultural e imaterial: temas e debates**. Universidade Federal de Uberlândia. Editora Subsolo: Uberlândia, 2017.

como uma “caixa de pandora que, quando aberta, liberta um cardume de peixes esfomeados capazes de abocanhar tudo que é possível de ser comestível²⁶⁰”.

Na visão de Ramos, esses seres reviram todas as pedras, vasculham todos os armários portugueses em busca do mais ínfimo indicio de imaterialidade patrimonializável: “uma canção popular aqui, um docinho de ovos ali, uma memória coletiva acolá. Tudo pode servir os seus intentos, desde que cheire a tradição e autenticidade²⁶¹”. Por esse viés, o autor afirma que naquele momento, consolidou-se a prevalência de um conjunto de profissionais e acadêmicos como fonte indiscutível de autoridades técnico-científicas nas áreas da classificação, proteção e promoção desses valores.

Sem grandes ou pouquíssimas discussões públicas, a não ser institucionais, as dúvidas continuam presentes, pois como saber o que de fato pode ser considerado um bem patrimonial da humanidade, de uma nação, de um estado, de um município? Quais forças políticas atuam para que determinado bem cultural possa ser ou não considerado relevante para tornar-se patrimônio cultural²⁶². Nessas relações de forças políticas, monumentalizar os feitos daqueles que estão no poder, podem e possuem mais condições de receber investimentos, inclusive privados, para que a sua memorização seja materializada, ao contrário das práticas e manifestações populares, que ficam reféns de “um voluntarismo coletivo ou de um paternalismo politicamente correto²⁶³”.

Uma das características necessárias e convencionadas na perspectiva de João Manuel Ramos é a de que um bem cultural para ser objeto de patrimonialização deveria aos menos estar em risco de extinção, de perdas de valores em consequência de uma cultura de globalização que procura tornar um todo cultural-diverso em uma “coisa só”. São os saberes, as práticas, as expressões, as produções artísticas, os objetos criados, que compõem a memória, a história, a identidade de um grupo social. Nesse caso, pensar em patrimônio

²⁶⁰ RAMOS, João Manuel. Breve crítica sobre a introdução da expressão “patrimônio intangível” em Portugal. In: Vitor Oliveira Jorge (coord.). **Conservar para Quê?** Porto – Coimbra, DCTP-FLUP-CEAUCP-FCT, 2005, p. 67.

²⁶¹ RAMOS, op. cit, p. 65.

²⁶² Essas e outras abordagens sobre patrimônio cultural imaterial de forma mais abrangente podem ser acessadas em: BRASILEIRO, Jeremias; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio Cultural Imaterial: provocações em torno da Legislação Brasileira. Anais do 1º Seminário de Direitos Culturais.** O que são direitos culturais? Comissão de Cultura da 13ª Subseção OABMG. PROEXC/UFU. Universidade Federal de Uberlândia, 2017, P. 71-89; BRASILEIRO, Jeremias; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio cultural imaterial: temas e debates.** Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia, Editora Subsolo, 2017.

²⁶³ RAMOS, João Manuel. Breve crítica sobre a introdução da expressão “patrimônio intangível” em Portugal. In: Vitor Oliveira Jorge (coord.). **Conservar para Quê?** Porto/Coimbra, DCTP-FLUP-CEAUCP-FCT, 2005, p. 70.

cultural é ao mesmo tempo criar mecanismos de proteção, de salvaguarda desses bens e dos valores que esses carregam por serem representativos da cultura, da memória de um lugar.

Quanto à aplicabilidade das legislações concernentes ao Patrimônio Cultural Imaterial inerentemente vinculadas as possibilidades reais de funcionalidade, no plano da praticidade, compreende-se que essas demandas não podem ser objeto de discussão teórica ensimesmada em gabinetes e espaços acadêmicos tecnicistas, que é preciso e necessário sair desse lugar comum, dialogar efetivamente com aqueles que são os portadores dos conhecimentos, dos saberes e fazeres, das expressões e das manifestações culturais.

Segundo Hermano Queiroz (2017)²⁶⁴ o tempo todo surge questionamentos sobre que tipo de culturas foram reconhecidas e de que modo os protagonistas pensam na prática o que significaria esse patrimônio e de igual maneira, a “quem” caberia a “missão de construir planos/ações/medidas de salvaguarda, se esses planos são construídos cuidadosamente com as comunidades que deveriam ser previamente identificadas e não foram pelo processo legislativo? ²⁶⁵”. Percebe-se por esse viés, que sem a presença dos detentores e produtores desse bem cultural reconhecido, os processos de registros e salvaguardas tornam-se ineficazes. Por outro lado, há que se destacar que os debates envolvendo patrimônio cultural tem sido permeados de disputas, conforme evidencia Hermano Queiroz:

O novo Estado Sociocultural de Direito, inaugurado a partir da CF/88, tornou legítimos, juridicamente, os anseios de muitas comunidades e indivíduos que lutaram, empenhadamente, pela conquista da tutela legal do patrimônio cultural imaterial-, regionalista, modernista, folclorista, estudiosos do campo e seus defensores. Não foi um jogo comum, equilibrado e igualitário, mas recheado de distorções, interesses, preconceitos, seleções, rejeição, resistência a culturas e identidades. Mas o reconhecimento do pluralismo e da diversidade foi necessário, é uma realidade apesar de discursos e práticas contrárias²⁶⁶.

Observa-se, em razão da fragilidade institucional jurídica existente na maioria das comunidades, por esse motivo, não conseguem contrapor-se por meio das legislações às explorações, “conhecimentos e saberes são manipulados, apropriados e explorados indevidamente; imagens são expostas à revelia dos indivíduos e grupos; elementos da natureza, essenciais à vida e às celebrações, formas de expressão, saberes e lugares são

²⁶⁴ Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

²⁶⁵ QUEIROZ, Hermano Fabrício Oliveira Guanais e. O registro como instrumento de defesa de direitos: o decreto presidencial 3.551/2000 e os dilemas e desafios da Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil. **Revista Memorare**, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 146-164 jan./abr. 2017, p. 155.

²⁶⁶ QUEIROZ, op. cit, p. 147

levados” e por vezes até extintos e igualmente, “objetos sagrados são migrados para espaços que não são de origem e de pertencimento” e inclusive, é possível identificar que ações do próprio Estado tentam expulsar grupos tradicionais” dos seus lugares de ancestralidades, de conformidade com estudos apresentados por Hermano Queiroz,²⁶⁷ que é membro atuante em matérias sobre patrimônios culturais, além de ser gestor público efetivo do próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Para melhor entendimento dessas questões pode-se exemplificar de maneira localizada, como se processa as apropriações por meio da obtenção de imagens fotográficas dos atores culturais participantes da festa da Congada na cidade de Uberlândia. É notório que dezenas de fotógrafos e cinegrafistas adentram-se nos festejos, nos desfiles, nas procissões, entre os grupos de Congado, e, desse lócus privilegiado, captam milhares de fotografias que revelam o mosaico ritual religioso dessa manifestação impregnada de ritmos, de cantos, de danças, de gestos, expressões de uma diversidade de pessoas que tornam a Congada em uma das festividades culturais religiosas mais completas da cidade.

Mesmo que se trate de imagens públicas, é nítido que o objeto envolvido é representação viva, trata-se de indivíduos, de pessoas, de seres humanos imersos em seus mundos de representações simbólicas, ritualísticas e que em determinados instantes revelam expressividades faciais de características profundamente íntimas, às quais, possivelmente, muitos dos protagonistas não gostariam de ver expostas em redes sociais por exemplo, sem as suas anuências antecipadas ou consentimentos posteriores.

O desdobramento dessas contradições, permanecem quando as imagens obtidas migram para outros espaços, quer sejam acadêmicos ou particulares, sem que exista interação com os indivíduos fotografados ou sequer presença dos mesmos em exposições realizadas nos circuitos constituídos de galerias, museus e locais alternativos. Acrescente-se a esse distanciamento, a ausência de sensibilidade da maioria absoluta desses produtores culturais em socializar como retorno, e, mesmo como forma de respeito, os produtos finais originários de suas investigações, por terem sido os sujeitos congadeiros objetos das imagens captadas, apropriadas, expostas, sem anuências em larga medida, das pessoas representadas.

Cláudio Eduardo Rodrigues, diretor tesoureiro da Irmandade do Rosário de Uberlândia, é formalmente crítico a respeito do que considera “um despropósito com a cultura da comunidade negra congadeira” e seus rituais de fé:

²⁶⁷ QUEIROZ, op. cit, p.152

Por mais que haja cobranças de nossa parte, alguns fotógrafos inclusive atrapalham o ritual dos grupos, não respeitam o momento do sagrado, e ainda têm o despropósito de apropriarem-se dessas fotografias como se fossem propriedades particulares deles, a Irmandade solicita que repassem cópias para ficar em arquivos, mas eles (os fotógrafos) somem, desaparecem, depois é que ficamos sabendo de exposições, de livros publicados, filmes produzidos, documentários premiados e nem sequer somos convidados. Em Uberlândia, só uma fotógrafa tem esse respeito para com os grupos de Congado e a Irmandade, todo ano essa profissional socializa tudo que fotografa ou filma, tanto com a Irmandade, com os grupos ou com as próprias pessoas que são fotografadas²⁶⁸.

O discurso reivindicatório de Cláudio Rodrigues encontra ressonância nas palavras de Hermano Queiroz que possui uma visão crítica ao pensar nesses modos de apropriações, incluindo nessa seara as políticas de Estado, cujos propósitos em certa medida, podem ser inclusive contrários às próprias legislações que deveriam ser cumpridas:

O que muitas comunidades almejam, em verdade, é que o Registro proteja os bens culturais, de forma mais plena, considerando os complexos de saberes associados, lugares, expressões, dentre outros, da investida de terceiros que, eventualmente, queiram se apropriar, ou, de fato, se apropriem, indevidamente, de conhecimentos, saberes, objetos, artefatos, imagens, espaços etc., reconhecidos oficialmente como PCI do Brasil (...) A atual conjuntura vem apontando uma série de ações destrutivas, ataques e retrocessos, tanto por parte de particulares quanto, espantosamente, do próprio Estado, que viola direitos culturais fundamentais, especialmente com relação a comunidades tradicionais²⁶⁹.

Há uma extensa bibliografia²⁷⁰ sobre patrimônio cultural no Brasil, cuja abordagem não é propósito central dessa discussão que por outro viés privilegia nesse campo de estudos

²⁶⁸ RODRIGUES, Cláudio Eduardo. **Emancipação da comunidade negra congadeira de Uberlândia**. Palestra realizada durante a realização do evento: I Colóquio dos Congadeiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. O referido evento fez parte das atividades de encerramento do curso: **Patrimônio Cultural e Imaterial em debate**. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Artes, em 27/10/2017.

²⁶⁹ QUEIROZ, op. cit, p.153-154.

²⁷⁰ Entre tantos estudos, recomendamos as seguintes obras: BRASIL/Ministério da Cultura. **Patrimônio, ensino e educação**: formação profissional/Brasil. Centro Histórico Cultural Santa Casa - Porto Alegre: ISCMPA, 2017, 218p; BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. 35ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012; BRASIL. **Decreto 3.551 de 04 de Agosto de 2000**, Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília: Câmara do Deputados, Edições Câmara, 2000; BRAYNER, Natália Guerra. CID, Gabriel da Silva Vidal. **A memória como projeto**: tensões e limites da patrimonialização da capoeira. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016, 193f.; **Patrimônio cultural imaterial**: para saber mais. Brasília, DF: IPHAN, 2007; CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008; IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio imaterial**: o registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial. 4ª ed. Brasília: Ministério da Cultura, 2006; MACEDO, Ana Paula Rezende; MACHADO, Maria Clara Tomaz; LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. **Patrimônio cultural**: que bicho é esse? Uberlândia/MG: Secretaria Municipal de Cultura/Diretoria de Memória e Patrimônio Histórico, 2014; MINAS

patrimoniais, uma sumarização com intuito de contemplar especialmente as problematizações decorrentes de pensamentos como os aqui expostos por Cláudio Rodrigues e Hermano Queiroz.

É singular a percepção de Queiroz quanto ao fato de que o Estado não só é capaz de promover ataques fundamentais aos direitos culturais das comunidades tradicionais, principalmente àquelas ameaçadas de extinção, como propõe ordenamentos jurídicos e legislativos que fragilizam a relações políticas de autonomia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Nesse aspecto, Queiroz destaca o surgimento de leis “que afrontam a autonomia/legitimidade institucional do IPHAN para conduzir o processo de patrimonialização (...) e propostas de emenda constitucionais como a que transfere ao Congresso Nacional a aprovação e demarcação de terras indígenas e quilombolas²⁷¹”, configurando dessa forma, a existência prática de um processo institucionalizado de viés nitidamente conservador com perspectivas de retrocessos ainda não mensuráveis, entretanto portadores de legislações reais, capazes de a curto prazo impactar diretamente as comunidades tradicionais, notadamente as indígenas e as negras, que estejam mais vulneráveis.

De outro lado, Cláudio Rodrigues chama atenção para algo que há anos – desde de 2008 – é motivo de reclamações públicas dos próprios congadeiros quanto ao uso de suas imagens sem que exista uma contrapartida de fato, nesse caso, o mínimo possível seria o retorno por parte dos pesquisadores, dos fotógrafos, de textos e imagens dos quais esses indivíduos tenham sido personagens, quer sejam em audiovisuais, documentários, pesquisas acadêmicas ou outros meios midiáticos. Esses questionamentos são importantes para que se possa refletir de maneira crítica a respeito de patrimônio cultural e imaterial e de como os diálogos entre os detentores dos saberes e os técnicos (do) ou contratados pelos poderes públicos, devem ser interativos, e não resultantes de uma interação institucional de viés hierarquizador.

GERAIS. **Lei nº 18.030 de 12 de janeiro de 2009**, trata das transferências ou redistribuições de recursos do ICMS conforme a adequação dos municípios às normas exigidas como da Criação de Fundos Municipais de preservação de patrimônios culturais. Disponível em: www.iepha.mg.gov.br. Acesso em 10/08/2017. QUEIROZ, Hermano Fabrício Oliveira Guanais e. **O registro de bens culturais imateriais como instrumento constitucional garantidor de direitos culturais**. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014; SILVA, José Carlos Gomes. Repensando os estudos sobre a Congada: refazendo percursos, percorrendo novas trilhas. ALCÂNTARA, Ana Paula (Org.). **Congos, moçambiques e marinheiros: olhares sobre o patrimônio cultural afro-brasileiro de Uberlândia**. Uberlândia: Gráfica Composer Editora Ltda. 2008, p. 15-38.

²⁷¹ QUEIROZ, op. cit, p.154.

Compreende-se igualmente, que problematizar essas relações podem contribuir para que a festa da Congada, como patrimônio cultural do município de Uberlândia, tenha sentido tanto para a comunidade congadeira quanto para a cidade e não seja somente um objeto de retórica discursiva incapaz de produzir resultados práticos, sem investimento em educação patrimonial. São ausências como essas que tornam os direitos culturais e o patrimônio cultural e imaterial da Congada em temática problematizadora.

Durante palestra proferida no evento intitulado de *I Colóquio de Congadeiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*, como parte das atividades de um curso de patrimônio cultural,²⁷² com o propósito de contribuir no debate sobre esse tema no âmbito acadêmico e da comunidade negra congadeira, o professor e tesoureiro da Irmandade do Rosário de Uberlândia, Cláudio Rodrigues, fazia as seguintes ponderações:

Sobre a questão da emancipação da comunidade negra congadeira, acho que passa pela subjetividade em primeiro momento, de pensarmos que lugar é esse que ocupamos na cidade. Ela passa o tempo todo por essa seara da resistência. Vejam bem! Mais uma festa da Congada e continuamos tendo problemas, com trânsito, com infraestrutura, problemas de espaço, etc. Tem a lei que garante que a Igreja do Rosário é patrimônio material, que a festa da Congada é patrimônio imaterial e no entanto isso não significa que a nossa luta tenha acabado. Diante disso é que então nos perguntamos, de que adianta a festa da Congada ter sido reconhecida como patrimônio cultural, se questões elementares como essas, até hoje não foram superadas?²⁷³

É possível entender a partir do discurso de Cláudio Rodrigues que o fato de uma manifestação possuir reconhecimento público de patrimônio cultural não é o bastante para que essa prática cultural religiosa tenha sua existência garantida. Sem planejamento, salvaguarda e envolvimento direto da comunidade congadeira, as instituições públicas simplesmente podem silenciar-se e não comprometerem-se realmente em oportunizar as condições estruturais de sustentabilidade para que a festa seja objeto de outros investimentos, para além dos tímidos

²⁷² O evento é integrante dos módulos que constituíram a ementa do **I Curso de Formação e Patrimônio Cultural Imaterial**, projeto desenvolvido e coordenado pelos professores Jarbas Siqueira do Curso de Graduação em Dança do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Jeremias Brasileiro do Programa de Pós-graduação em História da UFU, tendo como parceiros a Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT/UFU), por meio do Edital do Programa Institucional de Apoio à Cultura - PIAC/UFU, da Diretoria de Cultura e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia; a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia; a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO); o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) e a Diretoria de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

²⁷³ Cláudio Eduardo Rodrigues. **Emancipação da comunidade negra congadeira de Uberlândia**. Palestra realizada durante a realização do evento: *I Colóquio dos Congadeiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. O referido evento fez parte das atividades de encerramento do curso: **Patrimônio Cultural e Imaterial em debate**. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Artes, em 27/10/2017.

apoios de infraestruturas temporárias, que não podem ser confundidos com políticas de salvaguarda do patrimônio cultural e imaterial.

O poder público trabalha com dotações orçamentárias, leis, peças técnicas, contudo, entende-se que valores financeiros envolvem situações que não são apenas técnicas, podendo ser políticas. O agente público determina onde e com que prioridade vai trabalhar os recursos, portanto, a não ser que existam pressões sociais, quem estiver no controle vai priorizar os investimentos, na cidade que ele quer. Chama atenção, porém, a questão do patrimônio imaterial da Congada de Uberlândia que é registrada nos livros das celebrações, e que os congadeiros possuem informações de que esse registro, de igual modo é possibilitador de arrecadação municipal, ou seja, a Secretaria de Cultura, ao “pontuar” devido à valorização do patrimônio cultural, recebe uma cota-parte de retorno do ICMS estadual²⁷⁴.

Por esse motivo, destaca-se que as priorizações culturais do município, reafirmam ao mesmo tempo a concepção das forças políticas que interagem no sentido de construir suas plataformas centrais, e, o poder decisório torna-se um reflexo da atuação e composição dessas realidades corporativas, sendo elas, que no fundo influenciam nas decisões finais, de modo que o gestor defina as suas preferências culturais. O registro de patrimônio imaterial por si só não significa toda e qualquer segurança jurídica, nem mesmo da prefeitura municipal, já que todo ano continua a necessidade de pedir licença para a realização de ensaios, de campanhas, de novenas, de leilões, o que é contraditório tendo em vista que a festa é reconhecida como patrimônio imaterial.

No entanto, observa-se que dependendo ou não de incentivos fiscais, as mensagens do poder público são permeadas, através de suas publicidades, de apoio às manifestações culturais e suas festividades, entre as quais destaca-se a Congada. De outro modo, verifica-se

²⁷⁴ Trata-se da Lei Robin Hood, que define critérios para distribuição de retorno de ICMS aos municípios com objetivo de descentralizar esses recursos e atingir as regiões mais pobres de Minas Gerais. Esses critérios envolvem uma série de variáveis (turismo, esportes, patrimônio cultural e outros) com intuito de democratização na distribuição da “cota-parte” do ICMS pertencente aos municípios do Estado. A lei de nº 18.030 de janeiro de 2009 entrou em vigor no mês de janeiro de 2010, mas a distribuição dos recursos iniciou-se a partir de 2011. Os cálculos de distribuição desses valores, porém, são complicados e o que parece democrático pode transformar-se em pouca verba para muitos municípios, uma vez que tais recursos compõem um “bolo geral”, ou seja, de acordo com as pontuações atingidas pelos municípios, distribui-se uma “cota-parte”, mas em caso de mais municípios com o mesmo “bolo geral”, a “cota-parte” se complica. Em Uberlândia, de acordo com Valéria M. Queiroz. C. Lopes, membro do COMPHAC – Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia – o município recebeu de retorno de ICMS/Cultural aproximadamente 140 mil reais para ser aplicado em 2011, sendo que o conselho deliberou que 100% do referido valor deveria ser destinado à obra de manutenção do prédio do Museu Municipal. Fontes: Ata digital do COMPHAC de 19/10/2011 disponível no site: http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1474.pdf> Acesso em 10/12/2011; site: <http://www.fjp.mg.gov.br/robin-hood/index.php/leirobinhood/historico>> Acesso em 12/02/2010.

que o Plano de Salvaguarda muitas vezes não sai do papel, o que dificulta o processo de revitalização ou de permanência dos saberes-fazer reconhecidos pelo registro, por outro lado, os sujeitos vinculados ao bem patrimonializado precisam estar atentos à preservação de suas práticas, tendo em vista que o registro deve obrigatoriamente passar por um processo de reavaliação e revalidação decenalmente²⁷⁵.

Esse contexto de insegurança jurídica causado pela dificuldade de fazer valer o planejamento estabelecido e legalmente reconhecido, durante o processo de elaboração do registro de Patrimônio Cultural Imaterial, coaduna com a insegurança causada pelas fragilidades da legislação brasileira. As propostas apresentadas como políticas de governo não se instituem como política de estado, gerando uma situação de vulnerabilidade em torno do desejo do gestor em relação à dimensão do patrimônio cultural de natureza imaterial. Nessa mesma direção, nem mesmo as prefeituras municipais conseguiram, até o momento, desenvolver uma política de fato voltada para o Patrimônio Cultural Imaterial sem engessar os sujeitos vinculados a esses bens, com tantas questões burocráticas que poderiam ser tratadas de outras formas.

Compreende-se que de fato há questões burocráticas que pertencem ao processo de organização das dimensões administrativas e legislativas dos municípios; contudo, uma questão que problematiza-se é como tornar essas demandas menos burocratizantes quando se trata de práticas culturais reconhecidas e registradas como patrimônio imaterial pelo próprio município. Por exemplo: anualmente é exigido de bens patrimonializados que realizam ações festivas (como no caso da Congada de Uberlândia) a necessidade de emissão de alvará para a realização de ensaios, campanhas, novenas e leilões. Sendo reconhecido e registrado como Patrimônio Cultural Imaterial Municipal, seria possível uma ação administrativa que possibilitasse a emissão desses documentos anualmente sem a necessária burocracia ordinária do sistema administrativo municipal²⁷⁶?

²⁷⁵ Essas e outras abordagens sobre patrimônio cultural imaterial de forma mais abrangente podem ser acessadas em: BRASILEIRO, Jeremias; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio Cultural Imaterial: provocações em torno da Legislação Brasileira, 2017**; BRASILEIRO, Jeremias; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio cultural imaterial: temas e debates**. Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia, Editora Subsolo, 2017.

²⁷⁶ Para maiores informações ver: BRASILEIRO, Jeremias; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio Cultural Imaterial: provocações em torno da Legislação Brasileira, 2017**; BRASILEIRO, Jeremias; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio cultural imaterial: temas e debates**. Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia, Editora Subsolo, 2017.

De vários modos porém, os sujeitos congadeiros procuram instituir táticas que possam assegurar a permanência da festa da Congada em seu lugar centenário,²⁷⁷ mesmo que enfrentando todas as adversidades já relatadas, além de outras que circunstancialmente surgem durante (ou) próximo à realização dos festejos. Entre essas outras táticas, a pesquisadora Vanilda Santos registra uma que ocorreu por meio da Irmandade do Rosário, que institucionalmente solicitou ao Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural (COMPAC) de Uberlândia, medidas no sentido de transformar a Praça do Rosário em um *lugar de memória*, registrando-a assim, no livro dos *lugares*, uma das categorias de patrimônio cultural imaterial reconhecidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A pesquisadora relata que essa atitude perpetrada pela Irmandade do Rosário constitui-se na realidade, como força de reparação histórica, tendo como eixo norteador a possibilidade de reparar ainda que simbolicamente, as consequências de um abolicionismo incompleto que “no caso de Uberlândia relegou à história da população negra local a condição de invisibilidade, mesmo estando sempre muito visíveis nos espaços de resistência, como é o caso da Praça do Rosário²⁷⁸”. Vanilda Santos, complementa sua argumentação ao expor um dos principais motivos da referida solicitação. Veja-se:

Os membros da Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que agrega os grupos de Congado da cidade deliberaram por apresentar proposta de registro da Praça como lugar de memória, objetivando garantir a permanência da manifestação cultural e religiosa que compõem inerentemente a história da cidade e dos negros, que são a base de sua fundação²⁷⁹.

Percebe-se que com essa medida a Irmandade do Rosário reafirma a permanência da manifestação cultural e religiosa no espaço físico da praça, tido igualmente como lugar de fé e de resistência ao racismo, do qual os congadeiros foram – e continuam – sendo vítimas. Com isso, institucionalmente, procura-se por meios legais garantir a salvaguarda desse patrimônio cultural, ao expandir sua área de abrangência patrimonial, ao mesmo tempo, agrega um novo elemento capaz de fortalecer nesse contexto, os seus direitos culturais constantemente

²⁷⁷ A Irmandade do Rosário de Uberlândia completou cem anos de existência institucional no ano de 2016, mas a Praça do Rosário, como lugar dos festejos congadeiros, vem desde os fins do século XIX.

²⁷⁸ SANTOS, Vanilda Honória dos. Uberlândia no roteiro da reparação histórica da escravidão: a Praça do Rosário como lugar de memória. **Anais do V Seminário Internacional do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais: XX anos do Curso de Ciências Sociais-UFU**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017, p. 115.

²⁷⁹ SANTOS, loc. cit.

ameaçados. Vanilda Santos confere a essa modalidade de articulação um destaque interessante:

No que diz respeito à cidade de Uberlândia, é fundamental que sejam criados e que se dê eficácia e eficiência aos mecanismos de salvaguarda do lugar no qual ocorrem as manifestações culturais, no caso, a Festa da Congada em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, como forma de expressão, cuja origem remete à história da escravidão local e da resistência da população negra ao racismo estrutural e institucionalizado que foi preponderante no período pós-Abolição. Nesse contexto, a Praça do Rosário se consolida como memória viva em constante movimento (...) Portanto, do ponto de vista da identidade, dos direitos culturais e da efetivação dos direitos fundamentais da população negra enquanto reparação pelas consequências da escravidão e Abolição incompleta, a justa denominação desse Lugar de Memória, é Praça do Rosário²⁸⁰.

Em Vanilda Santos, a escrita e a crítica dos acontecimentos faz suscitar a relevância de problematizar as relações de poder. A pesquisadora reconhece as fragilidades, quando se trata de dialogar com os membros da Irmandade do Rosário, sendo que as discussões não são efetivadas em condições de equidade. Embora pareçam democráticas, os tratamentos são diferenciados, quando o assunto é sobre questões afro-brasileira, e assim, o lugar do patrimônio imaterial e dos direitos culturais, fica condicionado às vontades individuais dos gestores públicos, conforme pode-se deduzir do relato a seguir:

Outro elemento que testemunha essa situação, é a liberação dos recursos destinados à realização da festa, uma vez que todos os anos cria-se uma situação de suspense, sendo liberados apenas na véspera das atividades. Mesmo que esses recursos sejam praticamente irrisórios para a realização da festa para a maioria dos grupos, há os grupos menores, que dependem em grande medida dos recursos disponibilizados. Nesse sentido, cria-se uma situação, na qual os atores sociais ficam reféns do Poder Público, em outras palavras, um processo de mendicância, como se a liberação dos recursos se caracterizasse como ato de benevolência, e não o cumprimento dos direitos culturais fundamentais, tutelados pela CF/88 e os dispositivos infraconstitucionais que visam dar efetividade a tais direitos²⁸¹.

Esses contextos evidenciados por Vanilda Santos leva a pensar sobre os lugares que essa manifestação da Congada ocupa na cidade e de que modo os seus protagonistas atuam para resistir diante dessas relações culturais, sociais e políticas que se estabelecem de maneira desigual entre os sujeitos congadeiros e o poder público. Convém notar que essas situações não são recentes, embora tenham tornado-se mais explícitas devido a um posicionamento crítico e público dos próprios atores sociais pertencentes ao Congado.

²⁸⁰ SANTOS, op. cit., p. 120.

²⁸¹ SANTOS, op. cit., 116.

Dito de outro modo, os representantes da Irmandade do Rosário procuram construir outros meios de sobrevivências para não ficarem sob a tutela do poder público. Uma das formas que encontraram para levar adiante esse projeto, foi justamente a partir do entendimento de que a festa da Congada enquanto patrimônio cultural permite ampliar – em tese – a segurança jurídica e o direito cultural, quando almejam que a Praça do Rosário, igualmente seja considerada patrimônio cultural de resistência, lugar de memória da cultura negra e congadeira centenária da cidade.

Entende-se que essa urdidura de certo modo culminou com a existência de uma tríade juridicamente legal que dificulta em larga escala, as investidas de uma elite racista, para que seja deslocada desse lugar referencial, a festa da Congada realizada pela comunidade negra congadeira. Essa tríade iniciou-se no ano de 1985 com a Igreja do Rosário sendo considerada como patrimônio cultural e material do município; avançou a partir do reconhecimento da festa da Congada, enquanto patrimônio cultural e imaterial no ano de 2008 e atinge seu ápice no momento em que a Irmandade do Rosário solicita ao Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural (COMPHAC) de Uberlândia, providências no sentido de reconhecer a Praça do Rosário como *Lugares* de memória²⁸², de resistência e de permanência da comunidade negra congadeira no hipercentro da cidade.

Ao admitir-se essas articulações políticas, compreende-se simultaneamente que esses indivíduos também instituem suas táticas para constituir de acordo com suas realidades, uma frente de resistência e permanência no centro da cidade. Percebe-se que muitos sujeitos congadeiros, pesquisam, estudam, procuram interpretar as legislações, incomodando setores do poder público, que em uma anterioridade recente, apresentavam suas ideias, suas

²⁸² DECRETO Nº 17.422, DE 5 DE JANEIRO DE 2018. Aprova o registro do bem cultural de natureza imaterial que especifica no livro de registro dos lugares e dá outras providências. O Prefeito de Uberlândia, no uso de suas atribuições legais previstas no art. 45, VII, da Lei Orgânica do Município, e com fundamento no art. 13, § 1º, da Lei Municipal nº 10.662, de 13 de dezembro de 2010 e suas alterações, Considerando a proposta de registro da Praça Rui Barbosa, localizada na região central de Uberlândia, que abriga a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, efetivada pela organização da sociedade civil a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito perante o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia–COMPHAC, Considerando o Parecer favorável ao registro aprovado pela Secretária Municipal de Cultura, Presidente do COMPHAC, reconhecendo e promovendo a preservação do lugar pelo valor histórico e cultural representado pela Praça Rui Barbosa, que é um espaço urbano de importantes práticas sociais e manifestações artísticas culturais e religiosas, especialmente das tradições culturais de matriz africana, Considerando a legalidade do Processo de Registro nº 001/2017 e a homologação do parecer do COMPHAC pelo Chefe do Executivo Municipal, publicada na Edição nº 5276 do Diário Oficial do Município, em 13 de dezembro de 2017, DECRETA: Art. 1º Fica aprovado o registro da Praça Rui Barbosa no Livro de Registro dos Lugares. Parágrafo único. O registro de que trata o caput deste artigo deverá ser efetivado no Livro de Registro dos Lugares pela Secretaria Municipal de Cultura, que o manterá sob sua guarda, em arquivo próprio. Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Uberlândia, 5 de janeiro de 2018.

convicções, para que houvesse uma anuência sem questionamentos, principalmente dos membros da Irmandade do Rosário e de determinados grupos associados; realidades essas sensivelmente alteradas, a partir do instante em que esses atores sociais passam a ter mais acesso às informações sobre patrimônios culturais, cuja exclusividade estava concentrada nos gestores públicos e nas empresas especializadas nessas temáticas.

São portanto essas problematizações que proporcionam refletir sobre patrimônios culturais imateriais mais especificamente. Junto a esses questionamentos, de igual modo compreende-se que os sujeitos congadeiros não são de forma alguma objetos passivos, que não reagem frente às situações muitas das vezes impostas, eles reagem na medida de suas possibilidades de mobilização social e política, por esse motivo, estabelecem táticas diversas de acordo com as realidades postas. De tal sorte, essas problemáticas impactam a manifestação, que se de um lado, o patrimônio cultural é valorizado, de outro, o próprio município caminha por vezes em direção contrária.

Exemplo típico dessa contradição é um Edital de Chamamento público publicado no Diário Oficial do Município de Uberlândia, conclamando as Organizações da Sociedade Civil (OSC) a participarem do certame cujo objeto em destaque é a festa da Congada, que há mais de um século é realizada ininterruptamente pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia.

A finalidade do presente Chamamento Público é a seleção de propostas para a celebração de parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia por intermédio da Secretaria de Cultura, por meio da formalização de Termo de Colaboração, para a consecução de finalidade de interesse público e recíproco que envolve a transferência de recursos financeiros à Organização da Sociedade Civil (OSC), conforme condições estabelecidas neste Edital²⁸³.

Quando Edward Thompson diz da possibilidade, que os detentores do poder possuem de reconhecer os direitos dos pobres, e, não obstante, ao mesmo tempo, criar obstáculos para a efetivação desses direitos, do mesmo modo, nessas circunstâncias, deduz-se como sugere

²⁸³ EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO SMC Nº. 002/2018. Seleção de organização da sociedade civil de Natureza privada sem fins lucrativos com fins Culturais para realização da festa do congado – Ano 2018. O Município de Uberlândia por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura, com os poderes que lhe foram concedidos por meio do Decreto 16.926 de 05 de janeiro de 2017 e alterações, e com fundamento na Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014, no Decreto Federal nº 8.726, de 27 de abril de 2016, e no Decreto Municipal nº 17.415, de 28 de dezembro de 2017, torna público o presente Edital de Chamamento Público visando à seleção de organização da sociedade civil interessada em celebrar termo de colaboração que tenha por objeto a execução da Festa do Congado de Uberlândia – Ano 2018, conforme especificado neste Edital. Prefeitura Municipal de Uberlândia por meio da Secretaria de Cultura/Diretoria de Igualdade Racial (EX-Superintendência de Igualdade Racial). Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/18568.pdf. Acesso em 12/01/2018.

Thompson, que “a casa-grande [fica] no ápice, e todas as linhas de comunicação convergem para a sua sala de jantar²⁸⁴”. Mesmo que esse posicionamento esteja situado em outra temporalidade, compreende-se a partir dessas críticas, uma realidade não muito distante dessas análises, circunstanciadamente localizada.

Há de certo modo, uma desconsideração quanto ao fato de a festa da Congada ser Patrimônio Cultural e Imaterial do próprio município, uma indiferença em relação a Irmandade do Rosário que não é uma Organização da Sociedade Civil possível de ser equiparada às demais, devido ao seu processo histórico e centenário na cidade. Essas relações de poder são tão interessantes, que em uma das cláusulas do chamamento público, chama atenção um item a considerar a manifestação “que depende do apoio da administração pública²⁸⁵”, ou seja, a própria administração não define como seu dever, realizar investimentos para festa da Congada e caracteriza essa ação como um favor à Irmandade da Rosário, uma forma paternalista de agir com aquilo que por direito cultural, não necessita ser submisso a essa “dependência da administração pública”.

Nessa perspectiva, é salutar compreender e refletir sobre as diversas modalidades de práticas socioculturais instituídas pelos grupos de Congado no âmbito cotidiano da manifestação, no sentido de proporcionar não somente recreações culturais, mas sobretudo, buscar outros meios através dessas táticas, de sobrevivências materiais no sentido de não ficar reféns dos poucos recursos. É disso que se trata essencialmente o próximo capítulo, pensar de que modo esses atores sociais lidam com as imposições, que tipos de táticas são urdidas para lidar com os enfrentamentos e ao mesmo tempo criarem situações que lhes possibilitem manter e praticar suas visões de mundo; mesmo que estejam desprovidos do capital econômico, eles continuam atuando, resistindo, enfim, sobrevivendo às pressões sociais, ao racismo institucional e às intolerâncias culturais, religiosas e sociais.

²⁸⁴ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 30-90.

²⁸⁵ EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO SMC N°. 002/2018. Seleção de organização da sociedade civil de Natureza privada sem fins lucrativos com fins Culturais para realização da festa do congado – Ano 2018. Alínea C. c) preservar a memória e tradição desta manifestação artística que faz parte do patrimônio imaterial. Assim, buscando preservar esta importante tradição, que depende do apoio da administração pública se faz necessário um termo de colaboração com organização da sociedade civil sediada em Uberlândia.

4 O CONGADO NO COTIDIANO DA CIDADE: TÁTICAS, ASTÚCIAS, VIVÊNCIAS CULTURAIS.

Imagem-17. Festa junina. Atividades socioculturais dos grupos de Congado de Uberlândia, 2017.

FESTA JUNINA
União dos Ternos

Domingo
30
Julho

Local a ser Definido

Informações Fransergio
- Coreógrafo da Quadrilha

Não importa qual terno você participa, venha festejar com nós sô!!!!!!

AcervoDigital/JeremiasBrasileiro, 2017. Uberlândia-MG.

Eventos significativos que ocorrem durante o ano envolvendo os atores sociais do Congado confirma o que se pretende discutir nesse capítulo e possivelmente com maior nitidez exemplificar o que são táticas de sobrevivências culturais cotidianas. No início do ano de 2002 os grupos de Congado iniciaram uma série de atividades socioculturais que ao decorrer dos anos, tornaram-se em táticas de vivências e de sobrevivências orgânicas, aproveitando tais ensejos para fazer dessas práticas não só festividades, mas igualmente, uma possibilidade de movimentações financeiras no intuito de fortalecer a existência material nos tempos de festejos ou com objetivos intrínsecos, de manter os componentes e comunidade agregados em torno do Congado durante todo o ano.

O diagnóstico de realidade é expressivo e, algumas modalidades socioculturais que os congadeiros instituíram confirmam essa assertiva. Nesse campo social dinâmico é que ocorrem as ações cotidianas desenvolvidas durante o ano: festas beneficentes; bingos; atrações musicais de samba, hip hop e grupos de dança; feijoadas; Congalinhadas; macarronetes; degustações diversas; festas juninas; seminários; campeonato de futebol dos congos, inserindo novas táticas de sociabilidades, projetos com foco em adolescentes com risco social e outras artes de fazer.

Raymond Willians afirma que na realidade os indivíduos não vivem o fazer cultural de forma isolada, todavia, por meio de “uma seleção e organização de passado e presente, necessariamente provendo seus próprios tipos de continuidade²⁸⁶”. A constituição de um novo cenário para envolver os personagens do Congado faz com que surja uma oportunidade de reorganização social dos próprios grupos, contribuindo para que não perdurem unicamente as comemorações das festividades em louvor aos santos de devoção, contudo, principalmente, a organização sociocultural no interior dos grupos, estabelecendo do mesmo modo, novas práticas.

O Congado se constitui cotidianamente como uma complexa teia de reelaborações, reconfigurações e novas formas de produções culturais onde quem circula são os mesmos personagens assumindo identidades múltiplas. Por tais motivos, essa manifestação não só ultrapassa a noção de festa, de congo, de bater tambor para homenagear santos de devoção, como propicia novas possibilidades aos seus praticantes de se sentirem parte de um viver

²⁸⁶ WILLIANS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 182.

social diário, distanciando-se, dessa maneira, de uma roteirização predeterminada que procura cristalizar as atitudes e práticas dos personagens congadeiros num determinado tempo e lugar.

Quer seja no quintal, na sala, nos quartos, as pessoas se reúnem e socializam as tarefas, de modo que todos participam das atividades cotidianas do grupo e esses locais de encontro, podem ser compreendidos como lares temporais dos indivíduos, que se recusam a frequentar espaços fechados para realizar os seus preparativos, ainda que haja pressões sociais constantes no sentido de desalojar os grupos de suas residências. Essas residências onde funcionam os quartéis, não são apenas moradias em que habitam as pessoas, são lugares de produção sociocultural e religiosa.

Portanto, importa-se sobretudo pensar de que modo novos sujeitos, novas práticas, novos lugares, impactam sobre essa manifestação e ao mesmo tempo, permite sua existência na cidade, diante de tantos enfrentamentos e imposições. De que maneira suas táticas contribuem para a permanência da cultura, da memória e da história do Congado junto a esses cotidianos rituais, fomentados pelas atividades socioculturais desenvolvidas, na maioria dos quartéis dos grupos, durante grande parte do ano. Ao refletir e problematizar essas questões pode-se dar conta ainda, quase em sua totalidade, da enorme presença da manifestação congadeira na cidade de Uberlândia e de como essa força cultural e criativa continuava invisibilizada.

Eventos socioculturais a envolver futebol com os grupos de Congado; os fazeres culturais do Catupé Azul e Rosa; os ensinamentos e conhecimentos sobre memória, história para os jovens do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário; a convivência diária com a prática de ser congadeiro presente nas crianças do Marinheiro de São Benedito; as novas formas de sobrevivência produzidas pelo Moçambique Princesa Isabel em outro lugar de recomeços; e a iniciativa de continuar com a “macarronada da mama” após a morte da matriarca familiar do Moçambique Guardiões de São Benedito, são eixos basilares dessas problematizações.

São pautas singulares que permitem pensar na dimensão que a vivência congadeira alcança na cidade e da sua importância enquanto força motriz de vivências e sobrevivências culturais cotidianas. Suas ocorrências não são de agora, tornaram-se mais persistentes devido a uma circunstância que obriga os grupos a se reinventarem para sobreviver e apresentarem-se durante a festa de maneira condigna com as suas tradições estéticas que são bastante valorizadas pelos congadeiros de maneira geral. Antes porém, apresenta-se uma pauta de

trabalho interessante, haja vista estar em consonância com a discussão, mesmo que se trate de um grupo aparentemente novo a integrar a Irmandade do Rosário.

A proeminente iniciativa a registrar-se, tem a ver com as alternâncias dos eventos e de como as comunidades que se tornam público alvo, são afetadas pela presença de determinado grupo de Congado em uma região periférica. Embora seja recém-incorporado à Irmandade do Rosário, o Moçambique Quilombo dos Palmares encontra-se em atividade desde o ano de 2006, participando de festividades da Congada na região do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, principalmente.

O que é sobremaneira relevante a destacar-se em relação a esse grupo, é um dos seus modos de atuação e tentativas de trabalhar com uma faixa etária de público, ainda que a enfrentar dificuldades cotidianas. Nessa lógica, tem-se que considerar o esforço empreendido pelo representante do grupo, no sentido de propiciar aos jovens e crianças uma oportunidade de arte-educação, conforme declaração de Daniel Araújo:

Nosso projeto Cine-afro Educativo na Comunidade, começou a ser desenvolvido em 2015, como uma forma de trazer nossas crianças e da região [Bairro São Jorge] para uma vivência educativa. Mas daí as coisas foram ficando difíceis, porque também descobrimos que muitas crianças gostam de vir para o cinema educativo, mas que também era por causa do lanche que a gente oferece. Daí então estamos tentando achar parceria, apoio, para continuar com o projeto Cine-afro na comunidade, pois não é fácil, e a gente tem muita dificuldade de tocar sozinho. A gente quer muito ajudar essas crianças a ter um caminho melhor na vida, aqui não é só a congada que vale, é a vida assim da convivência com outras coisas diferentes²⁸⁷.

Em que pese a singularidade do projeto, percebe-se que atender um público que apresenta igualmente características sociais diferenciadas, torna-se um desafio duplo. Entretenimento por si só não supre carências sociais, entre as quais, as necessidades alimentares. Ademais, a noção de que é necessário construir uma rede de sociabilidade que não tenha como foco central especificamente a festa da Congada é outra diferenciação revelada no depoimento de Daniel Araújo. A sua intenção, nesse sentido, é fazer do espaço do Congado, o quintal de sua residência, um lugar acolhedor, um lugar em que as crianças possam ter acesso a outro tipos de informações e convivências, como no caso da exibição de audiovisuais por meio do projeto Cine-afro Educativo na Comunidade.

²⁸⁷ Daniel Araújo. **Cine-afro educativo na comunidade**. Presidente do Moçambique Quilombo dos Palmares. O grupo aguardou aproximadamente dez anos para compor a estrutura institucional da Irmandade do Rosário de Uberlândia. Depoimento obtido em 09/10/2017.

O próprio título e proposta do projeto é um enunciador do quanto são diversas as atividades socioculturais desenvolvidas pelos grupos de Congado. Esses e outros projetos levam a pensar no que de riqueza interior está impregnada nessa manifestação na cidade e da necessidade de que essa riqueza, possa ser compartilhada, a demonstrar o que os congadeiros recorrentemente dizem: “a Congada não é só festa, a gente não só bate tambor”.

A transmissão de saberes, quer seja por meio da oralidade, da experiência prática ou da exibição de audiovisuais, contribui de forma inequívoca para a valorização das manifestações populares tradicionais enquanto um patrimônio cultural. Os tambores do Congado vibram também nos olhos e sorrisos das crianças, no cotidiano nada fácil de suas vidas, quer sejam congadeiras ou não, entretanto, vivencialistas das partilhas daqueles que conseguem distribuir com entusiasmo, esse legado permeado de cultura congadeira.

O que podemos ofertar é isso aí que a gente tem né, o nosso conhecimento que vem lá dos tempos dos nossos avós, bisavós, então, o pouco que a gente sabe, a gente tenta passar, de acordo com a idade das crianças, se não é no Congo, é mostrando filmes, é ajudando do jeito que a gente consegue passar nossa cultura pra eles, agora os da Congada mesmo, não tem jeito né, mesmo a gente querendo passar aquilo que a gente aprendeu lá atrás, eles tem um gingado diferente do nosso, de aparecer, aí a gente também tem de entender, se a gente perde eles [crianças congadeiras], tem de saber conviver com o mundo deles também²⁸⁸.

Conversações intergeracionais ampliam as possibilidades da troca de saberes e convergem para uma síntese cultural congadeira interessante, em que as diferenças de idade não são barreiras para os aprendizados, e de igual modo, faz com que os processos identitários históricos dialoguem com novas formas de identidades não só contemporâneas, porém, essencialmente permeadas de representações modernas, quer seja pelo uso de artefatos étnicos, insígnias, tatuagens, e demais objetos, que possam no contexto da festa, ornamentar os corpos dançantes dos jovens e crianças.

O que Daniel Araújo do Moçambique Quilombo dos Palmares, e outros congadeiros, vive nos tempos de preparação da festa, quando começam a se ornamentar, por meio de pinturas, de indumentárias, de acessórios imprescindíveis para compor o visual corpóreo, é muito singular. Junte-se a isso o entendimento de que o Congado resiste porque existe entre os adultos e jovens um partilhar de conhecimentos em que o antigo rejuvenesce-se com a convivência do novo. Só que todo esse arcabouço cultural é gestado no dia a dia, no cotidiano,

²⁸⁸ Daniel Araújo. **Cine-afro educativo na comunidade**. Presidente do Moçambique Quilombo dos Palmares. O grupo aguardou aproximadamente dez anos para compor a estrutura institucional da Irmandade do Rosário de Uberlândia. Depoimento obtido em 09/10/2017.

evidenciado através de atividades como do projeto cultural Cine-afro Educativo na comunidade.

Esses são alguns dos aspectos que possibilita pensar nessa dinâmica cultural que é expressiva no cotidiano congadeiro uberlandense, embora seja desconhecido publicamente; de outro modo, é nesse momento, impossível discorrer sobre as atividades organizadas por todos os grupos de Congado, mesmo que de início no próximo tópico, seja possível visualizar um panorama mais geral.

Por essa razão, prioriza-se nessas análises, alguns grupos, levando-se em consideração a temporalidade constante de suas atividades, cuja ocorrência remete há mais de uma década, sem contudo invalidar outras que não são citadas. Esse é o desafio proposto nesse capítulo final. Todo esse desvelamento foi construído paulatinamente e essa premissa proporciona trazer para o âmbito das discussões acadêmicas, essa outra experiência social congadeira raramente difundida, ou, objeto de estudos atuais com teor mais aprofundado, motivo pelo qual, é relevante discutir esse contexto sociocultural cotidiano do Congado em Uberlândia, como propositura e problematização final.

4.1 O viver e ser congadeiro para além dos festejos cíclicos.

Aponta-se de início um panorama geral das observações realizadas por vários anos, a partir dos princípios do século XXI. Uma sumarização de algumas atividades socioculturais são importantes para em um segundo momento deter-se mais especificamente em três eventos, com intuito de problematizar a temática em questão.

O campeonato de futebol dos congos é o primeiro evento elencado. Esse campeonato anual é realizado há doze anos, desde o ano de 2006, tendo como ênfase a socialização dos congadeiros e de demonstrar o quanto tais atitudes concretas revelam outras vivências para além dos aspectos festivos. Pensa-se essas práticas não na concepção de protagonismo de uns e subordinação de outros e sim, como teias de interações diversas que se entrecruzam diariamente, formando amálgamas impregnados de novas formas de agir através da constituição de outros lugares sociais e culturais.

Sair do plano imaginário daquilo que se pressupõe como sendo lugar comum – somente a festa do Congada – e ocupar outros lugares socioculturais requer naturalmente que os sujeitos sejam portadores de certos tipos de astúcias, para transitar e ao mesmo tempo produzir novos modos de cultura. Para se constituir como atividade cultural capaz de envolver um número considerável de grupos, os doze anos de organização do campeonato de futebol dos congos foram permeados de conflitos, de tensões, de confrontos institucionais a subterfúgios diversos, alguns inclusive na tentativa de inviabilizá-lo, como pode-se deduzir pela fala de Ramon Rodrigues: “todo o processo é pensado pelos congadeiros, nós até gostaríamos que em determinado momento a própria Prefeitura pudesse ajudar, mas ajudar com recursos, que para pensar a atividade, a gente já pensa²⁸⁹.”

Nessa criatividade cotidiana e na busca de um lugar de distinção, são inerentes os surgimentos de conflitos entre aqueles que se consideram aptos a organizar esses tipos de eventos, por se julgarem possuidores de representação ou cacifar-se politicamente e os que, por se considerarem os legítimos representantes, igualmente anseiam em ser reconhecidos como tais, e, não como personagens coadjuvantes. Nesse contexto de disputa pelas e (das) práticas socioculturais é oportuno pensar na reflexão de Michel Certeau sobre a cultura na invenção do cotidiano. Para o autor, “ela”, a cultura, estabelece-se mediante um conjunto de tensionamentos, “a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e

²⁸⁹ Ramon Rodrigues. **Organizador do campeonato de futebol dos grupos de congados**. Entrevista, 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

compromissos mais ou menos temporários. As táticas do consumo, engenhosidade do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas²⁹⁰.

Importante destacar que ao dar início a essa atividade esportiva, a Irmandade do Rosário por meio de seus diretores, teve na realidade uma atitude audaciosa. Até aquele momento, ano de 2006, não havia notícias em Minas Gerais de algo similar em relação ao Congado e esse protagonismo suscitou posteriormente a invenção de outras práticas socioculturais com permanências independentes, em relação à festa da Congada.

De outro lado é preciso ressaltar que talvez o grande ápice desse evento esportivo tenha sido a capacidade de realizar uma final de campeonato no extinto estádio Juca Ribeiro, palco de memoráveis jogos do Uberlândia Esporte Clube. Ali, naquele gramado, naquele momento, consolidava-se de vez e publicamente, a noção de que o Congado na cidade de Uberlândia, estava enraizado no cotidiano através de outros viveres e fazeres culturais. Na realidade, uma nova forma de ser congadeiro e viver o Congado.

Diante dessa abordagem, percebe-se que as relações sociais dos congadeiros ultrapassam o sentido literal de festa da Congada, como de igual maneira amplia a noção de pertencimento à cidade, à cultura, ao lazer, às vivências em outras searas e lugares talvez antes inimagináveis. Convém por isso destacar, que esse comportamento tem a ver com as novas gerações – não que as anteriores não tivessem essas táticas – jovens e adultos capazes de subverter a ordem das coisas, a destinação – solidificada das práticas na visão conservadora folclorizante – de que suas vidas estariam condicionadas a tocar tambores no mês de outubro, em louvor aos santos devocionais, para lembrar seus tempos sofridos de “escravidão no Brasil”.

Quando aborda-se a questão da sociabilidade que essas atividades extemporâneas proporcionam, notadamente fica evidenciado a sua importância para os congadeiros, enquanto práticas sociais de vida, e, de conagração entre todas as pessoas participantes, sem funções seletivas ou de classificação de gêneros, mesmo que de modo possivelmente equivocado tenha sido publicado em documento oficial referente ao registro da festa da Congada de Uberlândia, enquanto patrimônio cultural e imaterial do município, no qual,

²⁹⁰ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 45.

consta, que ser torcedor durante as partidas de futebol dos congos, esteja circunscritas à participação efetiva das mulheres e crianças:

O campeonato de futebol começou há poucos anos. Durante uns dois meses do 1º semestre de cada ano os ternos se encontram aos domingos pela manhã nos campos de futebol. Em 2006 a pelada foi no campo de futebol perto do terno de Catupé Azul Claro, no bairro Dona Zumira; esse ano 2007 foi num outro campo no bairro Daniel Fonseca. Duas duplas por dia disputam o campeonato, até chegarem ao vencedor. Esse campeonato é mais uma maneira de se encontrar, conversar e distrair. Nem todos os ternos participam como time, mas todos os dançadores aparecem para jogar mesmo que seja no time do outro. Ser torcedores é função de muitas mulheres e crianças. Enquanto uns correm atrás da bola, fazem a defesa, outros tomam uma cerveja e outros aproveitam para vendê-las²⁹¹.

Quanta sociabilidade há em um evento de natureza esportiva extemporânea à festa da Congada de Uberlândia. A rede social de relações familiares e de grupos culturais expande-se exponencialmente para as convivências congadeiras reinterpretadas no âmbito dos eventos esportivos, e isso, explica em grande parte, os motivos de presença, de permanência e de sobrevivência, resistência e vivência da cultura congadeira na cidade, pois, em se tratando de Uberlândia, o Congado não é a festa do mês de outubro, é a vida das pessoas em movimentação constante. Avançando nessa discussão, pode-se observar essa conjuntura de intercambianças socioculturais cotidianas em outro *locus* cultural constituído pela família do grupo de Congado Marinheiro de São Benedito, que desde as décadas de 1960/1970 está situado no Bairro Tibery.

Toda uma preparação antecede ao evento cultural com a presença de vários grupos convidados para prestigiar o leilão, as rezas e demais apresentações. As crianças, já iniciam seus aprendizados rítmicos, enquanto outros preparam-se para estar fardados, organizados, bonitos; por isso, pais e mães se revezam nos cortes de cabelo, na feitura das tranças, na produção estética de toda a criança.

Existem nesse contexto, relações de interatividades mais complexas a envolver as pessoas do grupo e a necessidade de dialogar, já que o espaço usado é a rua e por ela transita parte da vizinhança. A solidariedade é importante, tendo em vista que o trânsito é alterado durante o período da tarde/noite e daí, a outra capacidade de interagir com os vizinhos e tê-los ao lado do evento e não contrários à sua realização, que visa sobretudo, arrecadar recursos financeiros para a manutenção do grupo durante a festa da Congada do mês de outubro.

²⁹¹ **Dossiê de Registro da Festa da Congada de Uberlândia no livro de celebrações do município.** Secretaria Municipal de Cultura, 2008, p. 71.

Quanto às prendas doadas para comporem o leilão a ser gritado pelos próprios membros do grupo Marinheiro, essas poucas doações tem mais a ver com uma atitude de tradição do que efetivamente produção de valores econômicos, o ato simbólico, é mais presente e as vendas de produtos como cervejas, refrigerantes, espetinhos, caldos e outros, ajudam na composição cultural festiva e religiosa do referido encontro.

O pesquisador Jarbas Siqueira Ramos, ao trabalhar com grupos de Congado no Norte de Minas, percebe que os “sujeitos, grupos e comunidades vinculados a manifestações de culturas populares são detentores de uma “bagagem cultural” rica em valores constituídos nas interações sociais e que o respeito profundo por sua cultura cria condições favoráveis para a cooperação²⁹²”. Siqueira Ramos, em suas pesquisas realizadas na cidade de Bocaiuva-MG, afirma que esses atores sociais vivenciam uma rede interações e de relações sociais mais próximas, caracterizadas pela família, a vizinhança, a camaradagem, a amizade, o compadrio e por esse motivo, os indivíduos se fortalecem na medida em que os laços estabelecidos em suas relações sociais tornam-se laços fortes, e dessa forma conseguem construir as mobilizações sociais, bem como a produção de capitais sociais²⁹³.

Essas reflexões aproximam-se um pouco desse estudo aqui proposto, contudo em dimensões simbólicas diferentes, ocasionadas pelas perspectivas de lugares e de relações socioculturais. As táticas de vivências tem a ver com as realidades que os sujeitos enfrentam e em Uberlândia, a produção estética dos grupos por exemplo, faz com que surja várias modalidades de relações no âmbito da comunidade congadeira envolvida. Produção de penteados, de indumentárias, de instrumentos, de alimentações para recepcionar visitantes e aqueles que compõem os grupos, vivenciam uma troca de saberes onde o produto final pode ser resultante da prestação de serviços voluntariosos, para não permitir o desaparecimento da manifestação em determinados grupos.

Na família Marinheiro de São Benedito, esse contexto é exemplar, são mais de dez irmãos, homens e mulheres, que junto aos seus familiares se “fecham” em um pacto congadeiro mantenedor da tradição. Essas nucleações familiares são um dos aspectos constitutivos que percebe-se no Marinheiro de São Benedito, e explica em muito, como os membros do grupo conseguem sobreviver e persistir, tendo em vista que as despesas materiais

²⁹² RAMOS, Jarbas Siqueira. Desenvolvimento Social E Tradição Nos Ternos Catopês De Bocaiúva/MG: Uma Leitura Sobre O Capital Social E As Redes De Sociabilidade. **Anais do V Congresso em desenvolvimento social**: Estado, meio ambiente e desenvolvimento social. Universidade Estadual de Minas Gerais/UNIMONTES. Montes Claros/MG, 2016, p. 07.

²⁹³ RAMOS, loc. cit.

são consideráveis. Essas são uma das causas que obrigam esses grupos a instituir táticas diversas de sobrevivências culturais deslocadas, distanciadas e independentes dos órgãos institucionais, que podem ser o próprio poder público, ou o poder eclesiástico.

São os grupos de Congado os responsáveis pela maneira como se dá as formas de vivências socioculturais, de resistência e afirmação dos meios capazes de sustentar os seus valores e ao mesmo tempo proporcionar a continuidade das suas tradições. Reconhece-se de igual modo, as suas possibilidades de construção de dinâmicas sociais, fundamentados em suas práticas culturais, religiosas e rituais.

Nas imagens fotográficas elencadas logo a seguir pode-se constatar o quanto esses fazeres culturais estão organicamente entranhados nos eventos extemporâneos e da importância que a comunidade negra congadeira confere a essas atividades socioculturais cotidianas. A criança marinheira que sentada sobre o pequeno repilique – instrumento de percussão – experiencia a possibilidade de diversos sons e inclusive executa o ritmo específico de seu grupo; a religiosidade presente nas expressões devocionais das meninas já com os cabelos em tranças e no semblante concentrado de fé inscrita na face dos adultos; o cenário se completa no diverso, com as prendas arrecadadas, expostas à mesa colocada na rua e na calçada, uma janela improvisada para a venda de cervejas, espetinhos, caldos, e outros produtos.

Essa cultura congadeira, é sobretudo, capaz de criar mecanismos de memórias que são constituídos a partir de suas vivências e interações cotidianas, esses meninos e meninas, esses jovens, adolescentes, independentemente de suas opções de gêneros, estão se auto reafirmando enquanto negros. Por isso, o Congado é um lugar de vivência, porque os jovens sofrem nas escolas, a evasão escolar, é sobretudo uma evasão negra, e as próprias fotos revelam esses lugares de identidades, os jovens negros vão para esses eventos para dizer que estão ali, para dizer que trabalham a semana toda, estão com seus tênis de marca, vão tomar suas cervejas, vão para as atividades socioculturais cotidianas, tanto para ouvir e curtir suas músicas prediletas, quanto para reafirmar suas visões de mundo, de lugar, de pertencimento.

Imagem 18 – Crianças e reza do terço. Julho/2017.



AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 19 – Adultos em oração. Julho/2017.



AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 20 - O menino e o repilique. Julho/ 2017.



AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 21- Prendas para o leilão. Julho/2017.



AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 22 - Meninas no quintal do Marinheiro de São Benedito. Julho/2017.



AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

4.1.1 Os quintais como lugares de ciências dos saberes e viveres culturais.

Os quartéis que são as casas onde residem os capitães, as ruas, as avenidas, os quintais, transformam-se em uma extensão do convívio familiar; são na realidade, terreiros de saberes, de sabores e de cultura congadeira. Essas são uma das várias motivações para considerar o Congado não só como noção de festa, de congo, de bater tambor para homenagear santos de devoção, esse Congado é o tempo todo nesse estudo, visto como manifestação que propicia novas possibilidades aos seus praticantes, possibilidades no sentido de fazer parte de um viver social diário, distanciando-se, dessa maneira, de uma roteirização predeterminada possível de cristalizar as atitudes e práticas dos personagens em determinado tempo e lugar.

Entende-se que a tradição do Congado não se alimenta apenas na perspectiva da festa e da devoção, esses são alguns dos eventos que compõem o que comumente é visto sob a luz única da tradição. Compreende-se por isso, na impossibilidade de naturalizar os eventos temporais que constituem as manifestações religiosas e culturais numa concepção determinista de tradição, pois a tradição está inserida na realidade social mais ampla, ela faz parte do cotidiano dos indivíduos. Diante disso alerta-se para a temeridade de pensar a festa como matriz da tradição e com isso promover a exclusão social de seus protagonistas, transformando-os em personagens adornados de adereços com intuito de fazer desfiles em dois dias de festejos.

Sustenta-se essa argumentação ao refletir-se sobre a elaboração de significados culturais apropriados extemporaneamente no sentido de produzir novas configurações culturais que terminam por fortalecer a própria noção de identidade, de pertencimento. Quando os próprios congadeiros tornam-se dançadores de quadrilhas, com suas vestimentas, culinárias, musicalidades e ritmos próprios do evento, eles demonstram que estão integrados a uma cultura popular mais ampla do que se poderia à primeira vista conceber-se. Essas práticas socioculturais ajudam a compreender o quanto é dinâmico o universo cultural em que se movem esses sujeitos, que dessas práticas participam de uma forma orgânica ou indireta.

Portanto, esses princípios estão conectados ao pensamento de Enildon Pereira, o Capitão do Grupo Catupé Azul e Rosa, ao declarar que a “raiz do congo é a família” e por esse motivo realizam uma festa junina, para manter a família reunida mesmo fora da festa de

congo”. Essa outra forma de celebração da cultura que há anos o grupo mantém à porta de seu quartel, a “quadrilha junina do Catupé Azul e Rosa²⁹⁴”.

Contudo, essa prática como forma de sociabilidade capaz de envolver principalmente as crianças e resolver as cisões internas que ocorrem no interior dessas mesmas famílias podem inicialmente produzir estranhamentos por se tratar de prática inovadora às tradições estabelecidas: “falaram até que quando começamos nossa quadrilha num tinha nada a ver, nem com o congo, nem com a quadrilha, porque a gente colocou um “pula pula”, essa coisa para as crianças pularem. Mas gente! Onde é que tem em Uberlândia um grupo de congo que não tem crianças²⁹⁵”. A concepção de família congadeira apresenta em seu contexto uma interação social que supera a questão consanguínea, ela se traduz no protagonismo da tradição que não é um pressuposto inquestionável, ou seja, nem sempre todos os membros de um grupo familiar mantém-se o tempo todo no grupo de origem.

Essa forma própria de se constituir enquanto identidade cultural que foi vista – e em muitos casos ainda é – por uma elite intelectual como resquícios do passado a sobreviver no presente, possui na leitura do congadeiro outro significado, como esclarece, o Capitão Enildon Pereira: “eu fico com raiva quando falam, escrevem que o congo é folclore como se a gente só existisse na batida do tambor, para mim é uma tradição religiosa cultural que a gente pratica no dia a dia²⁹⁶”. O grupo Catupé Azul e Rosa promove outra atividade sociocultural denominada de “macarronete do catupé”, da qual Enildon tanto fala sobre a transmissão de conhecimentos, quanto informa sobre a sua perspectiva de Congado, tradição e culinária:

O Congado é uma tradição religiosa cultural que está vivo até hoje por causa da culinária, por isso quando a gente faz a nossa macarronete, a macarronete do Catupé, a gente sempre se lembra disso, é cultural nosso Congado por causa das comidas que os negros trouxeram da África, mantendo as tradições das comidas que prevalecem até hoje e ainda em muitos lugares com os pratos legítimos de culinária africana²⁹⁷.

O quartel é a casa do congadeiro, é a cozinha, o salão de beleza, o lugar que se transforma em oficina para confecção de instrumentos, para a produção de indumentárias, para ensaios de coreografias, para dançar quadrilha e fazer macarronetes. Lugar privado, que ao mesmo tempo é público e palco de discussões diversas, da política ao futebol, envolvendo

²⁹⁴ Enildon Pereira, Capitão do Catupé Azul e Rosa. Depoimento, 23/06/2007.

²⁹⁵ Enildon Pereira, Capitão do Catupé Azul e Rosa, depoimento, 23/06/2007.

²⁹⁶ Enildon Pereira. Capitão do Catupé Azul e Rosa. Depoimento, 23/06/2007.

²⁹⁷ Enildon Pereira. Entrevista realizada em 10/11//2009. **Congado em Uberlândia e os fazeres cotidianos dos grupos antes do início da festa**. ARANY, Clarissa; BRASILEIRO, Jeremias; DIAS, Paulo; {et alia}. Suporte em Mídia Digital e DVD. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

crianças, jovens, adultos. É sobretudo portador de uma epistemologia cultural congadeira diferenciada nos seus modos dinâmicos de produzir e transmitir conhecimentos, entre os quais, a confecção de instrumentos é compreendida de forma singular, nas palavras de Enildon Pereira:

Quem não vive a nossa cultura, não sabe o que a gente faz, o que gente produz. Olha só que tem muito instrumento que a gente toca, que somos nós que fazemos, que damos um jeito de fazer, nem tudo a gente compra. Para fazer uma caixa, uma gunga, as patagomes, um chocalho, um surdão, tem de ter muita ciência, a gente começa aprendendo desde cedo, eu aprendi lá atrás com meu avô, vim experimentando, aperfeiçoando, é uma prática né, que começa desde cedo²⁹⁸.

Não se aprende a ser congadeiro sentado em banco de escola. Aprende-se sendo, é vivendo, é praticando. O que a escola formal coloniza, o Congado em sua experiência viva desconstrói, por isso, aquele que vive uma pedagogia congadeira, não consegue compreender certos instrumentos necessários de ser apreendidos e que não fazem sentido em suas vidas, posto que na maioria das vezes, são práticas educacionais que negam as visões de mundo, o estilo de ser e de viver dos congadeiros, não contribuindo para uma realidade experiencial descolonizadora. O conhecimento dos instrumentos é por exemplo, uma prática formativa de vida bem explicitada pelo pesquisador Rodrigo Edenilson de Jesus:

Mesmo reconhecendo nossas tradições como alegres, festivas, há uma tendência em colocar as nossas tradições em lugar de inferioridade. E não porque as nossas tradições sejam inferiores, mas porque há um processo para dizer que determinadas produções exigem menos esforços que outras. Tocar tambor não é algo mecânico, é preciso ter ciência para tocar tambor. É preciso conhecer os ritmos, é preciso conhecer de engenharias de materiais para produzir um tambor. É preciso entender métrica, para compor e para cantar canções, é preciso ter conhecimentos filosóficos na produção e na modificação de rezas, de orações, portanto, a preservação é também transformação. E produzir algo novo é também resistir, mas resistir não no passado, é resistir construindo o novo²⁹⁹.

Fica implícito a partir desses diálogos o quanto é importante considerar a interatividade de saberes como fonte de conhecimento e de formação cultural, bem como intelectual das pessoas. É por meio do Congado que os indivíduos criam uma rede de vivências na qual compartilham os seus mais diversos saberes. Sobretudo são esses lugares,

²⁹⁸ Enildon Pereira. Capitão do Catupé Azul e Rosa. Depoimento, 23/06/2007

²⁹⁹ JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Preservação do Patrimônio cultural Afro-brasileiro e emancipação da comunidade negra congadeira de Uberlândia**. Palestra realizada durante a realização do evento: I Colóquio dos Congadeiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. O referido evento fez parte das atividades de encerramento do curso: **Patrimônio Cultural e Imaterial em debate**. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Artes, em 27/10/2017.

esse terreiros, esses quintais, espaços públicos e privados de produções culturais, visto que às vezes seus eventos expandem-se pelas ruas, praças, avenidas. Eles, os congadeiros, criam, recriam, produzem, reproduzem, reinventam a vida e os modos de sobrevivências de acordo com suas realidades específicas de lugar.

Em uma rápida digressão sobre essas realidades de lugar, pode-se citar o grupo de Congado Moçambique Princesa Isabel, que por quase cinco décadas esteve situado no bairro Patrimônio, e, por circunstâncias diversas, como especulação imobiliária, morte de familiares e outras pressões sociais, teve com isso, o seu deslocamento para o bairro Campo Alegre, lugar residencial de seu principal responsável. Deslocar-se nesse sentido, significa reconstruir novas táticas de sobrevivências, de recriar novos vínculos de vizinhança, de continuar, mesmo em outro bairro distante, a manter sua tradição cultural e religiosa.

Romper com a existência de meio século no bairro Patrimônio para ter de refazer-se em outro ambiente, não parece ser tarefa fácil. É preciso dispor-se de competências táticas e inventivas para em um primeiro instante conciliar a prática cotidiana do Congado com os interesses dos vizinhos, relações essas nem sempre permeadas de reciprocidades. Nesse contexto de abordagem, Wesley Carlos, do Moçambique Princesa Isabel, faz suas considerações:

Não é fácil o custeio de uma festa de Congada, então a gente faz esses eventos também para arrecadar dinheiro. Existe família que tem três, quatro filhos, a gente ajuda, dá umas duas roupas, ou paga a metade, comprar coisas pro terno, pele, instrumento, fardas, e a importância maior de tudo isso que para nós é o encontro da comunidade. A gente já está encaminhando para começo dos ensaios, então serve também para a gente começar a se reunir, ficar mais próximos dos dançadores, esse é o nosso intuito maior, é realmente reunir o pessoal mais vezes, não só na festa né. E sempre tem o pessoal dos outros grupos que ajuda, participa também. Agora né, a gente tem de convencer a vizinhança, contar, explicar, porque a gente faz isso, porque a gente teve que vir para cá, para evitar problemas com eles né!³⁰⁰.

Nota-se que há uma preocupação com os dançadores que possuem vários familiares e suas condições econômicas fragilizadas e o uso de recursos como suporte para tê-los juntos por ocasião da festa da Congada, a demonstrar dessa forma que a procura de unidade do grupo, ao mesmo tempo expõe seus componentes que ajudam, mas que precisam ser ajudados em uma proporcionalidade diferenciada, ou seja, de vestimentas, de instrumentos, principalmente.

³⁰⁰ Wesley Carlos. **Capitão do Moçambique Princesa Isabel**. Entrevista em áudio, realizada em 30/07/2017. Bairro Campo Alegre. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

De outro lado, percebe-se a configuração de novas táticas de resistências que se convergem no sentido de continuarem assegurando junto aos vizinhos o entendimento da manifestação como cultura, tradição, deslocada do bairro de origem, para esse lugar em que as pessoas não mantinham contato com os congadeiros e suas atividades socioculturais cotidianas. Nesse caso, o Congado que é “de fora” precisa interagir com as pessoas da localidade e construir parcerias capazes de possibilitar a permanência do grupo no referido espaço, que é o quintal e a rua, essencialmente; já não é o bairro Patrimônio, onde antes todos moravam e de lá foram de forma estrutural, paulatinamente expulsos, conforme pode-se deduzir do depoimento a seguir:

Sou nascido e criado no bairro Patrimônio, falo isso com orgulho, mas infelizmente a especulação imobiliária tomou conta e nosso pessoal não conseguiu ficar mais lá, a gente que é da direção do grupo, ninguém da direção do Princesa Isabel mora mais no Patrimônio, ainda tem uns familiares que moram lá, mas da direção do Moçambique, ninguém mora mais lá. Então, não teve mais jeito, era pagar aluguel para ficar num lugar, noutra lugar, então o melhor lugar era vir com o Quartel para a casa dos responsáveis pelo grupo. A gente fica triste, a gente tenta, pelo menos esse ano, de 50 anos do Princesa Isabel, queremos comemorar lá, onde sempre foi a nossa casa, agora não é mais. É um momento histórico, temos essa obrigação, devemos isso ao bairro Patrimônio. A gente não queria ter saído de lá, mas infelizmente esse foi o caminho que a gente teve de seguir. A especulação chegou com força e tomou conta, não teve jeito, teve que acabar saindo. Todos nós saímos, todos os grupos de congo saíram, o três moçambiques saíram. Mas falamos que o Princesa Isabel não está no Patrimônio fisicamente, mas somos e seremos do bairro Patrimônio³⁰¹.

Embora a narrativa produzida sobre o bairro Patrimônio e sua relação com a cultura afro-brasileira seja extensa, resultando em pesquisas, documentários e outras produções em audiovisuais, não se nota a existência de trabalhos cuja abordagem aprofunde-se na realidade dos grupos de Congado outrora situados no bairro. Os três grupos adotaram destinos distintos em decorrência de seus deslocamentos involuntários, sendo que o Moçambique Pena Branca há anos está no bairro Canaã; o Moçambique Raízes já se encontra no bairro Planalto e o Moçambique Princesa Isabel, no bairro Campo Alegre. Continua-se a falar do bairro como lugar do Congado, sem levar em consideração que essa manifestação já foi deslocada e os seus integrantes de igual modo.

A noção de pertencimento tem como âncora o arcabouço da memória e o retorno se dá pelas vias da lembrança, pela vontade de comemorar um cinquentenário de história, no lugar que o grupo materializou-se nos finais da década de 1960. Compreende-se que os deslocados

³⁰¹ Wesley Carlos. **Capitão do Moçambique Princesa Isabel**. Entrevista realizada em 30/07/2017. Bairro Campo Alegre. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

atuais são os jovens e adultos, portanto, seus filhos, netos, bisnetos, que não terão as afetividades do “lugar patrimônio”, por não terem tido o cordão umbilical plantado nesse que foi um enorme quintal da cultura afro-brasileira congadeira de Uberlândia.

O apreço ao lugar tem a ver com o enraizamento sociocultural e no Congado é comum a ocorrência dos deslocamentos familiares após a morte dos antigos congadeiros, pois os herdeiros se veem forçados a vender o lugar cultural familiar, por nele não conseguirem construir residências conforme a legislação de planejamento urbano e arquitetura da cidade exige para o local. Tem-se por esse viés, com o apoio do próprio poder público, a diluição da história e da memória dos congadeiros residentes no que “resta ainda” do bairro Patrimônio.

Essa opção pelo uso da assertiva “resta ainda” faz sentido na medida em que diagnostica-se através de novos empreendimentos imobiliários o surgimento ao mesmo tempo de enormes condomínios e de residências construídas com destinação a uma classe social privilegiada e igualmente, a mudança do “lugar patrimônio” que perde seu status de bairro e torna-se nomenclaturado com outros nomes, entre os quais pode-se destacar atualmente os residenciais: Altamira I e Altamira II; Copacabana, Gávea Hill e Morada da Colina.

Diante dessas evidências, conclui-se que o desaparecimento do bairro Patrimônio efetiva-se de modo sistemático por meio de uma política urbanista. São forças políticas que em conjunto, arquitetam a extinção do “lugar patrimônio” como território existencial de pessoas negras, de pessoas pobres. Importante ressaltar porém, que essas pessoas pobres e outras famílias congadeiras continuam a existir, recompõem-se de acordo com as novas realidades, com suas táticas de produzir culturas, reconstituir memórias, presentificar passados e histórias dos antepassados em seus quintais de saberes, quintais esses em que a própria cozinha congadeira torna-se em um dos elementos desse revigorar social cotidiano.

4.2 Persistência de culturas, de memórias e histórias.

Que na Congada e no Congado a culinária está presente o tempo todo não há dúvida. Almeja-se contudo, nesse tópico, demonstrar que essa culinária está inserida em um contexto que extrapola o possível senso comum de comensalidade ou de partilhas alimentares. Por conseguinte, o propósito é pensar em como essa prática cultural possibilita o surgimento de determinadas táticas que ampliam a noção de pertencimento congadeiro na cidade de Uberlândia. É possível notar que sob a argumentação de recepcionar seus componentes e outros visitantes, ofertando ou vendendo galinhadas, macarronadas e outros produtos, os grupos instituem na realidade, um movimento de sociabilidades capazes de envolver discussões que transitam pelo tempo das memórias, das histórias e da sobrevivência orgânica da própria manifestação.

A perspectiva empírica anteriormente enunciada é plausível de ser verificada a partir de eventos criados no âmbito sociocultural cotidiano do Congado e nesse primeiro olhar, tendo como análise o modo de atualização da memória do grupo Moçambique Guardiões de São Benedito, por meio da criação de uma atividade cultural denominada de “a macarronada da mama”. Essa concepção de memória atualizada, faz com que a lembrança para manter-se ativa, não signifique necessariamente distanciamento daquilo que poderia ser visto como recordação estática.

Ao contrário, a memória é construída e fornece ao mesmo tempo diferentes possibilidades de ser compreendida, não se limitando portanto, a uma idealização unívoca do passado. Nesse sentido, Samuel Raphael, atribui à memória uma perspectiva “revisionista” quando entende que a mesma não é dada *a priori*, como definitivamente pronta, sendo por isso mesmo, flexível. Ela “[...] porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem estampadas, as paixões dominantes em seu tempo³⁰²”.

No entendimento de Le Goff, a memória é capaz de apreender vários tipos de conhecimentos que podem levar a uma interessante possibilidade de atualizar situações passadas. O autor evidencia que uma das funções destinadas aos estudiosos da memória, é justamente a de fazer da “luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica³⁰³”. Isso possibilita compreender a memória coletiva

³⁰² SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. **Projeto História**, n. 14, São Paulo, Educ., p. 44, fev. 1997.

³⁰³ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 471.

para além de uma conquista, uma vez que essa memória, igualmente se transforma em objeto de poder, pois como afirma Le Goff, “são as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender essa luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória³⁰⁴”.

Por meio da memória é possível acessar temporalidades e atualizar afetividades existentes em um passado recente, revivê-lo inclusive com métodos específicos como na “feitura da macarronada” que amplia a noção de identidade congadeira e familiar ao memorializar no presente, a ausência de uma matriarca conhecida pela maneira como no cotidiano de final de semana, recepcionava amigos, familiares e congadeiros. O relato de Cristiane Oliveira, componente do Moçambique Guardiões de São Benedito, é revelador de como por meio da memória, determinada prática cultural, ressurgiu enquanto manutenção personificada da outrora existência, de uma mulher que fisicamente não está mais presente, entre os vivos.

A feitura da Macarronada da Mama é que quando a gente chegava lá na casa dela [*Dona Norma*] ela ia para a cozinha, fazia com todo carinho, todo domingo tinha essa macarronada, era só a gente chegar, final de semana para jantar, eu, qualquer outro, ela tinha essa macarronada, era o prato especial. Mama, porque a gente quer dizer macarronada da Mãe, da Mãe Norma. Era o ponto forte dela, todo mundo gostava do macarrão dela. Então, a gente só vai abrir as nossas novenas, fazendo todo ano esse evento, da Macarronada da Mama. Isso depois da água suja [festa de Romaria dia 15 de agosto], que se ela estivesse viva, ela ainda estaria fazendo essa macarronada. Então ela simboliza nossa mãe, de todos que chegavam e pediam conselhos, ela acolhia, levava para cozinha, dava algo para comer, macarrão, pastel, ou só um café, e aconselhava, era assim, e essa ideia surgiu assim, Macarronada da Mama, para a gente manter a memória dela entre a gente. Lembrar do aconchego que ela tinha com a gente. A gente não quer fazer uma estátua pra ela não, a gente quer lembrar dela assim, do jeito que ela tratava a gente carinhosamente, fazendo a especiaria dela, a feitura da macarronada dela era tudo de bom³⁰⁵.

A memória não é construída somente a partir de objetos estáticos, é preciso, segundo nos adverte Achille Mbembe, “fazer uma crítica ao tempo e aos artefatos que pretendem ser os substitutos últimos da própria substância do tempo (estátuas, monumentos, efigies)³⁰⁶”. A memória, do mesmo modo, é feita a partir de recordação psíquica a envolver pessoas, a evocar a presença de um passado por meio da institucionalização de uma prática que faz ao

³⁰⁴ LE GOFF, op. cit., p. 470.

³⁰⁵ Cristiane Oliveira. **Capitã do Moçambique Guardiões de São Benedito**. Depoimento gravado em julho de 2017. *Dona Norma*, faleceu em agosto de 2016. Era a matriarca do Grupo de Congado e da família.

³⁰⁶ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014, p. 181.

mesmo tempo, recordar, e, conseqüentemente, manter na memória viva, a imagem ausente de quem se quer recordar. Veja-se por exemplo, o que *Dona Norma* dizia a respeito de sua macarronada, herança de aprendizado familiar:

Eu vou falar pra você a verdade meu filho, a única coisa que eu bato papo mesmo e gosto de fazer, é a macarronada, essa aí é a que mamãe me ensinou, eu faço de gosto, e o frango que eu gosto de fazer, ponho um pouquinho de açúcar, pra ficar moreninha, cada vez mais corando, e na macarronada vai o queijo curado da roça bem raladinho, o queijo branco de mercado não tem gosto né, macarrão pré-cozido, ai eu faço o molho, no molho eu ponho açúcar, uma colherzinha de açúcar, o extrato, o tomate, a cebola bem picadinha, o óleo né, sempre ponho manteiga de leite, a cebola, pimenta do reino, tempero a gosto né, e o caldo Knor né! Para dar um gostinho né, ai eu faço o molho! O povo adora né³⁰⁷.

Um patrimônio cultural permeado de afetividades possui um valor imensurável para essa comunidade congadeira, por isso, a *Macarronada da Mama* surge como uma tática, um subterfúgio, para demonstrar que algo bem mais amplo acontece na interioridade da manifestação, é a forma que as pessoas encontram para lidar com a memória e continuar comunitariamente entrelaçadas, tendo como âncora a lembrança viva de alguém que já morreu, todavia que revive no celebrar através da “feitura de uma macarronada”, e não por meio de uma figura materializada, como Cristiane Oliveira deixa evidenciado, ao afirmar que uma estátua, no sentido figurativo, não seria tão representativo quanto é uma construção de eventos capazes de a partir da culinária³⁰⁸, fazer reviver e presentificar as sensibilidades que *Dona Norma* conseguia produzir nas relações cotidianas e socioculturais estabelecidas com os congadeiros, principalmente.

Compreende-se cultura, em se tratando da manifestação da Congada ou do Congado, não somente a partir dos aspectos comumente tidos como de apresentações culturais. Entende-se cultura enquanto prática social, por meio desse viver cultural é possível construir novas

³⁰⁷ Norma Gonçalves Raimundo. **Feitura de Macarronada**. Dona Norma faleceu em Agosto de 2016. Entrevista realizada em 29/09/2013, Uberlândia-MG. Gravação com suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 40' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

³⁰⁸ Ingredientes utilizados na *feitura da Macarronada da Mama* já sob a coordenação de Cristiane Oliveira, **Capitã do Moçambique Guardiões de São Benedito**. “Os ingredientes básicos são pimenta do reino, cebola picada, cebolinha, alho, caldo de galinha, margarina, orégano, pimenta de cheiro, folha de louro, uma pitada de açúcar. Na feitura coloca-se um pouco de açúcar para neutralizar o ácido do molho de tomate; coloca-se o macarrão em água fervente, sem o óleo, pois o óleo neutraliza um pouco o gosto do molho de tomate; escorre o macarrão com peneira e fica separado do molho e do queijo; a tradicional *Macarronada da Mama* não leva molho branco, é o molho vermelho que ela sempre fazia questão de usar, então, a diferença dessa *Macarronada da Mama* está no molho em que a gente acrescenta margarina, caldo *Kinorr* e uma pitadinha de açúcar”. Depoimento gravado em julho de 2017.

possibilidades de interações humanas, busca de novos lugares, construções de novas táticas, ainda que permeadas pelas relações de poder.

É nessa busca por novos modos de existir na cidade e persistir com as memórias e a cultura, que surgem com maior ênfase a divulgação de atividades socioculturais antes circunscritas a alguns grupos de Congado, e a partir desse novo olhar, inicia-se uma série de programações sistematizadas tendo como um dos primeiros modelos organizacionais, uma atividade cultural denominada de *Congalinhada do Marinheiro*, desenvolvida no quintal do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, no bairro Santa Mônica. É sobretudo, uma tática de vivência e resistência cultural, que funciona como chamada agregadora de pessoas, pois, as práticas desenvolvidas no evento, ultrapassam a simples ideia de alimentação.

4.2.1 A Congalinhada do Marinheiro: um diálogo entre história, cultura e memória³⁰⁹.

Imagem 23 - Atividade sociocultural do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário no ano de 2011.

V CONGALINHADA

Data: 15 de Maio de 2011**Horário: 12h às 20h****Local: Sede Marinheiro N.S. Rosário****Endereço: Rua Cecílio Jorge, 258****Bairro Santa Mônica***Exposição de:*

- *Fotos de Marinheiro;*
- *Vestuário;*
- *Instrumentos.*

**VALOR
GALINHADA
R\$ 5,00**

Mesa de Buteco :

- **JEFFERSON FASCINASAMBA**
 - **WANDERSON SAMBA K**
 - **GILMAR BATISTA**
 - **VÍTOR FASCINASAMBA**
 - **ALEX PÉROLA NEGRA**
- e convidados!*

AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

³⁰⁹ No ano de 2005, o Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, por meio da Presidente Antônia Aparecida Rosa, realizou seu primeiro evento, denominado de I Congalinhada do Marinheiro. Naquele ano, bem como em 2011, o grupo já sinalizava para a construção de uma nova tática de sociabilidade cultural extemporânea à festa da Congada de Uberlândia, realizada no início do mês de outubro. Seus eventos socioculturais ocorrem entre os meses de maio e abril.

De início torna-se necessário reafirmar que o conceito de comida ou alimentação quando o assunto está relacionado ao Congado, assume várias dimensões e entre algumas, a presença do alimento a extrapolar a noção de comensalidade apenas. Essa noção, abrange inclusive, rituais preparatórios para alguns congadeiros, como é possível deduzir por meio da fala de um capitão de Moçambique ao dizer que a farofa de jiló é uma herança de preto velho, oriunda da escravidão.

Sob a concepção de D.M.Q.Congadeiro (4), é uma espécie de segurança complementar ao remédio indicado pela zeladora do grupo [e que] por isso não pode faltar, [pois] ela, igualmente ajuda a evitar “desmaio, dores, as vezes a pessoa passa mal e é por causa disso, falta de sustança física e claro né, espiritual, então nossa farofa de jiló tem tudo isso, não é só comida não, ela vem lá dos tempos dos antigos, dos pretos velhos lá da escravidão³¹⁰”.

Nessa concepção insere-se a realização anual da Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, conforme pode-se perceber no depoimento de Antônia Aparecida Rosa: “a Congalinhada não é só alimentação, nós usamos isso para que nosso grupo não se dissolva, para manter as pessoas juntas umas das outras”. Então é assim, a “Congalinhada para nós é uma estratégia para discutir nossa história nessa cidade, nossas lutas desde os tempos de nossos antepassados³¹¹”.

Essas novas formas de criar outras possibilidades de socialização, a partir de lembranças do passado, produzem no próprio grupo e nos seus responsáveis o desejo de se fortalecerem através da introdução de outras vivências de práticas culturais, cuja concretude não está somente na sobrevivência por meio de recursos financeiros com vistas à realização da festa da Congada.

Ao contrário, são ações construídas como estratégias de manutenção dos vínculos sociais na comunidade congadeira. Por isso, ao propor-se nessa abordagem um olhar mais acurado sobre essas práticas cotidianas, percebe-se o quanto o grupo de Congado Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, contribuiu e contribui para que novas táticas de vivências e resistências culturais surgissem, e, continuem a surgir por meio desses princípios basilares.

³¹⁰ D.M.Q.Congadeiro (4). Depoimento obtido em 09/10/2017. Uberlândia-MG.

³¹¹ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Entrevista, 22/07/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

No evento denominado de Congalinhada, o grupo atualiza anualmente a experiência do seu vivenciar o Congado e expande essa vivência, ao criar concomitantemente uma prática cultural que leva os componentes a pensar em distintas configurações para manter a tradição, não da forma que era antes, e sim, em meio às mudanças que os levam a utilizar-se de outros artifícios no sentido de evitar o rompimento do elo familiar e sociocultural do grupo.

São tentativas de manutenção que ficam evidentes no comentário de Antônia Aparecida: “fico feliz que minha filha casou com um rapaz que gosta de congo, assim a gente não corre o risco de ver o Terno acabar depois que a gente não puder mais continuar³¹²”. Eventos como esse e outros, propiciam vários tipos de relacionamentos sociais, entre os quais, destacam-se o companheirismo, os namoros, os casamentos, os compartilhamentos recíprocos de vidas sociais semelhantes, que ultrapassam a importância cultural expressa publicamente no ato de fazer rufar os tambores.

[...] falam muito que a gente só se reúne para bater tambor e na verdade não é só isso, é isso também, que para nós é importante tocar o tambor porque é através do tambor que divulgamos nossa cultura, nosso Congado. Reunimos para várias coisas, para discutir nossas vidas, para manter nossa memória, que através da exposição de instrumentos, de fotos, nós também mantemos a nossa memória³¹³.

Parafraseando Stuart Hall, e ao mesmo tempo compreendendo que o autor fala sobre outra perspectiva histórica, envolvendo a questão das diásporas de povos africanos, deduz-se que as condições de lugar, as apropriações, rearticulações e recriações produzem contextos que influenciam no surgimento de outras necessidades de construção de repertórios congadeiros, a fazer com que seus lugares privados, transformem-se em novos meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade³¹⁴. De outro lado, evidencia-se que a presença das pessoas na festa e na comunidade congadeira, de um modo geral, não é privilégio de homens e mulheres, é uma cultura agregadora de todos os gêneros.

A Congada é para nós uma união de pessoas de cores e gêneros, não olhamos se é homossexual, travesti, trans, lésbica e outras denominações, que prefiro o termo LGBT. A Congada é viva porque ela agrega todas as pessoas, por isso não é religião que discrimina, mas que abraça, que congrega, é uma cultura histórica que interage com todos, a sociedade é que

³¹² Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Entrevista, 22/07/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

³¹³ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Entrevista, 22/07/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

³¹⁴ HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv. (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 324-325.

não sabe o quanto somos interativos e agregadores, a nossa Congalinhada é também um meio de contar tudo isso³¹⁵.

É perceptível, principalmente nos tempos de festejos da Congada e de outras atividades culturais extemporâneas, o quanto essa manifestação agrega uma diversidade de atores sociais, independentemente de suas condições, quer seja de sexualidades ou mesmo religiosas. Essa interatividade surpreende as pessoas portadoras de olhares preconceituosos. Ao introduzir no cotidiano do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário uma nova modalidade de interação cultural através da Congalinhada, Antônia Aparecida busca preencher um vácuo que reproduzia-se todo ano: “terminava a festa do congo e a gente só se encontrava no outro ano, então a gente se via, só se reunia na época das novenas e no dia da festa, refletindo sobre isso, é que achamos importante manter as pessoas juntas umas das outras³¹⁶”.

Com efeito, a constituição de um novo cenário para envolver os personagens do Congado faz igualmente surgir uma oportunidade de reorganização social dos próprios grupos, contribuindo para que perdurem não somente as comemorações das festividades em louvor aos santos de devoção, mas, junto a isso, a organização sociocultural no interior desses grupos, por meio de novas práticas e táticas, revigorando a tradição. Antônia Aparecida por outro lado, esclarece esse processo de transmissão intergeracional, como as suas transformações ao logo do tempo:

Apesar de algumas divergências, o que temos de conhecimento do Congado é a de que é uma manifestação histórica dos afrodescendentes, reconstruída nesse país, porque todo processo de cultura, é realmente um processo de construção, e reconstrução, quando a gente fala em manter a tradição, não é possível socialmente manter a tradição como a gente tinha antigamente, da mesma forma que chegou aqui, e essas modificações não são mudanças nas tradições, são adaptações de conhecimentos³¹⁷.

Um dos grupos mais tradicionais da cidade, o Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, é conhecido desde a sua criação por abrigar crianças e, posteriormente pessoas jovens, o que o torna incessantemente um grupo em formação, ainda que tenha passado por vários e diferentes responsáveis, o grupo esteve e continua com a família de Donas Dolores desde o ano de 1983. Por estar permanentemente identificado como um grupo composto de

³¹⁵ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Depoimento obtido em 20/05/2017.

³¹⁶ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Entrevista, 22/07/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

³¹⁷ Antônia Aparecida Rosa. **A Periferia e o Centro - Nós na Tela**. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia. Secretaria de Audiovisual. Ministério da Cultura. Associação Brasileira de Canais Comunitários, 2010. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 23' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

poucos adultos, a memória é uma presença periódica, anualmente revisitada de diversas formas, entre as quais, destaca-se a culinária, na percepção de Antônia Aparecida.

A Congalinhada também é para nós um jeito de reavivar a memória do nosso congo, a gente sabe que sem comida não tem Congado e, além disso, já havia grupos que mexiam com feijoadas, com macarronetes, com as comidas típicas de quadrilhas, então a gente surgiu com essa ideia da Congalinhada para identificar o nosso Terno, que o tempo todo, a gente tenta incentivar a permanência dos jovens no grupo que não é fácil, tem concorrência também³¹⁸.

A Congalinhada ajuda na permanência da memória do grupo e contribui para que os jovens não migrem para outros, principalmente aqueles que não possuem laços familiares diretos, como os que formam o núcleo principal do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Outra situação que produz interesse dos jovens está nas viagens a outras cidades – comuns à maioria dos demais grupos – que terminam em momentos de descontração e troca de experiências.

A preocupação de Antônia Aparecida com a permanência dos jovens é compreensível, visto que em Uberlândia tem surgido nos últimos anos uma circulação de dançadores entre os grupos de maneira frequente, sendo que, às vezes, ocorrem denúncias de cooptações que chegam a envolver até vantagens para alguns saírem de um grupo e comporem outro³¹⁹. Embora no Congado não se fale de forma explícita desses tipos de abordagens, muitos dos que estão no comando de grupos fazem parte direta do carnaval ou de bandas de samba, de pagode e de axé³²⁰. Nesse sentido a circularidade de dançadores é também uma constante, até natural.

Pode-se deduzir que esse fenômeno de circulação do qual faz parte um mesmo personagem, permite que um *Ogã* – tocador de atabaque – em terreiro de Umbanda, surja como ritmista em uma bateria de escola de samba; apareça como baterista em um grupo de samba; transforme-se em caixeiro durante a festa da Congada; e, se apresente como um Capitão de Folia de Reis. Esse panorama comum entre os atores sociais praticantes dessas

³¹⁸ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Entrevista, 22/07/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

³¹⁹ Na tentativa de proibir cooptações em troca de vantagens individuais ou de saída por qualquer motivo de um grupo para outro, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito criou em 2007 uma carta de transferência que o representante do grupo deveria repassar à instituição, na eventual saída de algum membro, referendando sua disciplina exemplar, o que naturalmente não ocorre quando acontecem atritos mais intensos. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

³²⁰ Para citar alguns exemplos: um capitão de Catupé é mestre de bateria de Escola de Samba, dois outros capitães de Moçambiques são compositores e intérpretes de samba enredo; Antônia Aparecida Rosa do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, já foi Presidente da Associação das Escolas de Samba de Uberlândia.

manifestações culturais e religiosas é um sintoma de que o tempo todo os personagens estão em movimento. Representações, diversidades, readequações se impõem por meio desses fazeres culturais que do mesmo modo tornam-se em ações socioculturais permeadas de lutas e táticas de vivências, conforme expõe a congadeira, pedagoga e gestora pública, Antônia Aparecida Rosa.

A cultura é a história de representação de um povo. Representa a história vivida por uma determinada etnia, uma determinada religião, então isso se transforma no que a gente denomina de cultura. É uma história acumulada no decorrer das ações e tradições de um povo, então, o que que as periferias tem demonstrado hoje diante da situação social que nos apresenta? É que aqui está sendo possível apresentar essa diversidade e o que que seria isso? As diferenças existentes nas ações históricas de uma determinada organização, podemos citar na questão da música, das artes, a arte representativa de uma determinada cultura e essa diversidade hoje tem um cenário diferenciado, em que [essa cultura] está podendo aparecer socialmente, é uma grande novidade, é uma grande resposta, do nosso processo de luta, né, enquanto grupo de periferia, porque nossa cultura e a sua diversidade que é imensa, antes era abafada por outras culturas que nos eram impostas³²¹.

Antônia Aparecida Rosa tem a cultura como algo que ultrapassa a noção mais comumente utilizada de apresentação cultural artística, elevando-a à categoria de processo histórico, de representações das experiências e vivências de determinados povos ou grupos sociais diversos. A cultura nesse aspecto possui um papel preponderante, é a representação de uma produção cultural e social cada vez mais atuante. Uma prática possível de ser socioculturalmente maleável, sem dúvida faz parte das ações cotidianas, quer sejam de viés cultural ou social, contudo presentes nos atores responsáveis pelas construções desses fazeres e saberes. Compreende-se, que cada época produz as suas próprias transformações e essas mudanças são inerentes a todas as práticas culturais, sem a existência de readequações, a presença constante do Congado por quase um século e meio na cidade de Uberlândia, seria comprometida.

Como bem evidencia Antônia Aparecida Rosa, existe um processo histórico por detrás das tradições culturais que são redimensionadas com o decorrer dos tempos. A partir de suas análises, Antônia Aparecida aponta outra configuração que possibilita um novo olhar sobre a cultura do Congado e de sua dimensão sociocultural. Insere-se nessa perspectiva uma dualidade caracterizada pela presença e posicionamento de uma “cultura popular periférica”

³²¹ Antônia Aparecida Rosa. **A Periferia e o Centro - Nós na Tela**. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia. Secretaria de Audiovisual. Ministério da Cultura. Associação Brasileira de Canais Comunitários, 2010. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 23' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

em contraposição a uma “cultura central elitista” e a diferença surge motivada justamente por um discurso assumido pelos atores sociais inseridos nesses lugares periféricos. Com isso, a diversidade é evidenciada e possibilita que essa cultura que transitava à margem ou que estava envolta naquilo visto como universal, faça-se presente e reafirme suas peculiaridades.

Resistir às imposições, é uma das táticas que os congadeiros em sua maioria instituíram e continuam a instituir no cenário cultural da cidade, e uma das formas de se fazer visível é com a inserção discursiva proveniente dos próprios lugares e de seus protagonistas culturais, o que Antônia Aparecida considera como uma enorme resposta à discriminação dos grupos periféricos e às suas práticas antes ocultadas, ou inclusive, sufocadas por uma cultura de olhar elitista e igualmente globalizador.

Convém destacar, que as ações dos congadeiros, embora sejam locais, estão conectadas ao global, sem contudo perderem suas essências de tradição. A própria festa da Congada está inserida nos calendários dos eventos nacionais da cultura brasileira³²² e nem por isso, os componentes dos grupos de Congado desvinculam-se de suas realidades cotidianas. Antônia Aparecida Rosa nesse contexto, faz uma leitura interessante a respeito das transições intergeracionais e de como é possível produzir transformações, atualizar rituais, sem esquecer o passado.

A Congada anteriormente, ele começou em um espaço que era periferia e hoje é o centro [de Uberlândia] e aí a gente percebe que é muita história mesmo, por isso manter a tradição. E a Congada, é uma das grandes representações dessa tradição. Ela permite que a gente perceba a arte como um todo, porque se vê a arte representada através da música, a arte representada através de coreografias, dos movimentos, a arte representada da questão dos sons dos instrumentos, e arte também através da modelagem tanto desses instrumentos quanto das roupas, dos vestuários, do que a gente chama de bandeiras, ou estandarte, então é assim, você tem várias manifestações da arte ou várias facetas dessa arte na própria concepção ou espaço da Congada. É então uma festa de tradição, tradição religiosa, não podemos deixar de citar, mas é tradição de um povo, como já citamos (...), é tradição cultural, mas isso vira uma representação que vai mostrando o que é a tradição através dos anos, através dos povos³²³.

³²² PORTAL DE NOTÍCIAS MSN. **Conheça as festas e eventos imperdíveis pelo Brasil em 2018.** Congada – outubro. Uberlândia, em Minas Gerais, é a cidade das Congadas, manifestação cultural-religiosa com raízes afro-brasileiras e que celebra o dia da Nossa Senhora do Rosário e começa geralmente na primeira semana de outubro. São mais de 130 anos de festa, que inclui desfiles, procissão, música, adoração e coroação de rei e rainha. No país, a folia acontece também em outros municípios, como em Catalão (GO), mas é na cidade mineira que se encontra a maior quantidade de adeptos: mais de quatro mil pessoas saem pelas ruas celebrando a data. Fonte: <https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/conhe%C3%A7a-as-festas-e-eventos-imperd%C3%ADveis-pelo-brasil-em-2018/ss-AAv1Gbg#image=18>. –Disponível em 23/01/2018. Acesso em 23/01/2018.

³²³ Antônia Aparecida Rosa. **A Periferia e o Centro - Nós na Tela.** Festa de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia. Secretaria de Audiovisual. Ministério da Cultura. Associação Brasileira de Canais Comunitários,

A partir da manifestação do Congado e da Congada, é possível notar a existência de uma tomada de consciência sobre essa forma de representação que oferece múltiplos olhares, diversas interpretações e várias possibilidades dos congadeiros vivenciarem a fé, a arte, o ritmo, as cores, o corpo, a cultura em uma dimensão que extrapola o senso comum daqueles que veem a Congada somente a partir do ressoar dos tambores. Tradição religiosa, tradição cultural, o passado que dialoga com o presente e permite que a tradição de um povo resista através dos anos, ao decorrer das décadas.

Por isso é que essa cultura reinventa-se permanentemente ao instituir novas maneiras, novas táticas de vivências socioculturais, entre as quais, como já explicitado anteriormente, o evento da Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário é uma das referências dessa problematização, por ter sido, tanto provocador dessas novas dinâmicas cotidianas, quanto por introduzir diferentes ações fora daquilo que parecia o contexto inicial, principalmente para as pessoas que ocorriam às atividades culturais na perspectiva de encontrar uma festa em que o prato principal seria a alimentação e a musicalidade, surpreendendo-se ao deparar com outros atrativos permeados de fazer histórico.

Então! Quando a gente diz que nossa Congalinhada não é só comida, a pessoa fica surpresa, porque ela vem ao evento é atrás da comida mesmo, mas daí ela percebe que nossa proposta desde o início, lá no ano de 2005, era tudo isso junto, Congado, comida, história, cultura, memória, então a gente entende que primeiro a pessoa precisa conhecer o nosso lugar, porque nós tivemos de agir assim, para sobreviver culturalmente nesses tempos cada dia mais difíceis, precisamos por isso empoderar nossa juventude congadeira e todos aqueles que vem na nossa Congalinhada acabam aprendendo um pouquinho também³²⁴.

Pensar como são processadas historicamente as mudanças, as transformações, no interior dos grupos culturais, nas manifestações religiosas, contribui para que a reflexão crítica não se transforme em um critério de julgamento, pois os atores sociais podem recorrer-se, e fazer uso, à depender da época, de uma forma de manter a tradição que a princípio pode parecer diferente daquela usual, entretanto, incorporações são perceptíveis e o que “o historiador precisa examinar é a lógica subjacente a essas apropriações e combinações, os

2010. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 23' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

³²⁴ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Entrevista, 20/05/2017.

motivos dessas opções³²⁵”. Não é possível dialogar com esses modos de fazer sociocultural a partir um olhar institucionalmente hierarquizado, teoricamente pré-concebido.

Conhecer o evento anual denominado de Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário é não só interagir com os congadeiros, é participar de uma socialização de saberes diversos que mesmo circunscritos ao grupo, são compartilhados com as pessoas que por motivações distintas procuram apoiar as atividades socioculturais desenvolvidas para atendimento às crianças, aos adolescentes, aos adultos, aos visitantes.

Essas intercambiações produzem efeitos que proporcionam a continuidade da resistência cultural congadeira na cidade, uma vez que esse cotidiano sociocultural possibilita uma presença maior de pessoas nos dias dos festejos propriamente ditos. Servem de igual modo para uma conscientização cotidiana de pertencimento identitário congadeiro e de valorização da festa como presença histórica do negro no centro da cidade, articulando-se, modificando-se, quer seja organicamente ou discursivamente, para acompanhar os anseios dos jovens e ao mesmo tempo enfrentar as dificuldades surgidas anualmente por ocasião dos festejos realizados no mês de outubro.

A nossa Congada é também uma festa rica, muito antiga e muito rica, mas ela só resiste, só sobrevive, porque a gente sabe que ela também se modifica, ela incorpora outros elementos sim, não tem como, se ela não se atualiza, os meninos não vem junto com a gente, falam até que a Congada hoje é outra coisa, mas não é isso que a gente entende, é a festa que modificou, porque as pessoas também não são as mesmas, a cidade não é a mesma, o potencial agregador de negritude aqui é que é muito forte, talvez por isso muita gente ainda se assuste, tenha medo dos nossos tambores, porque eles provocam, eles anunciam, eles incomodam, porque em relação a muitas outras cidades, nossa festa ainda é uma festa de cultura negra e resistência, não tinha como ser diferente, não tem como ser diferente, a cidade, a sociedade, o racismo cotidiano, nos obrigou a resistir desse jeito, inovando as formas de luta, assim como também o racismo na cidade, continua existindo e quem é negro congadeiro, sabe bem o que é isso, como ele funciona, principalmente no tempo da festa³²⁶.

Desse outro relato de Antônia Aparecida Rosa, entende-se que a festa da Congada e o cotidiano do Congado estão em constante diálogo e possibilitam várias explicações. O assustar com os festejos, com os tambores, é um dos pressupostos que o Padre Jovandir Mineiro, da Paróquia São Benedito, do bairro Planalto, já pronunciava desde a primeira década do ano dois mil, ao dizer que “enquanto as pessoas não levar um susto cultural, um

³²⁵ BURKE, Peter. História como memória social. BURKE, Peter. **Varietades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 264.

³²⁶ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública Entrevista, 20/05/2017.

susto de olhar para aquela pessoa e dizer: -olha! Eu estou aqui! Alguém tem que me respeitar! Enquanto as pessoas lá fora não ouvir o ressoar dos tambores, elas não vão acordar³²⁷”. Talvez esse incômodo que as pessoas sintam, seja consequência de saber que os negros persistem e continuam a resistir com suas danças, seus cantos, seus ritmos, no hipercentro da cidade.

O evento Congalinhada, igualmente representa um modo de atuar culturalmente, sem ter contudo como foco central somente as atividades de lazer festivas. Ao reatualizar essas maneiras de comportamentos socioculturais, a própria festa ganha outros sentidos, absorve outras perspectivas e em sua constante transformação, resiste e sobrevive diante da permanência racista que ainda persiste em grande medida, na cidade de Uberlândia, e o relato de Antônia Aparecida Rosa, repercute essas acepções:

Procuramos reafirmar durante esses mais de dez anos de eventos da Congalinhada, a nossa intenção desde o início, de fazer uma atividade em que tudo se converge, mas que discutir nossas realidades é necessário, por isso já realizamos debates sobre a questão do desemprego do jovem negro, a questão da saúde das mulheres negras, a violência e morte de nossa juventude negra, as questões de gêneros, a autoestima das crianças negras e as suas relações com a escola, tudo isso junto com outras falas buscando relatar as histórias e lutas dos congadeiros na cidade, a manutenção dessas nossas memórias, dos nossos antepassados, então, para nós, tudo isso simplesmente está alicerçado no que consideramos e chamamos de cultura, a festa para nós, as apresentações culturais, tudo é para nós uma oportunidade de conagração das coisas que produzimos durante o ano todo. Nossa Congalinhada então é isso, comida, música, dança, tambores, samba, hip hop, funk, história, cultura, memória, nosso jeito bem negro de celebrar a vida e a existência nessa cidade, são formatos diferentes que a gente vai criando para continuar nossas lutas, pois a gente sabe que se depender das elites no poder, a nossa história some, a nossa cultura acaba, é aquilo que a gente não esquece de dizer, o racismo nessa cidade é diário, temos de empoderar nossos jovens para eles saberem enfrentar isso que faz parte do nosso cotidiano³²⁸.

Entende-se que esse estar para além daquilo que as “elites no poder” percebe como aceitável, é de certa forma romper com paradigmas culturais, como faz o Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário por meio do discurso de Antônia Aparecida Rosa, ao sair do que poderia ser compreendido como lugar comum “festa da Congada” e estabelecer novos marcos de atuações e ações cotidianas, considerando porém, que a relações culturais não podem ser vistas fora das contradições e dessas relações de poder.

³²⁷ Jovandir Mineiro. **Sobre comidas e santos, festa e Igreja**. ALVES, Waltuir; BRASILEIRO, Jeremias; GOULART, Gilson. Entrevista realizada com o Padre Jovandir Mineiro, 2004. Suporte em Mídia DVD/vídeo, som, color, 1.19’ (NTSC). Uberlândia-MG. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

³²⁸ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Entrevista, 20/05/2017.

É importante situar-se nessas relações e deslocar-se do senso comum que em larga medida percebe esses tensionamentos, em que de um lado, vigora um pensamento elitista e indiferente à outras formas de cultura, e de outro, uma leitura de processos culturais permeadas de fragmentações. Por esse ângulo, é que Peter Burke enuncia que não se deve ver esses procedimentos de forma simplificada, como a de uma visão cultural homogênea, “cega às diferenças e conflitos e a visão de cultura essencialmente fragmentada (...), que deixa de levar em conta os meios pelos quais todos [criam suas misturas], sincretismos, sínteses individuais ou de grupos³²⁹”.

Quando Antônia Aparecida Rosa em seu relato diz analiticamente, que para continuar a existir na cidade, procura criar novas formas de interações culturais, sua postura, revela uma adoção de consciência cada vez mais perceptíveis nesses grupos sociais congadeiros, de que cuidar de suas realidades históricas é um dos princípios básicos para não ficarem invisibilizados, pois, nessas disputas de (e por) memórias, às elites culturais naturalmente importam, em perpetuar aquelas que lhes são convenientes e não da cultura congadeira, essencialmente no caso exposto. São essas realidades postas que resultam na imperiosidade de pautar essas questões na contemporaneidade.

Evidencia-se há décadas o quanto os poderes públicos por exemplo, em uma dicotomia contraditória, alardeiam apoios, incentivos, às manifestações populares e ao mesmo tempo criam vários mecanismos que dificultam a existência dessas práticas culturais na cidade. É inclusive perturbador como essas posturas dos agentes públicos de hoje estão em sintonia com as reflexões que Edward Thompson³³⁰ já realizava sobre essas relações poder. Um Estado que parece ilusoriamente ofertar acesso democrático para a realização e continuidade das manifestações, contudo, quando não o faz como se fosse por uma atitude política de benevolência, cria leis, publica atos, que discriminam, postergam e em muitas vezes inviabilizam os grupos sociais de continuarem com suas práticas culturais.

Um modo de acabar sutilmente com a cultura, de sumir com a história, como demonstra Antônia Aparecida Rosa, ao afirmar que “se depender das elites no poder, a nossa

³²⁹ BURKE, Peter. História como memória social. BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 267.

³³⁰ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

história some, a nossa cultura acaba³³¹”, é justamente com a criação e ampliação dos mecanismos burocráticos de controles institucionais.

Nesse aspecto, frente a insegurança vivida pelos atores sociais congadeiros, os grupos de Congado instituem novas formas de sobrevivências, produzindo táticas que agregam experiências, novos conhecimentos, outros saberes e outros laçeres, cumprindo funções socioculturais de acordo com suas realidades materiais, e por vezes, como no exemplo prático de Antônia Aparecida Rosa, criando um canal de interlocução no qual dialogam com outros campos da ciência, tendo como eixos basilares a cultura, a memória e a história. Contudo, existe alternâncias, mudanças, rupturas, traumas.

Ao se pensar na concepção já apresentada nesse texto sobre cenários e lugares, a Congalinhada do ano de 2018 muda de endereço, indo para outro local em que estará o Quartel do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, como diz Antônia Aparecida Rosa entre um misto de saudade e de alívio.

As dúvidas para mudança de lugar do grupo, foram inúmeras, demoramos um ano para a decisão final. Dentre os vários diálogos, três foram fundamentais. Em um deles uma mensagem que recebi: - Floresça onde você estiver. Na mesma data fiz uma visita ao terreno onde será o novo quartel e o mesmo está lindo, cheio de flores do campo de cor amarela e como terceiro indício para colaborar com a certeza, uma vizinha de anos que pouco falava comigo, simplesmente me disse: - o seu lugar é lá, onde você está para mudar, Deus já abençoou lá para vocês. E pronto, decisão tomada, pois segundo quem crê, não existem coincidências, existem evidências. E o Congo também vai comigo, eu precisava de um lugar em que o Congo pudesse estar comigo também³³².

Quando a pessoa discursivamente afirma de modo natural: “o Congo também vai comigo, eu preciso de um lugar em que o Congo possa estar comigo também³³³”, isso tem de ser levado em conta pelo pesquisador. O que força esses deslocamentos dos grupos culturais, das populações negras de bairros como o Patrimônio e o Santa Mônica? Há relações ambíguas por detrás dessas mudanças, eles não mudam, saem, porque desejam, toda uma dinâmica cultural contribui para isso, inclusive a intrafamiliar, as questões econômicas que de igual modo impactam essas decisões.

³³¹ Antônia Aparecida Rosa. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Entrevista realizada em 20/05/2017.

³³² Antônia Aparecida Rosa. **Sobre a mudança de endereço do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário** Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Depoimento obtido em 03/02/2018.

³³³ Antônia Aparecida Rosa. **Sobre a mudança de endereço do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário.** Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Depoimento obtido em 03/02/2018.

Uma das situações que de primeiro instante causam pressão, devem-se aos vários prédios que são construídos no bairro Santa Mônica, sobretudo no entorno da Universidade e adjacências da Prefeitura Municipal. Os moradores, entre os quais incluem os grupos de Congado, estão sujeitos a essas influências e em especial, os idosos. No caso das famílias congadeiras, ocorre que em sua maioria, o único bem imóvel que possuem é aquele no qual mora o “Congo” e todos habitam, por isso, é mais difícil manter essas residências. Essa lógica de mercado, leva-os a negociarem seus únicos bens, justamente por não terem outros disponíveis, em que poderiam destinar a seus filhos, por exemplo. E isso é fundamental, em se tratando de poder econômico.

Despossuídas dessas condições econômicas que permitem optar por vender ou não seus imóveis, as famílias congadeiras veem-se forçadas a desfazer-se desses lugares que foram espaços socioculturais de seus pais, de seus avós; deslocam-se portanto, para outros ambientes e buscam construir novos lugares de saber, de fazer e de existir. Embora traumáticos possam parecer esses distanciamentos e as rupturas das relações cotidianas, esse processo histórico de desenraizamento afeta os sujeitos congadeiros, e é preciso dessa forma, agarrar-se a evidências como um campo de flores amarelas, um sinal dos deuses, um novo sentimento de pertença, para levar o Congo consigo, um ser amigo, um ser familiar, uma identidade que assume presença física para além dos festejos: “o Congo também vai comigo!”.

Em meio a pertences encaixotados para mudança, muros da residência vizinha já ao chão, portas e janelas retiradas, a voz, os gestos, de Antônia Aparecida deixavam evidenciar a saudade antecipada do lugar, do quartel, da casa, da cozinha de um grupo de Congado do qual fez parte desde criança, nos princípios da década de 1970. O que a voz embargada recusa admitir, o som das ferramentas a derrubar as paredes, não deixam dúvidas; para Antônia Aparecida Rosa, estava chegando a hora de partir. De um lado, o filho recolhe as roupas que não quer levar para o novo apartamento, de outro, a filha ainda parece aturdida com a notícia, mesmo a conviver durante o dia, com o som das marretas, picaretas, e as vozes inconfundíveis dos trabalhadores, já derrubando a casa vizinha, onde um prédio igualmente será erguido.

Não havia no semblante de Antônia Aparecida Rosa, um visualidade de desolação, contudo, a expressão “o Congo também vai comigo!”, parecia insistir em não querer sair. Afinal, junto com o Congo, vai toda uma história, inclusive, a Congalinhada, que segundo

Antônia, vai continuar, pois, sendo a “expressão sociocultural do grupo, tanto o Congo, quanto a Congalinhada, vão caminhar com a gente³³⁴”. Essas interlocuções, presenças, observações, essas dinâmicas de vivências recíprocas, só podem ser atingidas quando o pesquisador predispõe-se a ouvir, sentir, viver, e, sobretudo posteriormente problematizar, sem perder de vista a perspectiva oral do outro, conforme bem sinaliza Michel de Certeau sobre oralidades, e, da fundamental importância desse relacionar-se oralmente com o outro.

A oralidade também constitui o espaço essencial da comunidade. Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando esta sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber. O intercâmbio ou comunicação social exige uma correlação de gestos e de corpos, uma presença das vozes e dos acentos marcados pela inspiração e pelas paixões, toda uma hierarquia de informações complementares, necessárias para interpretar uma mensagem além do simples enunciado – rituais de mensagem e de saudação, registros de expressão escolhidos, nuances acrescentadas pela entonação e pelos movimentos do rosto. É-lhe necessário aquele timbre da voz que identifica e individualiza o locutor, e aquele tipo de laço visceral, fundador, entre o som, o sentido e o corpo³³⁵.

Esse é um dos motivos da resistência da Congada e da persistência de Antônia Aparecida Rosa em continuar realizando a Congalinhada, mesmo que em outro local. E é na oralidade que essa sobrevivência cultural insiste em permanecer na cidade, haja visto que é uma história, uma memória, como já ressaltada, em construção constante, em que passado e presente o tempo todo se abraçam, entrecruzam, fortalecem os inúmeros laços de pertencas, quer sejam identitários por motivações familiares consanguíneas, quer sejam por tantas outras pessoas, que vivenciam essa cultura de diferentes modos. Por isso que a Congada e o Congado resistem às táticas de seu apagamento cotidiano, que são perpetradas através da negação de suas existências.

Entretanto, esses eventos pairavam e pairam sob um manto de silêncio, divulgados pelas próprias comunidades congadeiras, que no seu dia a dia, movimentam centenas de seguidores. Se de um lado, tem-se presenciado cada vez mais a ocorrência de eventos, de outro, é um sinal de que, os grupos procuram construir novas agendas e evitar viver à deriva do poder público. A Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário é a síntese dessa perspectiva em busca de maior autonomia, de vivência, resistência e de sobrevivência

³³⁴ Antônia Aparecida Rosa. **Sobre a mudança de endereço do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário**. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Depoimento obtido em 03/02/2018.

³³⁵ CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano. 2. morar, cozinhar**. Michel de Certeau, Luce Glard, Pierre Mayol. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 336-337.

material, a partir dessas táticas culturais cotidianas, mesmo que estejam essas atividades, invisibilizadas socialmente. Isso se deve em grande parte, por ser esses atores sociais indivíduos congadeiros, cujas vozes à força são ouvidas, quando os tambores ressoam em tempo de festa no centro da cidade.

O historiador Christopher Hill, em uma análise importante a respeito da necessidade de rever, interpretar, reinterpretar, a história, que no seu entendimento pode ter uma variação conforme nossas atitudes e de acordo com nossas experiências vividas no presente³³⁶, chama atenção para que se possa de igual modo, perceber as ações daqueles vistos como sendo os grupos sociais excluídos. Em seu livro “o mundo de ponta-cabeça”, diz de sua opção por olhar a história a partir da “gente comum”, os “de baixo”, que compreende-se nessa pesquisa, como os populares, os atores sociais, os congadeiros. Christopher Hill, justifica inclusive esse interesse em refletir os processos históricos através desses personagens inseridos nessas camadas sociais.

A narrativa de Antônia Aparecida Rosa, em larga medida, aproxima-se de problematizações suscitadas a partir da compreensão de que a história possui dinâmicas diferentes, quando narradas por indivíduos vivenciadores dos acontecimentos, ou de modos distintos, articulam seus discursos: “ a fé que nos alimenta e alimenta os que nos rodeia, faz com que a gente não desista, porque temos como uma quase obrigação de fé e de vida, continuar registrando nossa caminhada, sabemos que ela vem de longe, mas importante mesmo é a gente não desistir de caminhar³³⁷”.

Por vezes, a fixação de uma ideia cultural torna-se maior do que o proponente inicialmente pensava. Uma proposição individual que abarca um coletivo e transforma-se em um evento que dura por muitos anos, pressionando anualmente, para que a existência continue, indiferente às dificuldades materiais ou das condições de lugar. Compreende-se desse modo, que a manifestação permite aos seus atores sociais um elaborar permanente de práticas culturais e que essas atividades devem-se exclusivamente à persistência dos congadeiros, naturalmente com uma tomada de consciência em relação ao bem cultural que carregam e que dependem enormemente de suas articulações, a defesa dessa cultura. Para

³³⁶ HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640: São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p 33.

³³⁷ Antônia Aparecida Rosa. **Sobre a mudança de endereço do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário**. Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Depoimento obtido em 03/02/2018.

Antônia Aparecida Rosa, a origem de tudo não é tão relevante, quanto o é a necessidade de continuar a tradição, mesmo que tenha de ser em outras circunstâncias, com outros desafios.

São detalhes que embora sejam pouco conhecidos, repercutem na vida dos indivíduos congadeiros. Eles vivem na (e por) essa cultura que como já dito, são extemporâneas à festa da Congada e faz parte do cotidiano sociocultural de muitos deles. Ao que parece, quanto mais enfrentam discriminações, preconceitos, mais resistentes tornam-se e instituem meios de se fazer visíveis.

A história sociocultural dos congadeiros na cidade de Uberlândia parece ser dotada de fins provisórios. Um insistente recomeço que mantém a tradição ativa e viva diante das dificuldades cotidianas. À medida que os preconceitos avançam, os congadeiros resistem, sem a ilusão do término dessas práticas, e sim, com a certeza da necessidade de enfrentá-las, pois, são práticas, cuja latência e permanência, permeia a realidade histórica dos indivíduos, como verifica-se no relato de Antônia Aparecida Rosa.

Esse olhar diferenciado sobre nós, me acompanha desde criança, eu já vivia quando minha mãe era bandeirola do Congo Sainha, eu sentia quando minha avó, Dona Maria, “cuidava” de todos os netos. Recordo, com muita saudade, que ela levava lanche em uma “capanga” e denominava de “matula” e todos degustávamos no entorno da Igreja do Rosário. Era uma festa particular entre família e amigos, dentro de uma festa coletiva. Era implícito naquela época que era uma festa de “pretos”, a gente não era bem vindo ao centro da cidade. As coisas avançaram, a cidade cresceu, e o racismo também, são ações cotidianas do nosso dia a dia que impactam nossas vidas, as suspeições que diariamente vivem nossos jovens negros, gente! Haja contas de rosário para desfiar o quanto de racismo já presenciamos e continuamos a presenciar nessa cidade, ele se renova e progride como a elite dessa cidade, ele se reiventa, reconstrói-se, e nos deixa aturdidos. Mesmo assim, a gente caminha, são novos caminhos, novos desafios. Mas temos também uma certeza. Que esses racismos não irão nos excluir da vida cultural dessa cidade, pois, é devagar, é devagarinho, é devagar, é devagarinho, quem caminha com Nossa Senhora nunca fica no caminho, quem caminha com Nossa Senhora nunca fica no caminho³³⁸.

O Congado e a congada são práticas culturais mais eficazes para se pensar o processo histórico do racismo na cidade. Por se tratar de uma manifestação pública, cuja ocorrência vem desde os tempos escravistas, essa cultura atravessa um século e meio em permanente luta para fazer-se tradição dentro de uma sociedade organicamente racista. As experiências e vivências de racismos são inerentes às pessoas que nascem, crescem e continuam a fazer parte dessa prática cultural afro-brasileira.

³³⁸ Antônia Aparecida Rosa. **Sobre a mudança de endereço do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário.** Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, pedagoga, gestora pública. Depoimento obtido em 03/02/2018.

Dessa forma, como o racismo permanece, é necessário igualmente de outro lado, produzir táticas de enfrentamento, para que a exclusão cultural e social dos congadeiros (as), não se concretize. Mesmo que esteja essa pesquisa imbuída de uma análise com viés local, isso não impede que possa-se, ainda que circunstanciadamente, pensar esse assunto em um contexto mais amplo. É possível lembrar, inclusive, o que já dizia o historiador americano Warren Dean, ao tratar do tema da escravidão a partir de um lugar interiorano, no estado de São Paulo, a cidade de Rio Claro, região do Oeste Paulista.

O pesquisador evidenciava que por razões pragmáticas, alguns “historiadores brasileiros muitas vezes decidiram basear seus estudos em um município, obtendo assim, um sentido de inter-relacionamento, de detalhes, de percepções e de motivos que se diluiriam e desapareceriam em contextos mais amplos³³⁹”. Reafirma-se que no caso específico dessa pesquisa, muitos dos elementos já teriam sido esquecidos ou apagados, não fosse por essa opção, em trabalhar com a história local.

As realidades vivenciadas por Antônia Aparecida Rosa, seus pais, seus avós, bem como o conjunto de seus familiares e congadeiros (as), não são diferentes daqueles que acontecem e continuam presentes Brasil afora. Por isso, a opção de trabalhar com essa permanência racista na perspectiva local, compreendendo entretanto, de sua ocorrência nacional. Os modos de enfrentamentos é que são diferentes, tem muito a ver com o processo histórico, com as relações de poder, com as condições de lugar, conforme várias vezes dito.

Outra diferenciação a se destacar em se tratando do grupo Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, é de como Antônia Aparecida Rosa, conseguiu após a morte de sua mãe (ocorrida em 2007), rearticular o grupo, impregná-lo de outros elementos não só necessariamente congadeiros, e sim, na perspectiva de manutenção histórica do grupo, um dos primeiros da cidade que continua em atividade. Seus projetos socioculturais, como a *Congalinhada* do Marinheiro, com mais de uma década de realização, é o retrato dessa nova constituição cultural que a partir de seu exemplo, expandiu-se e passou a fazer parte da agenda da maioria dos grupos de Congada da cidade.

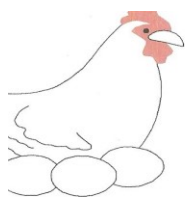
Importante destacar finalmente, que sequer o deslocamento de seu lugar cultural, no qual o grupo estava enraizado desde os fins da década de 1970, na parte conhecida como início do bairro Santa Mônica, próximo a Universidade Federal de Uberlândia e a Prefeitura;

³³⁹ WARREN, Dean. **Rio Claro**: um sistema brasileiro de lavoura. 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 14.

sequer essa saída, involuntariamente forçada por pressões sociais e de natureza imobiliárias, foi motivação para que existisse uma renúncia da tradição. O Congo, foi junto com Antônia Aparecida Rosa, habitar outra residência, situada no mesmo bairro e conseqüentemente, enfrentar novos desafios, para continuar resistindo à permanência do racismo, tendo como argumentações fundamentais de lutas, a história, a memória, a cultura, a tradição de ancestralidade proveniente de seus antepassados.

São quatro décadas de persistências, Antônia Aparecida Rosa, foi bandeirola, madrinha da bandeira e há mais de dez anos, Capitã e Presidente do grupo. O evento criado em 2005, a *Congalinhada* do Marinheiro, é o reflexo da vitalidade dessa cultura afro-brasileira, e sua capacidade de reinventar-se continuamente, fazendo com que uma atividade sociocultural tornasse-se ao longo de mais de uma década, em um movimento cultural representativo da força do Congado e da Congada na cidade de Uberlândia.

Imagem 24 – Primeiro evento da Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, 2005.



CONGALINHADA

Data: 17/07/2005

Local: Rua Alberto Alves Cabral nº 1011 - Antiga Rua 18.
Bairro Santa Mônica. Sede do Terno: ***Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário.***

Horário: À partir das 12 horas.

- ***Realização:*** Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário.
- ***Participação:*** Grupo Fascinasamba.
- ***Exposições:*** fotos e vestimentas.

AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 25 - Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, ano de 2018³⁴⁰.

XII CONGALINHADA
Marinheiro De Nossa Senhora Do Rosário
História, Memória e Cultura.

Convidamos todos para passar
um dia maravilhoso,
junto com Marinheiro N.S.R.

29.Abril-12h

Av: Marcos Borges Miranda-717
Santa Mônica

Fonte: Antônia Aparecida Rosa. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

³⁴⁰ Acompanhamos a trajetória do evento *Congalinhada* do Marinheiro, desde o seu início, no ano de 2005. Percebemos o quanto nesses 13 anos de atividades, essa tática de vivência cultural solidificou-se no cotidiano dos grupos de Congado de Uberlândia. Elencamos para efeito de registro, as participações de diversas modalidades de grupos culturais e outras ações ocorridas nesses eventos: rodas de capoeira; musical de MPB com Dona Caçula; grupos periféricos de Dança de Rua; movimentos negros de HIP HOP e RAP; palestras com viés histórico, cultural e sobre preconceitos, discriminações raciais em Uberlândia e no Brasil; empoderamento da juventude e das mulheres negras; questões de gênero, sexualidades, violências domésticas; tranças de cabelos afros; atividades lúdicas com as crianças congadeiras; apresentações artístico-culturais e Dança de Trança de Fitas; contações de histórias em rodas de conversas; exposições fotográficas e de audiovisuais com temáticas afro-raciais; exposições e vendas de objetos étnicos, de turbantes a vários outros tipos de acessórios afros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil falar em conclusão de um trabalho a envolver tradição, história, memória, identidades e cultura, elementos esses que estão em constante movimento, Porém, por dever de ofício, alguns dados concernentes a esse contexto são possíveis de ser documentados de modo conclusivo. Em um primeiro instante é preciso considerar que a cidade de Uberlândia guarda historicamente um passado racista que o tempo todo parece suscitar sua presença. Quer-se com isso dizer, que há em relação à festa da Congada e ao Congado, um passado não resolvido, uma presença racista que pressiona o presente e cada vez que esse passado é acessado, novas possibilidades de interpretações vão surgindo, à desvelar o que há tempos permanecia silenciado.

Esse silenciamento está inevitavelmente impregnado de um processo histórico que caminha junto com a cidade desde a época da escravidão. Entre o passado escravista de (1885 – 1888), são identificados mais de cem casamentos de negros escravizados, em que aparecem seus padrinhos nos livros de tombos (registros) da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião do Uberabinha. Só que esses padrinhos, eram simplesmente os seus senhores. De tudo isso resulta outra constatação, a de que a história que se pretende ser oficial, negou ou omitiu a presença dos “senhores de escravos” na cidade de Uberlândia. Fala-se constantemente do desenvolvimento, do progresso, da cidade que surge com a visão de futuro e ao mesmo tempo, eis que na realidade, as famílias tradicionais e seus ascendentes familiares, eram em sua maioria, donos de escravizados.

Como é que se verifica isso? Justamente nos registros, nos quais constam os padrinhos com seus nomes, uma, vez, que por ser os senhores dos negros escravizados, eram esses senhores que avalizavam essas relações matrimoniais. Os sobrenomes das referidas famílias, são as mesmas que são consideradas as fundadoras da cidade, conforme consta nesses registros que se encontram nos arquivos da Catedral de Santa Terezinha, compilados pelo memorialista Antônio Pereira da Silva³⁴¹. A confirmação dessas famílias escravocratas dá-se tanto no período citado, de escravidão, quanto à posteriori, quando vários casamentos continuam sendo referenciados como do “fulano de tal, ex-escravo do senhor tal; que foi escravo do Senhor tal”. A naturalização dessas relações tornaram de igual modo natural, o racismo, o preconceito e a discriminação racial na cidade de Uberlândia.

³⁴¹ SILVA, Antonio Pereira da. **As histórias de Uberlândia**. Vol. 1. Uberlândia: S.Ed., p. 164-188.

Essas conexões racistas, desde a época da escravidão, avançam por décadas afora e são igualmente identificadas pelo historiador Luís Carlos do Carmo em seu texto dissertativo “Função de Preto” (1940-1960). É do autor, por exemplo, a seguinte constatação: “um aspecto importante da dinâmica social, na cidade de Uberlândia da época (...), é a prática diária da discriminação racial para com a população negra local, e seus vários e complexos aspectos³⁴²”. Nesses aspectos intrincados, existem os que envolvem a manifestação cultural e religiosa da Congada e o cotidiano social do Congado, pontos de partida que foram para pensar-se sobre a latência do racismo imbricado, incrustado, na sociedade sobretudo elitista, e, de como essa permanência racista está embrionária em relação à prática cultural produzida e vivenciada em amplo alcance, pelos atores sociais e negros congadeiros (as).

Importante abrir porém, um parêntese para demonstrar que essas permanências e latências racistas fazem parte do contexto brasileiro desde os tempos de escravidão, e solidificou-se no período pós-abolição. Vale ressaltar, a título de exemplificações, essas persistências em várias regiões, conforme pode-se inferir por meio de vários textos,³⁴³ e com maior ênfase, no trabalho do historiador americano Warren Dean, sobre o sistema brasileiro de grandes lavouras e escravidão no estado de São Paulo, no qual, alguns apontamentos interessa-se mais de perto.

Warren Dean, entende que na realidade “a abolição deflagrou o racismo latente no sistema escravista, mas obscurecido pelo mesmo³⁴⁴”, visto que nas relações escravocratas, o fato do escravizado estar sob certa forma de subjugação idêntica à de propriedade, e logicamente circunscrito à lugares controlados, não era evidenciado quanto o foi, esse racismo, quando ficam libertos e passam a transitar por outros lugares sociais. Nesse aspecto, o que esse autor americano presencia no oeste paulista, estado de São Paulo nessa época pós-abolicionismo, vai ocorrer por exemplo, em Uberlândia em pleno século XX. Veja-se seu relato sobre a segregação na cidade de Rio Claro, principalmente:

³⁴² CARMO, Luís Carlos do. **Função de preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960**. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica - PUC/São Paulo, 2000, p. 142.

³⁴³ Cf. SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006; LOTT, Wanessa Pires. **Tem festa de negro na República branca: o Reinado em Belo Horizonte na Primeira República**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2017, 284f; SILVA, Paulo Sérgio Moreira da; CASTRO, Marcelo José de. Comércio de escravos em São Francisco das Chagas do Campo Grande (1876-1881). In. Negros do Alto do Querosene: resistência e sociabilidade - Rio Paranaíba-MG. [Região do Alto Paranaíba-MG]. **Revista Perquirere**. Patos de Minas, 14(3):18-33, set./dez. 2017. Centro Universitário de Patos de Minas, 2017, p. 20-23.

³⁴⁴ DEAN, Warren. **Rio Claro: um sistema brasileiro de lavoura. 1820-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 [1976], p. 148.

As pessoas de cor não podiam participar do footing na praça e de outros eventos sociais. Ainda que eles, tivessem sua própria irmandade, banda e clubes sociais, a exclusão por meio sub-reptícios das agremiações dos brancos só teve lugar depois da abolição e teve o efeito de bloquear-lhes o acesso às principais vias de mobilidade social³⁴⁵.

Warren Dean – faleceu em 1994 – ao que parece, é um autor quase que desconhecido no Brasil, quando se trata de historiografia da escravidão, embora sua pesquisa seja de relevância para a compreensão das relações escravistas na região de Rio Claro e outros municípios adjacentes. Bastante citado em relação aos seus estudos com ecologia e meio ambiente, é contudo um autor ausente nas discussões sobre temáticas raciais. Esse ocultamento deve-se em grande parte, é possível afirmar, tanto pela sua posição crítica a respeito das elites tradicionais, como em outra vertente política, por ter sido um contumaz crítico da ditadura militar e conseqüentemente do apoio estadunidense a esse autoritarismo brasileiro, quando o autor esteve em pesquisa de campo, no Estado de São Paulo, na década de 1960.

Faz-se portanto necessário recuperar um pouco desse processo histórico, no sentido de perceber o quanto essas questões raciais do passado continuam atuantes no presente, de tal modo que a “história precisa ser reescrita a cada geração, porque embora o passado não muda, o presente se modifica; cada geração formula novas perguntas ao passado e encontra novas áreas de simpatia à medida que revive distintos aspectos das experiências de suas predecessoras³⁴⁶”, conforme diz o historiador Christopher Hill, ao refletir sobre essa necessidade de reescrever a história.

Esse é um pressuposto que coaduna com as interlocuções voltadas para a necessidade imperiosa de reconstituir determinados cenários de um passado recente, e com isso, trazer à lume, a permanência racista que percorre grande parte desse texto, para cujo entendimento é importante, um retorno a outros autores que em diferentes temporalidades, reconheceram a existência das discriminações raciais na cidade de Uberlândia, não com o foco específico a partir da manifestação cultural e religiosa da Congada na cidade.

Toda reatualização de passado ocorre no presente, por isso, é de suma relevância as abordagens realizadas pelo historiador Newton Dângelo, que, sob outro ângulo de percepção, detecta de igual forma, esse processo histórico do racismo na cidade, desde os tempos em que a “elite uberabinhense”, destilava por meio de jornais e revistas, o preconceito explícito contra

³⁴⁵ DEAN, op. cit., p. 149.

³⁴⁶ HILL, op. cit., p 32.

os negros, de maneira mais acentuada. A leitura de Newton Dângelo, possibilita compreender o quanto essa referida elite, conseguiu reatualizar dinamicamente através das décadas, a sua forma discriminatória de atuar, quando o referencial de suas convicções racistas, era e (é), a população negra local e da Congada, principalmente.

Seus apontamentos iniciais refletem o quanto a literatura de época estava impregnada de preconceitos, evidenciados em matérias jornalísticas, em que a população negra era retratada de forma pejorativa: “A negrada faz roda nos passeios e as senhoras, si quizerem passar, têm que desviar descendo o passeio ou sujeitar-se ao perfume, roçando numa ou noutro jaratataico. (...). A questão não é da côr, mas da qualidade do odor: um cheiroso³⁴⁷”. Ao associar os negros(as) ao forte odor que é emitido pelo animal Jaratataca, essa “elite uberabinhense” escancarava publicamente, os seus naturais preconceitos contra as “gente de côr”. São atos racistas revividos, toda vez que o negro entra em cena, quer seja por meio da religião, da cultura ou do convívio social.

Nessa sequência remissiva, Newton Dângelo apresenta outra faceta da “elite uberabinhense”, ao problematizar uma matéria publicada em uma revista local, bastante conhecida como, *Uberlândia Ilustrada*.

Em matéria especial intitulada “O Negro de Uberlândia-1818/1956, da revista *Uberlândia Ilustrada*, notamos a forma de tratamento reservada a esta religiosidade negra. Com o subtítulo: “Primeiros escravista – fazendas e Senzalas – Expressão de Elementos Negros civilizados na vida social da cidade”, a avaliação do passado da cultura negra era integrada à mesma idealização de uma cidade feita por algumas personalidades, neste caso fazendeiros e escravistas, e que promoveram, segundo esta lógica, as condições sociais para que, assimilado à vida urbana, o ex-escravo tivesse acesso à civilização e ao trabalho³⁴⁸.

As ponderações do historiador Newton Dângelo, expressam de outra maneira e por outro veículo social de comunicação, o que era característico das “elites uberabinhenses”, conforme visto no segundo capítulo, ao verificar-se os modos preconceituosos, higiênicos e tentativas de fazer com que os negros congadeiros comportassem-se como cidadãos ordeiros da ordem, da fé e da civilidade. Para fazer jus a viver entre os “homens de bem”, os negros que assim se comportassem, em seus lugares separados, eram reconhecidos como “figuras que se [destacavam] na vida social, por terem apreendido os hábitos da cultura branca³⁴⁹”.

³⁴⁷ DÂNGELO, Newton. **Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio**: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana. Uberlândia – 1900-1940. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 78. Extraído do texto “Lê com Lê, Crê com Crê”, do Periódico, O BINÓCULO, de 16/04/1916.

³⁴⁸ DÂNGELO, op. cit., p.75.

³⁴⁹ DÂNGELO, op. cit., p.76.

Retomar minimamente que seja, esse debate historiográfico local, é de suma importância. São diálogos propícios que contribuem sobremaneira para aquilo que foi proposto desde a introdução, cujo ponto central é pensar sobre resistência negra, racismo, memórias, identidades e vivências, quando o assunto em pauta é especialmente a Congada.

É a Congada que faz reviver na elite uberlandense, a herdeira da “elite uberabinhense”, o racismo que por vezes fica adormecido durante uma parte do ano, mas, que ressurge com toda força, internalizada por meio de diferentes modos de agir, através de atitudes que só aqueles que sofrem constantemente podem dizer, pois, o simples fato de não vir a público, não significa a inexistência delas, mesmo porque, os discriminadores atuais, também criam suas táticas, mantendo-se nas invisibilidades, quer seja das redes sociais, ou de argumentações preconceituosas, sem a possibilidade de registros diretos dessas fontes racistas. Contudo, compreende-se que o historiador de ofício, que lida com essas complexidades, precisa estar atento a essas novas dinâmicas de ler o mundo à sua volta.

Dito isso, aponta-se para outros dois marcos que entrecruzam-se em temporalidades distintas, sob o olhar atento de duas pesquisadoras, sendo, Marlyse Meyer³⁵⁰ na década de 1980 e Izis Mueller³⁵¹ no ano de 2017. Ambas, anotaram as suas impressões sobre a festa da Congada de Uberlândia, e, embora distantes temporariamente, a invisibilidade, a presença negra no centro da cidade, o racismo, o preconceito, são perceptíveis em suas análises. Marlyse Meyer confessa de modo autoral o seguinte:

Encontrei-me lá por acaso, ou seja, convidada para dar um curso na universidade [UFU]. No dia da minha chegada, ao entrar no hotel, vi congueiros passando; obviamente acompanhantes e pude assistir à festa toda. Foram dias estonteantes, entre os cursos e atrás dos ternos, acompanhando-os pelas ruas. Fazendo amizade, participando das refeições nos quartéis, olhando-os na praça. As deambulações pela cidade oferecem bom exemplo do modo como se apropriam do espaço³⁵².

É possível que esse primeiro encontro tenha despertado na Professora palestrante àquela época – finais da década de 1980 – um encontro cultural inusitado, interessante, que ela gostaria de compartilhar por meio de texto, por isso, estar registrada nessa primeira

³⁵⁰ MEYER, Marlyse. Neste Mês do Rosário: indagações sobre congos e congadas. **Festas, ritos, celebrações**. Projeto História: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 28, jan-jun/04. São Paulo: EDUC, 2004.

³⁵¹ MUELLER, Izis Guimarães. A Congada resiste. Reflexões sobre a Festa da Congada na cidade de Uberlândia-MG. **Anais do V Seminário Internacional do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais: XX anos do Curso de Ciências Sociais-UFU**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017, p. 57-72.

³⁵² MEYER, Marlyse. Neste Mês do Rosário: indagações sobre congos e congadas. **Festas, ritos, celebrações**. Projeto História: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 28, jan-jun/04. São Paulo: EDUC, 2004, p. 404.

citação, a publicação sobre o impacto que a festa da Congada de Uberlândia causou em si, naquele elementar instante. Não contente com a festividade em si, a professora resolve ir além e conhecer um pouco mais dos meandros e nuances da manifestação, e ao que parece, surpreendida, faz a seguinte observação, sobre o choque cultural presenciado: “paradoxal invisibilidade da festa para o conjunto dos habitantes dessa mesma cidade (...), de modo geral a festa é ignorada pelo conjunto branco da população³⁵³”.

O que a pesquisadora apontava naquele momento, é o que parte expressiva da população negra e congadeira vivencia em seu cotidiano e fortemente nos tempos de festejos no centro da cidade. A sua invisibilidade recorrente tem a ver com a marca da presença racista e de um passado que talvez lembre a essa elite preconceituosa a sua própria história escravista

É por isso salutar trazer aqui, nessas considerações finais, a experiência etnográfica da historiadora Izis Mueller, no sentido de pensar-se como dois discursos produzidos em um hiato de três décadas, aparentam semelhanças surpreendentes, ao tratar do mesmo tema; a festa da Congada e a religiosidade negra no centro da cidade de Uberlândia. Veja-se inicialmente, as impressões de Izis Mueller sobre o seu primeiro encontro com essa festividade e o choque cultural vivenciado, por ter a possibilidade de presenciar dois eventos acontecendo no mesmo dia.

Saindo da casa em que moro, no bairro Aparecida, em direção a praça do Rosário, cruzei a Sérgio Pacheco, a maior praça de Uberlândia, onde estava acontecendo parte da programação do Festival Timbre de Música. A Sérgio Pacheco estava lotada, parecia um mar branco, de tanta gente. Segui minha caminhada e à medida que ia me aproximando da praça do Rosário a paisagem se alterava, de repente era a presença da população negra que predominava. Pareceu-me que estava em outra cidade³⁵⁴.

O estranhamento que acontece com Izis Mueller, ao deparar-se com duas festas em que corpos negros e brancos encontram-se espacialmente separados, é consequência de duas cidades que não se abraçam, pois, é centenária a festa da Congada, e, mesmo assim, marca-se outro evento com grande chamamento público, para o mesmo dia e mesmo horário, entretanto, causou impacto ao olhar da historiadora, por essa ser de fora, estrangeira, e talvez não compreender a dinâmica e funcionamento social da cidade; daí porque consegue perceber uma cidade branca e uma cidade negra, ocupando lugares públicos diferenciados. Quando os Congadeiros (as) e seus acompanhantes tomam o centro da cidade, o cenário frio de cimento e

³⁵³ MEYER, loc. cit.

³⁵⁴ MUELLER, Izis Guimarães. A Congada resiste. Reflexões sobre a Festa da Congada na cidade de Uberlândia-MG. **Anais do V Seminário Internacional do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais: XX anos do Curso de Ciências Sociais-UFU.** Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017, p. 59.

de asfalto modifica-se, ao mesmo tempo em que olhares surpresos despertam para uma realidade que permanece oculta, a de que existe uma população negra na cidade.

Com a Congada pude finalmente ver aqui nas terras mineiras outras belezas, outras cores, outros modos de vestir, de arrumar os cabelos, de dançar, distintos da estética hegemônica padrão. Durante o restante do ano, onde ficam escondidos tantos negros e negras? Na periferia? Nos postos de trabalho? No interior das casas³⁵⁵?

As perguntas de Izis Mueller, podem ser interpretadas não como hipóteses, e sim, como evidências. Os Congadeiros (as) estão na cidade e vivenciam práticas cotidianas de racismo em todos os lugares, essa é a razão pela qual defende-se que a Congada e o Congado são elementos possibilitadores para se conhecer a permanência racista e seus modos discriminatórios e preconceituosos, tão antigos quanto a chegada dos primeiros fazendeiros escravistas, “fundadores da cidade”. Quanto às evidências da presença desses negros e negras na cidade, um panorama sintético, revela por onde eles andam e de como lidam com o racismo, preconceito e discriminação, existentes em Uberlândia.

Na escola, a criança diz que é da Congada Marinheiro e os coleguinhas, na hora do recreio, chamam-na de “macumbeirinha”; no supermercado, o jovem chega atrasado na segunda feira, e é demitido, com a desculpa construída pela chefia, de que ele só “pensa nessa coisa de congo³⁵⁶”; na Igreja, o moçambiqueiro é convidado a participar ativamente das celebrações litúrgicas, podendo até tornar-se um sacristão, mas desde que “não fique falando dessa coisa de congo, que a Igreja é a casa de Deus³⁵⁷”; um professor de universidade pública (UFU), liga à Prefeitura Municipal, solicitando medidas urgentes, “contra uns negros desocupados que batem tambor à noite e não dá sossego a ninguém no bairro Saraiva³⁵⁸”.

Acrescente-se a toda essa questão preconceituosa, a cidadã que faz uso de suas relações diretas com poder público, produz fotografias, liga para a polícia, na tentativa de acabar com os ensaios de um grupo de Congado no bairro Santa Mônica; e a congadeira de Moçambique, jornalista, *promoter* de evento, empresária, que em uma unidade de saúde, é diretamente arguida por uma enfermeira: “– Olá, você faz faxina? Mora aqui perto no bairro Tibery? Estou precisando de uma faxineira³⁵⁹”. Quer-se com isso assinalar, que os congadeiros (as) sabem o que é racismo em sua vigência máxima, para além da festa da

³⁵⁵ MUELLER, op. cit., p. 65.

³⁵⁶ M.G. Congadeira (5)

³⁵⁷ R.A. Congadeiro (6)

³⁵⁸ C.S.S. (Depoimento, Funcionário Público, 2009).

³⁵⁹ P.I.S. Congadeira (7).

Congada, realizada no mês de outubro. Em outro campo de luta constante, as relações de poder, permeiam a vida dos congadeiros (as) o ano inteiro, por isso, continuamente, são tratados como gente que incomoda.

A higienização do centro da cidade, repercute toda vez que se aproxima a festa da Congada. Há eventos no entanto, durante todo o ano, todos os finais de semana, que causam perturbação aos moradores e não são tratados da mesma forma. Não é possível afirmar que esse olhar distinto possa ser em consequência dos frequentadores dos bares e boates, jovens e em maioria absoluta, filhos dessa mesma elite cultural preconceituosa. As reclamações contra essa “turma”, às vezes são públicas³⁶⁰, mas no sentido de comportamentos e não de tentativas de acabar com suas festas noturnas, ainda que importunem semanalmente, grande parte dos moradores do hipercentro uberlandense.

Invisibilizar aquilo que assusta talvez seja uma estratégia de defesa, a Congada quebra o ritmo, altera o fluxo natural das coisas, por isso, essa presença, ainda que rapidamente temporária, incomoda muita gente. Se de um lado parece vigorar uma prática de ocultação por meio de dinâmicas isolacionistas e até mesmo desestímulo real de apoio do poder público à manifestação congadeira, de outro, há um fortalecimento dos sentidos de memórias, uma presença cada vez mais ativa dos relações intergeracionais das tradições e a constituição das táticas de sobrevivências culturais cotidianas.

É da natureza do Congo, a ocupação de espaços. É por essa razão da mesma forma, o entendimento de que o racismo se constrói, realimenta-se, espacialmente, culturalmente, socialmente e, inclusive, religiosamente. Isso torna imperioso a necessidade de continuar essas problematizações, é um assunto que não se esgota facilmente, uma vez que seus atores sociais, produtores dessa cultura da Congada e do Congado, reagem às imposições sofridas e resistem às relações de poder, instituindo táticas de vivências culturais cotidianas.

A festa da Congada e o Congado são práticas afro-brasileiras, é presença negra, é vida cotidiana que suscita nas elites da cidade, o racismo permeado de preconceitos que são historicamente atualizados e assumem diversas representações. Em consequência disso, procurou-se construir nesse trabalho, uma abordagem que possibilitasse o aprofundamento dessas questões, e, primordialmente, da permanência racista como objeto de enfrentamento, sobretudo a partir de um olhar historiográfico.

³⁶⁰ Cf. Jornal Diário de Uberlândia. **Barulho tira sossego no Centro**: moradores de condomínios convivem com som alto vindo de carros, bares e algazarras nos fins de semana. <http://diariodeuberlandia.com.br/noticia/15762/barulho-tira-sossego-no-centro>. Acesso em 25/02/2018.

Na realidade, trata-se de uma temática difícil de ser problematizada na cidade, tendo em vista que existe uma forma de silenciamento, uma negação de que aqui também houve escravidão, houve escravizados e houve famílias tradicionais escravocratas, o cerne de uma permanência racista que perdura até no século XXI. No entanto, quanto mais o racismo aflora, mais a resistência negra cria meios e táticas de enfrentá-lo e manter a cultura do Congado e da Congada permanentemente viva no hipercentro de Uberlândia e nos diversos lugares em que os grupos continuam sobrevivendo, mesmo diante de todos os tipos de dificuldades.

Ainda que em grande medida, certos setores da sociedade elitista neguem suas existências, eles, os congadeiros, insistem em dizer que não vivem “só a bater tambor”, que o Congado é parte inerente de suas vidas. E essas vidas devem ser reconhecidas no cotidiano da cidade, na história da cidade, são homens, mulheres, crianças, são dançantes, são simpatizantes, são uberlandenses, são milhares de pessoas e centenas de famílias, espalhadas pelos quatro cantos de Uberlândia.

6. Fontes de suporte a pesquisa

6.1 Referências das imagens

Imagem 1- **Milton Ferreira - o embaixador do Congo, década de 1960.** Fotografia JPEG, p&b, dimensão: 2736 x 4864, tamanho: 1,72 MB. Fonte: Darle Elizabeth Ferreira. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2017.

Imagem 2- **Leônidas Costa, de faixa preta cruzada no corpo, década de 1950.** Fotografia JPEG, p&b, dimensão: 697 x 865, tamanho: 1,39KB. Darle Elizabeth Ferreira AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2017.

Imagem 3- **Capitã de Moçambique em ritual de fechamento de espaço na Praça do Rosário.** Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **2162 x 1659, tamanho: 931KB.** Fonte: Welton Neves. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2008.

Imagem 4- **Capitão do Moçambique de Angola de Uberlândia em seu traje ritual.** Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **476 x 840, tamanho: 178KB.** Fonte: Beatrice Queiroz. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2008.

Imagem 5 - **Alferes portador da bandeira do Congo Camisa Verde de Uberlândia, década de 1950.** Fotografia JPEG, p&b, dimensão: 676 x 959, tamanho: 125KB. Fonte: Rubens Assunção. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2008.

Imagem 6 - **Catupé Nossa Senhora do Rosário do Bairro Martins, década de 1970.** Em Frente ao Cantuã Dona Irene Rosa (Tenda Coração de Jesus, no Bairro Martins). Fotografia JPEG, p&b, dimensão: 638 x 489, tamanho: 112KB. Fonte: Maria Irene Arantes. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2008.

Imagem 7 - **Nossa Senhora da Aparecida, escultura pintada de branco.** Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **1244 x 1425, tamanho: 414KB.** Fonte: **Jeremias Brasileiro.** AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2018.

Imagem 8 - **Nova Igreja do Rosário de Uberlândia em construção, 1929.** Fotografia JPEG, p&b, dimensão: 1790 x 1126, tamanho: 344KB. Fonte: Francisco Casseiro. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2012.

Imagem 9 - **Igreja do Rosário de Uberlândia, década de 1930.** Fotografia JPEG, p&b, dimensão: 778 x 474, tamanho: 108KB. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Imagem digitalizada por E. Antunes Medeiros.

Imagem 10 - **Igreja do Rosário de Uberlândia, década de 1930 ou 1940.** Fotografia JPEG, p&b, dimensão: 1911 x 1124, tamanho: 0,99MB. Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Imagem digitalizada por E. Antunes Medeiros.

Imagem 11 - **Novena e festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 2015.** Divulgação da Diocese (catedral do rosário sagrada família) por meio da Faculdade Católica

de Uberlândia. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **2334 x 1667**, tamanho: **1.15MB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2015.

Imagem 12 - **Festa da Congada de Uberlândia, 2015**. Divulgação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **2334 x 1666**, tamanho: **1.45MB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2015.

Imagem 13 - **Atrações musicais, sertanejas, MPB e forró na Praça do Rosário de Uberlândia, 2012**. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **1637 x 1173**, tamanho: **517KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2012.

Imagem 14 - **Grupo Nossa Senhora do Rosário Catupé, década de 1970**. Fotografia JPEG, p&b, dimensão: 2199 x 1702, tamanho: 562KB. Fonte: Maria Irene, Tenda Coração de Jesus. Bairro Martins, Uberlândia, década de 1970. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2008.

Imagem 15 - **Grupo Nossa Senhora do Rosário Catupé, 2009**. Local: Avenida Floriano Peixoto, Uberlândia. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **943 x 649**, tamanho: **199KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2009.

Imagem 16 - Caixaria do grupo Marujos Azul de Maio, 2011. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **2738 x 2298**, tamanho: **832KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2011.

Imagem 17 - **Festa junina**. Atividades socioculturais dos grupos de Congado de Uberlândia, 2017. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **960 x 951**, tamanho: **213KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2017.

Imagem 18 - **Crianças e reza do terço**. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **755 x 522**, tamanho: **136KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2017.

Imagem 19 - **Adultos em oração**. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **960 x 540**, tamanho: **140KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2017.

Imagem 20 - **O menino e o repilique**. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **756 x 879**, tamanho: **136KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2017.

Imagem 21- **Prendas para o leilão**. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **736 x 677**, tamanho: **124KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2017.

Imagem 22 - **Meninas no quintal do Marinheiro de São Benedito**. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: **929 x 544**, tamanho: **168KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2017.

Imagem 23 - **Atividade cultural do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário no ano de 2011**. Fotografia JPEG, p&b., dimensão: **1531x1841**, tamanho: **837KB**. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Imagem 24 - **Primeiro evento da Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, 2005**. Fotografia JPEG, color digital, dimensão: 2084 x 1203, tamanho: 271KB. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2005.

Imagem 25 - **Congalinhada do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, ano de 2018.** Fotografia JPEG, color digital, dimensão: 1024 x 1024, **tamanho: 347KB.** Fonte: Antônia Aparecida Rosa. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia (MG), 2018.

6.2 Depoimentos, entrevistas, testemunhos.

Antônia Aparecida Rosa. **Princesa Isabel de Uberlândia entra na Igreja do Rosário.** Presidente do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário e Pedagoga aposentada, especialista em Educação Infantil. Depoimento obtido em 09/07/2017.

Antônia Aparecida Rosa. **Presidente do Grupo Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário.** Depoimento, 22/07/2011.

Beatrice Queiroz. **Princesa Isabel de Uberlândia entra na Igreja do Rosário.** Responsável pelo Moçambique de Angola de Uberlândia. Depoimento obtido em 09/07/2017.

Carlos Abel. **Empresário e gestor público** (Funcionário da Secretaria Municipal de Cultura), 55 anos. Depoimento, 28/12/2016.

Carlos Souza. **Falta de diálogo entre congadeiros e organizadores das barracas.** Depoimento obtido em 12/12/2016, sobre acontecimento de 28 de setembro de 2012.

Cláudio Eduardo Rodrigues. **Emancipação da comunidade negra congadeira de Uberlândia.** Palestra realizada durante a realização do evento: I Colóquio dos Congadeiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. O referido evento fez parte das atividades de encerramento do curso: **Patrimônio Cultural e Imaterial em debate.** Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Artes, em 27/10/2017.

Cristiane Oliveira. **Capitã do Moçambique Guardiões de São Benedito.** Depoimento obtido em maio de 2018. Uberlândia-MG.

Cristiane Oliveira. **Capitã do Moçambique Guardiões de São Benedito.** Depoimento obtido em julho de 2017.

Cristiane Oliveira. **Capitã do Moçambique Guardiões de São Benedito.** Depoimento obtido em 21 de maio de 2017, sobre evento ocorrido em 28 de setembro de 2012.

Daniel Araújo. **Cine-afro educativo na comunidade.** Presidente do Moçambique Quilombo dos Palmares. O grupo aguardou aproximadamente dez anos para compor a estrutura institucional da Irmandade do Rosário de Uberlândia. Depoimento obtido em 09/10/2017.

Darle Elizabeth Ferreira. **Memórias e esquecimentos.** Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Deny Nascimento. **Presidente da Irmandade do Rosário.** Entrevista realizada em 10/11/2010. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Dijefferson Luiz. **Capitão do Moçambique de Angola.** Depoimento obtido em 08/07/2018.

Edilamar Ferreira Lopes. **Ex-Congadeira, era madrinha de Bandeira de Grupo do Moçambique, na década de 1960.** Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Enilson Pereira. **Capitão Presidente do Catupé Azul e Rosa.** Depoimento obtido em 18/01/2017.

Enilson Pereira. Entrevista realizada em 10/11//2009. **Congado em Uberlândia e os fazeres cotidianos dos grupos antes do início da festa.** ARANY, Clarissa; BRASILEIRO, Jeremias; DIAS, Paulo; {et alia}. Suporte em Mídia Digital e DVD/Vídeo, som, color, 60' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Enilson Pereira. Capitão do Catupé Azul e Rosa. Depoimento, 23/06/2007.

Eunice de Souza Cruz; Marlene de Fátima Gonçalves; João Rodrigues. **Festa em Patrimônio: sombra nos edifícios.** Documentário. 50m. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Francisco Cassemiro. **Sobre a festa de São Benedito no Bairro Martins.** Depoimento obtido em 05/10/2010.

Geraldo Miguel (Charqueada). **Ex- Capitão do Moçambique Pena Branca,** faleceu em 2007. Depoimento obtido em novembro de 2001.

Geraldo Cândido Ananias. **Ex-congadeiro e Comandante Geral da Festa da Congada de Uberlândia, faleceu no ano de 2005.** Gravação com suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 5' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais, 10/10/2004. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Geraldo Cândido Ananias (Tio Cândido). **Ex-Comandante da festa da Congada de Uberlândia,** faleceu em 2005. Depoimento obtido em 2003.

Isarlei Gelminda, 71 anos. **Sobre a construção da Igreja do Rosário de Uberlândia.** Depoimento obtido em 02 de junho de 2018.

João Batista. **Músico, congadeiro, aposentado,** 60 anos. Depoimento,19/07/2013.

João Rodrigues. **Componente da Velha Guarda da Escola de Samba Tabajara.** Depoimento obtido em 10/05/2018.

João Rodrigues. Mestre Bolinho, dançador de Moçambique. Entrevista realizada em 11/03/2006.

João Rodrigues. Dançador de grupo de Congado, morador do Bairro Patrimônio, membro da Folia de Reis Pena Branca e componente da Velha Guarda da Escola de Samba Tabajara. **Festa em Patrimônio: sombra nos edifícios.** Documentário. 50m. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

José Alves Garcia. Capitão do Congo Sainha de Uberlândia. Conhecido como Zezé do cavaquinho, faleceu em 2015. Entrevista realizada em maio de 2010.

José Reis Brito Pereira. Discriminação racial em Uberlândia. Depoimento obtido em maio de 2017.

José Rodrigues. Entrevista concedida em 06 de novembro de 2000. **Congadas de Minas Gerais**. BRASILEIRO, Jeremias. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.

Lúcia de Souza Cruz. Componente da Folia de Reis Pena Branca do Bairro Patrimônio, participe do Congado e do Carnaval de Uberlândia. **Festa em Patrimônio**: sombra nos edifícios. Documentário. 50m. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Luís Carlos Miguel. **O Congado e o racismo em Uberlândia**. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Projeto de intervenção urbana como tática e arte-educativa. Encontro com foliões. Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 5' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Luís Carlos Miguel & Valéria Miguel. **Discriminação racial e espacial em Uberlândia**. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Projeto de intervenção urbana como tática e arte-educativa. Encontro com foliões. Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 12' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia - MG.

Luís Carlos Miguel. Ponto de Moçambique. Entrevista para Waltuir Alves, em 10/11/2002. Documentário: **Reis de Contas**. 58m. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Luís Sebastião Ribeiro. **Querer não é poder**. Autor da letra utilizada como “pontos” de contestação. Outubro/2003.

Márcia Assunção. **Entre a fé e o lazer**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Cópia em acervo do pesquisador.

Marcello Sebastiao Augelo. Testemunho obtido em novembro de 2006. Atualmente é padre na Igreja do Bairro Santa Mônica (2017).

Maria Aparecida Sousa. **80 anos, mora no Bairro Saraiva desde o seu nascimento**. Depoimento obtido em 09 de junho de 2018. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Mario Antonio. **Caixeiro do grupo de congado Congo Sainha**. Depoimento, 29/07/2011.

Marlene Arantes. Membro da Tenda de Umbanda Coração de Jesus. Depoimento obtido em 2011.

Marlene de Fátima Gonçalves. Participante da Velha Guarda da Escola de Samba Tabajara, envolvida com Folia de Reis e o Congado. **Festa em Patrimônio**: sombra nos edifícios. Documentário. Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

M.H.Congadeira (2), 61 anos. **Racismo e Congado**. Depoimento obtido em outubro de 2013, durante realização da festa da Congada de Uberlândia.

M.H.Congadeira (2). **Série: Congada - 100 anos de história**. Entrevista editada. TV Integração de Uberlândia, 04/10/2016. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 5' (NTSC). AcervoDigital/Jeremias Brasileiro. Uberlândia-MG.

M.V.Congadeira(1). **Racismo e preconceito social**. Depoimento obtido em 27 de fevereiro de 2017.

Norma Gonçalves Raimundo. **Feitura de Macarronada**. Dona Norma faleceu em Agosto de 2016. Entrevista realizada em 29/09/2013. Uberlândia-MG. Gravação com suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 40' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Ocimar Cândido Ferreira. Entrevista ao Jornal Correio de Uberlândia, 02/09/2007.

Ramon Rodrigues. **Organizador do campeonato de futebol dos grupos de congados**. Entrevista, 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Ramon Rodrigues. **Cantorias de resistência**. Capitão do Moçambique de Belém. Outubro de 2003.

Regis Arantes dos Reis, Ex-sacristão da Capelania da Igreja do Rosário. Entrevista realizada em 08/07/2018. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Rogério Miranda. **Dançador de Congada em Catalão - Goiás**. Entrevista realizada em 25/10/2008.

Rubens Aparecido Assunção. **Entre a fé e o lazer**. JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Rubens Aparecido Assunção. Exposição histórica da Igreja do Rosário, durante reunião da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito em 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Rubens Assunção e Denílson Nascimento. **Em reunião da Irmandade do Rosário sobre os preparativos da festa da Congada do ano de 2011**. 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Rubens Aparecido Assunção. **Em reunião da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia com todos os representantes dos 25 grupos de congados a ela associados**. 22/06/2011. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Rubens Aparecido Assunção. **Coordenador de eventos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.** Entrevista realizada em março de 2010. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Rubens Assunção. **Coral de negros da Igreja do Rosário.** Entrevista realizada em 12 de outubro de 2010. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Salvador Costa. **Um dos moradores mais antigos do Bairro Saraiva, acompanhou a Congada por décadas.** Depoimento obtido em 09/06/2018. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

S.M.Congadeira (3). Depoimento obtido em outubro de 2010, durante realização da festa da Congada de Uberlândia.

Saturnino Rodrigues Neto. **Sobre igreja do rosário e a luta dos congadeiros contra o racismo.** Entrevista realizada em 26/05/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Saturnino Rodrigues Neto. **Luta dos congadeiros para não perder a Igreja do Rosário.** Filho de Manoel Rodrigues (Siricoco), um dos membros da diretoria da Irmandade do Rosário nos anos de 1950. Depoimento obtido em 26/12/2016.

YATINAN. Mametú-ria no Inkissi Yatinan. Depoimento obtido em maio de 2018.

Zuleika Silva Correia, Filha de Leônidas da Costa. Entrevista realizada em 28/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Walter Inácio. **Ex- Zelador da Igreja do Rosário.** Depoimento obtido em 1997.

Carlos Wesley. **Princesa Isabel entra na Igreja do Rosário.** Depoimento obtido em 10/07/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

6.3 Jornais, periódicos, revistas

O BINÓCULO, Periódico de 16/04/1916.

REVISTA – **Triângulo de Minas**. Ano 1, nº 1, março de 1935.

REVISTA - **Uberlândia Ilustrada**, nº 21, junho de 1956.

JORNAL CORREIO. **Mudança do dia da festa causa indignação.** Uberlândia, 06/10/2003.

FERREIRA, Ocimar Cândido. Entrevista ao Jornal Correio de Uberlândia, 02/09/2007.

MONTEIRO, Clarice. **Festa da Congada reúne mais de 20 mil pessoas: trança-fitas e coroação dos santos foram destaques, manifestações folclóricas continuam hoje.** Uberlândia: Jornal Correio, 11/10/2010.

NASCIMENTO, Deny. Entrevista ao Jornal Correio. Uberlândia, 13 de outubro de 2013.

Jornal Diário de Uberlândia. **Barulho tira sossego no Centro:** moradores de condomínios convivem com som alto vindo de carros, bares e algazarras nos fins de semana. <http://diariodeuberlandia.com.br/noticia/15762/barulho-tira-sossego-no-centro>. Acesso em 25/02/2018.

Brasileiro, Jeremias. Festa da Congada, patrimônio cultural. E daí? Mudou o que? **Jornal Diário de Uberlândia**. Disponível também em: <http://diariodeuberlandia.com.br/coluna/1482/festa-da-congada-patrimonio-cultural-e-dai-mudou-o-que>. Acesso, 12/03/2018.

6.4 Documentos, atas, estatutos.

Arquivo Público de Uberaba. **Moçambiques e Congos:** história e tradição em Uberaba. Cadernos de folclore/ Ano I / Nº 2/ Mês – Maio, 1993.

Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. Agosto de 1910. Cópias digitalizadas em acervo do pesquisador.

Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. Outubro de 1931. Cópias digitalizadas em acervo do pesquisador.

Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. 24 de agosto de 1947. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. 18 de abril de 1955. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

Atas da Irmandade do Rosário de Uberlândia. Referentes às datas de 18 de novembro de 1951 e 01 de janeiro de 1952. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. 18 de outubro de 1959 e 08 de novembro de 1959. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. 29 de outubro de 1931. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

Art 3º de documento do Bispado de Uberabinha. São Pedro do Uberabinha, 11 de junho de 1918.

Artigos 3º e 4º do termo de compromisso (estatuto). Irmandade do Rosário, 28 de junho de 1916. Compilados do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

Compromisso (estatuto) da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. 07 de novembro de 1916. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

Dossiê de Registro da Festa da Congada de Uberlândia no livro de celebrações do município. Secretaria Municipal de Cultura, 2008.

DECRETO Nº 17.422, DE 5 DE JANEIRO DE 2018. Aprova o registro do bem cultural de natureza imaterial que especifica no livro de registro dos lugares e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2018.

Estatuto da Irmandade do Rosário. Alínea C, do artigo 4º do 2º Capítulo. Folha 1. Uberlândia, 08 de janeiro de 1963. Compilados do original em 07 de julho de 2003. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

Termo de solicitação de aprovação do Compromisso (estatuto) da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. 28 de junho de 1916. Compilado do original em 07 de julho de 2003. Acervo do pesquisador.

6.5 Fontes acessadas em documentos eletrônicos.

AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em tempos de globalização.** *Mana* [online]. Vol.7, n.2, pp.7-33. Ano de 2001, p. 01. <http://www.scielo.br/pdf/mana/v7n2/a01v07n2.pdf> Disponível em 21/11/2016. Acesso em 30/04/ 2017.

ARROYO, Margarete. **Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical:** um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música. Tese (Doutorado em Artes/Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999, 202f.

BASTONE, Paulo. **Festa de N. S. do Rosário:** tradicional congada dos homens de côr. Correio de Uberlândia: diário independente. Uberlândia, terça-feira, 14 de novembro de 1944. Nº 1545. Fonte: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-de-uberlandia/830470>. Acesso em julho de 2016.

BRASILEIRO, Jeremias. **A artesã de estandartes.** Entrevista ao programa: Uberlândia de ontem e sempre. <http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/a-artesa-de-estandartes/> Disponível em 17/11/2014. Acesso em 24/01/2017.

BASTONE, Paulo. **Festa de N. S. do Rosário:** tradicional congada dos homens de côr. Correio de Uberlândia: diário independente. Uberlândia, terça-feira, 14 de novembro de 1944. Nº 1545. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-de-uberlandia/830470> . Acesso em julho de 2016.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. **Com grande entusiasmo cívico decorreram as festas do 13 de maio desta cidade.** Correio de Uberlândia - diário independente. Uberlândia, 16 de maio de 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-de-uberlandia/830470> . Acesso em julho de 2016.

CORREIO DE UEBRLÂNDIA. **A Igreja e a Praça.** Correio de Uberlândia: diário independente. Uberlândia, 16 de maio de 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-de-uberlandia/830470> . Acesso em julho de 2016.

Ordinário Diocesano na Igreja Católica.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Magist%C3%A9rio_da_Igreja_Cat%C3%B3lica. Disponível em 08/07/2011. Acesso em 06/06/2017.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Historians and their audiences: Challenges to historical knowledge in the digital age*. . **Revista Brasileira de História**, vol. 37, nº 74 , 2017, p. 08. pp. 135-154. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>. Disponível em 27/04/2017. Acesso em 27/06/2017.

PORTAL DE NOTÍCIAS MSN. **Conheça as festas e eventos imperdíveis pelo Brasil em 2018**. Congada – outubro.

<https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/conhe%C3%A7a-as-festas-e-eventos-imperd%C3%ADveis-pelo-brasil-em-2018/ss-AAv1Gbg#image=18>. Disponível em 23/01/2018. Acesso em 23/01/2018.

EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO SMC Nº. 002/2018. Seleção de organização da sociedade civil de Natureza privada sem fins lucrativos com fins Culturais para realização da festa do congado – Ano 2018. Prefeitura Municipal de Uberlândia por meio da Secretaria de Cultura/Diretoria de Igualdade Racial (EX-Superintendência de Igualdade Racial). Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/18568.pdf. Acesso em 12/01/2018.

6.6 Documentos em audiovisuais - recursos imagéticos oriundos de acervo digital

Antônia Aparecida Rosa. **A Periferia e o Centro - Nós na Tela**. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia. Secretaria de Audiovisual. Ministério da Cultura. Associação Brasileira de Canais Comunitários, 2010. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 23' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Dagmar Maria Coelho. **CONGADA**. Depoimento. Dagmar é a responsável pelo Grupo Moçambique do Oriente e esposa (viúva) de José Mendes de Oliveira. Documentário. Direção de Vitor Hugo de Oliveira, 1990. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, p&b, 10' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Denílson Nascimento. **Entrevista sobre repasse de subvenção**. Entrevista concedida a TV Integração de Uberlândia. 05/09/2015. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 5.' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Deny Nascimento. **Sobre a festa da Congada e recursos financeiros**. Assembleia Geral da Irmandade do Rosário de Uberlândia. Auditório da Engenharia Elétrica. Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica. 01/08/2016. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 1.10' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Documentário: **O Reinado Nosso de Cada Ano**. Realização: VLA Studio (2003). Direção: Rodrigo Campos. Apoio: Prefeitura Municipal de ARAÚJOS-MG. Suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 20' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Documentário: **Congado - Festa 13 de maio**: documentário histórico. Produção: Imaginare filmes (2015). Apoio: Prefeitura de Monte Alegre de Minas. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 20' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Documentário: **Congadas em Rio Paranaíba-MG**. Realização: TV Universitária de Uberlândia (2004). Direção Geral: Jeremias Brasileiro. Assistente de produção: Deise Maria. Cinegrafia: César Romero, Ronaldo Ferreira. Apresentação: Allen Guimarães. Suporte em

Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 28' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Irênio Silva. **Festa da Congada de Uberlândia**. Capitão do Catupé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, do Bairro Mansour, Uberlândia-MG. Cantorias de demandas. Edição: Jeremias Brasileiro. Mídia DVD/Vídeo, som, color, 02.30seg. (NTSC), outubro de 2012. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Fundamentos do Reinado do Rosário de Itapecerica-MG. ALVES, Waltuir; BRASILEIRO, Jeremias; GOULART, Gilson. Entrevista realizada com o capitão Donizete em 06/08/2004. Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 1.09' (NTSC), Nº 032/2004. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

José Mendes Oliveira. **CONGADA**. Depoimento. José Mendes foi Vice-Presidente da Irmandade do Rosário e Comandante Geral da Festa da Congada. Documentário. Direção de Vitor Hugo de Oliveira, 1990. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, p&b, 10' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Jeremias Brasileiro. Entrevista concedida ao programa: **Uberlândia de ontem e sempre**. <http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/a-artesa-de-estandartes/> - Disponível em 17/11/2014. Acesso em 24/01/2017.

Olimar Rodrigues. **Festa popular: congada 2003**. Responsável pela Igreja Matriz de Santa Terezinha e pela Paróquia Igreja Nossa Senhora do Rosário, respondendo a questionamentos sobre a mudança da festa em 05/10/2003. Entrevista. TV Universitária de Uberlândia. Programa Espaço e Cultura. Direção de Delfino Rodrigues. Novembro de 2016. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 20' (NTSC). AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Ubiratan Nascimento. **Essa festa folclore não é**. Ubiratan Nascimento é Capitão do Grupo de Congado Catupé do Bairro Martins. Gravação com suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 02,15' (NTSC), 05/10/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Wesley Carlos. **A rebelião cantante**. Início das atividades da festa da Congada de Uberlândia com a Benção das Bandeiras na Igreja do Rosário. Realização da Irmandade do Rosário. Gravação com suporte em Mídia Digital e DVD/ vídeo, som, color, 09' (NTSC), 09/07/2017. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

6.7 Atores sociais não identificados nominalmente.

M.V.Congadeira (1). **Racismo e preconceito social**. Depoimento obtido em 27 de fevereiro de 2017.

M.H.Congadeira (2). **Racismo e Congado**. Depoimento obtido em outubro de 2013.

S.M.Congadeira (3). Depoimento obtido em outubro de 2010.

D.M.Q.Congadeiro (4). Depoimento obtido em outubro de 2017.

M.G. Congadeira (5). Depoimento obtido em outubro de 2017.

R.A. Congadeiro (6). Depoimento obtido em outubro de 2011.

P.I.S. Congadeira (7). Depoimento obtido em outubro de 2016.

PCBSP, 2003. Depoimentos e documentações.

PBSP, 2008. Depoimentos e documentações. Outubro de 2008.

C.S.S. (Depoimento, Funcionário Público, 2009).

7 Bibliografia local

ARANTES, Jerônimo. **Memórias históricas de Uberlândia**. Editora Zardo: Uberlândia, 1982.

ARROYO, Margarete. **Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música**. Tese (Doutorado em Artes/Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999, 202f.

BRASILEIRO, Jeremias; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio cultural imaterial: temas e debates**. Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia/ Editora Subsolo, 2017.

_____; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio Cultural Imaterial: provocações em torno da Legislação Brasileira. Anais do 1º Seminário de Direitos Culturais**. O que são direitos culturais? Comissão de Cultura da 13ª Subseção OABMG. PROEXC/UFU. Universidade Federal de Uberlândia, 2017, P. 71-89

_____. **O ressoar dos tambores do Congado - entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas. (1955-2011)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012, 193f.

_____. **Cultura afro-brasileira na escola: o Congado em sala de aula**. São Paulo: Ícone Editora, 2010.

_____. **Congado, um fluxo contínuo de revitalização cultural**. Uberlândia: Editora Aline, 2009.

_____. BRASILEIRO, Jeremias. **Congado em Uberlândia: espaço de resistência e identidade cultural. 1996 - 2006**. Graduação em História (Monografia). Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2006, 74f.

_____. BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001

BRITO, Diogo de Souza. **Negociações culturais: políticas públicas e culturas populares**. ABDALA, Mônica Chaves; MACHADO, Maria Clara Tomaz; (Org.). **Caleidoscópio de**

saberes e práticas populares, catálogo da produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Uberlândia: EDUFU, 2007.

CARMO, Luís Carlos do. **Função de preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960.** Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica - PUC/São Paulo, 2000, 177f.

CLEMENTE, Claudelir Corrêa. Experiências negras em espaço urbano: práticas culturais de negros congadeiros em Uberlândia. **Negros, cultura e vida urbana: estudos etnográficos sobre o Congado.** CLEMENTE, Claudelir Corrêa; SILVA, José Carlos Gomes da (Orgs.) Uberlândia: Ed. Dos Autores, 2013.

DÂNGELO, Newton. **Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana.** Uberlândia – 1900-1940. Uberlândia: EDUFU, 2005.

GABARRA, Larissa Oliveira e: **O reinado do congo no império do Brasil: o congado de Minas Gerais no século XIX e as memórias da África Central.** Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009, 296f.

_____, Larissa Oliveira. O Congado e a cidade de Uberlândia. In: **Uberlândia revisitada** – memória, cultura e sociedade. BRITO, Diogo de Souza; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. (Orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 437- 470.

LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. Uberlândia: racionalidade urbana, religiosidade e tradições culturais. ABDALA, Mônica Chaves; MACHADO, Maria Clara Tomaz; (Orgs.). **Caleidoscópio de saberes e práticas populares, catálogo da produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.** Uberlândia: EDUFU, 2007.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Misericórdia aos pobres: a Santa Casa e os vicentinos (Uberlândia, 1908/2012). **Nas veredas da história: itinerários e transversalidades da cultura.** Maria Clara Tomaz Machado & Alcides Freire Ramos (Orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2012.

MARRA, Fabíola Benfica. **Álbum de família: famílias afrodescendentes no Século XX em Uberlândia.** Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 2005.

MEYER, Marlyse. Neste Mês do Rosário: indagações sobre congos e congadas. **Festas, ritos, celebrações.** Projeto História: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 28, jan-jun/04. São Paulo: EDUC, 2004.

MUELLER, Izis Guimarães. A Congada resiste. Reflexões sobre a Festa da Congada na cidade de Uberlândia-MG. **Anais do V Seminário Internacional do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais: XX anos do Curso de Ciências Sociais-UFU.** Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017, p. 57-72.

REICHERT, Maiquel Cristian. **Pedagogia da tradição: Africanização das mentalidades.** Curso (Graduação em arte - teatro). Laboratório de Expressões Culturais do Brasil, do curso de Licenciatura em Arte-Teatro, DACEFT/UNESP. Universidade Estadual Paulista. UNESP/SP, 2017, 20f.

SANTOS, Fernanda. **Negros em movimento**: sentidos entrecruzados de práticas políticas e culturais (Uberlândia/1984-2000). Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós Graduação em História Social, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2011, 203f.

SANTOS, Vanilda Honória dos. Uberlândia no roteiro da reparação histórica da escravidão: a Praça do Rosário como lugar de memória. **Anais do V Seminário Internacional do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais: XX anos do Curso de Ciências Sociais-UFU**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017, p. 115.

_____. Espacio geográfico y la construcción de espacios jurídicos em comunidades remanentes de quilombos: lugares (in)visibles. VIII Jornadas de Jóvenes Investigadores em História del Derecho. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación – Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, 2016, p. 176-199.

SILVA, Antonio Pereira da. **As histórias de Uberlândia**. Vol. 1. Uberlândia: S.Ed., p. 164-188.

TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central**: história da criação do município de Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica LTDA, 1970.

7.1 Bibliografia geral

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Pró-memória, 1982. t. 3.

ARANTES, Antônio. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, IPHAN, n. 23, p. 191-203, 1994.

BARRY, Boubacar. **Senegâmbia**: o desafio da história regional. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klauss Brandini Gerhadt, Roneide Venâncio Majer, Roberto Ferreira Leal. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. História como memória social. BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo. Brasiliense, 1982.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283- 350.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas. A encenação do popular**. São Paulo: Edusp, 2000.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. Primeira parte: as produções do lugar. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 31-119.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.

COSTA, Cléria Botelho da. **Corpo e voz: a magia nas narrativas orais. História e cultura popular: saberes e linguagens**. Newton Dângelo (Org.). Uberlândia: EDUFU, 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DEAN, Warren. **Rio Claro: um sistema brasileiro de lavoura. 1820-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 [1976].

DELFINO, Leonara Lacerda. **O Rosário dos Irmãos Escravos e Libertos: Fronteiras, Identidades e Representações do Viver e Morrer na Diáspora Atlântica**. Freguesia do Pilar-São João Del-Rei (1782-1850). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora - MG, 2015, 526f.

DIAS, Luciana de Oliveira. Diversidade e processos de identificação: um debate sobre relações étnico-raciais e de gênero. **Revista do Departamento de História e Ciências Sociais**. Dossiê: a desconstrução do racismo na História: dignidade e reconhecimento. Universidade Federal de Goiás-Campus Catalão-GO, v.10, n.1, jan-jun. 2010, p. 55-73.

EAGLETON, Terry. **Ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais: uma versão latinoamericana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 148. Disponível em <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/cartografias-dos-estudos-culturais-uma-verso3a3o-latino-americana.pdf> Acesso em 2017.

FAJARDO, Raquel Y. Pluralismo Jurídico, Derecho indígena Y jurisdicción especial em los países andinos. **Otro Derecho**, nº 30, junho, ILSA, Bogotá D.C., Colômbia, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Os sujeitos e os discursos na história. **Sujeito, identidade e memória**. Cleudemar Alves Fernandes [et al,] organizadores. Uberlândia: EDUFU, 2014.

FERRUCE, Princisval. **Energúmenos e antropófagos no éden**: o oriente nas obras viagens de Marco Polo (1298) e a Volta ao Mundo em 80 dias (1873), De Jules Verne. ININGA. Vol. 3. Nº 2. Julh. /dez. 2016, p. 66-80. Universidade Federal do Piauí – Piauí.

FRANÇOIS HARTOG. **Tempo e Patrimônio**. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36. Jul/Dez 2006. P.261-273.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____, Carlo. **História noturna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Inumeráveis Cabeças: tradições afro-brasileiras e horizontes da contemporaneidade**. FONSECA, Maria Nazareth S. (Org.). Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Depois de 1945: latência como origem do presente**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora, identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv. (Org.). Tradução Adelaine La Guardia Resende. [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HESPANHA, Antonio Manuel. **Estadualismo, Pluralismo e Neorrepública: perplexidades dos nossos dias. Os novos caminhos da contemporaneidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2013, p. 139-172.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Eric Hobsbawm e Terencer Ranger (Orgs.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

IANNI, Octavio. A questão racial. Dossiê/Artigos. O Brasil Negro. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da UNICAMP**: São Paulo, nº 49. Nov. 2003.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: a recriação dos sentidos do sagrado e do profano na festa do congado de Nossa Senhora do Rosário-Catalão - GO, 1940 - 2003**. Tese (Doutorado e História) Universidade de Brasília, Departamento de História, 2009, 248f.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Tradução de Markus Hediger. - 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história. Iconologia: caminhos da interpretação*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LARA, Silvia Hunold. Uma embaixada africana na América Portuguesa. JANCSÓ, István; KANTON, Iris (Orgs). *Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/FAPESP/ Imprensa Oficial, (coleção Estante USP - Brasil 500 anos; v.3), 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOPES, Nei. *Dicionário banto do Brasil*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.

LUCAS, Glaura. *Cantando e reinando com os Arturos*. Belo Horizonte: Rona, 2006.

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra em tempos pós-modernos*. 3ª Edição. Salvador: EDUFBA, 2008.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Portugal: Antígona, 2014.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Historians and their audiences: Challenges to historical knowledge in the digital age*. . *Revista Brasileira de História*, vol. 37, nº 74, 2017, pp. 135-154. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>. Disponível em 27/04/2017. Acesso em 27/06/2017.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. FONSECA, Maria Nazareth S..(Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Saul. *Congado - família de sete irmãos*. Belo Horizonte: SESC, 1998.

MONTES, Maria Lúcia. As Figuras do sagrado: entre o público e o Privado. *História da Vida privada no Brasil – contraste da intimidade contemporânea*. Lilia Moritz Schwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

NARANJO, Júlio Moracen. O segredo da sombra. *Matriz - uma revista de arte negra*. Grupo de Teatro Caixa Preta. Ano 1, n. 1, p. 05-18. Nov/2010. Porto Alegre: Caixa Preta, 2010.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra (1985). In: RATTZ, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

POSSENTI, Sírio. Notas sobre a noção de acontecimento. **Sujeito, identidade e memória**. Cleudemar Alves Fernandes [et al,] organizadores. Uberlândia: EDUFU, 2014.

QUEIROZ, Hermano Fabrício Oliveira Guanais e. O registro como instrumento de defesa de direitos: o decreto presidencial 3.551/2000 e os dilemas e desafios da Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil. **Revista Memorare**, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 146-164 jan./abr. 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. **Ciência e Cultura**. Ciência e Cultura, v. 39, n.3. CERU/Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP, 1987, p. 272-286.

RABAÇAL, Alfredo João. **As Congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura e Conselho estadual da Cultura, 1976, p. 122. Baseado no texto de Gustavo Barroso: **Ao som da Viola**, p. 173, Rio de Janeiro, 1950.

RAMOS, João Manuel. Breve crítica sobre a introdução da expressão “patrimônio intangível” em Portugal. In: Vitor Oliveira Jorge (coord.). **Conservar para Quê?** Porto – Coimbra, DCTP-FLUP-CEAUCP-FCT, 2005, pp. 67-76.

RAMOS, Jarbas Siqueira. **Fé e devoção no sertão dos gerais**: o capital social como recurso para a sobrevivência e manutenção da tradição nos ternos de Catopês de Bocaiuva. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Montes Claros. Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2010, 158 f.

RAMOS, Jarbas Siqueira. Desenvolvimento Social E Tradição Nos Ternos Catopês De Bocaiúva/MG: Uma Leitura Sobre O Capital Social E As Redes De Sociabilidade. **Anais do V Congresso em desenvolvimento social**: Estado, meio ambiente e desenvolvimento social. Universidade Estadual de Minas Gerais/UNIMONTES. Montes Claros/MG, 2016.

REIS, João José. Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. JANCÓS, István; KANTOR, Iris (Orgs). **Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec/FAPESP/ Imprensa Oficial, 2001- (coleção Estante USP - Brasil 500 anos; v.3).

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Tradução Nilson Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ROSSINI, Mirian de Souza. O Lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **História e linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 113-120.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista brasileira de história**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, n. 19, p. 44- 45, set.1989/fev.1990.

SHINELO, Rosimar de Fátima. A morte da/na memória. **Sujeito, identidade e memória**. Cleudemar Alves Fernandes [et al,] organizadores. Uberlândia: EDUFU, 2014.

SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade**: segregação urbana e racial em São Paulo. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 8.ed,- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Observação participante e escrita etnográfica. FONSECA, Maria Nazareth S. (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. **Os Românticos**: a Inglaterra na era revolucionária. Tradução de Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VANGELISTA, Chiara. Da fala à História: notas em torno da legitimidade da fonte oral. LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **História e linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 185-193.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **A construção da identidade afro-brasileira nos espaços das Irmandades do Rosário do sertão paraibano**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009, 258f.

WEBER, Max, 1864-1920. **A ética e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 3ª Ed. 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

APÊNDICE A - **Quadro resumido dos grupos de Congado em atividade/ 2018**

GRUPOS	ENDEREÇOS	RESPONSÁVEL
1 - Congo Prata	Bairro Martins	• Vanderson da Silva
2 - Congo Rosário Santo	Bairro Aparecida	• Flavio Adriano Cassiano Santos
3 - Congo Camisa Verde	Bairro Aparecida	• Carlos Roberto Nascimento
4 - Congo Santa Ifigênia	Bairro Brasil	• Marcos Antonio Santos
5 - Congo Amarelo Ouro	Bairro Santa Mônica	• Wander Martins Silva
6 - Congo Verde e Branco	Bairro Pampulha	• Silvio Donizete Rodrigues
7 - Congo São Domingos	Bairro jardim Brasília	• José Herculano Cândido
8 - Congo Cruzeiro do Sul	Bairro Dom Almir	• Custódio José Izidio
9 - Congo de Sainha	Bairro Saraiva	• Eustáquio Marques
10 - Nossa Senhora do Rosário Catupé	Bairro Martins	• Ubiratan Cesar do Nascimento
11 - Catupé de Nossa Senhora do Rosário	Bairro Dona Zumira	• Sirlei Carmen Ribeiro
12 - Catupé Azul e Rosa	Bairro Santa Mônica	• Enildon Pereira Silva
13 - Marinheiro de Nossa Senhora Rosário	Bairro Alto Santa Mônica	• Antonia Aparecida Rosa
14 - Catupé do Mansour	Bairro Mansour	• Irênio da Silva
15 - Marinheiro de São Benedito	Bairro Tibery	• Elias José Carlos
16 - Marujos Azul de Maio	Bairro Roosevelt	• Rubens Aparecido Assunção
17 - Moçambique Raízes	Bairro Planalto	• Claudiomiro Ramon da Silva
18 - Moçambique Angola	Quartel no Bairro Segismundo Pereira.	• Beatrice de Jesus Queiroz
19 - Moçambique Guardiões de São Benedito	Bairro Santa Rosa	• Valdir Carlos Raimundo
20 - Moçambique Estrela Guia	Bairro São Jorge	• Ocimar Cândido Ferreira
21 - Moçambique Pena Branca	Bairro Patrimônio/Canaã	• Luiz Carlos Miguel
22 - Moçambique Princesa Isabel	Bairro Campo Alegre	• Ubirajara Vital da Silva
23 - Moçambique de Belém	Bairro Santa Mônica	• Ramon Rodrigues
24 - Moçambique do Oriente	Bairro Roosevelt	• Dagmar Maria Coelho
25 - Moçambique Quilombo dos Palmares	Bairro São Jorge	• Daniel Araújo

APÊNDICE B - Modelo de autorização de entrevistas, testemunhos, depoimentos, usos de imagens e audiovisuais.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



Autorizo *Jeremias Brasileiro da Silva*, RG e CPF (historiador, fotógrafo, doutorando em História pela Universidade Federal de Uberlândia) a utilizar fotografias em que apareço ou meu grupo, ou pertencente a seu acervo, bem como de entrevistas em áudios, audiovisuais, de depoimento oral ou informação verbal, feitos em anotações, sem fins comerciais;

A presente autorização é válida também para utilização de minhas falas em entrevistas gravadas ou realizadas em forma de depoimentos orais anotados, sendo para fins de pesquisas acadêmicas ou produções editoriais;

Tenho conhecimento de que as fotos ou textos poderão ser comercializadas através de bancos de imagens, sejam eles com direitos de uso controlados ou Royalty Free (direitos ilimitados de uso) e poderão ser divulgadas através da Internet, CD-ROM, catálogos ou quaisquer outras formas que venham a ser utilizadas no mercado de bancos de imagem ou textos;

A presente autorização não tem limites geográficos, podendo as fotos e textos serem publicados em qualquer parte do mundo, assim como também não estipula nenhum prazo de utilização, podendo ser considerada, portanto, por prazo de tempo ilimitado;

A presente autorização não inclui qualquer uso que possa atentar contra a minha honra, dignidade ou à minha própria imagem.

Nome: RG/CPF:

End.: Bairro

Cidade: Estado:

Assinatura: _____
(Local e Data).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



Anexo A - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado.
Moçambique Raízes – Bairro Planalto.

FEIJOADA BENEFICENTE
MOÇAMBIQUE RAÍZES
R\$: 12,00

LOCAL: AVENIDA DAS GAMELEIRAS N° 645
APARTIR DAS 11:00HRS
DATA: 10/09/2017

ATRAÇÕES
JESSICA PEROLA ALEX PEROLA BIRA DO SAMBA
GRUPO RELEMBRANÇAS **RAIZES**

Festa DO Raízes
Junina 23
Julho
17Hs

Animação: GRUPO TABINHA
PAGODE

BEBIDAS TÍPICAS, MACARRÃO, PAMONHA
EMUITOMAS.....

Rua: José Serafim de Oliveira 139

*Ocê Num
Pode
Perdê!*

Acervo digital do pesquisador, 2017. Uberlândia - MG.

Anexo B - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. Moçambique do Oriente e Moçambique de Belém. Bairros Roosevelt e bairro Santa Mônica.



MOÇAMBIQUE DO ORIENTE

GALINHADA BENEFICENTE COM RODA DE SAMBA...

18/05
DOMINGO
12:00hs

Swing Black Samba

GRUPO CLASSE A

E CONVIDADOS

TAPOIOS PRODUÇÕES

RUA: PEDRO AMÂNCIO DIAS N°31 BAIRRO: ROOSEVELT

GRANDE FEIJOADA

ULTIMO LEILÃO

MOÇAMBIQUE DE BELÉM
Aniversário de 80 anos
Dona Divina Matriarca do Belém

DIA 23 DE SETEMBRO
À PARTIR DAS 12:00HS
NO TERNO MOÇAMBIQUE DE BELÉM

GRAVAÇÃO DO 1º CD

Grupo TIRA GOSTO

PARTICIPAÇÕES:

GRUPO QQ ISSO

OMAIR SERELLEPE

ROBINHO DCI

TOQUE FATAL

VINICIUS SUDÁRIO

SKEMA NOVO

CIA DE DANÇA

SWING EVOLUTION

Terra Cotta

FRATILHO DE MOÇAMBIQUE

DIRETO DE SÃO PAULO



Acervo digital do pesquisador, 2017. Uberlândia-MG.

Anexo C - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. Moçambique Princesa Isabel, bairro Campo Alegre.



1º feijoada MOÇAMBIQUE PRINCESA ISABEL

06/09
12:00hrs

Grupo: Batukada Boa

RODA DE SAMBA:
RUA: NOVA PONTE 1260 GRANADA

REINADO 2015
"Vou Feliz, Honorário
De e Dado, Honra em Ousar!"

MOÇAMBIQUE PRINCESA ISABEL

PRODUÇÕES
(34) 8826 1135

APOIO:

TENDA CORAÇÃO DE JESUS

FEUTMAP

MACARRONADA

Macarronada beneficente em prol do
Moçambique Princesa Isabel

Será realizada no dia 8-01-2017
à partir das 12:00hrs
na rua: Maria Vieira Teles n*:245 bairro: Campo Alegre
pagode com o grupo batuke novo
macarronada com samba
por apenas 10 reais
venha e traga sua família.

salve Nossa Senhora do Rosário
salve São Benedito

Acervo digital do pesquisador, 2017. Uberlândia-MG.

Anexo D - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. Moçambique Estrela Guia. Bairro São Jorge.

ARRAIÁ MOÇAMBIQUE DO ESTRELA GUIA

07 JULHO
PIPOCA SHOWS

08 JULHO
ESPETINHO BEBIDAS

09 JULHO
QUADRILHA CALDOS

Rua do Dolár, 290 - São Jorge

vem ai dia 31 de maio
das 19:00 as 22:00 hs

ESTRELA MANIACOS
Pesti PIZZA

PROJETO:
CINEMA NO QUARTEL
RODIZIO DE PIZZA PARA OS DANCADORES DO TERNO
MOÇAMBIQUE ESTRELA GUIA

GRATUITO

LOCAL: QUARTEL DA FAMILIA ESTRELA GUIA

Realiza
MOÇAMBIQUE ESTRELA GUIA

Apoi
CIRCUITO JUNINO

TV INTEGRADA

95,1 cultural

PONTO DE CULTURA
MOÇAMBIQUE ESTRELA GUIA

Acervo digital do pesquisador, 2017. Uberlândia-MG.

Anexo E - Atividades socioculturais realizadas pelos grupos de Congado. 10º Campeonato de futebol dos grupos de Congado de Uberlândia.

10º Campeonato do Congado

NESTE DOMINGO DIA 23 DE AGOSTO MAIS UMA FASE DE NOSSO CAMPEONATO E VC É NOSSO CONVIDADO. APARTIR DAS 8:00

**AS 08:00 HS
SANTA EFIGENIA X BELEM**

**AS 10:00 HS
ESTRELA GUIA X MARINHEIRO**

**LOCAL: POLI ESPORTIVO
JARDIM BRASILIA**

CAGCU
CAMPEONATO DOS GRUPOS DE CONGADO DE UBERLANDIA

Acervo digital do pesquisador, 2017. Uberlândia-MG.

Anexo F - Algumas publicações e audiovisuais de Jeremias Brasileiro.

1. Artigos publicados a partir da tese

- a) BRASILEIRO, Jeremias. Rituais afro-mineiras e a Epistemologia Congadeira de ancestralidade africana. **Pedagogias em Trânsito: Estudos para uma Ecologia de Saberes em Arte Educação.** (Org.). Carminda Mendes André & Ana Maria Haddad Baptista. São Paulo: BT-ACADÊMICA, 2018, p. 217-241. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/PEDAGOGIAS-EM-TR%C3%82NSITO-ECOLOGIA-EDUCA%C3%87%C3%83O-ebook/dp/B07BSH3D71>
- b) BRASILEIRO, Jeremias. A rebelião cantante: quando a tática de enfrentamento desconstrói a disciplina institucionalizada. **Emblemas** - Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás - CAC, p. 67-80. Catalão. Vol. 15, nº 1 (2018).

2. Artigos publicados em outras áreas

- a) BRASILEIRO, Jeremias. Rei Ambrósio de Minas Gerais e o ofuscamento da história e da memória de um líder quilombola. **Temporalidades.** Revista de História da UFMG, p. 59-72. Belo Horizonte, Edição 25. Vol. 9, n.3. (set./dez. 2017).
- b) Hábitos alimentares de pessoas idosas vinculadas à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia. **Anais do IV Congresso Internacional de História: Cultura, Sociedade e Poder.** Jataí - Goiás, 2014.
- c) O Congado na cidade de Uberlândia: disputas, poder e divergências de memórias. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS** (UFU. Impresso). Uberlândia, 2013.
- d) Manifestações Culturais Afro-Brasileiras: o Congado na sala de aula. In: **Formação de Professores no Vale do Mucuri: história e cultura da África e afro-brasileira.** Goiânia: Editora Conceito, 2012.
- e) Aspectos socioculturais do congado de Uberlândia: cultura, tradição, modernidade. In: **Revista de Educação Popular.** Uberlândia, v.8, p. 105-117, jan./dez. 2009.
- f) Congado: fluxo contínuo de revitalização cultural. In: **Congadas desenhantes.** Fundo Municipal de Cultura de Uberlândia, Belo Horizonte: Março/2009.
- g) A importância do carnaval na cultura de Uberlândia. Uberlândia: Revista Cult, **Meio&Midia.** Fev/2009.
- h) A pá do preconceito. Artigo sobre patrimônio cultural e preconceitos a respeito da festa da Congada. **Jornal Correio de Uberlândia.** Set/2008.

3. Livros publicados a partir de projetos e pesquisas

- a) **Centenário da Irmandade do Rosário:** uma história de Uberlândia em Preto e Branco. Editora SUBSOLO: Uberlândia, 2016. Projeto aprovado no Edital Programa de Extensão e Cultura Popular. PECP-B/EP-Nº 03/2016. Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX-UFU). Uberlândia-MG.
- b) **O Ressoar dos Tambores do Congado:** entre a tradição e a contemporaneidade. Verlag Editora. Novas Edições Acadêmicas. Düsseldorf Germany, 2015.
- c) **Memórias do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba-MG.** Editora Aline/ Fundo Estadual de Cultura, Prefeitura Municipal de Rio Paranaíba-MG, 2014.
- d) **As Folias de Reis na cidade de Romaria:** uma tradição que não pode acabar. Uberlândia: Editora Aline/ Fundo Estadual de Cultura, Prefeitura Municipal de Romaria-MG, 2012.
- e) **Na cidade de Romaria tem congado e tem folia.** Uberlândia: Editora Aline/ Fundo Estadual de Cultura, Romaria-MG, 2010.
- f) **Cultura afro-brasileira na escola:** o congado na sala de aula. Edição Revista e ampliada. São Paulo: Editora Ícone, 2010.
- g) **Congadas de Minas Gerais.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura, 2001.

4. Outras produções literárias.

- a) **Moinhos da memória:** crônicas, contos e causos. Editora SUBSOLO, 2016. Projeto aprovado no programa municipal de incentivo a cultura (PMIC), 2015. Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia-MG.
- a) **Congada de fé.** Uberlândia: Gráfica Monteiro & SINTET-UFU, 1998. Textos poéticos do referido livro, foram objetos de estudos da historiadora Larissa Oliveira e Gabarra, em texto monográfico intitulado de, **Pluralidade cultural no ensino formal de história:** o Congado como Fonte de Conhecimento. Monografia (Especialização do Curso de Pós-Graduação Educação Escolar no Ensino Fundamental: a produção do conhecimento e o fazer pedagógico no contexto atual). Faculdade de Educação e Escola Básica da Universidade Federal de Uberlândia, 2000, p. 40-43.
- b) **Névoa amarela e os orixás.** Araguari: Minas Editora, 1996. Livro selecionado em 1º lugar no Concurso Bolsa de Publicação do Município de Uberlândia, da Secretaria de Cultura, na categoria Obra Literária.
- c) **Negro forro, liberto vigiado.** Gráfica e Editora Zardo, 1995.
- b) **Direito de sonhar.** Uberlândia: Gráfica da UFU-Uberlândia, 1982. Textos poéticos como objetos de estudos da historiadora Sheille Soares de Freitas, em trabalho de tese desenvolvido com o título de, **Por falar em Culturas:** histórias que marcam a cidade.

Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009, p. 179-181.

d) **Rua de pedra**. Uberlândia: Gráfica da UFU-Uberlândia, 1980.

5. Videografia Sintética.

- a) Âncora do documentário, ***Reis de Contas***, com abordagens sobre as Congadas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Direção e Animação: Waltuir Alves. Produção; Franciele Diniz e Waltuir Alves. Cinegrafia: Raquel Tibery e Waltuir Alves. Realização: Projeto/Encantar. Uberlândia, 2007. Suporte em Mídia Digital e DVD vídeo, som, color, 53:20' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=txZgkvhkqH0>
- b) Âncora do Documentário, ***Congadas em Rio Paranaíba-MG***. Realização: TV Universitária de Uberlândia (2004). Assistente de produção: Deise Maria. Cinegrafia: César Romero, Ronaldo Ferreira. Apresentação: Allen Guimarães. Suporte em Mídia Digital e DVD vídeo, som, color, 28:40' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.
- c) Personagem do Documentário, ***Jeremias, brasileiro e Brasileiro***, exibido pela rede de TV/NBRTV-Brasília/ DF, no programa **Documentação**. Direção de Waltuir Alves. Fotografia de Gilson Goulart. 2008. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 27:35' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tp7BnXTDHiQ>
- d) Âncora do documentário, ***Festa em Patrimônio: sombras nos edifícios***, (2016). Produção do Instituto de Artes da UNESP/SP; FAPESP e COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO (2016). Direção geral: Carminda Mendes André. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 50:05' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Acg2Iw8mt5s>
- e) Atuação artística e poética no Documentário, ***De Grande Otelo a Sebastião***. TV Universitária de Uberlândia-TV-UFU (2016). Vida e Obra de Grande Otelo. Direção: Nara Sbreebow. Roteiro: Tadeu Pereira dos Santos. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 47:30' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

AGRADECIMENTOS

Não é uma tarefa fácil nomenclaturar os tantos personagens que já passaram por minha vida, quer seja de trajetória acadêmica, quanto de autor autodidata e de vivências em outras esferas sociais. Diante disso agradeço de início à minha mãe Emiliana Terezinha de Jesus e por meio desse reconhecimento a todos os meus familiares que proporcionaram-me o suporte cotidiano de sobrevivência orgânica, sem o qual dificilmente conseguiria chegar a esse desenvolvimento final da tese de doutoramento.

Importantes em outro campo de vivências foram os incentivos de colegas com os quais convivi por mais de uma década em órgãos institucionais do poder público municipal entre os quais cito a Secretaria de Cultura, a Coordenadoria afro-racial e a Superintendência de Igualdade Racial da Prefeitura de Uberlândia.

Essas relações expandem-se e alcançam os trabalhadores braçais, os vigilantes noturnos, os motoristas e cobradores de ônibus intermunicipais e culturalmente, os Congadeiros do Estado de Minas Gerais.

De modo especial e em nome do orientador Newton Dângelo, agradeço aos demais professores da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, que de modos distintos, contribuíram para a minha formação intelectual e acadêmica.

À companheira de jornada, de vida, Vanilda Santos, pelo partilhar e vivenciar todos os momentos de construção dessa tese.